



*"Depois que Caímos vai fazer você se apaixonar pelas palavras de Harlow. Cinco estrelas não são suficientes para a jornada na qual esta história te leva. Uma das melhores leituras de 2016!"*

Brittainy C. Cherry, autora de *O ar que ele respira*

# DEPOIS QUE CAÍMOS

*Melanie Harlow*

Autora best-seller do USA Today.







*Melanie Harlow*

DEPOIS

QUE

**CAÍMOS**



Copyright © 2016. After we fall. Melanie Harlow.  
Copyright da tradução © 2019. AllBook Editora.

**Diretora Editorial:** Beatriz Soares  
**Tradução:** Alice J. Silva  
**Preparação:** Carolina Caires Coelho  
**Revisão:** Carolina Caires Coelho e  
AllBook Editora

**Modelo de capa:** Joseph Cannata  
**Designer original de capa:** Letitia Hasser,  
Romantic Book Affairs  
**Projeto de capa Brasil:** LA Designer de Capas  
**Projeto gráfico de miolo:** April Kroes

Esta obra foi negociada pela Bookcase Literary Agency.

Todos os direitos reservados pela AllBook Editora para publicação no Brasil. A reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada de qualquer parte deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Produzido no Brasil.  
contato@allbookeditora.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

H671d Harlow, Melanie

1.ed. Depois que caímos = After we fall / Melanie Harlow; tradução  
de Alice J. Silva. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Allbook, 2019.  
Recurso digital.

Formato: e-pub

Requisitos do sistema: Adobe editions digital

Modo de acesso: World wide web

ISBN: 978-85-80455-00-3

1. Literatura americana. 2. Romance. 3. Contemporâneo. I.  
Silva, Alice J. II. Título. CDD 810

### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura americana: romance

# Sinopse

## **JACK VALENTINI NÃO É O MEU TIPO.**

Caubóis sensuais e polêmicos são bons nos filmes, mas na vida real, prefiro um terno e gravata. Boas maneiras. Uma barba rente.

Jack pode ser lindo, mas ele também é desalinhado, robusto e rude. Ele não quer nada com uma garota da cidade, como eu e ele não temos medo de dizer isso.

Mas eu tenho um trabalho de relações públicas para fazer na fazenda de sua família, então ele está preso a mim e eu estou presa a ele. Seus olhares. Seus humores. Seu jeans apertado. Seus músculos.

Seus músculos grandes e fortes.

Logo surge um tipo totalmente diferente de tesão entre nós, o tipo que me faz ter um mau comportamento em celeiros, árvores e caminhonetes. Eu nunca fiz nada tão fora da minha realidade, mas está bom demais para parar.

E quanto mais eu fico sabendo sobre o viúvo e ex-sargente do Exército, melhor eu o entendo. Perder sua esposa o deixou arrasado e amargo e culpando a si mesmo. Ele não acha que mereça uma segunda chance para ser feliz.

**Mas ele está errado.**

Eu não preciso ser o seu primeiro amor.

Mas espero que me deixe ser o último.

"Depois que Caímos vai fazer você se apaixonar pelas palavras de Harlow. Cinco estrelas não são suficientes para a jornada na qual esta história te leva. Uma das melhores leituras de 2016!" – **Brittainy C. Cherry, autora de *O ar que ele respira*.**



# Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

Para J & C

Seu amor e coragem me inspiraram.

*“As segundas chances não são dadas para acertar as coisas, mas sim para  
provar que podemos nos tornar ainda melhores depois de caímos.”  
Desconhecido.*



## MARGOT

Eu não joguei a torta longe.

E, sinceramente, eu acho que é nisso que todos deveriam se concentrar: a moderação suprema, o autocontrole budista, a porra da natureza soberana com a qual olhei para a premiada torta Delícia de Cereja e mudei de ideia. (Só para constar, só me contive por causa da camisa que ele usava. Por

mais furiosa que estivesse, não conseguiria profanar uma camisa social tão branquinha e engomada da Brooks Brothers como aquela. Eu não sou um monstro.)

Não que atirar uma bandeja cheia de bolinhos – um de cada vez, com uma péssima pontaria, claro – em seu ex-namorado seja um comportamento digno de elogios. Entendo perfeitamente. E quem me conhece vai dizer que eu estava completamente fora de mim. Eu, Margot Thurber Lewiston, me orgulho da minha capacidade de controlar minhas emoções. De continuar graciosa mesmo sob pressão. De manter a calma e seguir adiante. Raramente desço do salto e certamente não faria isso em uma sala cheia de aliados da campanha de meu pai para o Senado.

Sinceramente, eu nunca arremessei comida na minha vida. Na verdade, nunca joguei nada, e provavelmente por isso tive certa dificuldade em acertar o alvo – pedi mil desculpas à Sra. Biltmore pelas roupas manchadas. E mais desculpas pelo vaso Belleek – e certamente não sou de arremessar coisas em casa.

Porque fui criada com boas maneiras. Com bons modos, à moda antiga dos ricos. Acreditando na compostura, na gentileza e, acima de tudo, na discrição.

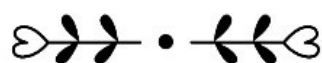
Haja o que houver, nós não fazemos cena.

De acordo com minha mãe, Margaret Whitney Thurber Lewiston (conhecida por todos como Muffy), nada mostra mais quem tem *mau gosto* – ou pior, *quem é emergente* – do que fazer cena.

Ela me disse que eu fiz uma cena da qual as pessoas falarão por muitos anos.

Isso provavelmente é verdade.

Eu posso explicar.



Foi uma mensagem que ninguém quer receber de um ex-namorado à



uma da manhã, em uma noite de terça-feira. Nem em nenhuma outra noite, para falar a verdade.

**Tripp: Preciso te ver. Estou aqui fora.**

**Eu: Está muito tarde.  
Podemos conversar amanhã?**

**Tripp: Não, tem que ser hoje. Por favor.  
Eu preciso de você.**

Franzindo o cenho para meu telefone na escuridão, fiquei me perguntando sobre o que poderia ser. Havíamos terminado há bem mais de um ano e apesar de termos mantido um relacionamento cordial, ainda que tenso, desde então, não éramos próximos, nem sequer tínhamos conversado cara a cara desde a noite em que terminamos. Enquanto eu tentava pensar em como lidar educadamente com aquele pedido, ele mandou outra mensagem.

**Tripp: Por favor, Gogo. É importante.**

Eu amoleci ligeiramente com o apelido, não porque gostasse dele tanto assim, mas porque ele me fazia lembrar dias melhores. Nós nos conhecíamos há muito tempo, nossas famílias eram próximas, e em um momento cheguei a pensar que passaríamos o resto de nossas vidas juntos. Poderia ser gentil com ele.

**Eu: OK. Me dê um minuto.  
Porta da frente.**

Usei esse minuto para fazer um rabo de cavalo, vestir um sutiã sob a

blusa que usava para dormir e uma calça de pijama de seda rosa. Uma chuva pesada de verão batia no telhado da mansão, então desci as escadas apressada para abrir a porta da frente – mas claro, Tripp estava totalmente seco.

— Oi — eu disse, me afastando um pouco enquanto ele fechava o guarda-chuva pingando e entrava na saleta.

O ar quente e úmido entrou junto com ele e rapidamente fechei a porta para evitar o calor, e então acendi a luz.

— Oi. — Ele colocou o guarda-chuva no suporte perto da porta, e passou a mão no cabelo loiro escuro cuidadosamente aparado. Usava uma camisa social rosa com as mangas enroladas por dentro de uma bermuda branca com bordados de baleias verdes. Vestia cueca com pequenas baleias bordadas também, em várias cores. Meus olhos se demoraram em seus familiares sapatos Sperry, sem meias.

— Obrigado por me deixar entrar — disse ele.

— O que está acontecendo? — Coloquei meus cabelos longos por cima de um ombro e cruzei os braços.

— Podemos nos sentar? Eu preciso falar com você. — Em seu hálito, senti um cheiro de Scotch, e chegando mais perto de seu rosto, vi que os olhos estavam vermelhos.

— Não podemos falar aqui?

Ele estava inquieto.

— Olha, eu sei que a maneira com que as coisas aconteceram entre nós não foi boa.

— Isso foi ano passado. Eu já superei, Tripp.

Era quase verdade. Às vezes eu ainda sentia um pouco de tristeza quando pensava nos três anos que passamos juntos e nas esperanças que guardava de que já estaríamos noivos ou mesmo casados agora, mas meu terapeuta tinha me convencido de que a maior parte do sofrimento não tinha a ver com a perda do que eu tinha com ele, mas a perda do sonho que eu tinha para nós. Secretamente, ainda não tinha certeza sobre a diferença.

— Bem, e se eu não?

— O quê? — Sacudi a cabeça, aborrecida.

— E se eu ainda não tiver superado?

— O que você está dizendo? Isso não faz sentido, Tripp. Você já tinha superado antes de mim. Foi você quem disse que não queria se casar comigo. Eu estava pronta.

— Eu nunca disse isso. Não foi pessoal assim. — Ele ergueu o queixo. — Eu só disse que não tinha certeza se queria me casar.

— Bem, eu tinha certeza. E não ia esperar você se decidir de uma vez por todas. Eu segui em frente, Tripp. E você também.

*Seguir em frente* foi um pouco de exagero da minha parte, já que não tinha namorado sério com ninguém desde o rompimento. Mas ele tinha sido visto pela cidade com um monte de garotas universitárias. Ultimamente, ele vinha saindo com uma que meus amigos chamavam de Margot 2.0, já que ela era, basicamente, uma versão minha, só que mais jovem e mais peituda – mas, de acordo com Muffy, nada disso importava porque ela era *nova rica*, ou seja, completamente inadequada aos olhos dos pais de Tripp, Mimi e Deuce.

— E sua namorada? Ela sabe que você está aqui?

— Amber? — Ele franziu a testa. — Não, ela não sabe. Acha que estou com meu pai, e eu estava mais cedo. Ele... — O cenho franzido se aprofundou e Tripp engoliu em seco.

— Ele o quê? — Pela primeira vez, comecei a ficar um pouco preocupada. Deuce tinha mais de setenta anos, pressão arterial alta e era fraco por bifes suculentos e bebidas. Ele havia sofrido um terceiro ataque cardíaco no fim do ano passado. — Seu pai está bem?

— Sim. Ele está bem. Mas... — Ele trocou o peso do corpo de um pé para o outro, fazendo com que seus sapatos molhados chiassem no piso de madeira. E percebi que nunca tinha visto Tripp nervoso nem desconfortável. Normalmente, ele era o Sr. Confiante, principalmente depois de boas doses de uísque, cheio de autoconfiança garantida pela beleza, saúde e educação de

um homem branco de boa formação.

— Fale logo, Tripp. — Eu disse, contendo um bocejo. — Caso contrário, podemos falar sobre isso amanhã. Estou cansada e preciso trabalhar de manhã. Vou chamar um taxi para você já que não pode dirigir para casa, porque pelo cheiro, você andou be...

— Case comigo, Margot! — Ele se ajoelhou diante de mim. — Eu quero me casar. Com você.

— O quê?! — Meu coração batia forte no peito. Aquilo estava mesmo acontecendo?

— Case comigo. Por favor. Eu sinto muito por tudo. — Abraçando minhas pernas, ele enterrou o rosto em meus joelhos.

Eu bati em seus ombros.

— Pelo amor de Deus, Tripp. Você está bêbado. Se levante.

— Não estou bêbado. Sei o que estou dizendo. Tenho que me casar com você.

Eu parei de bater nele e olhei para o topo de sua cabeça.

— Como assim, *você tem que se casar comigo?* Por quê?

Ele congelou por um momento, mas logo se recuperou.

— Eu tenho que me casar com você porque percebi que você é a pessoa certa para mim. Somos perfeitos um para o outro. Você sempre foi a certa, Margot. Sempre.

Certo, foi uma cena bem ridícula, ainda mais com os sapatos fazendo barulho, os olhos vermelhos e os shorts de estampa de baleias, mas meio que senti pena dele. Tripp nunca tinha sido muito bom em demonstrar sentimentos. E também não era especialista no assunto.

— Tripp, por favor. Fique de pé. Vamos conversar sobre isso.

— Primeiro me diga que vai se casar comigo. Olha, eu trouxe uma aliança — disse ele, como se tivesse acabado de se lembrar dela. Do bolso, tirou uma caixinha preta que abriu, com os seus dedos tremendo um pouco.

Arfei e cobri a boca com as mãos. A enorme e brilhante pedra lapidada piscou para mim. Tinha que ter pelo menos dois quilates, com uma cor e clareza incríveis.

— Experimente — ele pediu, tirando a peça da almofada de veludo.

Eu queria experimentar. Deus, como eu queria. Mas não queria me casar com Tripp. Seria errado colocar o anel no dedo sabendo que o recusaria, certo?

Porque eu tinha que recusar. Apesar do que ele havia dito, nós não éramos perfeitos um para o outro, certo? Eu não o amava mais.

*Talvez eu devesse experimentar a aliança apenas para ter certeza,* disse para mim mesma. Sei lá, e se eu a experimentasse e de repente o salão se enchesse de música, arco-íris e raios de sol? E se eu ainda o amasse e simplesmente não soubesse? Mordendo o lábio, estendi a mão esquerda e deixei que ele deslizasse o anel em meu dedo. Ajuste perfeito. Eu tremi quando ele ficou em pé.

Mas não ouvi música. Não vi arco-íris. Nenhum raio de sol. Apenas a chuva, lá fora, com o som daqueles sapatos molhados, a poça que eles estavam deixando no meu belo piso de madeira e aqueles shorts de baleias infernais.

Suspirando, olhei para ela na minha mão uma última vez, antes de começar a tirá-la.

— É linda, Tripp, mas não posso...

Ele cobriu minhas mãos com as dele, me impedindo de remover a aliança.

— Não diga isso. Por favor, não diga isso. Você tem que se casar comigo.

Irritada, puxei minhas mãos das dele e tirei a aliança do dedo.

— Eu não tenho que fazer nada.

— Estou te implorando, Margot. Por favor. — Sua voz falhou e vi, em seus olhos, um verdadeiro desespero. Não via ele assim desde...

— Tripp — falei lentamente —, tem alguma coisa acontecendo com você?

Anos atrás, Tripp tinha enfrentado o vício em jogo, acumulando centenas de milhares de dólares em dívidas, que seu pai acabou tendo que pagar, mas até onde eu sabia, ele já tinha parado de fazer apostas compulsivas quando começamos a namorar. E por que isso o levaria a me pedir em casamento, afinal?

Ele engoliu em seco, deixando seu pomo de Adão em evidência.

— Não. Sinceramente, Margot, é só que eu tenho andado muito triste e solitário desde que terminamos.

— Você não me parecia triste nem solitário.

— Eu estava. É sério, eu estava. E fui um grande idiota com você.

— Bem, pelo menos, podemos concordar nisso.

— Desculpe. — Ele me puxou para me dar um abraço estranho, mas mantive os braços abaixados, com a aliança presa em uma das mãos em punho. — Nós somos perfeitos um para o outro e você sabe disso. Faz sentido ficarmos juntos. E nós dois vamos fazer 30 anos em breve, então precisamos parar com a farra.

Eu o empurrei para longe, dei um passo para trás e cruzei os braços novamente.

— Isso não é romântico. Não mesmo. E você é o único que está na farra.

— Me desculpa. Sou péssimo com essas coisas, você sabe que sou. Mas... mas... — Ele pareceu inspirado por um segundo. — Você me completa, Margot.

Lutando contra a vontade de acabar com aquela atuação de quinta categoria, peguei a caixinha da aliança e – meio relutante – devolvi a peça lá dentro.

— Escute, isso é loucura. Nós terminamos há mais de um ano. Você não pode simplesmente aparecer do nada e me pedir em casamento.

— Mas eu quero me casar com você — ele resmungou, instantaneamente olhando para a esquerda.

— Então talvez você devesse me levar para jantar antes. — Estendi a caixa da aliança, sentindo uma onda de prazer por estar lidando tão bem com a situação. Um ano atrás, eu já teria enviado fotos da aliança de noivado a Jaime e à Claire.

Ele assentiu desanimado enquanto guardava a caixa no bolso.

— Certo. Está bem.

Na porta, entreguei o guarda-chuva a ele e por impulso lhe dei um abraço. Entendia que aquilo tinha sido difícil para ele – não era fácil para um cara como Tripp admitir que estava errado e pedir desculpas. Isso demonstrava maturidade e crescimento, certo?

— Vamos conversar novamente daqui a um ou dois dias, tudo bem? Eu preciso pensar.

Abri a porta e ele saiu sem falar mais nada, abrindo o guarda-chuva para se proteger da chuva forte. Depois de apagar a luz, fui para a janela da sala e, pela ampla janela, eu o observei entrando no carro e partindo. Com a chuva pesada batendo na vidraça, desfocando sua forma. Quando vi os faróis se acenderam e depois desaparecerem na escuridão, voltei para a cama, no andar de cima.

*Putá merda*, pensei, voltando a me enfiar embaixo das cobertas. Que reviravolta doida. Nunca nem sequer tinha sonhado que Tripp iria à minha casa no meio da noite, com um anel de diamantes, implorando para eu me casar com ele. Foi uma mudança total dele em um ano.

Uma parte de mim estava maluca agora que ele tinha decidido que éramos feitos um para o outro, mas a outra parte achava que talvez ele só precisasse de mais tempo. Eu tinha errado ao pressioná-lo quando ele não estava pronto? Tinha sido muito precipitada em dar um ultimato do tipo “agora ou nunca”? Fui muito incisiva por fazer as coisas no meu tempo?

Mas, droga, nós conversamos sobre tudo! Durante três anos, tínhamos sonhado juntos com o casamento ocorrendo no Country Club, a entrada no salão Colonial, dois filhos, veleiro, o cachorro... Eu não tinha sido a única a

querer tudo isso! Ele também quis.

E eu tinha deixado de querer? Deveria reconsiderar sua oferta? Foi irritante quando ele tocou no assunto dos meus 30 anos, mas ele meio que tinha razão. Meu círculo social era pequeno, e no último ano eu não tinha conhecido ninguém por quem tivesse me sentido atraída – quanto tempo mais eu queria esperar para começar a próxima fase da minha vida? Como Muffy costumava dizer: *as mulheres da família Thurber se casam e têm filhos antes dos trinta, Gogo. Até mesmo as lésbicas.*

Não que eu estivesse infeliz. Tinha ótimos amigos, família unida, um novo trabalho que amava, um lugar lindo onde morar. Então por que eu sentia que havia alguma coisa faltando?

Eu estava cansada, mas fiquei acordada por um tempo, brincando com o quarto dedo da minha mão esquerda.





## MARGOT

— Você está brincando comigo. — Jamie fez uma pausa com seu *dry martini* a meio caminho da boca.

Claire parecia igualmente chocada, mas tomou mais um gole de sua bebida.

— Não estou brincando. — Balancei a cabeça e sorri.

— Por que não disse nada antes? — Perguntou Jaime. — Vi você hoje cedo no escritório e não me disse nada sobre isso!

Eu e Jaime trabalhamos juntas na Shine PR, a empresa de marketing e relações públicas que abrimos juntas no ano passado. Sua graduação em psicologia e marketing e sua experiência em publicidade combinaram bem com minha experiência em relações públicas e sociais – a nossa pequena empresa era um grande sucesso até o momento. Nós contratamos uma assistente para gerenciar mídias sociais para vários clientes e planejavamos contratar outra para o próximo ano.

— Porque estávamos ocupadas hoje cedo e você esteve com clientes a tarde toda. Achei melhor esperar para dizer agora à noite.

— Bem, que bom que você esperou — Claire disse na frente de Jaime. Era quarta-feira, dia em que fazíamos nossos encontros de amigas, e estávamos no Buhl Bar, um pouco mais cedo do que o habitual, pois eu tinha que participar de um evento beneficente do meu pai mais tarde. — Agora que vocês trabalham juntas e se veem todos os dias — Claire continuou —, eu tenho medo de estar perdendo metade das fofocas. Então ele fez o pedido?

Eu balancei a cabeça, assentindo.

— De joelhos, com uma aliança chique de diamantes.

— Que surpresa! — exclamou Claire.

— Que merda! — Foi a vez de Jaime. — Espero que você tenha dito a ele para enfiar a aliança onde o sol não bate.

Balancei meu copo de *gin martini* e respondi com certo cuidado.

— Eu não fiz nada disso. Fui gentil e compreensiva e, calmamente, o mandei embora.

— Por quê? — Jamie continuou a olhar para mim com os grandes olhos azuis. — Ele foi um idiota.

— Porque eu tenho bons modos. Sim, ele foi um idiota — admiti. — Mas ele reconheceu isso. Disse que estava arrependido e basicamente me

implorou para voltar. Ele disse um monte de coisas boas, na verdade.

O olhar de Jaime me deixou desconfortável e eu me concentrei na bebida. Ela me conhecia muito bem. Esse é o problema quando você é a melhor amiga de alguém desde o nono ano, mesmo alguém como eu – geralmente uma especialista em ocultar sentimentos – essa pessoa te conhece muito bem.

— Bom, é legal que ele finalmente tenha percebido o que tinha — disse Claire, sempre otimista. — Mesmo que tenha sido um pouco tarde demais.

— É tarde demais? — Eu me atrevi a perguntar, dando expressão à pergunta que estava na minha cabeça desde a noite passada.

Fiquei em silêncio enquanto elas registravam o que eu tinha dito.

— Como assim? — O tom de Jaime não era dos mais amigáveis, tinha um ar de *eu sei o que você quer dizer, mas não pode ter dito isso*.

— Quero dizer: você acha que é tarde demais para nós?

— Porra, eu acho, sim — ela bateu um punho na mesa e um pouco da minha bebida derramou.

— Bem, espere. Talvez não — Claire respondeu, melancolicamente. — Eu adoro um amor que precisa de uma segunda chance.

— Isso não é um filme — Jaime insistiu, virando-se para Claire. — É a vida real, ele foi um idiota completo com ela.

— Mas as pessoas podem mudar — replicou Claire. — Olhe para você e Quinn. Você jurou que nunca teria um namorado, muito menos ele, mas deu uma chance.

— É diferente — disse Jaime, irritada. — Além disso, Quinn é insanamente bom na cama. Tripp era um desastre, não era, Margot?

Eu estremeci.

— Não sei se diria *desastre*. O sexo era apenas um pouco... sem inspiração. Talvez essa não seja a coisa mais importante, afinal. Talvez haja elementos mais importantes em um relacionamento do que um sexo quente.

Jaime olhou para mim, incrédula.

— Como o quê?

— Como interesses em comum — disse, endireitando as costas. — E laços familiares. Uma história compartilhada. E valores compartilhados.

Jaime revirou os olhos.

— Então suas famílias navegaram aqui no Mayflower ou qualquer outra coisa. Grande merda... Se você não quis rasgar as roupas dele quando ele entrou na sua casa ontem à noite, vocês não têm nenhuma química.

Pensei nisso por um momento. Então comecei a rir com a ideia de rasgar a cueca de baleias e a camisa cor-de-rosa.

— Nós não somos assim — disse. — Nunca fomos assim. Nós dois somos... mais reservados. Conversadores, talvez. Gostaria de um sexo melhor? Claro — dei de ombros. — Mas tenho quase 30 anos. E talvez precise me preocupar menos com esse tipo de coisa.

— Você ter 30 anos não significa que está velha — Jaime resmungou. — E eu não quero ver você regredindo, Margot. Um ano atrás você estava muito infeliz. Você fez tantos progressos.

— Concordo. Mas no fundo, eu ainda sou a mesma pessoa. Eu ainda quero as mesmas coisas que antes. Sou tradicional, lembra? Quero uma vida tradicional, a vida com a qual cresci. Marido, casa, uma família.

— E isso tudo é ótimo — Claire disse, contemporizando, levando a mão ao colo de Jaime para pegar minha mão. — Nós não estamos julgando você por querer esse tipo de coisas.

— E Tripp me pegou — disse irritada, porque era verdade. — A aliança que ele escolheu era perfeita. Ele conhece meu estilo, meu gosto. Tem educação boa, um trabalho bom, uma família boa. Essas coisas importam mais para mim do que sexo.

Jaime se recusou a desistir.

— Mas e a paixão? E a ligação física de enlouquecer? Você não quer aquele frio na barriga quando ele chegar? Aquele batimento acelerado quando

ele chegar perto?

— E seu eu não for assim? — Perguntei, expressando um medo que geralmente ficava no meu subconsciente. — E se eu nunca for tão apaixonada por uma pessoa? E se eu não for do tipo que mexe demais com alguém? Isso significa que tenho que ficar sozinha?

— Não — Claire disse com firmeza, lançando um olhar para Jaime. — E se você quiser dar outra chance a Tripp, é uma escolha que só você pode fazer. Nós vamos ficar do seu lado, não importa o que aconteça.

— Você ficaria? — perguntei, olhando para Jaime.

— Claro que sim — seu rosto se suavizou e ela inclinou a cabeça, encostando-a em meu ombro. — Eu sinto muito. Você sabe que te amo, Gogo. Eu só quero que você seja feliz. Se você acha que Tripp é o cara certo, então fique com ele. Sempre estarei aqui por você.

— Obrigada. Eu ainda estou pensando nisso. — Olhei meu telefone e vi que horas eram. — Ai, droga, é melhor eu ir para a festa do meu pai.

— Um jantar? — Jaime disse pegando sua bebida.

— Não, apenas bebidas e sobremesas com alguns doadores que assinaram cheques polpudos para a campanha.

— Como vai a campanha? — Claire perguntou.

— Acho que tudo bem. Não me envolvo muito desde que minha posição política ficou diferente da de meu pai, mas não falamos sobre isso.

Jamie balançou a cabeça.

— Cara, eu amo a sua família. Divirta-se hoje à noite. Tripp estará por lá?

Coloquei uma nota de vinte na mesa e terminei meu drinque.

— Não tenho certeza. Mas sei que Deuce é um grande doador, então é possível. Como estou?

Olharam para a minha blusa azul marinho, sem mangas, que combinava com saltos nude e meu colar de pérolas favorito. Minha

maquiagem era básica, as unhas estavam feitas, as pernas raspadas. Meu batom seria reaplicado no carro, já que minha avó tinha me ensinado a nunca passar maquiagem em público.

— Perfeita — disse Claire. — Muito Grace Kelly.

— Margot Clássica — Jaime assentiu.

— Obrigada. Até amanhã — depois de dar a cada uma um beijo na bochecha, caminhei para o estacionamento.

Enquanto dirigia em direção à casa grande em uma rua fechada em Grosse Point onde o evento estava acontecendo, senti algo estranho na barriga. Não posso dizer que era ansiedade, estava mais para intuição – intuição de que algo estava prestes a mudar em minha vida. Eu tinha sensação semelhante quando cortava demais o cabelo no salão, um frio na barriga meio com medo, mas também excitante.

Depois de estacionar e entregar as chaves para o manobrista – que olhou com admiração para a minha Mercedes 1972 azul-clara, que minha avó havia me dado de presente ano passado quando finalmente decidiu parar de dirigir – entrei na casa.

A sensação estranha se intensificou quando vi Tripp à minha direita na sala de estar. A casa era tão grande, que nem mesmo o quadro Steinway de quase três metros de altura em um canto não parecia fora do lugar. Sofás, cadeiras e puffs foram organizados para formar vários grupos de conversação e os móveis, cortinas e até mesmo os tapetes tinham aparência desbotada – ligeiramente gastos, como é comum em casas antigas. Uma aparência como se dissesse: *Nós somos podres de rico, mas não nos livramos de nada que usamos e não gostamos de coisas brilhantes e novas.*

Eu vi meu pai apertando a mão de alguém perto da lareira e minha mãe tomando uma gin tônica, provavelmente a terceira, em um dos sofás – mas fui na direção de Tripp, fazendo o melhor para transformar meu nervosismo em felicidade. Ele estava conversando com um grupo de mulheres perto da janela e elas estavam claramente encantadas com o que ele estava dizendo.

Quando me aproximei, ele deu um passo para trás e vi que não estava

sozinho. Amber estava lá também, usando um vestido que era quase bonito. Ela estava estendendo a mão esquerda em direção ao pequeno grupo, como se estivesse exibindo uma...

*Ah, não.*

*Oh não, ele não.*

*Ele não poderia ter.*

*Ele nem poderia.*

*Mas ele tinha feito.*

E a aliança em seu dedo era exatamente a mesma que Tripp havia me oferecido na *noite passada*.

— Foi, tipo, *tão* romântico — ela falava empolgada. — Ele apareceu no meio da noite. Disse que simplesmente não podia mais esperar porque sabia, com certeza, que eu era a pessoa certa.

Eu quase engasguei. Afastando-me rapidamente e tremendo de raiva, eu encontrei o bar e perdi um martini – uma coisa boa nas pessoas endinheiradas é que quase nunca falta um bom gin.

Em transe, levei minha bebida para o terraço, onde meu irmão mais velho Buck me viu e me puxou para uma roda com um bando de homens de ternos, cujos nomes eu esqueci imediatamente. Tudo o que conseguia pensar enquanto estava lá, bebendo e meio ouvindo-os falar sobre política e barcos, era em como o Tripp era idiota. *Ele deve ter procurando a Amber assim que foi embora da minha casa ontem à noite. Que diabos havia de errado com ele?*

Posteriormente, os homens saíram da roda para encher seus copos de uísque, e Buck se virou para mim.

— O que há com você? Você ficou totalmente muda durante toda a conversa e sua expressão faz a cara de zangada da mamãe parecer agradável, sinceramente.

— Desculpa. Eu estava pensando em outra coisa.

Ele sorriu de modo arrogante, inclinando seu uísque com gelo.

— Vou tentar adivinhar. O noivado de Tripp? Não deixe que isso te incomode.

— Por que não? Eu fiquei meio fazendo papel de idiota, não é? Todo mundo sabia que terminamos porque eu queria me casar e ele não.

Eu não tinha certeza se queria contar sobre a noite passada, ainda. Ele tomou outro gole e balançou a cabeça.

— Ele ainda não quer. Mas Deuce mudou as condições de sua herança porque ele é um fodido viciado em jogo. Ele deve uma grana, uns trezentos mil, ou algo assim. E se ele quiser o dinheiro, Deuce disse que ele teria que parar de galinhar e se casar.

Meu queixo caiu. Parar de galinhar e se casar? Isso soou muito familiar.

— Você está brincando comigo.

— Não. Ouvi isso hoje de algum cara que trabalha para a Deuce que o ouviu falando com os advogados sobre isso — ele riu. — Que idiota! Você se livrou de uma furada, isso sim. — Ele bateu seu copo na minha taça, brindando. — Saúde.

Aborrecida, virei o resto da minha bebida.

— Com licença.

Coloquei o copo vazio na bandeja de um garçom que passava e fui direto para o bar pedir outro. Fechando-me dentro do banheiro no primeiro andar, tomei um gole da minha bebida, pousei o copo na pia de mármore. Respirei fundo, olhando para o meu reflexo no espelho. Repreendendo a mim mesma. Me odiando.

*Sua idiota! Claro que ele não te queria! Ele disse isso no ano passado, não foi?! Ele só queria seu dinheiro e você era o bilhete de acesso. Sua ridícula, estúpida e crédula, pensando em dar outra chance para ele.*

Mas eu não tinha dado. Graças a Deus não tinha. Mas agora eu estava cheia de gin, frustração e raiva – de Tripp, de mim mesma e até de Amber, por ser tão cega por ele. Pela primeira vez, desejei ser o tipo de pessoa que expõe sentimentos em público para ir lá envergonhá-lo pelo que tinha feito,



denunciar seu desespero nojento e suas mentiras, expor o que ele era. Queria tanto fazer isso que estava até tremendo.

Mas eu não podia.

Ou seja, não podia até ver Tripp e Amber de mãos dadas na sala de jantar, exibindo ainda mais a aliança para uma multidão de espectadores com a história romântica de seu noivado surpresa.

— Ele nem queria se casar antes de me conhecer — ela se gabou. — Não é, querido?

— Certamente não, boneca.

*Boneca.* Que idiota. Coloquei meu terceiro copo vazio no chão – pelo menos eu acho que era o chão. O nível das coisas ficou um pouco nebuloso naquele momento.

— Acho que só precisei encontrar a mulher perfeita para fazer com que mudasse de ideia — ele olhou para Amber com uma falsa adoração. — E quando a gente a encontra, a gente sabe.

*Mulher perfeita.* Acho que bufei nessa parte porque algumas pessoas se viraram e olharam para mim. Mas ignorei, examinando as sobremesas dispostas na mesa e apoiadores, fingindo procurar a perfeita após o jantar.

— A aliança é linda — alguém disse.

— Não é? — Amber disse, encantada. — Ele fez sob medida para mim.

*Feito sob medida para ela.* Minhas mãos começaram a tremer enquanto meus olhos pousavam em uma bandeja de prata com bolinhos. Peguei um deles e visualizei a trajetória possível.

— É isso mesmo — Tripp beijou o dorso de sua mão. — Só para você.

Um segundo depois, lancei o primeiro bolinho, que errou o alvo, que era seu rosto presunçoso, e atingiu seu peito. Assustado, ele olhou para a frente a tempo de o segundo bolinho cair no lugar errado e aterrissar a seus pés.

— Que merda é essa? — As pessoas começaram a olhar em volta, algumas saindo da frente. O que foi bom, porque o terceiro bolinho bateu num vaso que estava fora da mesa e caiu no chão aos pés de Tripp. Ele finalmente fez contato visual comigo. — Margot, que merda você está fazendo?

Eu lancei outro.

— *Três anos!* — Explodi quando o bolinho bateu em sua testa. *Finalmente!* Tentei de novo, mas o bolinho fez uma curva em direção a Amber, que conseguiu desviar. — Por *três anos* eu aturei suas histórias de golfe chatas e suas cuecas com estampa de baleias, além de seu pau pequeno e inútil.

Algumas pessoas riram. Tripp ficou atônito, imóvel e aproveitei para lançar outro bolinho em seu peito.

— Opa! — Ele disse, o que achei hilário. — Pare de jogar coisas! E meu pau não é pequeno! Nem inútil!

— É, sim! — Lancei outro bolinho na direção dele, mas ele se moveu, então fiquei quieta vendo o bolinho ir direto para a parede. — Você não entende nada de orgasmo feminino! Eu costumava ter que me virar sozinha depois que você me deixava em casa, idiota!

Ouvi um riso abafado enquanto arremessava o próximo bolinho, que derrubou uma vela em cima da mesa – e infelizmente, estava acesa. Fez um buraco na toalha branca antes que alguém próximo apagasse a chama.

— Margot, você perdeu o juízo? — Tripp gritou do outro lado da mesa, com as mãos esticadas, protegendo o rosto como se eu estivesse jogando granadas e não bolinhos.

— Talvez — respondi, pegando outro bolinho, mas não havia nada na bandeja. — Talvez eu tenha, porque eu ia estava pronta para te dizer, hoje, que eu tinha decidido pensar sobre seu pedido de merda.

Tripp ficou pálido.

— Que pedido? — Amber perguntou, olhando para mim.

Abri a boca. E observei enquanto ele se contorcia. Que fantástico.

— Margot, por favor. Não faça isso — seus olhos imploravam por misericórdia. — Você vai nos envergonhar. Vamos conversar em particular. Tenho uma boa explicação para tudo.

Eu não tinha vontade de falar com ele em privado mais uma vez e já sabia qual seria sua *boa explicação*. Mas ele estava certo – se eu dissesse a verdade sobre a noite passada, eu ficaria envergonhada também. Eu acabara de anunciar que estava ali disposta a considerar seu pedido, que tinha sido uma farsa, de qualquer maneira.

Olhando para baixo, eu espiei a torta de cereja, deslizei minha palma por baixo dela e, brevemente, imaginei um final – um lançamento humilhante. Alguém na multidão ofegou.

Mas eu olhei para Tripp novamente e senti uma onda de poder, o que provocou um retorno do meu autocontrole. Minha dignidade. Minhas boas maneiras.

Eu era a porra da Margot Thurber Lewiston e tinha classe. Ninguém poderia tirar isso de mim.

Recuperando minha inteligência em meio à embriaguez, fiz uma cara fria e fiquei firme.

— Na verdade, eu nunca mais quero falar com você. Aproveitem a noite, todos vocês. Boa noite. Lewiston para o Senado.

Quando eu saí, ouvi ele dizer:

— Jesus. Puta louca.

Eu sei o que você está pensando.

Eu deveria ter jogado a torta.



## JACK

Eu não conseguia dormir.

Isso não me surpreendia. Eu não durmo bem de modo geral, mas em agosto sempre ficava pior. Com sorte conseguia dormir algumas horas por noite.

— É o calor — disse minha cunhada Georgia na semana passada. — Por que você não vem dormir em nossa casa por algumas noites?

— Melhor ainda, instale um ar condicionado naquela velha cabana — disse Pete, meu irmão mais novo. — Não é muito caro.

Não era o calor.

— Talvez seja a luz — disse Georgia no ano passado. — Talvez se você tentasse dormir com a luz apagada, relaxasse mais.

Mas eu precisava sempre da luz. Às vezes, eu me sentia incapaz de respirar até o sol nascer.

Eu tentava não ficar bravo quando os membros da minha família me diziam o que fazer ou tentavam resolver meus problemas com soluções simples, quando a verdadeira questão era algo tão complicado que eles nunca entenderiam, mas eu não era bom em pensar antes de falar ou em controlar minha boca.

Ainda ontem eu tinha perdido a paciência com Pete por espiar atrás de mim, enquanto eu estava reparando uma cerca ao longo da linha da propriedade na mata. Pensando melhor agora, jogá-lo no chão enquanto gritava com ele por ser um “*idiota maldito de merda sem nada no cérebro*” provavelmente foi meio exagerado, mas que droga!. Ele sabe que não deve me cutucar quando não eu estiver distraído. A razão pela qual eu não ouço música enquanto trabalho é para poder ficar ciente de tudo ao meu redor. Eu não gosto de ser surpreendido.

A única pessoa que entendeu isso na vida foi Steph. Há alguns anos, minha família planejou uma festa-surpresa para o meu trigésimo aniversário, provavelmente porque eles sabiam que eu diria não a qualquer tipo de evento social que exigisse conversar com as pessoas, e Steph fez questão de me contar cada detalhe antes da hora. Ela até tentou convencer meus irmãos e pais de que era uma ideia terrível, mas insistiriam que *sair um pouco de casa e celebrar minha vida* seria bom para mim.

Eu só fui porque a Steph implorou. No começo, eu estava furioso e me recusei a aceitar, mas então ela me contou que minha mãe e tia tinham vindo da Flórida, minha cunhada tinha feito bolo cassata <sup>1</sup> e minha sobrinha

Olivia tinha aprendido a tocar *Feliz Aniversário* no piano só para mim. Era difícil resistir a Steph quando ela estava realmente decidida a fazer alguma coisa, e, além disso, ela tinha me feito um boquete realmente incrível na cama naquela manhã.

Ela conhecia todas as minhas fraquezas.

Deitado lá no escuro, girei a aliança de casamento no dedo.

*Três anos.*

Parecia impossível que tivesse passado tanto tempo. Seus óculos ainda estavam em seu criado-mudo, as roupas ainda no armário e eu ainda esperava que ela estivesse lá quando deitava na nossa cama velha, que rangia, querendo pressionar seu pequeno corpo contra o meu.

E então, pensei que parecia uma eternidade desde que a ouvi cantando no chuveiro, ou a observei se preparar para dormir, ou me perdi dentro de seu corpo. Ela sempre me fazia ir devagar no início, alegando que estava preocupada com o meu tamanho, mesmo depois de estarmos juntos há anos. Provavelmente ela dizia aquilo apenas para me deixar animado – funcionava sempre – embora ela fosse baixinha, com curvas em todos os lugares certos. Nunca me importei com os quinze quilos extras que ela insistia em perder, na verdade, eu os amava – amava o fato de seu corpo ser macio e o meu duro, sentir aquelas curvas sob minhas mãos, lábios e língua, a maneira como ela se aconchegava a mim. Tinha sido tão bom cuidar dela.

Porra, eu sentia falta do sexo. Sentia falta de tudo.

— Você precisa sair de novo — disse meu irmão mais velho, Brad, porque ele sabia de tudo. — Deixe-me apresentá-lo a April, a nova corretora de imóveis da agência. Ela é gostosona e acho que você iria se divertir. Ou pelo menos faria sexo.

Eu disse para ele ir se ferrar.

— Vamos lá, cara — ele havia dito novamente na semana passada, enquanto corríamos juntos por uma das estradas de terra com que nossa fazenda de quarenta e seis acres fazia divisa. — Já se passaram três anos. Você nem está tentando seguir em frente. Quando você vai superar?

— Vai se foder, Brad — eu respondi, dando passadas largas e rápidas que o deixaram comendo poeira. Não estou tentando ir em frente? Todo dia de merda em que eu consigo acordar significa que estou seguindo em frente. Todas as manhãs em que saio da cama significam que estou seguindo em frente. Toda vez que eu respiro, estou seguindo em frente.

E quanto a superá-la, isso nunca aconteceria, então ele poderia fazer desfilar um monte de mulheres na minha frente, o que seria apenas uma perda de tempo.

Eu já tinha encontrado o amor da minha vida; eu a conhecia desde que éramos crianças.

Tinha me casado com ela e a perdido.

Não havia nenhum alívio nisso. Não havia redenção. Não houve segunda chance.

Nem eu queria nada disso.



## MARGOT

— Você tem certeza de que quer analisar isso agora? — Jaime aproximou-se de minha mesa e me entregou a pasta do cliente, sua expressão era duvidosa. Eu me ofereci para assumir uma nova conta que envolvia alguns dias de viagem, muita pesquisa e pouco dinheiro. O cliente era uma pequena fazenda militar focada em agricultura sustentável. O lugar era



perfeito para sumir da cidade e não encontrar alguém que eu conhecia. — Uma fazenda de verdade não faz seu estilo.

— Por que não? — Perguntei, colocando a pasta na minha bolsa. — Eu costumava cavalgar, lembra? Acho que tenho até um par de botas por aí.

— Você mantinha seu cavalo em um clube de caça. *Isso é uma fazenda.*

— Qual é a diferença? — Levantei as mãos. — Tenho certeza de que posso lidar com uma fazenda. E como eu disse a você, Muffy disse que é melhor eu deixar a cidade por um tempo, de qualquer maneira, pelo menos até a fofoca diminuir.

— Até a fofoca diminuir? — Jaime sorriu quando cruzou os braços. — Isso vai levar um tempo.

Ela não estava brincando. Tinha passado quase uma semana, mas bolinhos voadores ainda era algo comentado sem parar entre os membros do Country Club que há meses não presenciavam uma cena bem absurda.

— Todo esse bom comportamento é muito cansativo — minha avó havia reclamado no jantar na semana passada.

A história tinha sido aumentada para incluir Tripp levando um bolinho diretamente no saco — uma alteração de que gostei — e Amber atirando um prato de docinhos na minha cabeça — uma de que não gostei. Os bolinhos eram vendidos em padarias da região, a loja que fez aqueles que joguei começou a chamá-los de Bolinhos Certeiros — eu recusei o acordo de endosso — e as pessoas gostavam de brincar. *A vingança está apenas a um bolinho certo de distância*, em coquetéis por toda a cidade.

Minha mãe estava fora de si:

— Francamente, Margot, quem na face da terra vai querer ser visto com você agora? — Mas minha avó gargalhou quando ouviu a história. Meu pai parecia bastante confuso sobre todo o assunto e Buck só lamentava por não ter visto tudo.

Mas tínhamos concordado que, após um sincero pedido de desculpas para a sra. Biltmore — feito no dia seguinte, quando voltei para buscar minha

Mercedes, já que estava muito bêbada para dirigir de volta para casa – eu provavelmente deveria ficar em casa pelo resto do verão.

— Ou pelo menos até que outra pessoa se comporte mal — sussurrou Vovó. — Vou ficar de olho. Ninguém dá atenção às velhas e vemos tudo.

— Então me diga o que você sabe sobre esses clientes — eu disse para Jaime, arrumando o resto do que precisaria para as próximas duas semanas entre as coisas do escritório.

A fazenda dos irmãos Valentini ficava na região de Michigan, cerca de duas horas ao norte de Detroit. Eu tinha alugado um pequeno chalé no Lago Huron que ficava a menos de um quilômetro e meio e imaginei que usaria o tempo em que não estivesse trabalhando para relaxar em uma cadeira de praia, ler um livro, repensar algumas coisas sobre os rumos da minha vida.

— Não muito — admitiu Jaime, se empoleirando na minha mesa. — É propriedade de três irmãos. Quinn conheceu um dos irmãos, Pete e sua esposa, Georgia, em um mercado de fazendeiros locais e eles começaram a conversar. Você sabe como Quinn é, ela faz amizade com todo mundo. — Ela revirou os olhos, mas eu vi o rubor em seu rosto, que sempre aparecia quando ela falava sobre ele. Jaime não gostava de acreditar que fosse romântica, mas estava caidinha por Quinn. — De qualquer forma, o cara mencionou que eles estavam lutando para ampliar sua marca de conscientização e aumentar o envolvimento do cliente, embora ele não tenha colocado assim, e Quinn é claro, tenha dito algo como: “Ah, minha namorada pode ajudá-lo. Isso é exatamente o que ela faz!” Ele deu a eles o meu cartão e Georgia me ligou na semana passada.

— Mas eles sabem que eu estou indo e não você, certo? — Eu coloquei algumas canetas e marcadores na minha bolsa juntamente com um monte de post-its.

— Sim. Eles não têm problema com isso. Acho que estão apenas ansiosos para receber alguns conselhos.

— Eles também são fazendeiros? — Na minha mente, imaginei um casal parecido com a tia Em e com o tio Henry, de O Mágico de Oz.

— Não. Quero dizer, eu acho que Pete trabalha na fazenda, mas há

outro irmão que administra as coisas. Georgia e Pete são chefs de cozinha, na verdade. — Ela inclinou a cabeça. — Ou eles eram, mas muitas dessas informações a Quinn que me passa, então você definitivamente vai querer ler o formulário de Novo Cliente preenchido, que eu só enviei a você hoje à tarde. Vai obter mais informações lá.

— Farei isso. — Fechei meu laptop e o enfiei na bolsa, depois desliguei a luminária atrás de mim. — Vou manter contato com você enquanto estiver por lá, e com certeza vou te ligar para fazer perguntas.

— Combinado. — Ela se levantou, com um sorriso malicioso no rosto. — Vou tentar imaginar você em uma fazenda. Ordenhando uma vaca. Montada em um trator. Talvez montada em um caubói.

Revirando os olhos, passei por ela.

— A única coisa em que eu estou interessada em montar seria um cavalo. Tenho zero interesse em tratores e em caubóis.

— Nunca se sabe — Jaime disse, me seguindo para fora do escritório. — Talvez rolar no feno com um caubói jovem musculoso seja tudo o que você precisa para sair desse período de seca.

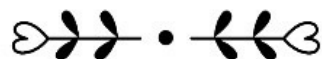
No meio do corredor, eu me virei e levei as mãos à cintura.

— Vou até lá para ajudar um cliente, Jaime. Vou me esconder e apenas respirar por um tempo e não preciso de homem nenhum, musculoso ou não, para me ajudar a fazer isso.

Ela estalou a língua, com um brilho no olhar.

— Você é uma cadela fria, sabia?

Virei para a porta, para que ela não conseguisse ver meu sorriso.



Cheguei a Lexington pouco depois das sete da noite, tendo feito apenas uma curva errada no caminho, o que vi como uma vitória. Como todas as mulheres da família Thurber antes de mim, eu tenho zero sentido de

direção. Sinceramente não sei como alguém se locomovia antes do GPS. “Era chamado de motorista”, diz minha avó.

A gerente da propriedade tinha dito para ligar quando chegasse e ela viria com a chave. Enquanto esperava por ela, andei vagando ao redor da pitoresca casa de campo no caminho para a praia. Estava morno e ventava, vi ondas que cobriam a orla rochosa. Segurando o cabelo longe do rosto, eu tirei as sandálias e caminhei até a beira da água, que estava gelada contra meus pés descalços.

Respirei o ar úmido, com cheiro do lago e das algas e também senti o aroma de algo sendo grelhado nas proximidades. Meu estômago roncou. Eu tinha almoçado? Não conseguia me lembrar. Mas seja lá o que fosse, tinha um cheiro delicioso.

— Olá? — disse alguém atrás de mim. — Senhora Lewiston? — Eu me virei e vi uma mulher de meia-idade atarracada, de chapéu e óculos de sol acenando para mim, as chaves balançando na mão. Dirigindo-me para a praia em direção a ela, decidi perguntar se havia uma churrasqueira no chalé. Eu realmente nunca tinha usado uma churrasqueira, mas tinha certeza de que poderia descobrir com a ajuda do Google. Era hora de sair da minha zona de conforto, de qualquer modo.

*Sem jogar coisas.*



A gerente, Ann, me deu a chave e me mostrou o chalé – não que houvesse muito para expor. Quarto e banheiro na parte de trás, uma grande sala com uma cozinha de um lado e janelas ao longo da frente com vista para o lago. Mas tudo estava limpo e impecável, recém-decorado com um tema de praia e quase um pouco lembrando Cape Cod<sup>2</sup>. Senti-me em casa.

Depois de me acomodar, fui ao pequeno mercado que vi ao passar pela cidade e comprei alguns mantimentos. Realmente existia uma pequena churrasqueira no chalé, localizada no pátio, mas Ann disse que não tinha ideia se havia, em algum lugar, instruções de como usá-la.

— Mas é apenas uma churrasqueira de carvão comum — ela comentou, como se aquilo fizesse qualquer diferença para mim. — Pode até haver carvão e fluido acendedor no armário do banheiro social.

*Fluido acendedor? Meu Deus, para cozinhar? Parece perigoso.* Agradei e disse que procuraria, mas achei melhor me ater ao que sabia fazer na cozinha, normalmente – era basicamente pressionar os botões do micro-ondas, ferver água e espalhar manteiga de amendoim e geleia no pão.

Acabei comendo uma salada de frango que tinha levado, mas consegui cozinhar alguns feijões verdes – que tinha apanhado por capricho porque na etiqueta estava escrito que eram da região – e eles estavam deliciosos. A mesma coisa com o pêssego que comi de sobremesa com sorvete de baunilha. Fiquei tentando imaginar se os legumes ou frutas – ou mesmo o frango – tinham vindo de Valentini Brothers Farm e pensei em como era estranho que nunca, nem uma vez em minha vida, eu tivesse parado para pensar onde a comida no meu prato tinha sido cultivada.

Mas então, isso seria parte do meu desafio, não? Tornar as pessoas como eu mais conscientes de onde vêm os alimentos que comemos? Convencê-las de que isso importa?

Pensei sobre isso enquanto comia e depois – mais tarde – pesquisei e aprendi tanto quanto poderia sobre a fazenda e a família que a possuía. Li a ficha de informações do cliente que Jaime enviou, pesquisei os termos como: certificado orgânico e agricultura sustentável. E também pesquisei Valentini Brothers Farm na internet.

Logo, vi problemas.

Eles não eram ativos em mídias sociais e o site, definitivamente, precisava ser atualizado – se não completamente refeito porque estava confuso e desatualizado, difícil de navegar e tinha conteúdo nada envolvente. Zero personalidade.

Mas havia uma foto da família.

Ampliando, analisei cada pessoa tentando adivinhar quem era quem. O irmão mais velho já estava perdendo alguns cabelos, mas era alto e bonito, estava em forma, tinha apenas uma leve barriguinha. Sua mão estava pousada

no ombro de uma garota bonita sem alguns dentes que parecia ter sete ou oito anos. Ao lado deles, estava o casal que presumi ser o casal que Quinn encontrou na feira, Pete e Georgia. Ele era definitivamente o mais baixo dos três irmãos, mas tinha um sorriso adorável e cabelos escuros e espessos. Sua esposa tinha pele clara, era a única loira na foto, era bonita e ligeiramente mais alta do que ele. Suas mãos descansavam sobre a enorme barriga de grávida e fiquei tentando imaginar como o bebê estaria agora. No final, restou o terceiro irmão, o único membro da família que não estava sorrindo. Aproximei-me um pouco mais.

Diabos. Talvez eu realmente fosse montar num caubói.

Ele era alto, tinha peito largo e mais fino na cintura. Seu jeans era apertado e por causa da maneira com que inclinava o corpo na foto, quase como se estivesse tentando se afastar da câmera, eu podia ver a forma de seu traseiro. As mangas de sua camisa xadrez abotoada estavam enroladas, revelando os antebraços musculosos, e ele tinha o mesmo cabelo escuro espesso como os do irmão mais novo, embora em maior quantidade. A boca carnuda era emoldurada por uma boa quantidade de barba por fazer, e ele mantinha a mandíbula contraída. Duas linhas verticais da expressão apareciam entre as sobrancelhas – Muffy diria que ele precisava de um tratamento de beleza, que era o termo usado para qualquer coisa cara que seu dermatologista injetava em seu rosto de poucos em poucos meses.

Ele era tão mal-humorado quanto parecia ou a câmera o havia pegado em um momento ruim? Talvez o sol estivesse incidindo em seus olhos ou algo assim.

Ainda pensando na bunda dele, adormeci ao som das ondas e sonhei que colhia pêssegos maduros e exuberantes das árvores e que os mordia com muito prazer.



## JACK

— Espere um minuto. Para bem aí — meus irmãos e eu estávamos sentados na mesa da cozinha de Pete e Georgia analisando as despesas, quando Pete disse algo sobre um orçamento de marketing. — Por que nós precisamos de um orçamento de marketing, afinal?

— Bem, para começo de conversa, a consultora de relações públicas virá amanhã e eu tenho certeza de que ela espera ser paga pelo tempo que vai gastar — disse Brad.

Olhei para ambos.

— Que consultora de relações públicas?

— A que contratamos na semana passada para nos ajudar a promover o que estamos fazendo aqui — disse Pete. — E você pode, por favor, falar baixo? Cooper está quieto, finalmente.

— Não tenho ideia do que você está falando — disse, apesar de tentar falar mais baixo. Meu sobrinho de um ano, Cooper, tinha dificuldade para dormir nas noites em que Georgia estava trabalhando. Eu o adorava, e sussurrei: — Nunca concordei em contratar nenhuma consultora.

— Está certo, não concordou. — Brad estava estranhamente calmo. — Mas somos dois e você apenas um. Nós temos esse negócio em sociedade e cada um de nós tem peso igual para dizer como será feito.

— Então você nem me disse que foi em frente com isso? — Eu estava gritando de novo, mas não conseguia evitar. Eu odiava quando eles jogavam a bomba em cima de mim.

— Ei, foi você quem saiu correndo depois que não conseguiu que as coisas fossem feitas do seu jeito — disse Pete. — Nós nos sentamos aqui e discutimos por um tempo. E decidimos que valeria a pena a despesa adicional para contratar alguém que nos ajudasse a promover.

— Não podemos pagar — disse, cruzando os braços.

— Também não podemos nos dar ao luxo de não fazer nada — disse Brad. — Papai era um bom fazendeiro com ideias à frente de seu tempo, mas era um péssimo empresário, por isso herdamos uma dívida enorme quando assumimos. Então tivemos que comprar a parte da mamãe quando ela se mudou para a Flórida.

— Não sou uma idiota — disse. — Eu sei de tudo isso.

— Nós também temos família e nossas contas a pagar.



*Eles tinham famílias.* Eu não, e o lembrete não ajudou.

— Ei, não é problema meu se você tem uma ex-mulher que te processou por causa da pensão alimentícia. Talvez você devesse ter pensado nisso antes de transar com ela.

— Ei — Pete tentou nos advertir. — Não seja idiota. Estamos fazendo coisas boas aqui, Jack, mas a agricultura orgânica não é barata. E que bem farão nossos princípios e trabalho intenso se não pudermos manter as contas pagas?

— E a concorrência está mais forte agora — disse Brad. — O mercado está ficando saturado. Precisamos fazer o que pudermos para nos destacar.

Eu me recostei na cadeira, com uma carranca. Não precisava de lembretes sobre a concorrência ou saturação do mercado, ou sobre dívida ou hipotecas — nem qualquer outra coisa na lista de razões pelas quais os agricultores são os profissionais que mais se suicidam.

Pete pôs a mão no peito.

— Ouça. Sou cozinheiro, não empresário, Jack. Você é um ex-sargento do Exército com a agricultura em seu sangue e um compromisso de fazê-la responsavelmente, mas se queremos manter este lugar vamos ter de começar a pensar nisso como um negócio também. — Sua voz se tornou mais baixa. — Eu sei que sempre foi um sonho seu e de Steph. Mas agora é mais do que um sonho, Jack. É realidade. Para todos nós. E se você quer mantê-lo, temos que investir nele.

— Olhe, nós o conhecemos — disse Brad. — Estamos bem conscientes de que você prefere fazer as coisas por conta própria, do seu jeito. E deixamos você tomar todas as decisões importantes até agora, apoiamos sua visão mesmo sabendo que seria bem caro. Porra, eu estava pronto para vender este lugar inteiro quando o cara da soja manifestou interesse. Eu nunca quis ser um fazendeiro.

— Nem eu — disse Pete. — Eu vi os altos e baixos com que mamãe e papai lidavam ano após ano e queria algo mais estável para a minha família. Mas você tinha uma visão, uma boa visão. Foi suficiente para me convencer a

voltar e ajudar. E nós temos história aqui. Queremos que este lugar prospero. Isso não vai acontecer a menos que as pessoas saibam que ele existe. — Do monitor no balcão veio o som de Cooper chorando e Pete suspirou. — Droga — ele começou a se levantar, mas fui mais rápido.

— É minha culpa. Pode deixar, eu vou. — Grato pela pausa da discussão, desliguei o monitor no balcão da cozinha e fui até o quarto de Cooper. Meu mau humor foi embora assim que o vi e o tirei do berço. — Ei, amigo.

Ele continuou a chorar quando eu o peguei no berço com o pequeno cobertor macio que tinha dado a ele quando ele nasceu. Era quadrado, com cerca de quarenta centímetros, azul-claro e tinha uma cabeça de coelho em um canto. “Bunny”, ou coelhinho, era uma das únicas palavras que Cooper dizia e ele raramente estava sem aquele cobertor por perto.

Ajeitei o cobertor no ombro e aconcheguei Cooper, e ele encostou o rosto no cobertor, levando o polegar à boca e se acalmando. Sentando-me na cadeira de seu quarto, segurei seu corpo quente contra o meu – esfreguei suas costas e cantei baixinho. Ele estava um pouco inquieto no início, mas depois de alguns minutos, senti seu corpo relaxar enquanto sua respiração se tornava mais lenta e profunda. Beije seus cabelos castanhos e macios e inalei o perfume doce do xampu de bebê, dividido entre o sentimento de ser um tio afortunado e arrasado porque nunca seria pai.

Eu era próximo do meu pai, e a morte dele tinha sido difícil.

Aconteceu de repente, não tinha nem completado seis meses desde minha saída do exército. Minha vida estava uma bagunça aquela época, eu ainda estava me esforçando para digerir as coisas que tinha visto e feito nas missões no Iraque e Afeganistão. Ainda tentava me encaixar novamente em casa quando tudo o que eu queria fazer era me isolar. Ainda me sentia tão no limite que cada vez que eu via um saco plástico na estrada, entrava em pânico. Eu estava bebendo demais, perdendo a paciência facilmente, tendo pesadelos e lutando contra a ansiedade constante. Então, no meio disso, meu pai sofreu um ataque cardíaco.

Eu me senti impotente. E quis desistir de tudo.

Foi Steph quem me puxou de volta. Só Deus sabe o porquê, já que eu era emocionalmente fodido e nunca a havia tratado bem quando éramos mais jovens. Ela sempre esteve do meu lado, embora, afirmava que me amava desde que tinha seis anos de idade e não pararia só por que eu estava tendo uma fase ruim.

— Eu não vou deixar você se destruir, Jack Valentini — disse ela, com a voz mais forte, do alto de seus 1,56m. — Você me prometeu que voltaria e cumpriu. Eu prometi que estaria aqui, e estou. — Sua voz amoleceu. — Fica comigo.

Com seu apoio, fui a um médico para tratar meus problemas de sono, a um terapeuta para tratar o estresse pós-traumático e parei com o excesso de álcool. Passei a pensar mais sobre o que estava colocando em meu corpo e li sobre os benefícios das plantações orgânicas – tanto no consumo quanto no cultivo. Lembrei-me das crenças de meu pai sobre agricultura responsável e pesquisei abordagens modernas para a agricultura em pequena escala e sustentável. Isso me deu um propósito. Parecia uma maneira de honrar meu pai e me fazia sentir uma conexão com a natureza, o que não sentia com as pessoas.

Demorou um pouco, mas eu fiquei melhor. Não curado, mas melhor. E Steph estava lá, ao meu lado, o tempo todo.

Nós nos casamos no ano seguinte e trabalhamos muito na fazenda, com um plano para comprar a parte dos meus irmãos dentro de cinco anos.

Menos de dois anos depois, ela se foi.

*Deus, eu sinto sua falta, Steph. Você deveria estar aqui comigo. Eu sempre me senti melhor com você ao meu lado.*

Agora eu estava preso com uma desconhecida aqui me dizendo o que fazer, entrando e querendo fazer mudanças – pois assim, nós poderíamos realmente crescer. Provavelmente, ela inventaria um piada de publicidade e esperaria que eu participasse. Bem, eu não queria me destacar. Eu só queria fazer o que fazia e levar uma vida tranquila. E não éramos pobres. Também não éramos ricos, mas estávamos bem. Certamente melhor do que nossos pais já tinham estado. Franzindo o cenho, me levantei e deitei Cooper com

cuidado, virado de lado em seu berço. Beijando meus dedos, toquei sua testa uma última vez e saí do quarto.

— Ele dormiu? — Pete olhou para mim, com esperança, quando entrei na cozinha.

— Sim — respondi e liguei o monitor novamente.

— Obrigado. Você é muito bom com ele.

Eu dei os ombros, embora secretamente me agradasse pensar que era bom com Cooper. Era péssimo com os adultos em minha família. O que isso dizia sobre mim?

— Você conseguiu pensar no que dissemos? — perguntou Brad.

Permaneci em pé, com as mãos nos bolsos.

— Eu só não acho que seja necessário e aposto que é caro. Como uma garota da cidade saberá nos ajudar aqui?

— Talvez não saiba — admitiu Pete. — Mas vamos descobrir. Ela estará aqui amanhã no horário do almoço. Você vem?

Fiz uma careta. Eu não queria ir à tal maldita reunião porque isso implicaria em ceder, mas se eu não fosse, poderia acabar sem argumentos sobre o assunto e sem saber sobre o que eles concordaram em fazer ou quanto disporiam para pagá-la. O que era pior?

Decidiria amanhã, mas não quis demonstrar que estava cedendo.

— Tanto faz. Vocês podem lidar com ela. Eu não quero saber desse assunto. — Caminhei, furioso, pela cozinha até a porta dos fundos, mas tive o cuidado de não batê-la para não acordar Cooper.

O sol estava se pondo atrás das árvores enquanto eu caminhava pelo jardim. Eu morava em uma antiga cabana escondida na floresta, o que me servia perfeitamente. Estava na propriedade quando meus avós compraram a terra e meus pais tinham vivido nela quando se casaram; depois eles a haviam usado como casa de hóspedes. Quando voltei, sua privacidade e simplicidade atraíram-me e eu perguntei se poderia alugá-la e viver lá.

Fiz algumas melhorias estruturais e quando Steph se mudou, passava

todo seu tempo livre deixando-a mais bonita – com pintura nova, almofadas e quadros. *Nosso pequeno refúgio do mundo*, ela dizia. Não que ela sempre quisesse se esconder, pois era uma pessoa muito social, mas sabia que eu às vezes precisava, e não se importava com isso. Ela nunca tentou me transformar em alguém que eu não era, ao contrário do resto da minha família.

Assim que entrei na cabana, o gato de Steph saltou do peitoril da janela e se retorceu ao redor dos meus pés.

— Oi, Bridget. Você está feliz em me ver? — No momento em que me ajoelhei e a acariciei, senti a raiva diminuir um pouco. Eu sempre fui uma pessoa afeita a cães, mas Steph era alérgica a cachorros. Quando ela chegou em casa com um gatinho, alguns meses depois de nosso casamento, eu resmunguei, mas caramba, aquela gata me conquistou. Sempre que eu tinha pesadelos, ela pulava na cama e rastejava sobre mim, ronronando suavemente. Isso me lembrava a maneira como Steph costumava sussurrar para mim durante aquelas longas noites intensas, suadas, com as mãos fazendo círculos lentos e reconfortantes em minhas costas.

Quando se cansou da atenção recebida, Bridget foi para a cozinha, e eu olhei ao redor, na esperança de ver algo para fazer, alguma tarefa para me distrair até a hora de ir para a cama.

Mas não havia nada. Eu sempre lavava os pratos logo após comer e nunca deixava as roupas sujas se acumularem. Tinha limpado o banheiro há dois dias e a cozinha no fim de semana. As prateleiras estavam organizadas, os móveis espanados, os vidros limpos. Georgia sempre se espantava ao ver como eu conseguia manter a casa limpa.

— Seu irmão poderia aprender com você — ela dizia. — Ele é um idiota.

Havia apenas uma tarefa que eu me recusava a fazer, e era retirar as roupas da Steph do armário. Georgia havia se oferecido para fazer isso. A irmã de Steph, Suzanne, se ofereceu para fazer isso. Até minha mãe disse que poderia pegar um voo para vir me ajudar a cuidar das coisas dela.

Mas eu sempre disse que não. Qual seria o propósito? Fazer com que

ficasse mais fácil para mim viver sem as coisas dela lá? Eu não queria que fosse mais fácil. E se minha família não conseguia entender isso, bem, foda-se.

Era *a minha dor*. Eu merecia.

Eu a manteria por perto.



## MARGOT

Eu bati na porta de madeira com tela da pitoresca casa branca de fazenda de Pete e Georgia Valentini às 13h para nosso almoço de negócios. Enquanto esperava na varanda, olhei em volta. A casa estava a cerca de cem metros da estrada, no lado oeste, mas voltada para leste em direção ao lago e, embora eu estivesse vindo de carro, poderia facilmente ter vindo andando. A

casa parecia velha, porém bastante conservada – a pintura nova no exterior, cestas de flores penduradas na varanda, cadeiras confortáveis em ambos os lados da entrada.

À esquerda da casa havia algumas bétulas, um balanço de bebê e alguns outros brinquedos espalhados no gramado. Um celeiro vermelho gigante se localizava atrás das árvores e outro branco, mais para trás. À direita da casa, havia uma garagem e do outro lado, árvores menores plantadas em fileiras duplas. Maçãs, talvez? Além disso, havia uma estrada de terra e, do outro lado, uma velha e enorme construção vitoriana, aparentemente abandonada, com a pintura descascando e jardins descuidados.

Eu estava prestes a bater novamente, quando a mulher loira que eu tinha visto na foto abriu a porta com um menino pequeno no colo. Seu cabelo era bem curto, na altura do queixo, e o corpo muito magro.

— Oi. Georgia?

Ela me cumprimentou com um sorriso.

— Você deve ser Margot. Entre. — Entrei na saleta e estendi a mão.

— Margot Lewiston. — Depois de me dar um aperto firme, ela fechou a porta e ajeitou seu filho nos braços.

— Georgia Valentini. E este é Cooper. Eu estou prestes a deitá-lo para tirar uma soneca.

— Bons sonhos, Cooper — eu disse, sorrindo para o garotinho bochechudo.

— Vá para a cozinha — disse Georgia, gesticulando no corredor. — O Pete está preparando o almoço para nós. Você comeu?

— Na verdade, não. Nem tomei café da manhã.

— Perfeito. Encontro vocês em cinco minutos. — Ela subiu as escadas que rangiam, e voltei a olhar na direção da cozinha, onde Pete estava à frente do balcão, usando um avental e cortando tomates com uma rapidez alarmante.

— Olá — sorri quando ele olhou para a frente. — Sou Margot. Sua



esposa disse para eu vir aqui.

— Claro. — Ele deixou a faca na bancada, enxugou as mãos em uma toalha para me cumprimentar. — Pete Valentini, prazer em conhecê-la. Sente-se.

— Obrigada. — Eu me acomodei em um dos banquinhos à frente do balcão e olhei ao redor. — Que bela cozinha. Era original da casa?

Pete balançou a cabeça, negando, e voltou a olhar para o prato de legumes.

— Não, meus pais acrescentaram essa parte há vinte anos. E como você pode ver, não foi mexida desde então.

Eu ri.

— Não está ruim. — A decoração era um pouco antiga, mas eu estava acostumada com casas nas quais nada mudava por um bom tempo. — Quando a casa foi construída?

— Há cerca de cem anos. Como foi o trajeto até aqui?

— Nada mal. Levei menos de duas horas.

— E você vai ficar por perto?

— Do outro lado da rua, algumas quadras para baixo em direção ao lago. Eu tive sorte. Alguém tinha reservado o chalé durante todo o mês de agosto e acabou cancelando no último minuto.

— Isso é sorte, mesmo. Estamos na alta temporada aqui.

Eu admirei a maneira confiante com que ele se movia pela cozinha.

— Ouvi dizer que tanto você quanto a Georgia eram chefs.

— Nós éramos quando nos conhecemos em Nova York, mas agora Georgia está gerenciando um restaurante na cidade e eu apenas cozinho lá dois dias por semana, por conta do trabalho aqui na fazenda e do Cooper. Quando nos mudamos para cá, há três anos, esperávamos inaugurar um restaurante de pratos feitos com produtos de produtores locais, mas... — Ele suspirou quando Georgia entrou na cozinha. — Ainda não chegamos lá.

— Vamos chegar lá, querido — disse ela. — Uma coisa de cada vez.

Eu gostei da maneira com que ela sorriu para ele, que parecia comunicar mais do que apenas palavras.

Enquanto Georgia arrumava a mesa da cozinha, conversamos um pouco sobre a área, quais lojas e restaurantes eles recomendavam e como conheceram Quinn. O irmão mais velho dos Valentini, Brad, logo se juntou a nós e me cumprimentou gentilmente. Ele parecia mais profissional do que seu irmão mais novo e a cunhada. Vestia um terno, enquanto o casal vestia jeans e camiseta. Eu olhei para a porta dos fundos, esperando que o terceiro irmão surgisse, mas ele ainda não tinha aparecido quando Pete sugeriu que sentássemos para comer.

— Devemos esperar por Jack? — Perguntou Georgia, olhando pela janela para o quintal.

Pete e Brad trocaram um olhar e se calaram.

— Não tenho certeza se ele virá. — disse Pete, finalmente.

— E eu tenho apresentações esta tarde, então é melhor para mim se não esperarmos. — Brad tirou o casaco e o pendurou nas costas de uma cadeira antes de se sentar.

— Ah. Está bem. — Parecendo ligeiramente desanimada por um segundo, Georgia indicou uma cadeira para mim e encheu quatro pratos com fatias de quiche, bacon e legumes frescos. — Tudo nos pratos é desta fazenda — disse, orgulhosa. — Ovos de nossas galinhas, bacon de nossos porcos, legumes de nossas hortas.

— Uau — eu sorri, enquanto desdobrava meu guardanapo e o colocava no colo. — Isso é muito...

*Bang!*

O barulho da porta da cozinha fechando-se me assustou. Olhei para a frente e lá estava ele. Jack Valentini. Ele parecia ainda mais alto e mais imponente do que na fotografia on-line. Talvez fosse por eu estar sentada. Talvez fosse a camiseta suada na qual se lia EXÉRCITO — ele era um veterano? — que marcava sua cintura estreita, peito largo e bíceps salientes.

Ou talvez fosse sua postura – pés separados, peito para fora, punhos cerrados. Poderia estar enganada, mas eu teria jurado que ele estava ali procurando uma briga.

E pelo jeito com que ele me olhava, eu tinha uma boa ideia de quem seria o adversário – se eu soubesse disso, tinha trazido uma bandeja de bolinhos.

— Jack, estou contente que você conseguiu vir — disse Georgia. — Venha se sentar, eu vou pegar um prato.

— Não vou ficar.

— Pelo menos diga olá a Margot Lewiston. — Pete tentou parecer casual, mas eu conseguia sentir a tensão. — Ela é a mulher de quem falamos ontem à noite.

— Eu imaginei — Jack olhou para mim, cruzou os braços sobre o peito volumoso, mas não disse um olá. Sua expressão era ocultada por um boné preto, mas a mandíbula contraída era claramente visível.

Ele era um idiota ou estava apenas tendo um dia ruim? De qualquer maneira, era um cliente. Levantando-me, eu girei para encará-lo e acenei com a mão.

— Prazer em conhecê-lo. Estou ansiosa para trabalhar com sua família. Vocês têm uma bela propriedade.

— Eu estava justamente dizendo a Margot que tudo no seu prato foi cultivado ou criado aqui — disse Georgia, obviamente tentando envolvê-lo.

Eu sorri para ele.

— Isso é muito impressionante. Eu estava pensando enquanto comia meu jantar ontem à noite, que nunca me ocorreu, em um restaurante ou no supermercado, de perguntar onde ou como a comida foi cultivada.

— Você não está sozinha nisso — disse Pete, enchendo quadro taças de vinho. — Mas acho que se mais pessoas conhecessem os perigos da agricultura industrial de grande escala, para os seres humanos, animais e meio ambiente, elas definitivamente cuidariam mais do lugar de onde sua comida vem.

— E os alimentos que eles dão para os filhos — acrescentou Georgia, sentando-se ao meu lado. — Jack me ensinou muito sobre os efeitos nocivos de coisas como pesticidas, antibióticos e aditivos alimentares. — Um choro vindo do monitor no balcão fez todos olharem. Georgia suspirou e levantou-se novamente. — Eu sabia que era bom demais ele ainda não ter acordado. Volto já.

— Eu vou. — Jack girou um botão no monitor e partiu em direção à criança chorando. Ao passar por mim, nossos olhos se encontraram. Ele imediatamente desviou o olhar, mas consegui ver de perto como ele era bonito, ou seria se desfizesse a carranca. Aquilo me deixou um pouco ofegante e eu precisei de um momento para recuperar a compostura.

— Por mim, tudo bem — Georgia sentou-se e pegou o garfo. — Jack é tão bom com Cooper, especialmente quando se trata de fazê-lo dormir.

— Não tenho ideia do que ele faz lá em cima — Pete riu. — Acho que ele droga o Cooper.

— Ah, cala a boca — disse Georgia. — Ele é só gentil e paciente. Ele canta.

*Ele canta para o bebê?* Eu não conseguia imaginar isso.

— Jack tem filhos? — Olhei na direção da escada, curiosa sobre o fazendeiro bonito e rude que parecia ter um lado doce.

— Não. — Alguma coisa na voz de Georgia me fez parar. Foi uma resposta de uma única palavra, mas senti que havia uma história enorme ali.

— Bem, vamos comer — disse Brad, impaciente.

Nós começamos a comer e alguns minutos depois, Jack retornou, atravessando a cozinha até a porta dos fundos sem parar. Mas não deixei de notar o olhar que ele lançou para mim. Isso fez meu coração bater um pouco mais rápido.

— Por que não se senta conosco por um minuto? — Georgia perguntou.

— Porque estou ocupado — ele respondeu, com a mão na maçaneta. — Sou o único trabalhando hoje.

— Estamos trabalhando aqui também, Jack — disse Brad.

Jack fez um barulho, algo entre uma bufada e um grunhido.

— Eu disse a vocês ontem à noite que não quero ter nada com isso. — E com isso, estava claro que ele se referia a mim, já que ele me olhou no momento em que disse a palavra. Foi como levar uma bofetada no rosto e minhas bochechas arderam.

— Então vá fazer o que precisa. — O tom de Brad era sério.

— Com prazer. — Jack se foi sem dizer mais nada e bateu a porta ao sair.

Pete suspirou.

— Desculpe por isso. Jack tem... alguns problemas.

Eu ainda estava tonta, mas tentei encontrar o meu equilíbrio.

— Eu acho que posso adivinhar do que se trata. Ele não quer me contratar, certo?

— Não é você — Georgia disse rapidamente. — Jack é bem protetor quando o assunto é a fazenda. Ele fica arisco quando pensa que as pessoas vão lhe dizer o que fazer.

— Especialmente se essas pessoas não forem daqui, eu aposto. — Entendia sua relutância em seguir os conselhos de uma estranha, mas não era justificativa para sua grosseria. *Que desperdício de homem bonito.*

— Jack não entende que não estamos apenas dirigindo uma fazenda, mas estamos administrando uma empresa — disse Brad, com certo aborrecimento. — E uma empresa precisa de marketing.

— Nós não temos muito dinheiro extra — Pete olhou em meus olhos com uma preocupação genuína. — Mas se você acha que pode nos ajudar, vamos encontrar uma maneira de pagar por isso. Jack se contentaria em trabalhar na terra, cuidar dos animais e nunca conversar com ninguém, mas Georgia e eu temos nossos sonhos.

— O restaurante da “fazenda para a mesa”. — Sorri para ele, jurando tirar Jack da minha cabeça. Aquilo era o que eu mais gostava no meu

trabalho, ajudar as pessoas a expandir seus negócios e alcançar seus objetivos. E podia ajudar aquela família, eu tinha certeza. *Ou pelo menos os membros que querem minha ajuda.* — Eu quero ouvir. E estou certa de que nós podemos chegar a algo que caiba no seu orçamento. Mas antes de chegarmos a esse ponto, gostaria de saber mais sobre você, sua família, a história da fazenda e quais são suas esperanças para o futuro. Isso ajudará muito.

Eu saboreava cada garfada do almoço enquanto os três me contavam como tinham se tornado proprietários da fazenda. Estava claro que Brad era o menos animado com isso, mas disposto a dar aos irmãos uma chance de ter sucesso. Ele mencionou que esperava que fossem capazes de comprar sua parte um dia.

— O plano era de cinco anos, mas depois que Steph morreu, ninguém quis pressionar Jack em relação a isso.

Pela primeira vez, fez-se um silêncio constrangedor na mesa.

— Quem era Steph? — perguntei.

— A esposa de Jack. — A voz de Georgia estava tão baixa que eu podia ouvir o barulho do relógio na parede atrás de mim.

— Ela morreu há três anos.

Fiquei sem ar.

— Como?

— Ela foi atropelada por um carro. Motorista bêbado.

— Meu Deus. Isso é terrível. — Uma parte da minha antipatia por Jack sumiu.

Brad pigarreou.

— Temos sido pacientes com ele. E como você reparou, ele precisa disso. Não leve a mal se ele for grosso com você, ou completamente calado no início. Mas Jack não é burro. Ele sabe que, se quiser manter a fazenda, vai ter que seguir alguns conselhos. Ele simplesmente não gosta, mas vai.

Eu balancei a cabeça, assentindo, torcendo para estar preparada para esse desafio, querendo provar a mim mesma.

— Bem, vou fazer o meu melhor. Deixe-me fazer algumas perguntas e anotar algumas coisas.

Enquanto eu pegava o caderno de anotações na bolsa, Georgia se levantou e começou a empilhar os pratos.

— Vou tirar essas coisas do caminho e depois volto para cá com vocês.

— Tudo bem. Muito obrigada pelo almoço. Estava delicioso e amei saber mais sobre esse lugar. Estou animada para começar. — Eu destampeei minha caneta. — Vamos falar sobre a marca de vocês.

— Que marca? — Pete olhou para mim.

— Exatamente — respondi sorrindo.



Mais tarde, Georgia me acompanhou até o carro.

— Obrigada por ter vindo — disse ela. — Nós agradecemos muito.

— O prazer é meu. Este lugar é lindo e estou ansiosa para ver mais. Aprender mais sobre tudo. Acha que eu poderia fazer um tour pela fazenda?

— Claro. Pete poderia te mostrar amanhã — ela franziu o cenho. — Jack seria ainda melhor, mas... — Um suspiro escapou. — Ele sabe ser difícil.

— Está tudo bem. — Eu não queria provocar mais nenhum problema com o irmão do meio. Para começar, ele não estava nada feliz comigo aqui e certamente não iria gostar de gastar seu tempo fora do trabalho me mostrando tudo.

Georgia sacudiu a cabeça.

— Não está. Lamento que ele tenha sido rude. Ele é um cara tão doce por dentro, mas se esconde. Os últimos anos foram duros para ele.

Já que estávamos apenas nós duas ali, e eu estava curiosa, decidi

perguntar.

— Eu notei que ele usava uma camisa do exército. Ele ainda está lá?

— Ele estava — disse, prendendo uma mecha loira atrás da orelha. — Ele saiu há cerca de seis anos. Serviu no Iraque e no Afeganistão, e quando voltou, ele... — Ela procurou por palavras. — Bem, foi difícil para ele se ajustar.

— Difícil como?

— Ele estava muito ansioso. Meu pai também era do exército, serviu no Vietnã quando era bem jovem. Isso o afetou por toda a vida. Às vezes, Jack me lembra meu pai — sua voz era melancólica. — Temperamental, mal-humorado, defensivo. É difícil para eles se conectarem com as pessoas. E eles mantêm os sentimentos escondidos. Meu pai tinha minha mãe, pelo menos, mas Jack não tem ninguém e seus irmãos sabem ser duros com ele. Eles não compreendem. Então eu tento realmente ser alguém com quem ele possa contar.

Senti um aperto no coração.

— Que pena ele ter perdido a esposa.

— Foi arrasador. Eles eram tão apaixonados. Mas de qualquer maneira — ela balançou uma mão. — Isso não dá a ele o direito de ser grosso com você.

— Não, mas eu consigo entender melhor de onde isso vem. Obrigada por me contar. Vou guardar segredo.

— Obrigada — ela disse sorrindo.

Nós nos despedimos e eu disse que entraria em contato no dia seguinte. Enquanto percorria a distância curta de volta para o chalé, pensei sobre o que ela tinha dito. *Eles eram tão apaixonados*. Como era isso? Tripp e eu estávamos juntos há três anos, mas nenhuma vez eu me senti loucamente apaixonada por ele, nem poderia imaginá-lo pensando isso. “Tão apaixonado” parecia tão passional. E devia ter sido visível para outras pessoas. *Talvez eles não se largassem*.

Por um momento, eu me perguntei como era Jack na cama. Rude ou



doce? Egoísta ou generoso? Rápido ou devagar? Aquele corpo duro e musculoso... como seria nu? Como seria sentir seu peso em mim? Será que ele beijava bem? Usava as mãos? Tinha um pênis grande?

Meu estômago revirou e percebi que tinha deixado de imaginar Jack com sua esposa para imaginá-lo comigo. Qual era o meu problema? O homem nem sequer tinha sorrido para mim! Na verdade, ele tinha sido totalmente rude! Músculos eram algo bom, mas boas maneiras eram coisas melhores e as de Jack estavam muito em falta.

Mesmo assim, o que Georgia me contou sobre ele me fez pensar que havia mais do que arrogância e grosseira nele.

Alguém que tinha amado daquela forma tinha que ter um grande coração, mesmo que tivesse sido enterrado sob camadas pesadas de tristeza e amargura.

Eu lhe daria outra chance.



## JACK

Permaneci longe da casa por toda a tarde, por mais que tenha ficado louco pensando que eles estavam falando sobre a minha fazenda, fazendo planos que a afetariam. Planos que me afetariam. Claro, eu tecnicamente possuía apenas um terço dela, mas nenhum de meus irmãos tinha investido o coração e a alma aqui como eu. Pete só pensava em seu restaurante e Brad

ficaria feliz em dividir a terra em lotes e vendê-la.

*Então vá lá e enfrente tudo sozinho. Bata o pé. Diga não.*

Mas eu não podia fazer isso. Eram dois contra um e eu não ia ganhar.

E agora eles tinham aquela porra de Barbie ao lado deles. Como podiam pensar que aquela mulher sabia alguma coisa sobre agricultura? Ela parecia não saber a diferença entre um galo e uma galinha. Talvez eu perguntasse para ela.

O pensamento realmente me fez dar um sorriso quando eu deixei o celeiro depois de verificar um dos cavalos mais velhos que parecia estar sofrendo com o calor, mais do que os outros. *Você já viu um galo, Barbie?*

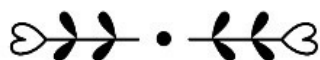
Eu ri quando imaginei a expressão em seu rosto. Suas bochechas ficando rosadas. Os olhos se arregalando. Ela tinha olhos bonitos, eu tenho que admitir. Azuis, enormes e brilhantes. Um lindo sorriso também.

Mas ela não fazia meu tipo. Eu gosto de naturalidade. Pés no chão. Sem maquiagem. Steph vivia de jeans e botas, o nariz sardento ao sol e acredito que ela sequer possuía um secador de cabelos. Ela sempre deixava os cabelos encaracolados secando naturalmente.

A Barbie estava usando algum tipo de roupa de trabalho, provavelmente com saltos altos. Sua pele dava a impressão de que ela nunca saía de casa e seus lábios estavam artificialmente rosados. Seu cabelo era bonito, embora fosse liso, dourado e brilhante. Como seria agarrar aquelas mechas entre os dedos? Com as mãos? Senti-las sobre meu peito nu?

Quando meu pau respondeu à pergunta se contraindo dentro da minha calça, eu me forcei a parar de pensar nela e passar para a próxima tarefa.

Ela não era nada para mim.



Por volta de cinco da tarde, Pete saiu para ir à pequena estufa que eu tinha construído com nosso pai e me encontrou preparando algumas mudas

de couve para plantio. Eu precisava alterar algumas mudas no fim de semana.

— Ei. Quer ajuda?

— Estou quase acabando aqui. Mas essa ajuda seria bem-vinda para reparar a cerca ao longo da divisa oeste da propriedade, se você tiver tempo.

— Tenho, sim.

Pegamos o jipe e dirigimos em silêncio, eu estava morrendo de vontade de saber o que havia sido discutido na reunião, mas era muito teimoso para perguntar, Pete provavelmente estava tentando encontrar uma maneira de abordar o assunto sem que eu cortasse a cabeça dele. Eu cedi primeiro.

— Como foram as coisas com a Barbie do marketing?

Pete suspirou.

— Ela é muito legal, Jack. E também é esperta. Acho que ela vai nos ajudar muito.

— Por quanto? Você viu o que ela dirige? Um Mercedes clássico em perfeito estado. Você tem ideia de quanto custa?

— Não.

— Nem eu. Mas aposto que é muita grana.

— Sabe, você não tem que ser um idiota em relação a isso. Ninguém está conspirando contra você ou quer tirar alguma coisa que te pertence.

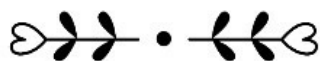
— O que diabos eles levariam, afinal? Como você disse, eu não sou dono dessa fazenda, não tenho uma casa, nem sequer tenho uma família. — Retruquei, enquanto estacionava próximo à parte da cerca que precisava de reparo.

Pete olhou para mim por alguns segundos, depois balançou a cabeça.

— Eu me recuso a discutir de novo com você. Já tentei te incluir nisso. Se quiser saber quais são as ideias, pode perguntar diretamente a ela.

— Eu não — menti.

— Tudo bem. — Ele pulou para o chão. — Vamos trabalhar.



Eu terminei o trabalho do dia, tomei banho e preparei meu jantar. Mas me sentia tão tenso, sentado na cabana, que decidi ir até a cidade e tomar uma cerveja. Escolhi um pequeno pub chamado *The Ancor*, sentei-me na ponta do balcão e torci para não encontrar nenhum conhecido. Não havia nada pior do que querer curtir uma cerveja e se esconder um pouco e constantemente ser interrompido por pessoas querendo conversar. Elas perguntavam como eu estava com olhares simpáticos, mas não queriam a verdade. Elas queriam ouvir que eu estava bem e em seguida, passar para as fofocas de cidade pequena – ou melhor ainda, ser fonte de fofoca.

Era noite de sexta-feira e o lugar estava cheio, mas felizmente os últimos bancos no final do bar estavam livres e o jogo de beisebol estava passando na TV bem acima deles. Eu bebi minha cerveja e tentei parecer realmente interessado no jogo para que ninguém se sentasse no banquinho ao meu lado e tentasse conversar. Meu plano funcionou por cerca de dez minutos.

— Com licença. Jack Valentini, certo?

Olhei para trás e lá estava ela. De perto, era ainda mais bonita do que parecia na cozinha, o que não ajudou em nada a melhorar meu humor.

— Sim?

Ela sorriu, revelando dentes brancos perfeitos entre os lábios pintados.

— Eu achei que era você — ela estendeu a mão. — Sou Margot Lewiston. Da Shine PR, Nós nos conhecemos hoje na casa de Pete e Georgia.

Eu não queria tocá-la, mas não via nenhuma maneira de me esquivar. Deslizei minha mão na dela. Seus dedos eram pálidos e magros e os meus se enrolaram facilmente em torno deles. Nossos olhos se encontraram e algo estranho aconteceu no meu peito, senti uma fisgada. Eu puxei minha mão. O que era isso? Voltando a prestar atenção ao jogo, esperava que ela entendesse

o recado e me deixasse em paz.

E não funcionou.

— Este lugar está ocupado? Estou louca por um bebida gelada. — Sem esperar por uma resposta, ela se sentou.

Do canto do olho, vi aquelas pernas alongadas pelo short curto e que terminavam em sandálias com tiras que se enroscavam nas pernas como videiras. Eu me movi incomodado em meu assento, enquanto o barman se aproximava dela com um sorriso.

— Olá, quais gins você tem? — perguntou ela. Ele falou alguns nomes, que aparentemente não satisfaziam as suas exigências. — Hum. Que tal uma carta de vinhos? — Ele entregou uma a ela, que observou as opções brevemente antes de se virar para mim. — Alguma sugestão? Percebi que eles têm vinho da região. Devo experimentar algum?

— Peça o que quiser. — Tentei não olhar para ela, quando ela se inclinou para mim. Jesus, eu podia sentir seu cheiro, um perfume, algo floral, com ares de verão, sexy e, provavelmente, cada ml dele custava uma centena de dólares. Eu prendi a respiração.

Ela olhou para mim por um momento e depois se acomodou no banco. Eu exalei.

— Eu posso fazer uma sugestão, se você quiser — ofereceu o barman, maldito juvenzinho de faculdade que provavelmente pensava que poderia levá-la para a cama naquela noite, se lhe servisse bem a bebida.

— Isso seria muito gentil — ela disse, entregando a carta de volta para ele.

Poucos minutos depois, ela estava tomando um copo de *Pinot noir* da região e eu rapidamente terminei minha cerveja sentindo que deveria sair dali o mais rápido possível. Algo nela me deixava desconfortável. Bem, não exatamente nela, mas a reação do meu corpo a ela.

— Você não me quer aqui, não é, Jack? — Ela disse depois de eu colocar uma nota de vinte no bar.

— Não é isso. Acabei minha cerveja. Estou pronto para ir embora. —

Lancei um olhar para ela.

— Eu não quis dizer aqui neste bar, quero dizer aqui nesta cidade. Na fazenda. Trabalhando para sua família. — Ela sorriu. — É bastante óbvio. Não adianta negar isso.

Eu franzi o cenho ao pegar o troco e deixei uma gorjeta.

— Olha, não é pessoal. Eu apenas acho que nós não precisamos gastar dinheiro em publicidade. Há muitas coisas reais das quais precisamos.

— Mas a publicidade é uma necessidade muito real. — Ela balançou a cabeça. — Do que adianta todo o seu investimento e tempo se você não divulga sua fazenda? O alimento que você cultiva? Os animais que você cria? Os benefícios de comer e comprar de fazendeiros locais, pequenos e sustentáveis como a sua fazenda? Passei a tarde inteira pesquisando suas práticas, os custos e os benefícios, os perigos da agricultura industrial. As pessoas não sabem dessas coisas, Jack. Você pode ajudar ensinando isso a elas. — Abri a boca para falar, mas ela me cortou balançando a mão. — Não me diga. Você não está a fim de ser um professor. Certo, tudo bem. Então você me deixa fazer essa parte. — Ela tocou seu peito logo abaixo do colar de pérolas que usava, e minha mente imediatamente fez um desvio não autorizado. — Ou você permite que eu defina as estratégias para você e os membros da sua família poderem executar. A questão central é: seus irmãos estão certos. Apenas com a pesquisa inicial que fiz até agora, vi que a sua concorrência está ficando cada vez mais acirrada e você precisa se diferenciar.

— E como? — Cruzei meus braços, o que pareceu distraí-la por um momento. Ela olhou fixamente para eles por uns cinco segundos, seu rosto corou, e antes de responder, me olhou nos olhos novamente.

— E o agroturismo? Você já pensou nisso?

— Você quer dizer abrir minha fazenda para que as pessoas possam caminhar por toda parte e queixar-se sobre o alto preço de meus tomates esquisitos porque os da *Meijer* são muito mais baratos e mais bonitos? Não.

— É um dos segmentos de crescimento mais rápidos da indústria de turismo! — Ela prosseguiu, como se eu não tivesse falado nada. Era

perspicaz, eu admito. — Uma oportunidade não só para educar e aumentar os lucros, mas também para oferecer uma experiência. Há uma geração inteira de jovens, que por sinal, está mais preocupada com sua comida e mais disposta a pagar mais pelas opções saudáveis, que valoriza experiências acima de coisas.

— O que você quer dizer? — perguntei, confuso.

— Quero dizer que eles valorizam fazer coisas e mostrar imagens de si próprios fazendo essas coisas, mais do que carros, joias ou eletrônicos. E eles estão dispostos a pagar para fazer tais coisas. Então se eles forem para a fazenda e tiverem qualquer incrível, autêntica e deliciosa experiência que acompanhe a estadia, e em seguida, postarem em suas redes sociais, com muitas hashtags divertidas sobre o que fizeram, todos os seus amigos e seguidores pensarão “Opa! Eu quero fazer isso e fazer aquilo e comer isso ou comprar aquilo” ou o que for. Logo eles vão estar fazendo o trabalho de marketing para você. De graça! — Seu sorriso iluminou seu rosto. — Isso não parece bom?

*Bom?* A última coisa na terra que eu queria era um monte de gente na minha fazenda me procurando para fornecer entretenimento para eles. Foda-se. Não que eu tivesse uma escolha — poderia ver Brad, Pete e Georgia ficando loucos com essa ideia. Foi o suficiente para me deixar puto e ressentido novamente, além disso ainda podia sentir seu cheiro, não conseguia parar de olhar para aquele colar de pérolas em seu pescoço e, toda vez que nossos olhos se encontravam, meu estômago revirava. Eu precisava sair dali.

— Não. Parece um maldito pesadelo. Eu tenho que ir. — Ignorando a pontada que senti no peito quando vi sua cara de decepção, eu caminhei pelo bar e saí pela porta.

Queria aquela mulher longe dos meus olhos.





## MARGOT

— Então como está indo? — Jaime perguntou. Liguei para ela enquanto andava até o chalé.

— Está tudo bem, eu acho. Conheci os clientes hoje e eles foram muito gentis, bem, a maioria deles foi.

— Ah, não. Alguém não é legal?

— Não comigo, pelo menos. É o irmão do meio, Jack. — Eu o imaginei sentado ao meu lado no bar e meu coração bateu um pouco mais rápido. Ele enchia uma camisa como ninguém. Será que notou como olhei para o peito dele? Também gostei dos olhos. Eram escuros, mas tinham pontinhos dourados. E não deixei de notar que ele olhou para minhas pernas, o cuidado que teve para não ficar muito perto, o calor quando ele me deu a mão. Havia algo ali. Por que ele tinha que agir como um idiota?

— Esse é o sexy? Eu vi uma foto da família.

Mordi o lábio.

— Você acha que ele é gostoso?

— Sim. Você não acha?

— Acho que sim — respondi, cautelosamente, e logo completei — mas, de qualquer jeito, ele não é meu tipo.

— Por que não?

— Ah, além do fato que ele ser um fazendeiro desalinhado e suado que precisa de um corte de cabelo, também é teimoso e mal-educado. — Sinceramente, eu não tinha reparado no cabelo, na nuca nem no suor mais cedo, durante o dia. E agora à noite, ele estava limpo, penteado e com um cheiro discreto de fogueira na praia. Fiquei querendo me inclinar e cheirá-lo mais de perto.

Jaime riu.

— Por qual motivo ele está chateado?

Enquanto caminhava, descrevi meu encontro com a família e o que eles me contaram sobre o Jack. Quando falei a parte sobre sua esposa, ela ofegou.

— Oh, meu Deus, como?

— Um motorista bêbado a atropelou.

— Isso é tão triste!

— Não é? Ele ainda usa a aliança de casamento. — Eu tinha percebido isso há pouco. — Georgia me disse eram muito apaixonados.

— Meu Deus, isso é uma merda. Coitado. É por isso que as pessoas não devem se casar. Coisas ruins acontecem.

Eu tive que sorrir.

— Quinn está insinuando que vai pedir você em casamento outra vez?

— Sim. Deus, se ele realmente fizer isso, vou matá-lo.

— Não seja ridícula. Vocês estão loucamente apaixonados, estão juntos há um ano e meio e já vivem juntos há meses. Por que não casar?

— Porque estamos felizes! — respondeu ela, como se isso explicasse tudo. — Por que foder com isso?

Suspirando, eu olhei ao redor. A caminhada até o bar tinha demorado tanto?

— Tudo bem. Tanto faz. Não case. Acho que estou perdida.

— Onde se perdeu?

Eu parei de andar e girei completamente, com certeza não tinha visto aquele parque na esquina antes. Nada mais assustador do que um parque infantil no escuro.

— Caminhando na cidade voltando ao meu chalé. O que houve, não sei, não dei muitas voltas.

Jaime riu.

— Vamos desligar e use o Google Maps ou algo assim. Então me envie uma mensagem de texto quando você chegar, assim eu não me preocuparei com você vagando sozinha em algum lugar escuro.

— Está bem.

— E depois me ligue amanhã para que possamos falar mais sobre o que você está pensando em fazer para a estratégia de marketing deles.

— Eu ligo. Quero fazer mais pesquisas e coletar informações, mas

tenho algumas ideias. O orçamento deles não é grande coisa.

Ela suspirou.

— Imaginei.

— Mas tudo bem. Sabe de uma coisa? Eu realmente quero ajudá-los. Faria isso de graça.

— Você precisa parar de fazer as coisas de graça — Jaime repreendeu. — Você não está mais trabalhando para o papai. Você é uma mulher adulta com sua própria empresa e suas contas.

— E seu próprio fundo fiduciário. — Ri um pouco. — Eu não me importo de fazer as coisas por uma boa causa e gosto dessa causa. Além disso, não é só para eles, é para a comunidade, para a economia e para o bem comum! Você sabe que existe algo chamado insegurança alimentar?

— Que diabo é isso? Tomates com problemas de confiança?

— Falta de acesso a alimentos adequados, nutritivos e de preço acessível. E não é só em áreas urbanas, em áreas rurais também. Pessoas que vivem cercadas por fazendas e não podem comer o que é cultivado e colhido no quintal! Exportamos o que cultivamos e importamos o que comemos. É loucura!

Ela riu.

— *Você está* começando a parecer meio louca.

— Desculpa. Eu me distraí hoje para estatísticas de pobreza quando estava pesquisando agricultura sustentável e justiça alimentar.

— Justiça alimentar?

— O direito das comunidades de cultivar, vender e comer alimentos saudáveis. É um movimento enorme que eu não tinha ideia que existia, mas agora estou realmente inspirada. Quero me envolver.

— Bah. Você é uma molenga. Avise-me quando estiver em casa.

— Aviso. Boa noite.

Eu terminei a chamada e coloquei o endereço do chalé no Google

Maps. Enquanto falava com Jaime, eu tinha continuado andando quando deveria ter virado e perdi minha rua por cerca de três quarteirões. Voltei, retomei meu caminho para casa e mandei mensagem a ela explicando como tinha me perdido. Quinze minutos depois, apaguei as luzes e fui para a cama, deitando-me de lado. Assim que fechei os olhos, Jack Valentini apareceu em minha cabeça e se recusou a sair, teimoso. *Como ele é previsível.*

Deitei de barriga para cima. Ele era tão arrogante. Pretendia derrubar todas as ideias que eu tinha? Fiquei me perguntando se ele sempre tinha sido tão mal-humorado. Ria em algum momento? Era diferente antes de sua esposa morrer? Antes do exército? Era uma coisa específica que o tornava tão diferente de seus irmãos, ou era tudo? De súbito, eu acendi a lâmpada novamente e me levantei para pegar meu laptop. Levei-o para a cama e sentei-me de pernas cruzadas na frente dele, tentando não me sentir assustada por estar pesquisando Stephanie Valentini no Google.

A primeira busca não resultou em nada esclarecedor, então eu adicionei Michigan e me vi envolvida montando as palavras de busca, sentindo-me ainda pior sobre o que eu estava fazendo. Mas funcionou. Por fim, encontrei um artigo no jornal da região com notícias sobre o acidente e cliquei no link.

Duas fotos apareceram no topo da página e cobri minha boca com uma mão. À esquerda havia uma foto de perto, bonita, cabelo castanho ondulado, feminina, olhos castanhos. À direita estava uma foto do casamento de Jack e Steph e me surpreendeu vê-lo sorrindo e feliz, incrivelmente bonito.

A manchete era arrepiante: **Homem condenado em 2 processos anteriores por dirigir bêbado mata moradora da região em acidente.** Os detalhes eram repugnantes. Ela trabalhava meio período como garçonete em um bar na rodovia e seu carro tinha quebrado no caminho para casa. Seu telefone celular estava sem bateria, por isso ela estava andando no acostamento em direção à fazenda quando um motorista bêbado, com condenações anteriores e muito álcool na cabeça, bateu nela. Ele fugiu, mas caiu em uma vala menos de dois quilômetros à frente na estrada.

Outro motorista viu o acidente e chamou uma ambulância. Steph foi levada ao hospital, mas morreu horas depois devido às lesões. O motorista foi

preso e mantido ali, com fiança de US\$ 1 milhão.

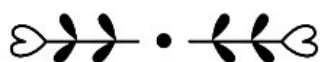
Eu li a matéria mais uma vez e olhei para a foto do casamento por um longo tempo. Finalmente, fechei o computador, conectei o carregador de novo e me aconcheguei embaixo das cobertas novamente.

Não era de admirar que ele fosse assim. Aquele tipo de perda, mais a perda de seu pai e tudo o que ele tinha vivido no exército, poderia endurecer qualquer um. Sentia-me mal por estar ali lhe causando mais angústia. *Eu o havia pressionado demais naquela noite. Eu tinha culpa.* Eu precisava convencê-lo de que sinceramente me importava com o que ele estava fazendo e realmente queria ajudar – mas precisava de uma abordagem menos direta. O que seria preciso para fazê-lo olhar para mim de forma diferente? Para que me visse como uma amiga?

Ou algo mais...

*Não. Apenas pare esse trem e saia, Margot. Pelo amor de Deus, ele é um cliente! E ele ainda está usando aliança de casamento! Você está um pouco atraída por ele, sim. Você sente pena dele, ótimo. Quer ajudar com a fazenda, com certeza. Mas apenas isso.*

Suspirando, rolei de barriga para baixo e tentei parar de pensar nele. Mas me revirei na cama a noite toda.



Às cinco e meia da manhã, desisti de dormir e vesti short, um top e tênis de corrida. Se eu não conseguia dormir, poderia muito bem tentar fazer um pouco de exercício. Imaginei que faria o caminho até a estrada, em seguida, voltaria pela estrada de terra ao longo da fazenda Valentini. Suaria um bocado.

Prendi os cabelo num coque, tranquei a porta e enfiei a chave do chalé no pequeno bolso escondido em meus shorts antes de sair para minha corrida. Atrás de mim, o sol estava apenas espreitando acima do lago, dando ao céu um laranja-rosado lindo. O calor punitivo do dia estava a horas de distância e o ar parecia frio e refrescante contra meus braços e pernas. Eu sorri para um

cara passeando com um cão e um casal de velhinhos que apreciava o nascer do sol de mãos dadas, mas me arrependi quando cheguei à rodovia e percebi que deveria ter ido ao banheiro antes de sair.

Ah, puxa. Eu ficaria bem se corresse rápido, não é? Apenas daria a volta em torno da propriedade e correria de volta para o chalé. Qual era o tamanho da fazenda?

Pelo que parece, grande pra caralho.

Segui para o oeste na estrada de terra – passando pelo pomar, grandes áreas com vegetais plantados, um pasto e, finalmente, uma mata densa. No momento em que eu virei à esquerda na ponta da propriedade, senti vontade de ir ao banheiro e a pressão na minha bexiga rapidamente ficou insuportável.

Mordendo o lábio, olhei para o bosque atrás da cerca de Valentini à minha esquerda e o pasto aberto de alguém em outra fazenda à direita, e então olhei para trás, pelo caminho pelo qual tinha vindo. Eu não tinha visto nem uma alma ali. Mas... mas eu estava *fora de casa*. Será que podia?

Acho que não preciso dizer que não sou o tipo de mulher que adora coisas ao ar livre. Minha ideia de rústico é um hotel de três estrelas. Certamente não sou afeita a acampamentos e a única vez em que tive que usar um banheiro público foi em um show para o qual Jaime me arrastou e pensei que ia morrer de nojo. Ou de infecção bacteriana.

Fazer xixi ao ar livre como um animal seria pior do que o banheiro público? O que eu usaria para me secar? Eu tinha ouvido histórias sobre meninas terem que fazer isso antes, mas claramente nunca tinha dado atenção suficiente! Devíamos fazer como um homem? Usar uma folha? Mas eu tinha a pele sensível! E se eu usar hera venenosa por engano? Ou alguma outra planta prejudicial? Não havia algo chamado carvalho venenoso? Eu não sabia como essas coisas eram! Por que não trouxe meu telefone? Jogar bolinhos era uma coisa, mas fazer xixi no mato era algo que eu achava terrivelmente desagradável.

Saltei na ponta dos pés, desesperadamente desejando que outra solução se apresentasse magicamente, então eu não teria que renunciar à minha dignidade ou causar à minha vagina uma erupção venenosa. Mas nada

me ocorreu, então pulei a cerca da fazenda dos Valentinis e me embrenhei entre as árvores, xingando muito por estar tão distraída antes de sair do chalé.

Apressando-me pelo chão da floresta tomada de agulhas de pinheiro e folhas secas, me afastei da estrada até não mais conseguir vê-la. Eu estava a ponto de me agachar – credo, que palavra pouco elegante – quando ouvi um barulho nas proximidades. Vacilando, endireitei-me e olhei ao redor, rapidamente ajustando meus shorts. Quando ouvi outro barulho, cautelosamente fui na direção dele.

*Oh, meu Deus!*

Não muito longe de onde eu estava prestes a me aliviar havia uma clareira nas árvores e, além dela, vi um pequeno lago e em um dos lados do lago, uma doca curta de madeira, na qual estava Jack Valentini, encharcado e *completamente nu*.

Era como se um interruptor elétrico tivesse sido ligado dentro de mim. De repente, fui guiada por uma voz – preciso de uma visão melhor. Havia um salgueiro cerca de vinte metros mais perto do lago e sem pestanejar um segundo, lancei-me em direção a ele e, em seguida, subi em um galho baixo.

Sim, eu realmente subi em uma árvore.

Pendurada em um ramo acima da minha cabeça, com cuidado me afastei um pouco e espiei através das folhas. Com a língua presa entre os dentes, eu o vi jogar para trás os cabelos molhados e se esticar um pouco, com os braços acima da cabeça. *Hum, um fazendeiro bronzeado é realmente uma coisa de louco.*

Meus olhos desceram automaticamente e fiquei de queixo caído quando vi o tamanho de seu pau. Se já era grande quando não estava ereto, como ficaria quando ficasse duro? De repente, senti-me como uma criança diante de um bolo de aniversário, olhando, mas sem poder provar.

Centenas de pensamentos irracionais – e francamente bem pervertidos – invadiram minha mente.

*Eu quero vê-lo ficar duro. Quero tocá-lo. Quero minha boca nele. Quero vê-lo se tocar. Droga, ele é enorme. Eu quero ser fodida por um pau*



*assim. Aposto que ele acabaria comigo. Meu Deus, ele provavelmente poderia me foder aqui e agora.*

*Não! Não, ele vai me ver aqui. Vai me descobrir no bosque e ficará com raiva. Então vai me punir por espioná-lo. Ele será implacável.*

Percebi que estava ofegante.

Que diabos estava acontecendo comigo? Eu nunca tive esse tipo de pensamentos com ninguém, muito menos com um cara praticamente desconhecido. Eu estava tendo uma crise de meia-idade aos 29 anos?

Ele se afastou de mim, dando-me uma chance de apreciar sua bela bunda redonda que eu tinha notado na foto, mas também as costas musculosas e ombros, as tatuagens que serpenteavam por suas costelas do lado direito. O que elas significavam? Nunca tinha visto um homem com tatuagens antes – não tão perto. E definitivamente nunca tinha visto um tatuado nu.

Eu não tinha visto muitos homens nus, na verdade. Talvez esse fosse o meu problema – fascinação, como se ele fosse uma exposição de museu, animal exótico ou de circo. Os corpos masculinos que eu tinha visto em carne e osso eram pálidos e magros – nada como a bela obra de arte diante de mim agora, que tinha protuberâncias, cumes e linhas, o sol da manhã brilhando em sua pele, bronzeando-a. Eu queria...

*CRACK!*

O ramo no qual eu estava estalou e caí no chão numa cena nada elegante.

*Além disso, acho que fiz xixi ali mesmo. Só um pouquinho.*

Eu levantei a cabeça e olhei para Jack, chocada ao ver que ele literalmente caiu no deck, o corpo rente à madeira. Um segundo depois ele olhou para mim e me viu. Não era daquela forma que, nas minhas fantasias, ele me descobriria.

*Ai, Jesus. Isto é pior do que atirar os bolinhos.*

Como vou me explicar?



## JACK

Primeiro, terror. Adrenalina fluindo, coração batendo acelerado, sangue bombeando, terror de revirar o estômago.

Depois, raiva. Por eu não ter sido suficientemente atento. Por não ter visto um sinal de perigo.

Por ter falhado. Finalmente, consciência. De que eu estava bem. De que todos estavam seguros. De que nada tinha acontecido.

Bem, nada perigoso.

Meu ritmo cardíaco e minha respiração se acalmaram quando assisti à cena – Margot Lewiston de braços – percebi que o ruído que me surpreendeu foi o quebrar de um galho de árvore, que aparentemente tinha cedido sob seu peso.

— Foda-se — murmurei, sentindo-me idiota, como sempre me sentia quando isso acontecia.

E normalmente eu *não estava pelado* quando isso acontecia.

Eu pulei e vesti meu calção de corrida, que estava na doca ao lado de minhas meias e sapatos. Como Pete estava verificando os animais hoje cedo, eu tinha decidido dar um mergulho rápido depois da minha corrida e não estava esperando uma plateia.

Assim que vesti o short, eu me levantei, punhos cerrados, pronto para gritar com ela por invasão de privacidade, por espionar, por me assustar. *Por se recusar a sair da minha cabeça*. Mas quando vi que ela se levantou e começou a correr em minha direção – na ponta dos pés, com as pernas unidas, as mãos sobre a virilha – fiquei momentaneamente atordoado.

— E aí, Jack? — disse ela casualmente, como se estivesse me encontrado sem querer. — Eu sei que você provavelmente está se perguntando o que estou fazendo aqui. E tenho certeza de que posso explicar. Mas primeiro, posso, por favor, *por favor*, usar seu banheiro?

— Ah, está bem. — Por mais irritado que estivesse com a invasão da privacidade, quase ri alto de sua pressa e falta de jeito partindo na direção da porta dos fundos da cabana. Eu corri na frente dela e abri a porta para ela entrar, gesticulando em direção ao banheiro.

— Obrigada — ela murmurou enquanto andava atrás de mim.

Enquanto ela estava no banheiro, fiquei na varanda de trás, desconfortável por estar na cabana sozinho com ela. Que diabos ela estava fazendo aqui? Para piorar, eu tinha passado a noite sem dormir tentando não

pensar em suas pernas, seus olhos e naquela porra de colar de pérolas. Ela precisava aparecer logo cedo com aquele short minúsculo e camiseta justa? Meu pau começou a se contrair e fiz o meu melhor para conter as esperanças dele, pensando em rotações de culturas, sistemas de irrigação por gotejamento e na previsão do tempo.

Felizmente, ele estava sob controle no momento em que ela saiu, com um sorriso aliviado no rosto.

— Uau — ela disse, fechando a porta de tela. — Essa foi por pouco. Muito obrigada.

— Por nada. — Eu cruzei os braços, me arrependendo por não ter pegado uma camisa para vestir. — Quer me dizer o que você estava fazendo lá fora?

Seu rosto corou.

— Hum, eu estava correndo.

— Em cima de uma árvore?

Ela riu, nervosa.

— Não. Bem, não comecei na árvore. Isso aconteceu mais tarde.

Eu inclinei a cabeça, incapaz de resistir e não repreendê-la. *Não está mais tão cheia de si agora, não é, Barbie?*

— Ah, é?

— Sim. Veja, eu deixei o chalé que estou alugando e me esqueci de ir ao banheiro antes — ela começou, torcendo os dedos —, e estava pensando em dar uma volta pela fazenda, mas é maior do que eu pensava.

— Ah! Então você estava procurando um banheiro na floresta?

— Bem, sim. — Ela engoliu em seco. — Tipo isso. Mas ouvi um barulho e vi você... — Agora, seu rosto estava praticamente roxo.

Fingi não ter entendido.

— Você me viu como?

— Vi você nu, tá? — disse ela, levantando as mãos. — Eu admito, eu te vi pelado.

Eu não tinha pudor nenhum em relação à nudez, mas era extremamente sério quando o assunto era a minha privacidade e ser espionado.

Mas foi engraçado ver a vergonha que ela sentia. Nas duas vezes em que eu a vi antes, ela tinha sido muito polida e equilibrada. Era bom colocá-la em seu lugar um pouco.

— Então você subiu em uma árvore para ter uma visão melhor, é isso?

Inclinando a cabeça, ela arrastou a ponta de um dos pés pelas tábuas de madeira do chão da varanda.

— Mais ou menos. — Então ela olhou para mim. Tomou fôlego. — Eu sinto muito mesmo. Não deveria ter feito isso. Eu estava, quero dizer, consegui... eu não podia... — Ela suspirou, fechando os olhos brevemente. — Não tenho desculpa para isso. Pode aceitar minhas desculpas?

Ela era mais bonita sem maquiagem, percebi. E a forma com que prendia o cabelo enfatizava a amplitude de seus olhos, o ângulo das maçãs do rosto, o arco das sobrancelhas. Seus lábios não precisavam de meleca brilhante neles. Eles eram de um rosa perfeito e fiquei tentando imaginar se eram tão suaves quanto pareciam ser.

*Porra.* Não beijava ninguém há três anos.

Pigarreando, dei um passo para trás.

— Sim. Está bem. — *Agora saia daqui.*

Ela não se mexeu.

— Então você não vai me demitir?

— Eu não a contratei.

— Eu sei. Mas realmente quero este trabalho. Acho que posso ajudar, Jack. Eu sei que posso. — O meu nome nos lábios dela era um problema. Precisando me afastar dela, comecei a andar em direção ao cais para pegar

meus sapatos e meias, mas ela me seguiu. Deus, ela era uma praga. Isso me lembrou a maneira que Steph usou para marcar em cima de mim quando nós éramos crianças, querendo participar das brincadeiras. — Você será assim durante todo o tempo em que eu estiver aqui?

— Assim como?

— Mal-humorado e nada cooperativo?

— Provavelmente.

— Por quê? Você me odeia tanto assim?

— Eu não odeio ninguém. Só não vejo por que devemos pagar uma garota da cidade que nunca pisou na fazenda para nos aconselhar. — Chegamos à doca e eu me inclinei para pegar minhas coisas.

— Eu nem estou pedindo para ser paga, então para com isso! — Ela disse com a voz alterada.

Eu me endireitei.

— Ah, você está trabalhando de graça?

— Sim!

— Então você é uma idiota. Ou tão rica que não precisa do dinheiro.

— Não sou idiota — disse ela entredentes, irritada.

— Então você é rica. — Eu não sei por que eu estava agindo daquela maneira. Mas por algum motivo, não queria deixá-la ver outro lado de mim nem queria ver outro lado dela. — Devia ter imaginado.

Ela cruzou os braços.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que você parece ter vivido uma vida encantada. Como se tivesse tudo que sempre quis de mão beijada. Como se nunca tivesse sujado as mãos.

— Então, suje minhas mãos.

Eu quase caí para trás.

— O quê?

— Suje minhas mãos. Ensine-me a trabalhar na fazenda. Quero aprender.

Ela estava falando sério? A última coisa que eu precisava era passar o dia todo com ela, explicando coisas. *Ou olhar para seu traseiro o dia todo, imaginando coisas.* Mas ao ver seu rosto desafiado, eu balancei a cabeça.

— Por que eu sinto que se disser não, você vai continuar me incomodando?

Ela sorriu e uniu as mãos atrás das costas, balançando para a frente na ponta dos pés.

— Porque eu vou. Não gosto de ouvir não.

— Claro que não. — Jesus, ela era um problema. Uma boa e suculenta maçã por fora, mas podre por dentro. Mas por alguma boa razão, eu me vi cedendo ao seu pedido. — Tudo bem. Vá trocar de roupa.

Ela sorriu.

— Onde devo encontrar você? Vai demorar cerca de meia hora para correr até em casa, me trocar e voltar aqui.

— Não tenho ideia de onde estarei quando chegar. Você vai ter que me encontrar.

— É justo. — Ela olhou para trás para as árvores. — Qual é o caminho mais rápido de volta? Por aqui?

— Não. Pegue o caminho em direção à casa para voltar para a rodovia.

Ela se virou.

— Qual caminho é o da casa? Eu não tenho muito senso de direção.

— Jesus. É por aqui. — Apontando um polegar por cima de um ombro, eu decidi que seria melhor ela ir pelo caminho certo ou ficaria esperando por ela para sempre. — Você pode atravessar pela cabana. Vamos.

Voltamos para a cabana e ela me seguiu da cozinha para o quarto da

frente.

— Ei, eu gosto desse seu lugar. É acolhedor. E muito limpo.

— Obrigado.

A gata saltou para baixo do peitoril da frente e cruzou na frente de nós dois, verificando a situação. Margot se ajoelhou para acariciá-la.

— Que fofa. Qual é o nome dela?

Eu fiz uma careta.

— Bridget Jones.

Ela soltou uma gargalhada.

— Você tem uma gata chamado Bridget Jones?

— Sim. O que há de tão engraçado nisso? — Explodi.

— Eu não sei. Acalme-se. Você parece alguém que gosta mais de cachorros, acho.

— E gosto mesmo — admiti, relaxando a voz. — A gata era da minha esposa. — Abri a porta da frente esperando que Margot entenderia, mas não fiquei surpreso ao ver que ela não entendeu.

— Você sempre viveu aqui?

— Desde que saí do Exército.

— E quando foi?

— Há seis anos.

Ela assentiu, levantou-se e olhou ao redor da sala. Seus olhos se demoraram nas fotos de casamento emolduradas e penduradas na parede.

— Ah, que lindas. Posso olhar?

— Acho que sim. — Eu deixei a porta de tela se fechar quando ela foi examiná-las. Deus, quanto tempo fazia desde que alguém além de mim olhava para aquelas fotos? Eu me senti nervoso, mas também satisfeito por ela ter notado.



Havia três fotos: uma da família; uma de nós durante a cerimônia, segurando as mãos por baixo de um arco e uma feita no celeiro – onde Steph estava em um fardo de feno para que sua cabeça ficasse no mesmo nível da minha cabeça enquanto eu a beijava. Margot riu quando viu essa.

— Que adorável! Veja como ela é pequena e está usando botas de caubói com o vestido de noiva, eu adorei! — Ela indicou a maneira como Steph estava segurando a barra de seu vestido para mostrar os pés.

— Sim. Ela amava as botas. Dizia não gostar de salto alto no dia a dia, e não os usaria no dia do casamento. — Ainda podia ouvi-la dizendo isso sem arrependimento na voz.

Margot assentiu com a cabeça.

— Eu gosto de saltos.

— Não me diga.

— Mas todos devem ser livres para ser quem são no dia de seu casamento. Adorei saber que ela não tinha medo de ser ela mesma.

— Ela não tinha medo de nada. — Em geral, eu não era o tipo de cara que me abria para as pessoas que não conheço. Nem para as pessoas que conheço. Mas era bom falar de Steph com Margot. Eu me sentia seguro.

— Você não está nada mal aqui. Você também usava botas, dá pra ver.

— Sim, não sou muito de sapatos extravagantes. Nem de roupas extravagantes. Mas Steph disse que eu tinha que usar o terno.

— Você ficou bonito.

— Obrigado.

Um momento de hesitação se passou.

— Sinto muito por saber o que aconteceu. — Ela ficou olhando para a foto. — Você deve sentir saudades dela.

— Sim. Eu sinto.

Ela suspirou e se virou.

— Bem, acho que é melhor eu ir.

Assentindo com a cabeça, abri a porta novamente e quando ela passou por mim, seu ombro resvalou em meu peito nu. Arrepios subiram pelos meus braços e meus mamilos se enrijeceram. Rapidamente, eu fechei a porta de tela antes de dar as instruções.

— Vá direto para as árvores lá na frente e continue pelo caminho que as corta. Você verá a casa do outro lado.

— Entendi. — Ela começou a descer os degraus.

— E tenha cuidado ao atravessar a rodovia.

No fim dos degraus, ela parou e olhou para mim.

— Eu terei. Prometo.

Ela saiu correndo e eu tentei não olhar para sua bunda. Tive a sensação de que lutaria contra meus olhos o dia todo.



## MARGOT

Fiz o trajeto de volta para o chalé mais animada do que deveria. Pelo amor de Deus... Jack e eu mal podíamos passar cinco minutos juntos sem implicarmos um com o outro e algo nisso me parecia uma vitória.

Eu quase tinha estragado tudo por engano – meu plano era matá-lo

com bondade, mas em vez disso eu o espiei antes de chamá-lo de mal-humorado e não cooperativo. Mas ele era tão frustrante! Eu estava tentando ajudá-lo!

O estranho era que ele não parecia tão zangado com o incidente da árvore. Na verdade, parecia quase ter se divertido com a coisa toda – eu poderia jurar que *quase* o vi sorrir em um determinado momento.

Eu não entendia por que aquilo me deixava feliz.

Dentro do chalé, tirei a roupa úmida depressa e decidi que, para poupar tempo, não tomaria banho. Eu não queria que Jack usasse o atraso como uma desculpa para não me mostrar a propriedade hoje e não precisava me preocupar enquanto estivesse perto dele. Eu nunca conheci um homem que ficasse tão desconfortável ao meu lado como ele ficava. Ele estava sempre longe ou se afastando, cruzando os braços. Eu peguei uma lingerie e meias limpas, minha calça jeans skinny, uma camisa xadrez de botão e puxei o elástico que prendia meus cabelos. No banheiro, escovei os dentes, penteei o cabelo e abri minha nécessaire de maquiagem.

Então parei.

*O que está fazendo, Margot? Isso não é um encontro. Você não precisa de rímel em um celeiro.*

Fechei-o imediatamente, mas coloquei meu colar de pérolas... e passei umas gotinhas de perfume.

Uma garota tem que ter um toque de beleza, certo?

Antes de sair, calcei as velhas botas de montaria, agradecida por não ter me desfeito delas. Elas eram de couro marrom bonito e ainda tinham muito tempo de uso pela frente.

Saí de casa apenas quinze minutos depois de ter entrado e fui para o carro, sentindo-me satisfeita comigo mesma. Não só aprenderia mais sobre a fazenda, o que me ajudaria a fazer meu trabalho, como teria a chance de provar a Jack que eu não era inimiga. Eu respeitava seu trabalho e realmente queria ajudar. E se isso o fizesse olhar para mim de uma forma mais favorável, bem... melhor ainda.

Eu estava determinada a fazê-lo sorrir de verdade.



## JACK

— Você tem certeza disso? — Margot espiou a primeira caixa de ninho, onde havia três ovos dispostos no feno.

— Sim. É só colocar a mão dentro, pegar os ovos e coloca-los na sua cesta. — Eu pensei que recolher ovos poderia ser um bom lugar para ela

começar, mas Jesus Cristo Todo-Poderoso, estava começando a me perguntar se seria demais para ela. Ela *era uma garota da cidade*, embora parecesse atraente com seus jeans justos e a pequena camisa xadrez. E gostei da forma como ela usava o cabelo em uma longa trança que descia pelas costas. Mas as botas eram hilárias – botas de montaria que pareciam saídas de um filme sobre uma garota rica com seu próprio pônei de exibição. Pelo menos ela não havia passado maquiagem.

Mas acredite ou não, ela *colocou* o colar de pérolas. Aquilo estava me matando.

— Vamos — retruquei, mais irritado comigo mesmo do que com ela.  
— Pegue os ovos, temos trabalho a fazer.

— Elas não vão ficar bravas? — Ela olhou ao redor, observando com nervosismo as galinhas sobre nossos pés.

— Não. Elas estão acostumadas com isso.

— OK. — Ela estendeu a mão e tirou dois ovos, depois colocou-os delicadamente na cesta. — Eu fiz isso! — disse ela, sorrindo orgulhosamente.

Eu quase sorri de volta, mas me contive.

— Bom trabalho. Agora continue. Ou vamos ficar aqui o dia todo.

Ela tirou o terceiro, cuidadosamente colocou-o ao lado dos outros e os observou.

— Então, galinhas marrons botam ovos castanhos e as brancas, os ovos brancos?

— Não. Você não pode afirmar qual é a cor dos ovos que uma galinha põe pela cor de suas penas.

Seus olhos se arregalaram.

— Não acredito!

— Pois é. Agora vamos, trabalhe mais rápido. Assim. — Eu estendi a mão para a próxima caixa, rapidamente puxei três ovos para fora com uma mão, coloquei-os na cesta e passei para outra.

— Uau, você é muito bom nisso.

— Eu pratiquei muito. Agora você faz o próximo.

Ela se moveu na minha frente, curvou-se e olhou dentro da caixa.

— Há alguém aqui dentro.

— Então enfie a mão embaixo dela e pegue os ovos. — Eu me esforcei para manter meus olhos longe de sua bunda.

— Eu não acho que deveria fazer isso. Ela está me encarando com um olhar diabólico.

— Jesus Cristo. Mexa-se, eu farei o resto. — Eu a puxei pela cintura e a coloquei de lado para tirá-la do meu caminho, mas assim que a segurei, não quis mais soltar.

E sou um maldito imbecil, então não a soltei.

Deixei-as lá por alguns segundos.

— Jack? — Ela olhou para mim virando a cabeça para trás, com a expressão confusa.

Eu a soltei. *O que diabos você está fazendo?*

— Basta me dar o cesto — pedi com grosseria, arrancando-o de sua mão.

Ela se virou.

— Fiz algo de errado?

— Não. — Eu me afastei dela e comecei a pegar os ovos restantes, irritado comigo mesmo.

*Essa foi uma má ideia.*



Foi um dia longo. Como eu suspeitava, Margot tinha mil perguntas ridículas.



— Então você não tira o leite de uma vaca macho?

— Por que precisa de uma cerca elétrica?

— Qual é o tamanho de um acre?

— Aquilo são cabras?

— O que é um CSA?

— Por que você tem que fazer rotação de culturas?

— Não é estranho matar um animal do qual cuidou por muito tempo?  
Você tem vontade de ficar com os mais fofos?

— Então galinhas põem ovos pelos traseiros?

Eu fiz o meu melhor para responder suas perguntas, imaginando que quanto mais ela percebesse o que não sabia, mais provável seria que ela pudesse decidir que não teria como ajudar. Mas ela aprendeu rápido e no final da tarde, fazia perguntas mais bem-pensadas, estava com as mãos mais firmes, com o ritmo mais rápido. Fiquei admirando sua curiosidade sobre a fazenda, sua disposição para enfrentar qualquer trabalho que eu lhe dei e o fato de ela, nem uma vez, ter se queixado do sol ou do calor, do cheiro ou da sujeira alojada sob as unhas e em suas botas.

Mas o pior era o jeito com que eu continuava querendo *tocá-la*. Eu não conseguia parar de pensar sobre o que tinha feito no galinheiro e me impedi uma dúzia de vezes de fazê-lo novamente. Qual era o meu problema?

Finalmente, eu tive que admitir que, pela primeira vez desde que Steph tinha morrido, eu estava seriamente atraído por uma mulher. Foi quase *um alívio*.

Eu não estava feliz com isso, mas logicamente, sabia que era apenas um desejo biológico e não deveria ser muito duro comigo mesmo, especialmente porque a presença dela ali era temporária. E quem não se sentiria atraído por Margot? Ela era bonita, inteligente e gentil. E além de sua ignorância sobre a vida fora da bolha na qual ela vivia, sua companhia era divertida. Ela conseguia rir de si mesma, tentava novamente quando falhava em algo na primeira vez e era realmente boa com os cavalos. Fiquei me perguntando se ela tinha tido experiência com eles.

— Você monta? — Eu perguntei quando estávamos no celeiro no final do dia.

— Eu tinha um cavalo quando era mais nova — disse ela, acariciando o pescoço da égua com quem eu estava preocupado no dia anterior.

— Claro que você teve. Menina rica. — Eu não pude resistir a dar um puxão na trança dela. O que realmente queria fazer era enrolá-la ao redor de meu punho. Inclinar a cabeça dela para trás. Beijar seu pescoço.

*Porra. Pare com isso.*

— Ei — disse ela, fazendo beicinho. — Nada disso. Eu fiz tudo que você pediu hoje, não fiz? — Ela parecia tão esperançosa com uma mancha de sujeira na testa suada que eu não tive coragem de chateá-la.

— Você mandou bem — eu disse, fazendo um pouco de carinho no focinho do cavalo, tentando manter as mãos ocupadas. Mas meu pau estava inchando dentro da calça, como se a minha atração por ela tivesse despertado um animal adormecido. E a voz na minha cabeça não se calava. *Gostaria de lhe dar um pouco de carinho, bem no meio das pernas, com minha língua.*

— Obrigada. E obrigada por ter me levado hoje. Eu gostei muito.

— Por nada. — *Será que você gostaria de ver meu pau grande e duro em sua boceta?*

— E olhe! — Ela riu. — Estou com as mãos sujas!

— Ah é? Vamos ver. — Eu segurei seus pulsos e levantei as palmas entre nós, examinando-as. — Olha só. Elas estão imundas.

Ela riu.

— Tudo em mim está imundo. Mal posso esperar para tomar um bom e quente... — sua voz parou quando olhou, fixamente, meus dedos envolvendo seus pulsos. Então ela olhou para mim. Aqueles enormes olhos azuis. Os lábios rosados se entreabriram. O pescoço pálido quando ela engoliu e seco.

Eu sabia o que ia fazer antes de fazer, de fato.

Eu sabia que era uma má ideia. Sabia que ia me arrepender.

E ainda assim fiz.

Com o coração batendo forte no peito, puxei-a para a frente pelos pulsos até sua boca estar tão perto que senti sua respiração em meus lábios.

E eu a beijei – levemente no início, meus lábios mal encostando nos dela e então mais forte, minha boca abrindo, as mãos deslizando por seu corpo, sobre seu traseiro. Puxei-a firmemente contra meu corpo, minha ereção presa entre nós.

Ela passou os braços pela minha cintura e ficou na ponta dos pés, pressionando o peito no meu. Nossas línguas se encontraram e eu a provei com fome, como se nunca fosse me saciar. Isso, na verdade, lembrou-me do dia em que Pete e eu tomamos todo o sorvete de baunilha que nossa mãe tinha comprado para o décimo aniversário de Brad, no dia anterior à festa. Nós sabíamos que não deveríamos e fomos pegos e punidos. Droga! O sabor era tão bom que nós não conseguimos parar. Margot tinha esse sabor, doce e proibido ao mesmo tempo.

*Apenas deixe-me sentir isso, pensei quando minha consciência me perturbou. Só desta vez.*

Enrolei sua trança na minha mão e puxei sua cabeça para trás, descendo os lábios por seu pescoço. Inalei o perfume de sua pele, delirei ao sentir a pele aveludada, o sabor docemente salgado. Deslizando uma coxa entre as pernas dela, corri a língua ao longo das pérolas descansando em seu pescoço. Seus dedos se cravaram em minhas costas.

— Jack — ela sussurrou.

Meu nome – sussurrado por outra mulher.

*A mulher errada.*

*Isso não está certo.*

*Afastei-me dela.*



## MARGOT

Ele estava me beijando, como nunca me beijaram.

Como se estivesse indo para a guerra. Como se ele não se importasse em parar para respirar. Como se algo nele precisasse de algo em mim de um modo desesperado, que ele precisava encontrar ou morreria tentando.

Não que eu não estivesse disposta a desistir. Naquele momento, eu teria arremessado minha calcinha para o outro lado do celeiro como um bolinho em um evento beneficente político.

Ele era muito *diferente* de qualquer homem que eu já tinha beijado – tudo nele girava em torno da força e masculinidade bruta. Seu peito era tão largo, seus braços tão musculosos, seu pênis tão duro, sua boca tão cheia de vontade enquanto ele beijava meu pescoço. Era tão inebriante. Eu teria deixado ele fazer tudo o que quisesse comigo, apenas para estar à mercê de tal poder.

*Jesus Cristo, de onde veio isso?*

Eu o senti se aquecer por minha causa durante todo o dia e houve aquele momento elétrico no galinheiro quando ele colocou as mãos em mim, mas isso... *isso*.

Ele deslocou meu corpo para que eu sentisse sua coxa, puxou minha cabeça para trás e correu a língua ao longo do colar de pérolas na base do pescoço. Meu clitóris pulsou. Minhas mãos agarraram suas costas.

*Meu Deus.*

*Ai, meu Deus, vou gozar. Em um celeiro. Com um fazendeiro. Que eu conheci ontem.*

*E vai ser assim. TÃO BOM.*

Sussurrei seu nome... e ele me afastou.

Como se ouvir seu nome tivesse sinalizado o final de uma cena que estávamos filmando, ele colocou as mãos em meus ombros e deu um passo para trás, separando-nos.

Ficamos olhando um para o outro em silêncio, com a respiração acelerando e desacelerando rapidamente. Os olhos dele estavam tomados por algo que eu não conseguia decifrar – eu via o desejo, mas também via a dor.

Ele abaixou as mãos.

— É melhor você ir.

— Jack, por favor, não podemos...

— Vá! — Ele rugiu, levando as mãos à cabeça. — Apenas saia daqui, Margot! Agora!

Magoada e confusa, eu me virei e corri do celeiro pelo pátio, lágrimas queimando meus olhos. Cortei caminho pela casa, esperando que Pete e Georgia não me vissem, e saí para a estrada onde eu tinha estacionado. Quando cheguei à segurança do meu carro sem ser vista, fechei a porta com força e desmoronei contra o volante.

Algumas lágrimas caíram e eu as enxuguei com as mãos imundas, zangada por estar chateada com um beijo estúpido.

— Foda-se, Jack Valentini. Para começar, eu estava certa sobre você. Você não passa de um mal-humorado.

E se ele fosse bonito por baixo daquela carranca e sujeira? E se ele tivesse um coração grande e sofrido em algum lugar dentro daquele peito forte? E se ele tivesse um pau grande e provavelmente soubesse usá-lo?

Ele era um idiota.

E ele era um *cliente*.

Mas aquele beijo... *aquele beijo*.

Por que o melhor beijo da vida tinha que ter sido justamente com ele?

— Droga! — Bati a cabeça contra o volante algumas vezes, então me recompus. Na minha bolsa, encontrei um lenço e esfreguei os olhos e o nariz, assustada com a quantidade de sujeira que saiu do meu rosto. Eu o olhei fixamente, observando como o M azul marinho bordado de meu monograma estava começando a se desfazer. Deixando o lenço sujo de lado, liguei o carro e voltei para o chalé, repreendendo-me durante todo o caminho.

Que diabos eu estava pensando? Não importava se ele estivesse pelado, como ele beijava ou por que ele me afastou. Eu trabalhava para ele e esse era um limite que não deveria ser cruzado.

*Ele provavelmente percebeu isso também. Você deveria estar contente por ele ter recobrado a razão antes que você começasse a tirar a calcinha.*

De volta ao chalé, tomei um banho longo, muito quente, jurando que esqueceria Jack e me concentraria no trabalho que precisava ser feito. Tinha uma reunião com Pete, Georgia e Brad no dia seguinte e queria ir bem-preparada. Mais do que preparada – se Jack dissesse alguma coisa sobre o meu nada profissional comportamento, eu teria que contrariar isso com a prova de que era muito boa em meu trabalho.

Quando estava finalmente limpa, vesti meu pijama, puxei do freezer uma lamentável lasanha congelada que provavelmente tinha saído de uma linha de montagem seis anos antes e abri uma garrafa de vinho. Enquanto esperava a lasanha aquecer no micro-ondas, telefonei para Jaime.

— Oi — ela disse. — Como está indo?

— Ótima. — Eu me forcei a parecer alegre. — Estou animada. Tenho muitas ideias.

— Impressionante. Conte-me.

Contei a ela algumas das ideias que tive – além das óbvias, como criar um logotipo, reformular o site e usar as mídias sociais. Descrevi o agroturismo e por que acreditava que funcionaria para eles.

— Eu tenho pesquisado e não há muitos lugares por aqui oferecendo experiências únicas... vou falar com Pete e Georgia amanhã sobre as possibilidades de abrirem um pequeno restaurante no local com um chef fazendo as refeições, aulas de culinária, casamentos e outros eventos especiais. Acho que sua fazenda poderia ser um verdadeiro destino de férias.

— Parece bom. E quanto ao rabugento? Ele vai concordar com tudo isso?

Suspirei quando tirei a lasanha do micro-ondas. Ainda estava congelada no centro, mas borbulhando nas arestas.

— Não. Provavelmente não.

— Ai, que saco. Você pode contornar isso?

— Quem sabe? Ele basicamente me disse mais cedo que não se importa com o que eu faço, desde que não se envolva. Claro, ele poderia estar bravo porque eu o vi nu.

— Como?

Enquanto eu aquecia a lasanha um pouco mais, contei a ela o que tinha acontecido pela manhã, e ela riu.

— O que está acontecendo com você, afinal? Por trinta anos, você viveu uma vida perfeita e bem-educada e agora está jogando bolinhos e escalando árvores para espiar homens pelados.

Puxando a porta do micro-ondas, peguei a lasanha, agora queimada nas bordas.

— Talvez eu esteja cansada de me comportar adequadamente o tempo todo. Estou experimentando deixar minha vontade assumir o controle.

— Eu sinceramente aplaudo esta experiência. Você sempre foi muito bem-comportada. Divirta-se. Jogue bolinhos. Espie homens pelados. Faça mais do que isso, se tiver vontade.

Enquanto mastigava um bocado de lasanha queimada e sem graça, pensei em contar a Jaime o que havia acontecido no celeiro. Eu não era o tipo que beijava e corria para contar para alguém, mas talvez se eu falasse sobre aquilo com Jaime, pudesse entender melhor.

— Na verdade, fiz um pouco mais do que isso hoje. — Desabafei e ela ficou em silêncio o tempo todo.

— Uau — disse ela assim que cheguei à parte na qual ele gritou comigo pedindo para eu sair. — Isso é confuso.

— Eu sei. — Abandonando a lasanha por um momento, tirei um saco de mini-cenouras da geladeira e comecei a comê-las. Elas me lembraram da refeição que fizemos na casa de Pete e Georgia hoje, do brunch delicioso com salada de beterraba, tudo da horta deles, exceto o queijo de cabra, mas que tinha sido feito em uma queijaria no Michigan, e lombo de porco grelhado com molho barbecue feito com pêssegos locais. Olhei as cenouras no saco, perfeitamente uniformes e sem qualquer personalidade. A perfeição podia ser bem chata.

— E ele é um cliente — Jaime me lembrou.

— Eu sei. Continuo dizendo isso a mim mesma. Só que... mas por



alguma razão me sinto atraída por ele, não que eu pudesse dizer a você qual é — disse, irritada. — Mas posso listar dez razões pelas quais não deveria ser.

Ela riu.

— Vou te dizer qual é a razão. Ele é sexy pra caralho. Aqui estão mais duas: ele tem um pau grande e você não transa desde que terminou com Tripp.

Eu resmunguei.

— Obrigada pelo lembrete. — A lembrança do pau de Jack pressionando meu osso pélvico fez minhas entranhas se contraírem.

— Desculpe, Gogo. Eu não deveria brincar com isso. Então, o que você vai fazer?

— Esquecer. O que mais há para fazer?

Ela suspirou.

— Provavelmente é o melhor. Te apoio totalmente a sair da sua zona de conforto, mas um fazendeiro viúvo que também é um cliente pode ser ir longe *demais*.

— Muito longe. — Até agora, não deveria importar tanto.

— Você está bem? Precisa que eu vá aí para a reunião de amanhã?

— Não. Estou bem. — Tentei parecer confiante. — Prometo que essa coisa não afetará meu trabalho.

— Eu sei que não vai. Você é perfeccionista. Isso nunca vai mudar. — Ela pausou. — Mas você realmente alimentou os porcos hoje?

Isso me fez sorrir.

— Tenho certeza de que sim. E vacas e cavalos e cabras. E colhi ovos de galinhas. Você sabia que os ovos saem dos traseiros delas?

— Não. E realmente não precisava saber.

Estalei a língua.

— Jaime Owens, você realmente deveria prestar mais atenção para

saber de onde vem sua comida.

— Neste caso, acho que a ignorância é uma bênção. Me liga amanhã?

— Eu ligo. Boa noite.

— Boa noite.

Passei o resto da noite me preparando para a reunião e tentando não pensar em Jack.

Mas era impossível.

Eu revivi aquele beijo mil vezes. Senti suas mãos em meus pulsos. Sua língua em meu pescoço. Sua coxa entre as minhas pernas.

Fechando os olhos, imaginei-o em sua cabana. O que ele estaria fazendo agora? Estaria pensando em mim? Será que ele ainda sente falta de sua esposa à noite? Alguma vez tinha tentado aliviar a solidão com outras mulheres? Eu senti uma pontada de inveja de qualquer mulher que esteve com ele e uma pontada de desejo tão feroz que me chocou.

Sim, suas alterações de humor me deixaram tonta, mas ele era másculo, forte e autêntico. Era um soldado. Um sobrevivente. E tinha trabalhado pelo que tinha conquistado – trabalhou muito duro e com suas próprias mãos. Ele não tinha medo de se sujar.

*Isso era bem sexy.*

Eu nunca me senti tão atraída por um homem em minha vida. Mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso.



**JACK**

Que diabos eu fiz?

*Você sabe o que fez. Permitiu-se baixar a guarda. Você perdeu o controle.*

*Você fodeu com tudo.*

Eu tinha fodido com tudo. Seriamente.

Fui um idiota completo com Margot, e ela não merecia isso. Mexi com uma mulher que estava trabalhando para mim. E traí a memória de Steph.

Me sentia culpado por tudo. Precisava conversar com alguém... alguém que me conhecesse, alguém que me entendesse.

Eu não buscava perdão – nunca teria isso – era mais uma necessidade de me lembrar de quem eu era. Então, depois que terminei no celeiro, fui para casa, tomei banho, peguei algumas flores silvestres que cresceram em frente à cabana e me dirigi para o cemitério.

Tínhamos enterrado Steph de acordo com o desejo da família. Ela e eu nunca tínhamos sequer conversado sobre o que queríamos em termos de enterro – quem pensa na morte quando se é jovem e recém-casado? E depois, eu fui tomado por tanta tristeza e pesar, que deixei seus pais e irmã tomarem as decisões sobre tudo. De onde ela seria enterrada a com que roupa ela seria enterrada.

A única coisa que pedi foi que a deixassem com suas botas.

— Ei, querida. — Eu me abaixei até a grama na frente da lápide e apoiei os braços nos joelhos. — Trouxe estas flores para você. — Deixando as flores silvestres na frente do marcador de granito cor-de-rosa, e reservei um minuto para puxar algumas ervas daninhas que haviam brotado em torno dele desde a semana passada.

*Aposto que Margot gosta de rosas de estufa, não de flores silvestres.*

Deixando as ervas daninhas de lado, fiz uma careta e afastei Margot da minha mente. Concentrei-me em imaginar Steph ali ao meu lado, em todas as coisas familiares que eu amava e sentia falta relacionadas a ela até que meu coração doeu.

— Estou passando por um momento difícil. Agosto é sempre difícil para mim.

Se eu fechasse os olhos, poderia ouvir sua voz e sempre soube o que ela diria.

*Você está dormindo bem?*

— Não muito.

*E os remédios?*

— Eu não estou tomando.

Ficaria exasperada.

*Jack. Você tem que tomar! Eles estavam ajudando! Você estava, finalmente, conseguindo dormir uma noite inteira com eles.*

— Foda-se dormir.

*Você veio aqui para discutir comigo? Nós já falamos sobre isso mil vezes.*

— É minha culpa. Tudo é culpa minha.

*Você não estava dirigindo o veículo que me atingiu.*

Eu fechei os olhos e a vi caminhando pela estrada, faróis partindo na direção dela na escuridão. Senti a culpa me tomar com a força de cinco mil quilos de metal e vidro.

*Você não estava dirigindo o veículo que me atingiu, Jack.*

Eu balancei a cabeça, com lágrimas nos olhos.

— Não importa quantas vezes você diga isso. Sou o culpado.

*Por que você pensa isso?*

Na minha mente, outro carro passou pela escuridão – em minha direção desta vez.

— Você sabe porquê. Você é a única que sabe o porquê.

*Pare com isso.*

— Assim como ele fez, farei com ele.

*Jack! Eu nunca vou acreditar nisso. Nunca. Você fez o que tinha que fazer.*

Minha garganta se contraiu. Eu tentei pigarrear, mas minha voz ainda

continuou embargada.

— O preço foi muito alto.

Ela ficou em silêncio. Claro que sim.

Ela só via o bem em mim. E, no entanto, o que fiz havia custado sua vida – eu tinha certeza disso.

Mesmo nos meus bons dias, carregava o fardo comigo.

A verdade era que eu não merecia dormir tranquilamente. Não merecia o amor e a simpatia da minha família. E certamente não merecia ceder ao meu desejo por outra mulher.

Por mais que quisesse.



Mais tarde naquela noite, eu estava sentado na minha varanda de trás assistindo ao pôr do sol com uma cerveja na mão quando Georgia apareceu dando a volta ao redor da cabana. Em suas mãos havia um prato coberto com papel alumínio.

— Oi — ela disse. — Eu trouxe o jantar para você.

— Obrigado.

Ela subiu na varanda.

— Eu bati na frente, mas você não respondeu.

— Desculpa. Eu não ouvi.

— Tudo bem?

— Bem. — Eu mantive os olhos em uma família de patos na lagoa.

Georgia ficou em silêncio por um minuto.

— Você foi ao cemitério hoje?

Como ela sabia disso, eu não tinha ideia. Mas eu não tinha motivo

para negar.

— Sim.

Ela assentiu lentamente e por um segundo eu esperei que ela me perguntasse sobre como tinha sido ou dissesse algo sobre Steph ou apenas reconhecesse sua existência – ou mesmo sua memória – de alguma forma. As pessoas raramente o faziam. Todas elas sempre queriam saber como eu estava indo, como estava me sentindo. Elas pensavam que evitando o assunto, eu não sentiria a dor?

Com certeza, Georgia chegou mais perto.

— Você já comeu ou devo colocar isso na geladeira? — Ela levantou o prato e sorriu. — É frango frito. Está delicioso.

— Eu já comi. Colocar na geladeira seria bom. — Eu não tinha comido, mas não estava com fome. Me sentia mal pelo que tinha feito, mas pior, não conseguia parar de pensar sobre aquele beijo em Margot enquanto estava sentado ali. Não me esquecia de como tinha sido bom sentir o corpo dela contra o meu, seus cabelos em minhas mãos, sua pele sob meus lábios. O quanto queria me envolver em sua perfeita doçura e em seu perfumado colar de pérolas, esquecendo tudo por um tempo. Como queria poder.

*Você não pode. Então pare com essa ideia idiota.*

Georgia suspirou, mas entrou na cabana e ouvi a porta da geladeira ser aberta e fechada. Depois, ela abriu uma garrafa.

— Importa-se se eu beber uma cerveja com você?

— Não. — Na verdade, queria estar sozinho na minha tristeza, mas não queria ser um idiota com Georgia. Ela sempre era boa para mim. Talvez ela pudesse me distrair para que eu parasse de pensar em Margot.

Ela voltou para fora e sentou na cadeira ao meu lado.

— Como foi o resto do seu dia com Margot?

*Lá se foi a ideia de me esquecer dela.*

— Bem.

— Ela te deixou louco?

*Foda-se, sim. Ela ainda está deixando.*

— Sim.

Georgia tomou um gole grande de sua cerveja, então riu.

— Eu sei que não é legal, mas não paro de pensar nela fazendo tarefas em seu pequeno chalé com as botas e as joias extravagantes.

Um sorriso ameaçou chegar.

— Barbie Fazendeira.

Georgia riu e deu um tapa na própria perna.

— Não é? Embora ela seja muito doce. E foi bacana da parte dela estar tão interessada em se oferecer para ajudar. Não acha?

— Ela não ajuda muito — murmurei ironicamente.

— Eu também não era quando cheguei aqui. Vocês costumavam rir de mim, tentando montar um cavalo. Lembra?

— Ah. Sim. — Mas lembrar de nós todos rindo juntos realmente me deixou um pouco triste. Steph estava presente também. — Nós achávamos que você era um caso perdido.

Ela estendeu a mão e cutucou meu braço.

— Mas eu aprendi.

— Você aprendeu. — Eu levantei minha cerveja, pensando em Margot montando um cavalo. — Na verdade, acho que Margot sabe montar um cavalo.

— Sério?

— Sim, ela me disse que teve um quando era menor. Ela estava muito à vontade com os nossos hoje.

Ela olhou para mim, a cabeça inclinada.

— Quem diria que vocês dois têm algo em comum. Você deveria deixá-la montá-lo enquanto ela estiver aqui.



Eu quase engasguei.

— O quê?

— Eu disse que você deveria deixá-la andar à cavalo com você enquanto ela está aqui. Talvez algum dia dessa semana.

— Ah. — Jesus, a imagem de Margot montada em mim não sairia da minha cabeça. Eu não conseguia um momento de paz. — Talvez.

— Ela vai passar lá em casa amanhã de manhã para falar sobre algumas ideias. — Uma sugestão não tão sutil.

— Hum.

Georgia suspirou e recostou-se, evidentemente desistindo por um momento. Nós bebemos em silêncio enquanto o sol se punha, afastando alguns pernilongos e ouvindo os grilos. Quando nossas garrafas se esvaziaram, ela se levantou.

— Bem, eu preciso voltar. Obrigada pela cerveja.

— Sempre que quiser. Obrigado por trazer o jantar. — Eu também me levantei. — Está escuro. Vou te acompanhar de volta.

— Não precisa.

— Sim, precisa.

Ela sabia que não adiantaria discutir. Se estava escuro, nunca deixaria uma mulher andar sozinha, em nenhum lugar que fosse.

Quando chegamos à casa, ela me deu um rápido abraço.

— Pense em vir amanhã, está bem? Às 9:00h. Vou fazer um ensopado e as rabanadas francesas de que você gosta.

Eu resmunguei.

— Com açúcar mascavo e banana? Agora você está sendo má.

Ela riu e acariciou meu rosto.

— Não, significa que sou apenas esperta. Talvez eu te veja amanhã.

— Talvez.

— Boa noite.

Eu a vi entrar em casa e fechar a porta e então me virei. Enquanto andava entre as árvores, lembrei-me de Margot caindo do salgueiro de manhã e balancei a cabeça. Agora que a conhecia um pouco melhor, fiquei espantado por ela ter conseguido subir na árvore. *Ela deve ter realmente desejado ter uma vista melhor.* Sorri brevemente, tentando imaginar o que ela tinha pensado quando me olhou. Tinha gostado do que viu? Então me perguntei o que ela podia ter pensado da maneira como eu tinha caído no chão quando o ramo quebrou.

*Ela provavelmente pensou que você era um lunático, mas o que importa? O que ela pensa sobre qualquer coisa – você, esta fazenda, aquele beijo – não significa merda nenhuma.*

Mas não conseguia parar de pensar nela. Em beijá-la. Tocá-la. Conhecê-la melhor. Ela era apenas uma garota rica mimada com a intenção de conseguir o que queria ou era mais do que isso? Estava realmente atraída por mim ou apenas brincando com o garoto da fazenda, por assim dizer? Ela me achava um idiota por agarrá-la daquele jeito? Será que ela pensava que eu era um idiota por afastá-la? O que teria acontecido se eu não tivesse feito isso?

*Não importa. Ela não importa. Em poucos dias ela deixará a cidade e voltará para Detroit, que é o seu lugar, e você nunca mais a verá.*

Senti um aperto no estômago.

Eu nunca mais a veria... a menos que fosse à reunião amanhã.

*Não. Vê-la novamente só causará problemas.*

*Talvez.* Ou talvez vendo-a novamente e permanecendo no controle de meu temperamento e meu desejo, eu poderia provar para mim mesmo – e para ela – que o dia anterior tinha sido um acaso. Eu me sentaria diante da mesa dela, olharia nos olhos dela e me forçaria a não sentir nada.

Eu ainda era um soldado, não era?

Poderia fazer isto. Eu precisava.



## MARGOT

A primeira coisa que me confundiu foi que Jack já estava lá quando cheguei na casa de Pete e Georgia na manhã seguinte. Sentado à mesa da cozinha com uma xícara de café, parecia um pouco cansado, mas robusto, bonito e muito sexy. Sua camisa envolvia os músculos de seus braços de um jeito que me deixou com a boca seca e a calcinha molhada. Só conseguia

pensar naqueles braços me abraçando no dia anterior no celeiro. Nossos olhares se encontraram – e nós, imediatamente, olhamos para outro lugar.

Frenética, dei uma olhada ao redor para todo mundo. Era óbvio que havia tensão entre nós?

— Bom dia, Margot — Georgia falou, mexendo uma panela de vidro gigante com algo que parecia bom, e senti o cheiro delicioso em cima da mesa. — Espero que esteja com fome.

— Hum, sim. Isso parece incrível! — Meu coração estava acelerado e eu desviei da mesa para deixar minha bolsa em um canto da sala, dizendo a mim mesma para manter a calma. Era uma reunião de trabalho e eu era uma profissional. Tinha que agir como tal.

Vamos lá, Margot. Você é boa nisso. Manter o foco sob pressão. Algumas respirações profundas mais tarde, voltei para a mesa.

— Por que não se senta ali, Margot? — Georgia disse, indicando a cadeira em frente a Jack.

Legal.

Sentei-me na cadeira e alisei minha saia. Mexi no meu cabelo. Toquei meu colar.

Meu colar, onde a língua dele estivera menos de vinte e quatro horas atrás. Eu arrisquei um olhar e o peguei olhando para meus dedos sobre as pérolas. Meu estômago revirou.

O quê? O frio na barriga surgia? Não conseguiria lidar com isso agora!

Então pare de olhar para ele.

Mas não conseguia evitar. E quando olhei de novo, eu o encontrei olhando de volta. Olhar firme. Mandíbula trancada. Musculatura do pescoço tensa. Quase como se estivesse com raiva de mim. Ele engoliu em seco. Arrumou a coluna e endireitou os ombros.

O que era aquilo? O que eu fiz com ele?

Inesperadamente, meus olhos se encheram de lágrimas e eu pisquei

para afastá-la furiosamente. E algo aconteceu – seus olhos suavizaram por um segundo, seus lábios entreabriram-se e voltaram a se contrair. Deus, ele era viciante! Ele queria me beijar ou me dar um soco?

*Finja que ele não está aqui.*

Não era fácil. Embora ele não tivesse dito nada, senti seus olhos zangados em mim continuamente. Estava tão ciente de sua presença que era como se estivesse sentada em seu colo. Mas permaneci com uma máscara de indiferença e alegria no rosto, elogiando a refeição, bebericando café com creme e conversando com Pete e Georgia sobre Nova York.

Sob essa máscara, no entanto, eu estava uma pilha de nervos.

— Isto está delicioso! É rabanada? — *Por favor, não deixe meu rosto ficar muito rosado.*

— Pode passar o creme, por favor? — *Ai, Deus, eu disse em voz alta, não foi?*

— Eu amo esse restaurante! Eles têm um *brunch* incrível. — *Veja esses antebraços. Cristo, eles são enormes.*

Com o café da manhã terminado e a mesa limpa, concentrei-me em tirar minhas anotações da bolsa, preparando-me para falar. *Não olhe para ele. Quem se importa se ele está te encarando, como se ele não conseguisse decidir se deve arrancar suas roupas ou rasgar você em pedaços? Ele não se importa com isso de qualquer maneira. Concentre-se nas questões e estratégias. Você consegue.* Quando todo mundo voltou a se sentar, comecei.

Eu havia criado uma estratégia em três vertentes para a construção de consciência de marca, bem como para aumentar as receitas. A primeira envolvia o básico: eles precisavam de um logotipo, de um novo site, precisavam de contas nas mídias sociais e alguém para gerenciá-las.

— Eu listei informações de contato de alguns designers gráficos que conheço, mas aconselho que vocês procurem alguém da região também — disse.

Brad citou alguns nomes de fora, Pete fez algumas perguntas e tomou notas e Georgia sorriu para mim, enquanto Cooper saltava em seu colo. Jack,

no entanto, sentou-se com os braços cruzados e continuou a olhar para mim com cara de mau.

*Ignore-o. Continue.*

O segundo plano de ação envolvia a criação de conteúdo – eles tinham que estar preparados para focar energia de trabalho em engajar os clientes em potencial e levar as pessoas a falarem.

— E não me refiro a anúncios dizendo que vocês são ótimos. Quero dizer fotos e histórias sobre o que estão fazendo aqui: a bagunça e os sucessos. Mostrar aqueles legumes engraçados! Falar sobre como vocês falharam na apicultura ou qualquer outra coisa! Admitir que a primeira tentativa de massa crocante da torta caseira foi um desastre! As pessoas se identificam com isso. Fazê-las *sentir* alguma coisa, fazê-las rir, fazê-las perguntar. Não tem a ver com vocês: tem a ver com elas.

Jack bufou.

— Eu gosto disso — disse Georgia, lançando a Jack um olhar sobre a cabeça de Cooper. — E também gosto de escrever.

— Perfeito — sorri para ela aliviada e grata. — Deixe-os conhecerem todos vocês. Sejam reais, sejam divertidos, sejam visíveis. Eles associarão sua marca a vocês, como pessoas, farão essa conexão humana.

— Todos temos que ser visíveis? — Brad franziu a testa.

Dei de ombros.

— Não, se você não quiser ser. Mas acho que o conceito de família-proprietária que opera a própria fazenda é mais forte, se toda a família está envolvida. Além disso, o nome é Fazenda Irmãos Valentini. — Eu não deixei de notar o jeito com que eles olharam para Jack, mas mantive meus olhos longe dele.

— Eu gosto de fotografia — disse Brad. — Minha filha Olivia também. Talvez possamos fazer fotos para o site?

Estalei meus dedos.

— Vamos lá. Isso é perfeito. Talvez sua filha pudesse até mesmo ter

seu próprio cantinho no site, um blog onde ela falaria com as crianças. Onde ensinaria a elas sobre comer produtos regionais e orgânicos.

— E receitas fáceis de fazer — Georgia acrescentou. — Ela gosta de cozinhar também. Isso é ótimo, Margot.

Jack quase quebrou os dedos ao estalá-los com força.

— Continuando — disse, desta vez olhando para ele com intensidade. — Vamos falar sobre agroturismo. Muitas pequenas fazendas estão usando essa alternativa para complementar sua renda. — Expliquei o conceito e todos, menos Jack, ficaram animados.

— Não podemos fazer casamentos aqui. Não temos o espaço. — Apesar de ter dito algo do contra, foi quase um alívio ele ter dito algo e não ter ficado sentado quieto.

— Nós fizemos o *seu* casamento aqui — Pete lembrou.

— Foi só uma vez.

— Ele tem razão em ficar preocupado com espaço — disse Georgia. — Para o casamento dele, alugamos uma tenda. O cliente teria que fazer isso toda vez?

Jack resmungou.

— E então teremos pessoas pisando em todos os lugares para montar uma tenda todo fim de semana? Caminhões de entregas? Banheiro químico? Não.

Eu tentei ajudar. Deus sabe que não gostava de banheiros químicos também.

— Que tal uma estrutura semipermanente ou um espaço dedicado para essa finalidade? E se vocês investissem em uma enorme tenda que ficasse montada durante todo o verão?

— Nós poderíamos fazer isso — Pete se entusiasmou, ganhando um olhar de desprezo de Jack. — E nós não precisaríamos de caminhões de buffet. — Ele sentou-se mais ereto na cadeira. — *Gostaríamos* de poder atendê-los nesse sentido, mas seria preciso obter uma licença.

Georgia assentiu, concordando.

— Inspeção de cozinha. E provavelmente, uma cozinha caseira seria recusada.

Pensei por um momento.

— Quando vocês imaginam o restaurante da fazenda, onde ele fica? Em algum lugar nas instalações?

Pete e Georgia trocaram olhares.

— Nós tivemos essa ideia em algum momento — Pete começou cautelosamente —, sobre comprar a velha casa do outro lado da rua. Ela está livre há anos. A propriedade tem espaço suficiente para uma tenda ou até mesmo um celeiro para eventos.

— A casa de Oliver? — Jack parecia chocado. — O telhado vai ceder nas nossas cabeças! Aquele lugar está caindo aos pedaços.

— Porém casas antigas têm bons ossos — Brad pontuou. — Aquela casa é sólida. Não sabia que vocês estavam interessados nela. Meu escritório tem a listagem.

— É realmente apenas uma ideia, que vamos adiar neste momento — disse Georgia. — Não podemos pagar nada agora, de qualquer maneira.

— Mas eu posso ver como funcionaria. — Eu disse, minha mente se enchendo com imagens de mesas de jantar privativas nas salas de tetos altos. — Vocês teriam que instalar uma cozinha nova, tenho certeza disso, e...

— Isso é ridículo. Você sabe quanto custa uma cozinha industrial nova? Acrescente ao preço da casa! — Jack quase gritou. — E não há nenhuma garantia de que as pessoas vão querer se casar aqui.

— Você quis — respondi.

O olhar que ele me deu... foi cortante.

— Isso porque esse lugar é meu. *Significa* algo para mim. Outras pessoas querem salões chiques com mármore e vidro, não uma tenda ao lado de um celeiro.



— Acalme-se. Vale a pena considerar, Jack — disse Pete. — Isso é tudo o que estamos fazendo. Considerando ideias.

— Eu sei o que estão fazendo. Vocês estão tentando mudar as coisas por aqui, fazer essa fazenda ser algo que ela nunca esteve destinada a ser e vocês não se importam com o que eu diga sobre isso. — Ele ficou parado, sua cadeira raspando a madeira. — Então vão em frente, façam o site e tirem suas fotos ou qualquer outra porcaria que ela ache que vai fazer a diferença, mesmo que ela não saiba porra nenhuma sobre esta fazenda e essa família. Ela está aqui há, o quê? Dois dias? Você não pode aparecer em um lugar e começar a brincar com a vida das pessoas desse jeito. — Ele olhou para mim do outro lado da mesa e de repente eu soube do que se tratava.

— Ei! — Pete se levantou também. — Peça desculpas a ela, agora. Ela é uma convidada nesta casa e você não tem o direito de tratá-la desse jeito.

A cara de Jack ficou ainda mais sombria e ele cerrou os punhos. Sua expressão era uma mistura de raiva e vergonha, mas a postura dele era de *foda-se! Eu não vou pedir desculpas*. De jeito nenhum ele me pediria desculpas. Em vez disso, ele se virou e caminhou para fora, batendo a porta dos fundos.

Perdi a calma – e eu não precisava de uma bandeja de bolinhos para jogar nele, eu tinha muitas palavras para usar.

— Com licença — disse a todos na mesa. Então corri atrás dele. — Ei! — Gritei, afundando os calcanhares na grama enquanto o perseguia através do gramado. — Eu quero falar com você! — Ele nem parou, nem se virou. Eu forcei uma corrida. — Mande parar! — Quando o alcancei, no caminho pelo mato, puxei o braço dele.

Ele se virou para mim com raiva, apertando minha mão.

— Não quero falar com você, Margot. Fique longe de mim.

— Que diabos é o seu problema? — Exigi.

Seus olhos estavam escuros e sofridos.

— Meu problema é você, OK? Vem aqui com suas ideias

extravagantes, roupas caras, cabelo brilhante, grandes olhos azuis e todo mundo te ama e isso está acabando comigo. Tudo em você está acabando comigo! Me deixe em paz. — Ele virou-se e saiu andando novamente.

— Volte aqui! — Eu gritei. — Não terminamos!

Ele nem sequer olhou para trás, só manteve a marcha pela mata em direção à cabana dele.

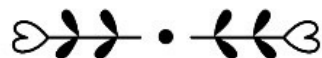
Droga. *Droga!* Eu sufocava um grito que ameaçava sair da minha garganta e levei as mãos aos cabelos, puxando-os. Ele era tão frustrante! Tão teimoso! Tão irracional! Por que não era capaz ver que sua família não estava tentando arruinar seu sonho, eles estavam tentando torná-lo melhor? E eu não estava tentando foder com ele, estava fazendo meu trabalho. A ideia não tinha sido minha – fui contratada por eles!

E o que diabos foi aquilo sobre meus olhos e meu cabelo? O que ele quer que eu faça, ponha um saco na minha cabeça? Eu não podia fazer nada se ele se sentia atraído por mim! Ou ele achava que eu gostava de me sentir atraída por ele também? Porque eu não estava gostando! Juro por Deus que queria nunca ter posto meus olhos nele! Com raiva, vi Jack desaparecer em um atalho na mata.

*Acalme-se, Margot. Recomponha-se.*

Após algumas respirações profundas, caminhei lentamente voltando para a casa, tentando pensar em uma maneira de explicar o que eu tinha acabado de fazer. Jesus, fui um desastre nos últimos dias.

O que estava acontecendo comigo?



No fim das contas, os membros da família deixados na mesa estavam duas vezes mais mortificados do que eu e afirmaram que sentiam muito, pediram desculpas pelo comportamento de Jack, assegurando-me que adoraram minhas ideias e me imploraram para não levar suas palavras a sério.

Eu me desculpei por sair rispidamente, insisti que estava bem e pedi a

eles que entrassem em contato comigo em poucos dias, quando tivessem a chance de rever tudo o que tinha sido proposto.

— Tenho alguns dias livres, então vou ficar quieta em uma cadeira de praia — disse, esperando que meu sorriso parecesse genuíno.

Georgia me levou até à porta e insistiu em me dar o que havia sobrado do brunch.

— Por favor, leve isso — disse ela, segurando o recipiente de plástico. — Eu vou me sentir melhor.

— Você não tem motivo para se sentir mal, Georgia.

— Sim, tenho, sim. — Ela deu de ombros, impotente. — Fui ver Jack ontem à noite e implorei para que ele viesse hoje. Eu pensei que ele ouviria com a mente aberta.

— Sêrio? — *Eu poderia ter dito a você que ele não faria isso.*

— Sim. Ele não é tão ruim, é só que... — ela suspirou, fechando os olhos brevemente. — Não sei o que está acontecendo. Algo vem acontecendo, mas ele não fala sobre isso.

— Ele é um osso duro de roer, eu concordo. — E não ia perder meu tempo tentando. Ele pode parecer um homem do lado de fora, mas tinha o temperamento de um moleque teimoso. — Obrigada pelas sobras. O brunch estava delicioso.

Eu voltei para a casa de campo com a intenção de vestir meu maiô, pegar protetor solar, uma toalha e meu livro e passar horas sentada na areia. Eu merecia, não? Iria ler, nadar, relaxar — só não perderia mais nem um segundo pensando em Jack Valentini.

Pelo menos, *tentando* não pensar nele.

Vesti o maiô, passei protetor solar e sentei na toalha com o meu livro, mas tudo que fiz foi encarar a mesma página, amaldiçoando o nome dele e deixando minha raiva ferver.

Que idiota! Como ele ousa me tratar assim? Como ele ousa fazer aquelas observações de merda depois que tentei tanto agradá-lo ontem! E

depois daquele beijo – que *ele* tinha começado! Eu tinha conseguido controlar minhas mãos. O problema era com ele, não comigo. Jogando meu livro de lado, cruzei os braços e me escondi debaixo da aba do meu chapéu de sol.

*Esse é o problema dele. Está com raiva de si mesmo e está descontando em mim. E não tem a ver apenas com casamentos na fazenda. Tem a ver com o fato de ele ser incapaz de lidar com o fato sentir atração por mim – alguém que ele vê como uma garota mimada da cidade, podre de rica e que sempre consegue o que quer. Mesmo que ele odiasse todas as minhas ideias, não teria o direito de ser rude comigo.*

Nem mesmo nadar no frio Lago Huron diminuiu a minha raiva. Aquele idiota me devia um pedido de desculpas – e ele precisava ouvir o que eu tinha a dizer! Talvez a velha Margot teria ficado bem, teria descartado isso, sentido pena dele, mas ela tinha sido substituída por uma nova Margot. E a nova Margot não se continha com essas coisas! Ela fala o que pensa. Ela joga bolinhos. Ela aprendeu a se defender.

Então depois de passar o dia inteiro morrendo de vontade de dizer a Jack Valentini o que pensava sobre ele – e boa parte da noite bebendo vinho e comendo restos de rabanadas e ensopado –, tomei um banho para tirar toda a areia e protetor solar, vesti uma roupa qualquer e andei, em meio à escuridão, até a casa dele para fazer isso.



## JACK

Eu estava deitado no sofá, afogando-me na tristeza, quando ouvi alguém se aproximando da cabana. Imediatamente fiquei em alerta, sentei-me e prestei atenção. Minhas janelas estavam abertas e ouvi uma voz. Uma voz feminina.

Estava baixinha no começo, como se ela estivesse resmungando algo para si mesma, mas o volume aumentou um pouco quando ela chegou mais perto.

— ...então você pode ir para o inferno, idiota. Nunca estive tão brava com ninguém em toda a minha vida. Como ousa dizer essas coisas para mim depois do que fez ontem? Você deveria se envergonhar.

*Margot.*

Ela veio aqui para me repreender?

Se fosse o caso, eu merecia. De manhã, eu tinha saído da linha, mas ela tinha me deixado tão excitado e irritado – e tentei muito fazer o que disse para mim mesmo: olhá-la nos olhos e não sentir nada, mas não conseguia. Tudo nela mexia comigo – os longos cabelos loiros, os olhos azuis, a pele clara, o colar de pérolas, as mãos graciosas. Eu não podia ver suas pernas por baixo da mesa, mas elas me deixariam louco, de qualquer maneira. E havia outras coisas, não somente físicas – a melodia de sua voz, a emoção em seu sorriso, a confiança que tinha em si mesma e em suas ideias, o entusiasmo genuíno com a nossa fazenda. Depois de alguns olhares nervosos no início, ela sequer parecia perturbada pela minha presença. E eu tinha sido um idiota.

Então eu descontei nela, em todos eles. Tentei fazê-los se sentirem culpados por distorcerem o meu sonho, quando eu sabia que eles estavam apenas tentando ajudar. Mas que droga! Não queria que as coisas *mudassem* por aqui. Não queria que a fazenda fosse algo novo e diferente. Não queria ser alguém novo e diferente. E Margot, que nunca recebeu um não na vida, não entendia como era se sentir perdendo o controle de coisas importantes.

Nenhum deles entendia! Não tinha ver apenas com casamentos na fazenda. Acontece que tudo na minha vida estava dando reviravoltas de repente. Tinha a ver com ser incapaz de segurar o que era importante.

Suspirei, fechei meus olhos, enquanto ela se aproximava.

Mas eu não deveria tê-la tratado daquela forma. Não era culpa dela que eu estivesse tão atraído por ela. Ela não tinha ideia que era parte do que estava me fazendo sentir tão instável. Eu lhe devia desculpas, mas depois disso, precisava ficar longe dela.

Abri a porta antes que ela batesse e ela ficou surpresa. Também fiquei surpreso – ela parecia tão diferente. O cabelo dela estava molhado e embora ela usasse um vestido de verão florido, não estava usando maquiagem nem joias. Meu coração bateu contra as costelas. *Ela é tão linda.*

Linda e furiosa.

Passou por mim calada, estreitando os olhos.

— Eu tenho algo para te dizer.

— Então diga. — Aproximei-me dela no alpendre, fechando a porta, assim a gata não tentaria sair. Eu achei que devia a Margot deixá-la despejar tudo em cima de mim. O que ela poderia dizer que eu mesmo já não tivesse dito?

Primeiro, ela colocou as mãos no quadril e então botou um dedo no meu peito.

— Você não é legal.

Eu quase sorri.

— Não?

— Não sei o que você tem contra mim, mas não estou aqui para te fazer infeliz, estou aqui para fazer um trabalho. E peço desculpas por ontem, mas você não precisava ser tão imbecil comigo hoje.

— Não, não precisava. E eu sinto muito.

— E você... — Ela piscou para mim. — O quê?

— Desculpe. Você está certa. Hoje eu fui um imbecil. Você não merecia.

Ela olhou para o lado e depois de novo para mim.

— É isso? Você não vai discutir comigo?

— Veio aqui procurando briga?

Ela suspirou.

— Sim, não, talvez.

— Bem, não há nada para discutir. Eu fui um idiota. — Enfiei as mãos nos bolsos e dei um pequeno passo para trás. Margot, doce e reluzente em plena luz do dia era bastante tentador, mas a Margot nervosa e procurando problemas no escuro era muito perigoso.

— Por que fez isso? — perguntou ela.

— É difícil de explicar.

— Foi para me punir por espiá-lo?

— Não.

Ela mordeu o lábio por um segundo.

— O que você quis dizer sobre meu cabelo brilhante e olhos azuis? Está me dizendo que *eu* sou um problema para você?

— Você não é meu problema. Isso saiu errado. — *Meu problema é o que sinto quando estou tão perto de você...*

Ela não pareceu se convencer.

— O que aconteceu ontem? No celeiro. Vamos falar sobre isso?

Dei de ombros.

— Foi um erro.

Revirei os olhos.

— Não vem com essa.

— Então por que perguntou?

Ela franziu a testa.

— Eu não sei. Porque você me confunde. Nunca sei se estou no caminho certo com você. Num minuto estamos nos beijando, no outro você está gritando para eu sair. Hoje cedo você foi um idiota, e hoje à noite você se desculpou. — Ela levou a mão à testa. — Não consigo acompanhar.

— Não precisa. Não está indo embora logo? — *Por favor, diga sim. Não posso continuar como estou, desejando você desta forma.*

— Em cerca de dez dias. — Porra. Não tinha certeza se conseguiria.



De repente ela cobriu o rosto com as mãos. — Deus, o que estou *fazendo* aqui? Eu devo estar louca. Você é um *cliente*. — Ela saiu do alpendre e começou a caminhar depressa para longe da cabana.

— Margot, espere! — Fiquei aliviado por ela ir embora, mas não podia deixá-la ir sozinha. — Vou levá-la até seu carro.

— Eu não vim dirigindo — ela respondeu, caminhando para as árvores.

Senti um aperto no peito e o coração acelerou, seguindo-a escuridão adentro.

— Margot, pare! Vou te levar. Você não deveria andar sozinha à noite.

— Estou bem.

— Ei. — Alcançando-a, agarrei seu cotovelo e a puxei. — Não vou deixar você andar perto de estrada, no escuro, me entendeu?

Apenas uma pequena luz do luar se derramou entre os topos das árvores e pude ver que os olhos dela brilhavam com lágrimas de raiva.

— Me solta.

— Não. — Eu comecei a tentar arrastá-la de volta para a cabana, onde poderia pegar minhas chaves, mas ela relutou.

— Me deixe ir — ela disse com os dentes cerrados.

— Não! — Eu rugi, segurando-a pelos braços e forçando-a entrar. — Eu não posso.

E sem sequer pensar no que estava fazendo, eu coleí minha boca na dela.

Ela se remexeu por um segundo e pensei que ela ainda estava tentando escapar, mas quando eu a soltei, ela envolveu meu pescoço com os braços.

Desci as mãos até a barra do vestido e agarrei a parte de trás de suas coxas, levantando-a do chão. Ela envolveu meu corpo com as pernas,

segurando e passando os dedos pelo meu cabelo, as unhas raspando meu couro cabeludo. Calafrios percorreram meus braços e costas. Foi tão bom ser tocado dessa forma novamente, queria muito isso – tinha me esquecido como é bom e o calor acendeu um fogo dentro de mim que tinha sido há muito tempo apagado. Sua língua acariciou a minha, ela beijou meu queixo, testa, pescoço e meu corpo todo tremeu de vontade de estar dentro dela, ser cercado pelo calor do seu desejo. Foi o suficiente para desligar meu cérebro. Eu só sabia sentir.

Desviando-me do caminho, eu a encostei em um tronco de árvore grosso, e a mantive ali, pressionando a protuberância dentro do meu jeans entre as pernas dela, balançando o quadril para me esfregar contra ela. Ela usou as pernas para me segurar. Minutos voaram enquanto nossa respiração se acelerava, nossos corpos mais exigentes.

— Sim — ela sussurrou. — Eu quero. Eu quero. — Dez segundos depois, tempo que levamos para tirar as roupas, eu estava deslizando meu pau dentro dela, segurando-a pela bunda, e ela apoiava as mãos nos meus ombros. Sua boca estava aberta, acima da minha. — Ai, meu Deus — ela choramingou quando a puxei contra o meu pau. — Eu quero, mas não sei se posso aguentar.

— Você vai aguentar — eu disse a ela.

Seus olhos se fecharam quando enterrei cada centímetro até o final dentro de sua boceta apertada, molhada, e ela jogou a cabeça para o lado.

— Você é tão grande que dói.

— Quer que eu pare? — *Não diga sim, não diga sim, não diga sim.*

Os olhos dela se abriram e ela olhou para baixo.

— Foda-se. Eu quero isso. Nem sei por que quero tanto, mas eu quero.

Foi o suficiente para mim. Porque eu *precisava disso* – precisava tanto estar perto de alguém, precisava ouvi-la suspirando e gemendo, precisava sentir seu calor e maciez, necessários para liberar toda a tensão dentro de mim. Eu precisava tão desesperadamente que não conseguia enxergar direito.

Empurrei-a contra a árvore bombeando novamente, e a penetrei, duro, rápido e profundo. Ela gritou com vontade, mais alto a cada estocada, tanto que eu coloquei a mão sobre sua boca, para que ninguém que nos ouvisse pensasse que alguém estava sendo atacado por um animal.

Senti-me animalesco no meu desejo – quase sanguinário. Ela engasgou tentando respirar contra a minha mão, os olhos arregalados e selvagens. Mas senti sua língua acariciar meus dedos e quando eu escorreguei meu polegar dentro de sua boca, ela sugou, lambeu, mordeu. Cada músculo do meu corpo estava tenso e formigando e eu sabia que não poderia aguentar muito mais. Coloquei as duas mãos por baixo dela novamente e concentrado com toda minha alma para ser menos egoísta, segurando-a apertado junto ao meu corpo e flexionando os quadris para dar-lhe o melhor ângulo, esfreguei a base do meu pau contra seu clitóris. Eu sentia falta disso também – fazer uma mulher gozar, sentir aquela onda de poder e prazer.

— Sim! Assim — ela choramingou, os olhos fechados. — Não pare, não pare... — Ela abaixou a cabeça no meu ombro e afundou os dentes na minha carne, uma mão agarrando meu cabelo, outra agarrando meu bíceps. As pernas dela estavam tensas, todo seu corpo tremia, puxei-a ainda mais perto, usando as mãos para movê-la em pequenos círculos no meu pau. Sua boceta pulsou ritmicamente ao redor dele e eu perdi o controle.

Eu bufei e rosnei com os dentes cerrados, meu orgasmo me rasgando com força brutal. Eu a fodi bárbara, apaixonadamente. Eu a odiava, eu a amava, como um homem completamente guiado por instinto, sem razão ou emoção. E quando gozei, explodindo dentro dela com êxtase violento, seu rosto enterrado em meu pescoço, tudo ficou silencioso e escuro.

Cambaleando para trás, esgotado e tonto, caí de joelhos, levando Margot comigo. Ela gritou e se agarrou ao meu pescoço como uma criança, ajudando-me a cair de bunda na terra.

E eu ri.



## MARGOT

Acabei montada nele, meus joelhos no chão, meus braços em volta do seu pescoço.

Ele estava rindo.

*Rindo.*

Não consegui não sorrir. Então era necessário isso? Um orgasmo?

E por falar em orgasmos, todo o meu corpo ainda estava formigando por conta do orgasmo que ele tinha me proporcionado. Eu nunca senti nada igual – tão profundo e intenso, que eu não consegui me mexer quando aconteceu. E tinha sido tão rápido! Eu geralmente tinha que me concentrar muito durante o sexo e havia certas condições a serem cumpridas para eu relaxar o suficiente para que isso acontecesse. Escuridão total, lençóis macios, completa privacidade. Além disso, eu não gostava de ficar por cima, porque isso me forçava a olhar para a cara de prazer dos homens, o que nunca me agradava. Eu também me sentia como se estivesse sendo observada durante um treino vigoroso na esteira.

Mas com Jack, veio rápido e forte como um relâmpago. A realidade do que tinha acontecido me tomou e me dei conta de tudo. Eu tinha transado enquanto era pressionada contra uma árvore. Por um fazendeiro. Sem preservativo.

*Ai, meu Deus.*

Eu estava sem as sandálias. Ele tinha mesmo me comido... até arrancar meus sapatos. E provavelmente havia pedaços de casca de árvore em minha blusa Lilly Pulitzer.

*Mas caramba. Foi incrível. Bruto. Uma bagunça. Frenético.*

Totalmente não-Margot e, no entanto, amei cada segundo.

Sentei-me, apoiando as mãos em seu peito e observando-o. Ele parecia muito diferente. Estava escuro, mas eu consegui ver que tinha relaxado os músculos faciais – nenhum sulco em sua testa, sem tensão nos maxilares. Sua boca carnuda parecia ainda mais sensual, esboçando um sorriso irônico.

— Era essa a briga que estava procurando? — perguntou ele.

Eu sorri.

— Não exatamente.

— Estava muito brava.

— Ainda estou brava. — Ele riu outra vez, e senti um arrepio. Eu amei o som da sua risada: quente, profunda e gratificante. — Mas com vergonha também — admiti.

— Por que você está envergonhada? Eu comecei. — Um pouco da tensão retornou ao seu rosto. — Você está bem?

— Estou bem.

— Não usamos nada...

Eu contrái os lábios.

— Não, não usamos. Mas está tudo bem. — Eu tomava pílula, embora nunca tivesse feito sexo sem camisinha antes.

*Não pense nisso.*

Nem com um cliente.

*Não pense nisso também.*

— OK — ele respirou, o peito se enchendo sob minhas mãos. As mãos dele ainda estavam na minha cintura. — Meu Deus, Margot, desculpe. Não sei o que aconteceu comigo.

— Não se desculpe. — Comecei a me levantar, sentindo que as coisas estavam prestes a ficar estranhas. — Realmente. É só que... aconteceu.

Ele me ajudou a ficar de pé e localizou minhas sandálias enquanto eu puxava minha calcinha de volta ao lugar – ela ainda estava enrolada em torno do meu tornozelo. Ele puxou sua calça jeans para cima.

— Acho que eu só... — Ele correu uma mão pelos cabelos escuros. — Perdi o controle. Fazia tanto tempo.

— Quanto tempo? — Eu perguntei sem pensar. — Eu sinto muito, não precisa me dizer isso.

— Desde Steph.

Fiquei boquiaberta.

— Tanto tempo? *Três anos*? Uau, pensei que eu estava sem sexo há

mais tempo. Mas só estou há pouco mais de um ano. — Nem se comparava com o sexo que havíamos acabado de fazer. Eu não tinha nem sentido falta, para ser honesta.

— Isso é muito tempo também.

Dei de ombros.

— Acho que isso explica tudo. Só precisávamos tirar algum proveito dos nossos corpos.

Ele assentiu com a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos.

— Sim.

Ficamos lá por um momento, enquanto os grilos emitiam ruídos ao nosso redor. Meu coração batia um pouco rápido demais, enquanto eu olhava para ele no escuro, sabendo que eu era a primeira mulher que ficava com ele desde sua esposa. Era uma brincadeira comigo... quem me dera ter sabido. Poderia ter tentado fazer meu melhor ou algo assim, talvez não tivesse gritado tão alto. Nem o mordido.

Sei lá... *a primeira mulher desde sua esposa.*

Isso significava algo para mim.

Mas não sabia o que fazer com a sensação.

— Então... — disse depressa, como se nós estivéssemos encerrando uma reunião de negócios. — Eu acho que a melhor coisa é fingir que isso nunca aconteceu.

Ele balançou a cabeça novamente.

— Também acho.

— Nós só vamos concordar que foi um momento de insanidade, alimentado pela frustração reprimida — sugeri, com a necessidade de arquivar aquilo em alguma parte do meu cérebro e não em meu coração.

— Exatamente.

Abri um sorriso, mas não me sentia totalmente feliz.

— E agora que já passou o momento de insanidade, é melhor eu ir embora.

— Por favor, deixe-me levá-la. — Sua voz estava calma e séria. — Não vou dormir esta noite se não te levar, não que eu durma muito bem normalmente.

— Você não dorme bem?

— Não.

Era algo pequeno, mas bem pessoal, e fiquei grata pela confissão.

Ainda assim, eu hesitei, lancei um olhar de relance em direção à casa de Pete e Georgia.

— Não tem perigo de alguém nos ver e saber o que estamos fazendo?

— Não. Já é tarde. Pete vai para a cama cedo e Georgia está trabalhando hoje.

Balancei a cabeça.

— OK, então.

— Eu só tenho que pegar as chaves. Vem comigo?

— Tem certeza? — Caminhamos em direção à cabana em silêncio, as mãos de Jack ainda estavam nos bolsos e meus braços cruzados. Pensei em pedir para usar o banheiro para me limpar um pouco, mas alguma coisa não parecia bem. Em vez disso, esperei por ele na varanda, e em seguida seguimos de volta em direção às árvores de Pete e Georgia.

Na garagem, Jack abriu a porta do passageiro da sua caminhonete para mim e eu subi. Ele entrou pelo lado do motorista, enquanto eu puxava a barra do meu vestido para baixo, o máximo que consegui. Pensei em perguntar a Jack se ele tinha um lenço, mas ele não parecia o tipo de pessoa que andava com lenços.

— O que você está fazendo? — Ele me lançou um olhar engraçado.

— Tentando não deixar o assento pegajoso — eu disse, sentindo o rosto esquentar. Muita coisa era embaraçosa no sexo.



Ele riu e começou a dirigir.

— Não se preocupe com isso. Sério. Onde você está hospedada?

Eu lhe dei instruções e ficamos em silêncio novamente durante o trajeto de dois minutos. Graças a Deus, pensei. Porque quanto mais ele falava comigo com aquela voz doce e séria, ou sorria e ria de mim, ou me mostrava que era um cavalheiro dentro daquela fachada séria, mais eu gostava dele.

E não queria gostar dele.

Quando ele parou ao lado da casa, eu abri a porta.

— Obrigada pela carona.

— Margot, espere. — Ele pôs uma mão em minha perna. — Não vá ainda.

*É melhor se não me tocar, Jack.*

— Sim?

— Não é pessoal, minhas objeções às suas ideias para a fazenda. Posso dizer que você é boa no que faz.

— Obrigada.

Ele tirou a mão da minha perna e esfregou a mandíbula.

— Eu só não quero que as coisas mudem.

— Mesmo que as mudanças façam sentido? Mesmo que tragam mais dinheiro um dia? Mesmo que façam as pessoas felizes? — Ele não respondeu, mas eu vi a teimosia retornar ao seu rosto. Suspirando, eu abri a porta e saí. — Boa noite, Jack. Obrigada pela carona. — Fechei a porta e caminhei até o chalé, e ele esperou até me ver entrar, e então partiu.

Outra demonstração de cortesia.

Droga.



Mais tarde, deitei na cama, ouvindo as ondas através das janelas e lutando para processar a noite cheia de surpresas. O jeito como Jack se desculpou. O modo como ele concordou que tinha sido cruel e injusto. A inesperada – e veemente – insistência para me levar para casa. O choque do primeiro beijo, quando ele me agarrou pelos braços, sua frustração dando lugar à paixão de uma só vez.

*Você vai aguentar.*

Senti o estômago revirar enquanto eu me lembrava da maneira com que ele tinha mergulhado dentro de mim, tão profundamente a ponto de doer. Nunca em minha vida eu tinha sentido prazer com uma penetração brusca. Como pode a dor acompanhar um prazer como aquele? Como duas sensações opostas se fundiram dentro do meu corpo tão perfeitamente a ponto de eu não saber dizer onde a dor terminava e onde o prazer começava?

Qual era qual?

E eu gritei, ofegante, suspirando e me agarrando a ele como um animal. Ele tirou algo de mim, uma parte de mim mesma que eu nem sabia que estava lá, uma parte que existia apenas para *desejar* tão ferozmente. Eu não pensei em mais nada – no nosso ambiente rústico, nosso não relacionamento, nem mesmo na nossa privacidade. Eu não me preocupei com meus gritos, não senti vergonha do meu desejo nem parei para me preocupar com o fato de que moças bem-criadas não deveriam parecer gostar tanto de sexo – aposto que eu fui a primeira mulher da família Thurber a foder com um fazendeiro no meio do mato.

Eu adorei cada minuto. Até mesmo a cara dele na hora do orgasmo.

O sexo com Jack seria sempre assim? Fiquei me perguntando se o desespero louco daquilo se devia ao fato de estarmos sem sexo há muito tempo ou se ele era sempre tão áspero e agressivo.

*Você nunca saberá. Entendeu?*

E do nada, a velha Margot surgiu sem ser chamada.

*Vocês dois concordaram que era um lance momentâneo.*

*Deixa isso para lá.*

Eu fiz uma careta, esperando que a nova Margot falasse e defendesse meu direito a outro orgasmo, mas aquela cadela fria não disse nada.

*Viu? Até ela concorda. Não há lugar nenhum no universo no qual você e Jack Valentini fazem sentido juntos. Bem, ele não é o idiota que você pensou que era, mas as razões pelas quais você precisa esquecê-lo ainda existem, sem falar que ele não escondeu que ficará feliz em se livrar de você quando você for embora. Termine seu trabalho aqui e volte para o seu lugar.*

Suspirando, eu virei de barriga para baixo e fechei meus olhos. A velha Margot estava certa. Em dez dias, eu estaria de volta ao meu mundo e aquela seria apenas a história-mais-louca-que-eu-já-vivi, olharia para trás e daria risada.

Ou choraria. Eu só tinha duas opções.



## JACK

Fiquei na cama naquela noite, esperando a culpa chegar. Que minha consciência me pegasse. Colocaria meus fantasmas para me assombrar, por arrependimento, por lágrimas, com um gosto amargo na boca. Todas as coisas familiares que normalmente acompanhavam uma noite sem dormir.

Mas não aconteceu. Até Bridget Jones estava ao meu lado, contente e ronronando. Ela não sabia a pessoa horrível que eu era?

*Qual é?*, pensei com raiva. Alguém precisa gritar comigo por isso. Fazer com que eu me sinta mal. Exigir saber como eu pude fazer tal coisa. Faça-me responder por isso, Deus. Eu não deveria sair ileso.

Mas Deus estava em silêncio naquela noite.

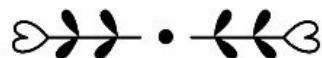
Na verdade, a voz na minha cabeça era de Margot. *Nem sei por que quero tanto, mas eu quero.*

Era um mistério para mim também, essa química explosiva entre uma linda sofisticada menina da cidade e um cara áspero, no estilo fazendeiro. De onde surgiu isso? E por que ela tinha tanto controle sobre mim? Isso me deixava louco de um jeito que eu não conseguia parar de pensar. Só podia rezar para que esse desejo fosse tirado da minha pele.

De qualquer forma, eu provavelmente havia escapado dela. Ela tinha sido muito rápida ao decidir que deveríamos apenas fingir que nada aconteceu. Não que eu discordasse – não precisava que ninguém na minha família soubesse disso e eu, certamente, não queria manter nenhum tipo de relacionamento com ela. Não era livre para fazer isso.

Meu coração sempre, sempre pertenceria a outra pessoa. Eu tinha feito uma promessa a Steph e pretendia cumpri-la. Não só isso, queria ser o tipo de homem do qual ela ficaria orgulhosa. Queria honrar sua memória. Queria honrá-la.

Pensar em como fazer isso me manteve acordado até bem tarde.



De manhã, depois de cuidar dos animais, fui até Pete e Georgia para tomar café. Eu poderia tomar na cabana, mas eu devia a ambos um pedido de desculpas e queria tirar algumas coisas do meu peito.

Bati duas vezes na porta dos fundos antes de entrar.

— Bom dia. — Georgia olhou por cima do ombro para mim, de onde ela estava sentada na mesa da cozinha ajudando Cooper com seu café da manhã. Seu olhar não era particularmente acolhedor. Eu esperava isso. — Pete está por aí?

— Ele está na frente da casa.

— Tudo bem se eu tomar um café?

— Fique à vontade.

Despejei um pouco em um copo, acariciei os cabelos de Cooper e saí pela porta da frente, e vi Pete trocando o óleo de um quadriciclo.

— Ei — eu disse.

Ele mal olhou para mim.

— Ei.

— Quase pronto?

— Na verdade, não.

— Você poderia fazer uma pausa?

— Para quê?

— Tenho algo a dizer e quero dizer a você e à Georgia ao mesmo tempo.

Meu irmão riu, porém tenho certeza de que foi irônico.

— Acho que você disse o suficiente ontem.

Respirei fundo, lentamente, lutando contra a vontade de revidar.

— Eu errei ontem e gostaria de me desculpar.

— Você deve pedir desculpas a Margot.

— Eu pedi.

Ele olhou para mim surpreso, protegendo os olhos do sol.

— Você pediu?

— Sim.

Voltando sua atenção para o filtro de óleo, ficou em silêncio por alguns segundos.

— Encontro você lá dentro em cinco minutos.

— Obrigado. — Eu voltei para a cozinha e me sentei em frente a Cooper, fazendo caretas para que ele risse. Sua risadinha era o meu som favorito no mundo todo.

— Jack, estou tentando fazer com que ele coma — Georgia reclamou, mas ela estava sorrindo também. — Você está dificultando isso.

— Eu dou comida para ele. Vá tomar mais café. — Dei a volta ao redor da mesa e empurrei-a para fora de sua cadeira, então me sentei. — Cooper vai comer comigo, não é, amiguinho?

— *Cachorrinho!* — Ele disse alegremente.

— Eu sei, amiguinho. Agora abra a porta do celeiro, porque aqui vem o cavalo! — Eu estava fazendo o meu melhor imitando cavalo, moto e fazendo barulho de avião para levá-lo a abrir a boca e conseguir acabar de comer sua panqueca de mirtilo no momento em que Pete entrou.

— Bom — disse Georgia, tirando o prato de plástico e limpando a boca e as mãos do menino com uma toalha. — Obrigada.

— Sempre que você precisar. Posso levá-lo ao parque mais tarde, se quiser.

— Isso seria ótimo. — Ela o colocou no chão e eu ri quando ele partiu correndo a toda velocidade, caiu de barriga no chão e então ficou de pé para tentar novamente. As crianças são muito resistentes.

— Vocês têm alguns minutos para mim?

Georgia assentiu e se sentou diante de mim e Pete tomou a cadeira ao lado dela.

— Então, o que está havendo? — perguntou ele, levando a xícara de café aos lábios.

— Eu preciso me desculpar por ontem. Para começar, tive uma péssima atitude e fui rude com uma hóspede em sua casa. Eu sinto muito.

— E já você pediu desculpas a ela? — Pete voltou a perguntar como se ainda não acreditasse em mim.

Eu balancei a cabeça, afirmando.

— Eu pedi. Ontem à noite.

Eles trocaram um olhar.

— Ontem à noite? Onde? — perguntou Georgia.

*Seja cuidadoso.*

— Na cabana. Ela veio falar sobre a reunião e eu disse a ela que sentia muito por ter sido um idiota. Tentei me explicar melhor. — *Então eu a fodi no mato, pressionando-a contra uma árvore.*

— Que motivos você deu a ela? — perguntou Pete.

— Eu disse que sei que ela é boa no que faz, mas que sou relutante em fazer mudanças na fazenda que não faziam parte da minha visão original.

— Mas Jack, as ideias dela podem ir além de sua visão — disse ele. — Ninguém quer tirar a fazenda de você ou impedi-lo de fazer o que você ama e no que você é bom. Este lugar é o seu sonho. Nós sabemos disso.

Contraindo os lábios, me forcei a dizer o que fui ali para dizer.

— Vocês dois merecem o mesmo, que é tentar conquistar seu sonho. Então não vou atrapalhar.

Ficaram atônitos e calados por um momento. Então Pete disse:

— Você está falando sério?

— Sim. — Respirei. — Eu pensei muito ontem à noite. E se a situação fosse diferente, se fosse Steph sentada aqui, não eu, sei que ela diria para irem em frente.

Georgia sorriu com os olhos marejados.

— Isso é verdade. Ela teria dito isso.



— E a melhor maneira de honrá-la é fazer o que ela faria.

Pete pigarreou.

— Isso é ótimo, Jack.

— Eu não estou prometendo concordar com nada — disse rapidamente —, e não quero nada que interfira no que estou fazendo, mas eu estaria disposto a discutir as possibilidades de um restaurante, talvez estudar para comprar o sítio de Oliver. Se isso for impossível, eu consideraria encontrar espaço em nossa propriedade para colocar uma tenda ou chalé para casamentos ou o que for preciso. Mas vocês terão que fazer o trabalho árduo. Vão ter que me convencer que não será horrível.

Georgia gritou e deu um salto, e então deu a volta na mesa para me abraçar. Ela beijou minha bochecha e apertou com tanta força que quase engasguei, mas por dentro, fiquei feliz. No fundo, eu não acreditava que seria possível comprar a propriedade de Oliver e ainda odiava imaginar estranhos pisando em minha amada fazenda, mas algo que Margot tinha me perguntado na noite passada mexeu comigo. *Mesmo se as mudanças fizerem sentido? Mesmo se fizerem as pessoas felizes?*

A verdade era que não importava o que mudasse ou não na fazenda — eu nunca ficaria feliz, não depois de tudo o que tinha acontecido. Então, se pudesse, não deveria prendê-los por minha causa. Eles não precisavam sofrer pelos meus pecados.

— Vou ligar para Brad — disse Pete. — Talvez ele possa nos enviar alguma informação sobre o sítio de Oliver.

— É melhor eu voltar ao trabalho. Obrigado pelo café. — Levantando-me da cadeira, levei meu copo para a pia antes de sair pela porta dos fundos.

Alguns segundos depois, ouvi a voz de Pete.

— Ei, espere um segundo. — Ele correu para me alcançar. — Obrigado, cara. Georgia está animada.

Eu dei de ombros, enfiando as mãos nos bolsos.

— Espero que dê certo.

— Então, por que a mudança de atitude? — Ele perguntou, tirando o boné e voltando a colocá-lo na cabeça. — Estou curioso.

— Eu não sei.

— Você transou ontem à noite ou o quê?

Eu revirei os olhos, mas meu pau torceu.

— Meu Deus, Pete.

— OK. OK. Só perguntei. — Ele levantou as mãos espalmadas. — Você parece diferente hoje, só isso. Mais relaxado do que nos últimos tempos.

— Então pare de me irritar antes que eu fique nervoso de novo — disse, retomando minha caminhada pelo jardim. Na verdade, eu me sentia mais descontraído. Uma sensação de alívio e até de paz aliviava a tensão em minha mente e em meu corpo. Meus passos estavam mais leves. Meus ombros mais frouxos. Não sentia mais vontade de cerrar os punhos.

Se isso se devia ao sexo, às conclusões as quais tinha chegado ou às desculpas que eu tinha pedido, não sabia. Eu ainda não estava sofrendo a culpa debilitante por ter tido relações sexuais com Margot, o que me chocou – eu realmente me senti pior depois do beijo. Parecia mais *íntimo*, de alguma forma. Fodê-la no mato fez com que eu me sentisse mais aliviado do que qualquer outra coisa.

Pelo menos, foi o que eu disse a mim mesmo.

Mas o verdadeiro alívio viria em nove dias, assim que Margot se fosse para sempre.



## MARGOT

Eu estava uma pilha de nervos na manhã seguinte. Tinha tomado muito café e isso havia me deixado nervosa, com pouquíssimo sono na noite passada e pensando muito em como Jack tinha me perturbado. Eu não me sentia bem comigo mesma.

Passei a manhã tentando me concentrar no trabalho de outros clientes, mas eu lutava para me concentrar. A sensibilidade entre as pernas, a dor nos músculos do abdome, lembranças de minhas pernas enroladas na cintura dele me distraíram o tempo todo.

*Pare! Isso nunca aconteceu!*

Depois do almoço, dei uma caminhada na praia, esperando que um pouco de exercício e vitamina D pudessem ajudar.

Não funcionou.

Tentei tirar uma soneca, o que foi um desastre, já que o que eu realmente fiz foi me deitar e imaginar cada centímetro do corpo nu de Jack – a parte boa que eu tinha ganhado ao olhar para ele na árvore – e repassei na minha cabeça cada segundo da foda-que-nunca-aconteceu.

Irritada, sentei-me e peguei meu telefone. Eu estava com vontade de falar sobre isso para alguém, mas hesitei antes de ligar para Jaime por duas razões primeiro: eu disse que não iria transar com o cliente, e segundo: eu deveria estar fingindo que nada aconteceu. Contar a ela era um passo na direção contrária.

*Eu sempre poderia ligar para Claire*, pensei. Eu teria que começar desde o início, já que ela ainda não sabia nada sobre Jack, mas...

Meu telefone vibrou em minha mão. *Mamãe ligando.*

Eu me retraí. Minha mãe era a última pessoa com quem queria conversar agora, mas atendi.

— Alô?

— Olá, Margot. É sua mãe.

Não importa quantas vezes eu dissesse que ela não tinha que se anunciar, ela nunca deixou de fazê-lo.

— Oi, mãe. Como você está?

— Bem. Joguei tênis esta manhã e estou prestes a encontrar a tia Dodie para almoçarmos.

— Parece ótimo. — *Nada nunca muda em seu mundo.*

— Então eu tenho que correr — ela respondeu rápido, como se não tivesse feito o telefonema —, mas queria te dizer que pode voltar para casa em breve. Tripp foi apanhado em *flagrante* com uma garçonete no clube. Com tantos lugares, foi logo no vestiário dos homens! Não consigo entender por que uma mulher entraria ali.

Fiquei de queixo caído.

— Sêrio?

— Sim, as pessoas só falam nisso. Mimi Jewett está fora de si, mas na minha opinião, ela mereceu por ter feito fofoca sobre você e o incidente.

— Certo.

— Então eu não sei quais são os seus planos, mas venha ao evento beneficente da Sociedade Histórica no final do mês. Somos anfitriões e é importante para a campanha do seu pai.

— Qual é o tema?

— Gatsby.<sup>3</sup>

— De novo?

— As pessoas gostam de tradição, querida.

Suspirei. Era inútil discutir com Muffy sobre o tema da tradição. Era a base de sua vida. Da minha também, em sua maior parte.

— Estarei lá. Tchau, mãe.

Desliguei o telefone e olhei pela janela para o lago. Então, graças a Tripp – que idiota –, eu podia dar as caras em casa novamente. E mesmo que eu tivesse pagado para ficar por mais nove dias, sabia que adiar minha estadia mais do que o necessário seria, provavelmente, uma má ideia.

Porque quanto mais eu pensava em Jack Valentini, mais queria vê-lo novamente, conhecê-lo melhor. Beijá-lo de novo. Tocá-lo. Senti-lo dentro de mim. Ouvi-lo sussurrar para mim no escuro. Descobrir por que a química entre nós era tão boa. Era simplesmente um caso de atração entre opostos?

Ou havia algo mais?

Suspirando, desisti de tentar resolver o enigma e admiti a verdade.

*Não havia como isso dar certo. Eu tinha que ir embora.*

Arrumei o quarto, fiz minhas malas e telefonei para Georgia, explicando que devido a uma emergência familiar, estava voltando mais cedo do que o planejado, mas que estaria disponível por telefone, *FaceTime* ou *Skype* ou o que ela quisesse usar para se manter em contato comigo. Ela me agradeceu pelo meu tempo e disse que entraria em contato comigo assim que tivessem a oportunidade de discutir tudo.

Também contatei Ann, a gerente do chalé, e disse que partiria mais cedo do que esperava, mas entendi que não receberia o meu dinheiro de volta.

— Sinto muito por ouvir isso. Vou enviar para você um cheque pelo depósito-caução.

— Obrigada. Estou prestes a pegar a estrada, então deixarei a chave no balcão.

— Você não vai viajar à noite, vai? — perguntou ela. — Pelo menos espere até amanhã de manhã. Há uma enorme tempestade chegando.

Franzindo o cenho, olhei pela janela, mas não vi nenhuma evidência de desastre iminente. Talvez Ann fosse como a minha mãe, que pensava que cada garoa era uma tempestade. Mas eu dirigia um carro velho, cujos limpadores de para-brisa não eram os melhores. Eu poderia esperar até de manhã.

— Acho que posso esperar até amanhã.

— Acho melhor, querida. Mande uma mensagem de texto quando você sair, eu ficaria agradecida.

— Farei isso. Obrigada.

Teria uma noite solitária e não havia comida na geladeira, então decidi caminhar até a cidade e comprar algo para comer e uma taça de vinho. Enquanto seguia em direção à porta, pensei em pegar um guarda-chuva, mas uma busca rápida pelo chalé indicou que não havia nenhum por ali. Ah, tudo

bem. A essa altura, o céu parecia relativamente claro, a água estava calma e só uma leve brisa agitava as cortinas. Eu não passaria muito tempo fora, de qualquer modo.

Cheguei na cidade, orgulhosa de mim mesma por lembrar o caminho e propositadamente escolhi outro restaurante, diferente daquele no qual eu tinha visto Jack duas noites antes. Ele ficava bem próximo à água, movimentado por ser hora do jantar, e a anfitriã parecia pouco disposta a arrumar a mesa para apenas uma pessoa.

— Eu posso me sentar no bar — eu disse a ela. — Não tem problema.

Ela pareceu agradecida.

— Perfeito. Fica bem ali na sala ao lado.

Assim que entrei, eu o vi. Eu poderia ter virado as costas, porém ele me viu também. Sentado no bar, com uma cerveja na mão, ele se virou e olhou diretamente para mim, como se soubesse que eu estava lá. Nossos olhos se encontraram e ele abaixou lentamente a garrafa. Minha pulsação acelerou.

*Droga. E agora?*



## JACK

Faça de conta que nada aconteceu.

Eu sabia que era o que deveria fazer, mas a visão dela me pegou desprevenido e me peguei olhando para ela, aturdido, com a cerveja a meio caminho dos lábios.



Tinha propositadamente escolhido este lugar porque ela estava no The Anchor na última vez e eu queria evitá-la, mas estava sentado ali pensando nela, quando, de repente, olhei para a frente e a vi através do espelho atrás do balcão – como se eu a tivesse conjurado. Olhei para trás e confirmei, ela era real.

Real, bonita e caminhando na minha direção com um sorriso surpreso.

— Olá. Acho que tivemos a mesma ideia, pelo visto.

*Finja que essas pernas nunca estiveram enroladas em seu corpo.*

— Ei. Como estão as coisas?

— Bem. Eu vim para jantar — disse ela, gesticulando em direção à sala de jantar —, mas eles não estavam muito interessados em ocupar uma mesa com apenas uma pessoa.

*Finja que essas mãos nunca estiveram em seu cabelo.*

— Sim. Está bem movimentado aqui hoje.

— Há espaço para mais um no bar?

*Finja que você não esteve dentro dela bem duro, segurando-a com os joelhos flexionados.*

Eu me recuperei o suficiente para olhar ao redor e notei que a cadeira ao meu lado estava vazia. *Porra.*

Minha hesitação a perturbou.

— Vou partir amanhã e já esvaziei a geladeira do chalé, então...

— Amanhã? Eu pensei que você ficaria aqui por mais tempo. — Se ela fosse embora amanhã, eu ficaria bem. *Talvez.*

— Eu deveria ficar aqui mais tempo, mas minha mãe ligou esta tarde e há algumas questões de família... — Ela balançou a mão. — Não importa, não vou aborrecê-lo com isso. Mas sim, parto amanhã. Esta é a minha última noite.

— Ah. — Uma parte de meu nervosismo evaporou e fiz um gesto para a cadeira vazia. Agora eu simplesmente teria que agir de modo casual.

Leve. Sem toques. — Ninguém está sentado aqui. Se você não estiver brava comigo, pode se sentar.

Rindo, ela se acomodou no assento e colocou a bolsa ao lado dos pés.

— Eu não sou louca. Você se desculpou. Podemos ser amigos.

— Amigos, hein? — Eu a olhei de lado. — Não sei se posso ser amigo de uma garota da cidade.

Ela sorriu.

— Se eu posso ser amiga de um fazendeiro-sabe-tudo e arrogante, como você, você pode lidar com uma pequena e doce garota da cidade como eu.

— Doce, haha. — Eu tomei um gole longo de cerveja. *Droga!* Ela olhava fixamente para a minha boca o tempo inteiro.

— O que posso servir a você? — perguntou o barman.

— Hum. — Ela corou um pouco quando percebeu o que estava fazendo. — Posso ver a carta de vinhos? E o cardápio também?

Enquanto ela escolhia a bebida e o que iria comer, eu a observava discretamente. Ela usava as sandálias da noite passada, desta vez com um short rosa que fazia suas pernas parecerem ainda mais longas, e uma blusa branca. Seu cabelo estava solto e ondulado ao redor dos ombros, e tive que parar de me inclinar para sentir seu cheiro.

— Você já comeu? — perguntou ela.

— Sim. Mais cedo em casa. Só vim aqui para sair um pouco. De vez em quando tenho que me lembrar de fazer isso.

Ela assentiu com a cabeça.

— Entendi.

— Você mora sozinha? — perguntei, sentindo-me mais corajoso, visto que sua partida era iminente. Não havia nada de errado em conhecê-la um pouco melhor neste momento, certo?

— Sim. — Ela girou o vinho na taça. — Mas minha família vive

perto. Não tão perto quanto a sua... — Ela disse, sorrindo. — Mas perto.

— Eles vivem perto, perto demais, às vezes. — Fiz uma careta e levantei minha cerveja novamente. — Mas eu adoro ter meu sobrinho por perto. Ele é tão fofo. Eu o levei ao parque hoje.

Ela levou uma mão ao coração.

— Ah, é mesmo?

— Sim, ele ama o parque. Nunca quer ir embora.

— Tão bonitinho. E você é tão bom com ele... ouvi dizer que você tem um toque mágico.

Nossos olhos se encontraram.

— Toque mágico, hein? — O rubor em seu rosto se intensificou.

Eu olhei para seus lábios e meus pensamentos se desviaram para um território perigoso. Seria tão fácil beijá-la agora mesmo. Tão fácil. Meu corpo inteiro se contraiu e agarrei a garrafa de cerveja mais forte do que o necessário.

Eu não podia. Estávamos em público, em uma cidade pequena e rumores corriam com os ventos. Eles provavelmente já voariam, só porque estávamos sentados juntos. Engoli o resto da cerveja, o momento passou e ela pigarreou antes de tomar um gole de vinho.

Apenas fale com ela, idiota.

— Você ficará feliz em saber que pedi desculpas a Pete e a Georgia. Disse a eles que eu estaria disposto a considerar as ideias deles. E as suas ideias.

Ela estava ofegante quando pousou a taça.

— Você fez isso mesmo? Isso é ótimo, aposto que eles ficaram muito felizes.

— Ficaram, sim.

Ela inclinou a cabeça.

— Posso perguntar o porquê dessa mudança?

Precisei de um tempo para pensar em minha resposta.

— Eu pensei muito ontem à noite. Algumas das coisas que você disse meio que fizeram sentido para mim.

— É mesmo? — Ela sentou-se mais ereta, seu rosto iluminando. — O que foi que eu disse?

— Você disse algo sobre mudanças fazendo as pessoas felizes e eu percebi que não queria ser responsável por atrapalhar. — Observei o rótulo da garrafa de cerveja vazia. — E eu pensei no que Steph faria se estivesse em meu lugar.

— Ah.

Mantive o foco na garrafa em minha mão, inclinando-a de várias formas.

— Eu sei que ela iria apoiá-los. Ela era completamente altruísta.

Margot tomou mais um gole de vinho e disse:

— Conte-me mais sobre ela.

Eu pisquei para ela. Sério? Ela queria ouvir sobre a minha falecida esposa? Parecia uma conversa estranha, pensando no tínhamos feito na noite passada, e ninguém nunca havia me perguntado sobre Steph.

— O que você quer saber?

Margot deu de ombros e sorriu.

— Qualquer coisa. Eu sei que ela era pequena, bonita e amava botas, mas como ela era?

Soltando o ar, tentei encontrar as palavras que fariam jus a ela.

— Brava. Enérgica. Muito inteligente. Ela foi aceita em três faculdades de medicina diferentes. Com bolsas de estudos integrais em todas elas.

— Uau! Não sabia que ela era médica.

— Ela não era. Ela não fez faculdade de medicina, disse que mudou de ideia. — Seus pais sempre jogaram a culpa em mim, apesar de nunca terem dito isso diretamente.

Ela bebeu de novo.

— Diga mais.

— Ela era teimosa demais. Quando decidia alguma coisa, nunca hesitava. Ninguém a teria convencido a fazer faculdade.

— Ela devia querer alguma outra coisa — disse Margot sugestivamente.

— Acho que sim. — Dei de ombros, sentindo-me culpado novamente. — Ela me queria. Queria a fazenda.

— Acho que você se sente mal por isso?

Levei a mão à nuca.

— Às vezes. Mas ela tinha me convencido de que era realmente o que ela queria. E se queria algo, ela nunca desistia e não se importava com o que as pessoas pensavam. Ela era um foguete.

— Ah. Eu gosto dela.

— Todo mundo gostava dela.

Ela sorriu de novo, um pouco triste.

— Vocês eram namorados na escola?

— Não. Ela era dois anos mais nova que eu e eu a considerava uma praga. Nós nos conhecíamos desde que éramos crianças. E sabia que ela tinha uma queda por mim, mas só olhei para ela com outros olhos quando ela terminou os estudos.

— Você fez faculdade?

Assenti com a cabeça quando o barman me ofereceu outra cerveja.

— Durante um ano, mas não era para mim. Odiava estar em uma sala de aula. Ficava inquieto e entediado. Então, o 11 de setembro aconteceu e

entrei para o Exército.

— É mesmo? — perguntou ela, como se nunca tivesse ouvido falar de tal coisa. — E quanto tempo você passou no exército?

— Oito anos.

— Caramba. E ela esperou por você? — Seus olhos se arregalaram.

Assenti, sorrindo tristemente lembrando que ela insistiu em me esperar, embora eu lhe dissesse que não o fizesse.

— Ela esperou. Jurou que sim. Quero dizer, ela fez faculdade enquanto eu estava fora, mas mantivemos contato, nos víamos quando possível.

— E vocês se casaram quando você voltou para casa?

Eu assenti, tomando um gole da outra cerveja.

— Nós nos casamos depois que meu pai morreu. Há cerca de cinco anos.

Ela apoiou o cotovelo no balcão e o queixo na mão.

— Diga-me como você a pediu em casamento.

Sorri com a lembrança.

— Na verdade, ela que me pediu.

Ela ergueu a cabeça, entreabrindo os lábios, surpresa.

— Fala sério! Mesmo?

— Mesmo. Ela sabia que erámos feitos um para o outro e que eu não era um cara de muita cerimônia. Eu provavelmente teria apenas feito o pedido no galinheiro ou algo assim.

Margot revirou os olhos.

— Você e aquele galinheiro. Ainda bem que ela era mais romântica do que você.

— Você não acha que o galinheiro é romântico? — Levei as mãos ao rosto. — Estou chocado.

— Não, eu não acho. — Ela me cutucou no peito. — Agora continue.

— Sobre o quê?

— O pedido! — Ela bateu no meu ombro agora, revirando os olhos.  
— Caramba!

— Ah, está certo. — Mas estava distraído pelo jeito com que ela ficava me tocando. — Ah, ela fez o pedido na cabana. Levou o café-da-manhã na cama, no dia do meu aniversário, e na bandeja havia um bilhete com as palavras "Casa comigo?"

Novamente ela levou uma mão ao coração, e sua expressão ficou melancólica.

— Que doce.

Senti um pouco de calor no rosto, lembrando-me de como as coisas se desenrolaram depois disso. Eu diria que é claro que... prometi amá-la e cuidar dela para sempre, do jeito que ela estava cuidando de mim. Nós fizemos amor uma – algumas vezes – naquele dia, na cama, no chão, no chuveiro, na mesa da cozinha. Só me sentia seguro ou mais seguro de mim quando fazia amor com ela. Eu sentia muita falta dessa sensação. E sentia falta de cuidar de alguém.

— Sim. Foi.

— Ela foi seu primeiro amor?

Eu hesitei antes de responder. Parecia um pouco estranho falar sobre isso com Margot, mas também era bem legal e, contanto que a conversa continuasse sendo sobre Steph e nosso casamento, conseguia escapar de pensamentos menos honrosos.

— Definitivamente. Eu fui um típico garanhão em minha adolescência, totalmente desinteressado em qualquer envolvimento emocional. Mas quando entrei no Exército, fui forçado a reavaliar o que importava na vida. E percebi o que eu tinha com ela. E quando saí... — parei, nervoso por revelar muito de mim mesmo, mas incapaz de negar que me sentia bem de alguma forma. *Basta se manter focado em Steph.* — Eu meio que me esforcei a me ajustar e perder meu pai tornou tudo pior. Steph estava

do meu lado. Ela me forçou a ficar melhor.

— Ela deve ter sido muito especial — Margot disse delicadamente.

— Ela era. Ela salvou minha vida, não tenho dúvidas. — Tomei um grande gole de cerveja. — Mas não pude salvar a dela.

O semblante de Margot mudou e ela observou a base de sua taça de vinho.

Eu gemi e apoiei minha garrafa.

— Que porra... Desculpe, Margot. Eu não queria descarregar isso em você.

— Não, não, está tudo bem — ela disse, tocando meu braço. — Estou feliz que você desabafou. Desculpe se perguntar sobre ela deixa você triste.

— Não se desculpe. Estou feliz porque você perguntou. Quer saber? — Passei uma mão na mandíbula com barba por fazer, arrependido por não ter me barbeado. — Ninguém nunca pergunta. Ninguém fala sobre ela na minha frente.

— Talvez as pessoas temam que seja muito doloroso.

— Eu também acho. Mas prefiro falar sobre ela do que sobre mim. — Olhei para Margot e percebi que havia monopolizado toda a conversa. — Na verdade, não quero falar, quero ouvir. Fale-me sobre você.

Ela sorriu.

— O que você quer saber?

Pensei por um segundo.

— Conte-me sobre o cavalo que você teve.

Seus olhos se iluminaram e ela me contou sobre Maple Sugar, o puro-sangue que foi dela desde o momento em que completou 8 anos até o dia em que entrou na faculdade. Quando ela se emocionou, pediu desculpas e disse que era bobagem ser sentimental por causa de um cavalo que não via há mais de dez anos, mas eu compreendia o vínculo entre humanos e cavalos e disse isso a ela.



Fiquei sabendo sobre sua família, a corrida de seu pai ao senado, a empresa que ela tinha aberto com uma amiga.

— Você sempre quis entrar no ramo de marketing? — Perguntei.

— Não. Não mesmo. — Ela sorriu. — Na verdade, eu gostaria de ser assistente social, mas Muffy disse que isso estava fora de questão.

Eu fiz uma careta.

— Muffy?

— O apelido de minha mãe. Veja, todas as filhas primogênitais em sua família, os Thurber, recebem o nome Margaret ou alguma variação, o nome do meio tem de ser o nome de solteira da mãe, e aí de quem tentar desafiar esta tradição.

— Ah, é mesmo?

— Sim. Você pode optar por algo tradicional, como Margaret ou Marjorie. Francês como Margot ou Marguerite e pode mesmo fazer algo diferente como mudar a ordem das letras, como M-A-R-G-R-E-T, mas não ouse usar nomes americanizados e algo como Maisie, Maggie ou Greta, pelo menos não na certidão de nascimento. Minha prima Mamie deu à filha o nome de Marley e a Tataravó Thurber morreu antes de falar com ela novamente.

— Espere. — Eu estendi uma mão. — Mamie e Muffy estão bem, mas Marley não?

Ela riu, corada depois de das taças de vinho.

— Mamie e Muffy são apenas apelidos, não são nomes de batismo. Temos que ter apelidos, caso contrário, seria uma confusão generalizada o tempo todo. Nossa família ama apelidos.

Apoiei meu braço no bar.

— Qual é o seu? — Ela levou as mãos à boca, rindo descontrolada. O som era infantil e me causou uma onda de calor por dentro. — Vamos, diga — disse, incapaz de parar de sorrir.

Ela apoiou as mãos no colo e tentou manter a cara séria.

— É Gogo.

— Gogo? — Gargalhei, recostando-me na cadeira. — Sério?

— Infelizmente, sim. — Ela olhou para mim e seus olhos estavam cheios de algo bom: admiração, carinho e afeição.

Parei de rir e me vi olhando para ela da mesma maneira. Eu adorava o fato de ela rir de si mesma. *Se as coisas fossem diferentes*. Pigarreei.

— Então Muffy disse não ao Serviço Social, hein?

— Sim. Ela disse: “Não seja ridícula, Margot. As mulheres de Thurber se formam em Letras”. — Ela deu de ombros. — Então assim foi.

— Você ficou feliz com essa decisão?

— Eu acho que sim. Nunca pensei nisso. Consegui meu diploma, cheguei em casa, trabalhei para o meu pai... e foi isso.

— Você gostou do que fez?

— Sim. — Ela pensou por um momento. — Muito do que fiz envolveu trabalho de caridade e arrecadação de fundos e eu gostava de saber que estava ajudando as pessoas.

— Como seus pais reagiram quando você partiu para abrir sua própria empresa?

Ela riu.

— Eles ficaram meio confusos com tudo o que fiz no ano passado: terminei com meu namorado, fiz yoga, parei de trabalhar para o meu pai, abri a Shine PR...

— Yoga? — Eu ergui uma sobrancelha para ela. Ela balançou a cabeça, assentindo.

— Não continuei.

— E o namorado?

— Ainda estamos separados. E ficará assim. — O jantar dela chegou e ela colocou o guardanapo no colo.

— Por que isso? Deixe-me adivinhar... Muffy não aprovou?

Ela hesitou, o garfo pairando acima do peixe branco.

— Essa é uma longa história. Vamos apenas dizer que nós dois seguimos em frente. Estou procurando algo melhor.

— Como o quê? O que Margot Thurber Lewiston procura em um homem? — Eu estava provocando, mas também estava curioso. — Um determinado saldo na conta bancária? Um Rolls Royce? Uma casa chique?

— Não — disse ela. — Eu não sou totalmente superficial e arrogante, apesar do que você pôde pensar.

— Então? — Eu cutuquei. — E aí?

Ela levou o garfo à boca e mastigou enquanto pensava.

— Eu não sei exatamente — disse por fim. — Ainda estou descobrindo essa parte.

— É justo.

— Sei que quero me casar e ter uma família. Na verdade, meio que pensei que teria uma, mas... — ela falou mais baixo e balançou a cabeça. — Mas estava errada.

— A vida é cheia de surpresas. — Tentei não parecer amargo.

Ela olhou para mim.

— E você? Acha que vai se casar de novo algum dia?

— Não — disse com certeza. — Eu sei o que tive. E não acontece duas vezes.

— Compreendo.

Conversamos um pouco mais sobre a fazenda, sobre as nossas famílias e sobre lugares que tínhamos conhecido. Ela gostava de visitar grandes cidades e eu preferia pequenas cidades, mas ambos concordamos que a Ilha Mackinac era bonita e perfeita para um refúgio de verão. Quanto mais conversávamos, mais fácil era conhecê-la. Margot definitivamente cresceu em um mundo diferente, mas não era esnobe. E era muito bonita. Até mesmo

a forma como ela comia e bebia era graciosa. Eu me senti hipnotizado por pequenas coisas – a curva de seu pulso, a retidão de suas costas, o arco de seu pé. Ela tinha o tipo de beleza inata. A pele suave, lábios perfeitos e grandes olhos azuis eram apenas um bônus. Depois vinha o corpo – as pernas intermináveis, a cintura fina e os seios arredondados, pequenos e altivos.

Como eles seriam? Eu nem tinha chegado a vê-los na noite passada. Será que eram ainda mais pálidos do que ela era? E seus mamilos? Rosa pálido como algodão doce? Rosa escuro como uma framboesa? Ou talvez ainda mais profundo, como uma cereja? Enquanto ela tagarelava sobre a Ilha Mackinac, meu pau começou a subir, pois eu estava imaginando lambar sua pele de baunilha até chegar nas cerejas que ficavam na parte de cima. *Eu praticamente consigo senti-la sob minha língua. Posso saboreá-la.*

Deus, por que não fiz isso ontem à noite? Por que corri para terminar como um maldito adolescente com medo de ser pego? Por que não aproveitei meu tempo com ela? Porra, eu mal a havia tocado. Olhei para o guardanapo no colo dela.

— Jack?

— O quê? — Eu olhei para a frente e vi que ela sorria.

— Você quer outra cerveja? — Ela acenou com a cabeça para o barman, que estava esperando.

— Ah, desculpe. — Estava completamente perdido. Por um lado, estava me divertindo e não me lembrava de quando tinha sido a última vez em que fiz algo assim e gostei. Por outro lado, quanto mais tempo eu passava sentado ali com Margot, mas me sentia atraído por ela. — Eu não deveria.

— Ah, vamos lá. Eu bebo se você beber. Então poderemos nos despedir e você se livrará de mim para sempre.

Eu balancei a cabeça.

— Você realmente não gosta de ouvir não, não é?

Ela sorriu diabolicamente, os olhos azuis iluminando-se. Às vezes me pergunto se foi esse sorriso que me fez entrar na dela.



## MARGOT

Eu pensei que seria estranho fingir que nada tinha acontecido. Pensei que poderia ser difícil conversar com ele. Eu pensei que seria seguro falar sobre a esposa dele – pensei que ouvir sobre ela me ajudaria a lembrar que ele estava fora do meu alcance.

Mas foi divertido. E fácil.

E delicioso e drasticamente perigoso.

Quando entrei no restaurante, me senti um pouco desconfortável sem saber exatamente como fingiria que não tínhamos feito o que fizemos. Mas então ele me convidou para sentar, fez uma piada e sorriu. E riu – Deus, a risada dele me deixava tão feliz. Eu queria tocá-lo, pegar tudo dele para mim, sentir tudo.

Ele parecia tão bem. Não conseguia parar de olhar para ele. Adorava seus cabelos ondulados, que tinha notado, pela primeira vez, serem um pouco grisalhos. Adorava seus lábios carnudos e tinha dificuldade para desviar o olhar cada vez que ele levava a garrafa de cerveja aos lábios. Adorei ver que as mangas da sua camisa azul mostravam aqueles antebraços bronzeados e musculosos. Ele até estava usando um relógio de pulso, grande e redondo, azul marinho e com uma faixa de couro marrom e costura branca.

Também usava a aliança de casamento. E quando falou de Steph, tomei isso como um convite para perguntar sobre ela, embora eu tenha ficado surpresa em perceber como ele se abriu. Eu tive a sensação de que ele estava surpreso, também, pelo tanto que estava revelando sobre si mesmo, mas isso me deixou feliz porque vi que ele se sentia confortável e seguro comigo.

Mas em vez de diminuir minha atração por ele, aconteceu o contrário – depois de ouvir sobre o romance deles, me vi ainda mais intrigada. Ali estava aquele ex-soldado grande, musculoso, forte, falando sobre seu primeiro amor, da gratidão que sentia por ela, de como ela o havia salvado. E quando ele disse que não pôde salvá-la, meu coração ficou apertado e os sentimentos por ele começaram a aumentar.

Talvez se ele não tivesse perguntado sobre meu cavalo. Talvez se ele não tivesse se interessado em saber sobre minha família. Talvez se ele não tivesse me dito que se alistou depois do 11 de setembro ou falado tão carinhosamente sobre seu sobrinho ou sorrido tão alegremente ao saber de meu apelido. Talvez então, eu ficasse segura.

Mas, em vez disso, passei a desejá-lo novamente – tanto – e lamentando as circunstâncias que tornaram tudo aquilo uma péssima ideia.

Tentei não flertar. Tentei não tocá-lo. Eu tentei fingir que nada tinha acontecido, mas quando ele pagou a conta – e insistiu em pagar – estávamos ambos meios bêbados e incapazes de lembrar das regras.

— Ei, desorientada — ele brincou, virando-me ao ver que eu estava indo pelo caminho errado, procurando a saída. — Nenhum de nós deve voltar dirigindo para casa, então eu vou te levar para a sua casa. De lá, vou andando para a minha.

— Você não tem que me levar de volta!

Ele ergueu a mão.

— Por favor. Se eu não te ajudar, você provavelmente terminará em outra cidade.

Eu ri.

— E a sua caminhonete?

— Ela vai ficar bem. Ah, merda. — Um trovão ressoou enquanto nós andávamos na calçada no escuro. O ar quente e úmido tinha um cheiro ligeiramente metálico, mas não estava chovendo ainda. — É melhor nos apressarmos.

Tive que correr para acompanhá-lo e estava sem fôlego por termos percorrido um quarteirão inteiro.

— Vá devagar — falei, rindo. — Você é sempre tão rápido em tudo.

Ele gemeu e agarrou minha mão enquanto atravessávamos a rua, como se fosse o pai e eu, a criança.

— Ontem, a noite não foi a representação de minhas habilidades sexuais.

— Ei, sem reclamações da minha parte — disse, tropeçando no meio-fio.

Ele me pegou pelos cotovelos e seu toque foi como uma corrente elétrica. Deve ter tido um efeito sobre ele também, porque ele me soltou logo que recuperei o equilíbrio e abriu certa distância entre nós.

— Bem, isso é ótimo.

— E de qualquer maneira, nada aconteceu. — Eu mordi meu lábio para não rir.

— Não, não aconteceu — disse ele.

— Não mesmo.

— De jeito nenhum.

— Nunca.

— Nunquinha.

— Nem ontem nem hoje.

— Nem nunca. — Relâmpagos iluminaram o céu, e ele agarrou meu braço e começou a correr, puxando-me ao lado dele. Mas estava rindo.

E eu estava rindo tanto que mal conseguia respirar – o jeito brincalhão de Jack me pareceu hilário.

— Ai, meu Deus, eu tenho que ir ao banheiro — resmunguei, tentando correr com as sandálias enquanto me segurava para aguentar chegar. — Quem mandou eu beber aquela quarta taça de vinho. Foi você? — Eu apontei para ele de modo acusador.

— Não me culpe, senhorita “eu bebo, se você beber”. Se você fizer xixi na calça, não será culpa minha. E não tenho um banheiro para te oferecer desta vez.

Eu resmunguei.

— Isso é muito embaraçoso.

— Eu sei. Você é uma atrapalhada. — Ele olhou para os dois lados e me conduziu para o outro lado da rua.

— Eu sou, não é?

— Sim. Olhe para você. Nada atraente, não muito inteligente, sem instrução, inútil no trabalho de fazenda, uma tonta e com sérios problemas de controle da bexiga.



— Ai. — Eu fiz uma careta.

— E você ainda é lenta — ele reclamou, me puxando.

— Jesus, não tenho muito a meu favor, não é? — Algumas gotas de chuva começaram a nos atingir enquanto ele me puxava para a entrada do meu chalé.

— Ah, eu não sei. — Nós ficamos na porta e nos encaramos enquanto as gotas caíam de modo mais pesado. — Talvez você tenha algumas coisas a seu favor.

— Como o quê? — O clima entre nós era tenso. Ele estava tão perto que eu podia sentir seu cheiro de fogueira na praia, sentir sua respiração em meus lábios.

*Beije-me, Jack.*

Ele deslizou os dedos pelo meu cabelo, embalando minha cabeça com as mãos.

— Você tem olhos bonitos.

— Obrigada.

— E lábios bonitos. — Um relâmpago iluminou seu rosto brevemente antes que o trovão rosnasse acima de nós.

— Obrigada. — Minha voz tremia.

— E se as coisas fossem diferentes... — Ele fechou os olhos enquanto a chuva fazia barulho nas calhas de metal. — Se eu fosse diferente...

— Eu não quero que você seja diferente. — Ficando na ponta dos pés, eu levantei meu queixo, deixei os olhos se fecharem, senti sua boca na minha.

Mas ele pressionou os lábios em minha testa.

— Adeus, Margot.

Um segundo depois, ele estava correndo para longe de mim na escuridão e na chuva.

Fiquei parada em estado de choque, estômago revirado, mãos

tremendo, chuva pingando de meus cabelos e roupas. *Ele se foi. É isso aí.*

Decepcionada, entrei no chalé e tranquei a porta. Senti um nó na garganta e tentei engoli-lo. *O que você esperava? Ele é quem ele é e você é quem você é e os dois não vão ficar juntos.*

Eu usei o banheiro e lavei as mãos, respondendo à voz da razão na minha cabeça. *Claro que nós não vamos ficar juntos. Eu sei disso. Mas foi uma noite tão agradável, e eu pensei que talvez...*

*Não. Não há talvez.*

Suspirando, acendi a lâmpada na sala da frente e fiquei perto das janelas olhando para o lago. A chuva tamborilava no telhado da casa de campo e eu tremi de novo quando um relâmpago iluminou a escuridão. A luz piscou e eu me perguntei o que faria se a luz acabasse.

Três batidas fortes me assustaram. Eu hesitei por um segundo, então corri em direção ao som. Era ele?

Abri a porta e lá estava ele – pingando, respirando com dificuldade, corpo tenso e contraído.

Um segundo depois, nos agarramos.

Nossas bocas se encontraram, suas mãos se moveram em meu cabelo novamente, inclinando minha cabeça enquanto a língua mergulhava entre meus lábios. Corri as mãos por seu peito úmido e segurei sua nuca. *Ele voltou! Ele voltou!*

Ele me levou para trás sem tirar os lábios dos meus, fechando a porta com o pé. Freneticamente, tiramos as roupas molhadas, nossas mãos agindo na rapidez com que a chuva caía. Meus dedos se ocuparam dos botões de sua camisa até eu conseguir tirá-la de seus ombros. Ele interrompeu o nosso beijo apenas meio segundo, tempo que precisou para tirar minha blusa. Eu tirei sua calça jeans e enfiei a mão entre nós. Ambos gemiam quando segurei seu pau. Estava quente, duro e ficou ainda mais grosso na palma da minha mão.

Ele desabotoou meu short e deslizou as mãos pelas minhas costas, dentro da minha calcinha, apertando minha bunda.

Ai, Deus, aquela *sensação* estava de volta – o desespero para agarrar

e segurar, lambar e morder, arranhar e puxar. Queria prendê-lo dentro de mim.

Parte de mim estava morrendo de vontade de saber o que o fizera mudar de ideia, mas de maneira nenhuma eu pararia ou perguntaria qualquer coisa. Nada em suas ações sugeriu que ele não tinha certeza sobre aquilo – o movimento de sua língua, a força em suas mãos, os impulsos de seu pau entre meus dedos. A força por trás de seu desejo só aumentou o meu porque eu *sabia* o que o tinha levado a voltar para mim: admitir que não tínhamos conseguido apagar a chama entre nós e deixar que o incêndio acontecesse.

Ventos uivantes pressionavam as janelas enquanto tirávamos sapatos, jeans, short e lingerie e caíamos no tapete. Ele ficou em cima de mim e me deitei de barriga para cima, com o quadril dele entre minhas coxas. Pela primeira vez, paramos de nos beijar e olhamos um para o outro. Um relâmpago piscou, clareando tudo por um segundo antes de um alto estalo de trovão sacudir o chão abaixo de nós. Então a luz sumiu, deixando-nos na escuridão.

Jack olhou repentinamente para o canto da sala onde a lâmpada estava e seu corpo ficou tenso. Na minha mente eu lembrei como ele caiu no chão quando o galho em que estava quebrou.

— Ei. — Segurei seu rosto com as mãos, forçando seus olhos de volta para os meus. — Está tudo bem. — Beije seus lábios, bochecha, os lábios novamente. — Está bem. Fique comigo.

Ele beijou minha boca, levando a mão às minhas costas, que arqueei para que ele pudesse soltar meu sutiã. No momento em que ele o jogou de lado, desceu sobre meus seios, beijando-os, lambendo-os, sugando-os, amassando-os com as mãos. Passei os dedos em seu cabelo, com força, quando ele tomou um mamilo entre os dentes e o acariciou com a língua. A área entre minhas pernas latejava e suspirei de prazer quando ele deslizou um dedo dentro de mim, depois dois. Enquanto ele passava os lábios por minhas costelas e barriga, eu pressionei o quadril contra sua mão, derretendo sob seu toque. Ele voltou a acariciar meu clitóris, movimentos circulares e rítmicos que faziam minha pele arrepiar e meus músculos abdominais se contraírem.

Ele desceu ainda mais, acomodando a cabeça entre minhas coxas.

Fechei os olhos e prendi a respiração. Ninguém fazia isso comigo há *anos*.

Depois do que me pareceu uma vida inteira, senti a língua dele com um movimento longo e lento de baixo para cima e seus dedos me penetraram ainda mais. Gemi mais alto do que pretendia e mordi meu lábio inferior. Mas quando ele fez isso de novo, desta vez demorando no topo para provocar meu clitóris com a ponta da língua, eu gritei ainda mais. Apoiando-me nos cotovelos, olhei para sua cabeça de cabelos escuros entre minhas coxas pálidas. Aquilo era mesmo real?

— Eu tinha que provar seu gosto. — Sua voz estava baixa e grave e me esforcei para ouvi-lo acima da tempestade. — Eu estava a meio caminho de casa, encharcado até os ossos e determinado a tirá-la da minha cabeça, mas só conseguia pensar que queria te provar.

— Estou tão feliz por você ter voltado — sussurrei. — Eu não queria que você fosse embora.

— Você é realmente tão doce quanto parece — continuou ele, parando para fazer círculos com a língua em uma espiral lenta e descendente. — Como morangos em junho. — Ele acertou meu clitóris com toques rápidos e firmes. — Cerejas em julho. — E o chupou. — Pêssegos em agosto.

— Meu Deus, você consegue até fazer frutas serem sexy.

— É você. — Ele inclinou a cabeça em uma direção diferente e movimentou a língua. — É só você.

Eu queria dizer a ele que não era – não podia ser – queria minhas mãos em seu corpo, queria lambê-lo, chupá-lo e prová-lo, queria deixá-lo louco como ele estava fazendo comigo – mas não conseguia falar, não conseguia me mover, não conseguia respirar. Mais alto e mais alto ele me levou, até que eu cheguei na beira da felicidade e, em seguida, ele deixou meu clitóris latejando contra sua língua.

Desesperada para sentir seu peso em mim, agarrei seus ombros, tentando puxá-lo para cima. Ele não teve pressa, persistiu entre as minhas coxas como se eu fosse sua sobremesa favorita e ele não quisesse que ninguém tomasse o prato antes de acabar, embora já estivesse vazio.

— Venha aqui — eu disse. — Por favor.

Relutantemente, ele rastejou pelo meu corpo, com sua boca quente e úmida, quando beijou o caminho até minha barriga, entre meus seios, meu pescoço, até que seus cotovelos se apoiaram acima de meus ombros. Levei a mão entre nós, posicionei a ponta de seu pênis entre minhas pernas, esfreguei-o sobre meu clitóris, enfiei-o dentro de mim. Todo o meu corpo vibrou de desejo.

Ele levantou o quadril, afastando-se.

— Eu não planejei isso. Eu não tenho...

— Está tudo bem.

— Você tem certeza?

Eu balancei a cabeça.

— Por favor. Quero sentir você lá de novo.

— Me sentir onde? — Ele deslizou para dentro de mim, lento e controlado.

Eu sorri maliciosamente e levei as mãos ao traseiro dele para puxá-lo para mais perto.

— Tão profundo que dói — sussurrei em seu ouvido. — Eu quero que você acabe comigo. Deixe-me dolorida. Marque esta noite em meu corpo.

— Você não deveria me dizer isso.

Arfei quando ele me penetrou, e me sobressaltei com a sensação.

— Deus, amo o jeito com que você se move. Como se me quisesse tanto, que não pudesse se segurar.

— Eu não posso. Não importa quanto eu tente e caralho, eu tentei. — Ele se moveu um pouco mais rápido, girando seu quadril sobre o meu. — Mas você está sob minha pele.

Então eu não pude mais falar porque sua boca estava na minha e deixei meu desejo tomar conta de mim – cravei as unhas em suas costas, tomando seu lábio inferior entre meus dentes, puxei seus cabelos, contorcei-me e ofeguei. O prazer tomou cada terminação nervosa em meu corpo como

uma corrente viva. Quando gozei, gritei seu nome enquanto meu corpo pulsava em torno de seu pau latejante, meus dedos cravados em sua bunda. Eu me senti selvagem, indomável, livre para dizer, fazer e sentir *tudo*.

Enquanto as ondas de orgasmo diminuía, Jack se afastou e me virou.

— Fique de joelhos.

Com o coração ainda batendo forte, me apoiei nas mãos e nos joelhos, gemendo quando ele agarrou meu cabelo. Ele puxou minha cabeça para trás enquanto me penetrava – *isso*. Ele segurou meu quadril com firmeza enquanto fodia tão forte que dava para ouvir seu quadril batendo na minha bunda – *isso*. Ele gozou rápido, seu corpo ficou rígido, um grunhido escapou de sua garganta, seu pau latejando sem parar dentro de mim – *sim*.

Ele me soltou e caiu para a frente, agarrando-me. Sua testa se apoiou na minha nuca, sua respiração quente e suave em meu pescoço e a chuva ainda batendo contra o telhado do chalé. Não dissemos nada.

Um momento depois, ele passou o braço ao redor do meu corpo, segurando-me perto dele.

Senti um nó na garganta. Eu queria dizer coisas. Queria dizer que aquele tinha sido a melhor transa da minha vida. Queria perguntar se ele estava bem. Queria saber se eu tinha aliviado algo dentro dele. Queria que ele soubesse o quanto eu também desejava que as coisas fossem diferentes. Queria que ele soubesse que nunca me arrependeria daquilo, nunca o esqueceria e que eu nunca pararia de perguntar “e se”.

Abri a boca, mas ele falou primeiro.

— Não vá para casa amanhã, Margot — disse ele, apertando seu braço contra meu corpo. — Por favor. Não vá.



## JACK

Seu corpo continuava embaixo do meu. *Ela estava prendendo a respiração.*

Ela engoliu em seco.

— Você quer que eu fique? Tem certeza?

— Sim. — Eu saí de dentro dela e a virei gentilmente de barriga para cima. A forma como ela olhou para mim fez o meu peito apertar. — Se você quiser ficar.

— Jack. — Suas mãos tocaram meu rosto, seus polegares alisaram minhas faces. — É claro que eu quero.

Eu sorri, me sentindo como se um enorme peso tivesse sido tirado do meu peito.

— Isso é bom.

— Mas eu sei que as coisas são complicadas.

— São. — Não mentiria para ela. — E eu não posso fazer promessas.

— Eu não preciso de promessas — ela disse rapidamente. — Não tenho condições, não precisamos colocar rótulos, não tenho que saber como isso termina. Eu só gosto de estar com você.

Beijei uma de suas palmas.

— Obrigado.

Ela sorriu, deixando as mãos deslizarem por meus ombros.

— Olha, é engraçado. Esta é a primeira vez em minha vida em que estou me dando permissão para fazer o que quero fazer, sem me preocupar se isso se encaixa “no grande esquema” da minha vida. Sem me importar com o que as mulheres Thurber fazem.

Isso me fez rir.

— Acho que Muffy não aprovaria.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Provavelmente não. Mas quer saber? Eu não me importo. — Seu rosto se iluminou. — Eu não me importo. Só quero ficar aqui por um tempo e me divertir.

— Eu também. — Embora para mim, *aqui* não fosse um lugar físico. Era um estado de espírito que me permitiria aproveitar o tempo com Margot sem sentir que devia a alguém um pedido de desculpas. Sem sentir que estava



sendo um traidor. Sem a culpa. Era um lugar que tinha alcançado enquanto corria pela chuva para casa, percebendo que poderia passar outra noite sem dormir sozinho e torturado por pensamentos ou poderia me permitir um breve intervalo da solidão.

E talvez para Margot fosse o mesmo – uma quebra das expectativas, as regras que ditavam seu comportamento, uma chance para ela satisfazer seu lado... menos *educado*. Tipo sujar as mãos. Eu poderia ajudá-la com isso.

Mas eu só podia ser isso – uma pausa, um alívio temporário. Mais do que isso estava fora de questão.

— Queria saber quando a luz vai voltar. — Margot saiu do banheiro carregando a vela que tinha acendido. Ela ainda estava nua, eu adorava isso. — Acha que tem luz na cabana?

— Não faço ideia. — A perspectiva de passar a noite inteira no escuro não me animava. Eu tinha velas para acender? Tentei me lembrar enquanto abotoava minha camisa.

— Ainda está chovendo? — Nós prestamos atenção por um momento, e com certeza, a tempestade não tinha parado.

— Sim. — Franzindo a testa, eu olhei ao redor à procura das minhas meias, que provavelmente ainda estavam encharcadas. Porra, odeio meias molhadas.

— Quer ficar aqui esta noite?

Eu olhei para ela, hesitei. Sexo era uma coisa, mas passar a noite com outra mulher parecia demais. Deitado ao lado dela. Observando-a dormir. Acordando com ela. *Mas eu queria. Apenas uma vez, certo?*

— Sem pressão. — Margot caminhou em minha direção, a vela iluminando seu rosto por baixo. — Mas o convite está feito. Pensar em você tentando chegar em casa na escuridão me deixa nervosa.

Nossos olhos se encontraram, e eu me perguntava se ela estava pensando na estrada. *Estava chovendo naquela noite também.* Por um segundo insano, eu me perguntei por que diabos não deveria dar uma chance ao destino. Eu teria o que merecia?

— Você não me deixou ir andando para casa no escuro, lembra?

A preocupação em seu rosto me emocionou.

— Eu lembro.

— Então fique. — Ela colocou a vela na mesa de canto e passou os braços ao redor da minha cintura. — Por mim. Eu sei que você é um grande soldado forte e não tem medo da escuridão, mas eu ficarei muito assustada aqui sozinha.

Eu sorri e a abracei. *Você não tem ideia.* Ela descansou o rosto no meu peito e beijei o topo de sua cabeça. Até seu cabelo tinha um cheiro doce. *Uma noite inteira cercado por seu perfume. Pelo som de sua respiração. Pela sensação de não estar sozinho.*

— Está bem. Eu vou ficar.

— Que bom. — Ela se remexeu alegremente em meus braços. — Deus, eu adoro ter tudo do meu jeito.

Eu belisquei sua bunda.

— Você é uma pirralha mimada. Você acabou de me enganar?

— Talvez.

— Jesus, você conseguiria vender água a um homem afogado. Deveria entrar na política.

— Não, obrigada. Mas era muito boa em angariar fundos, ou pelo menos em incentivar pessoas ricas a preencher cheques para causas nobres.

— Não tenho dúvidas. — Ela bocejou, e a abracei mais forte. — Cansada?

— Sim. Você me desgastou. Ou talvez tenha sido o vinho.

— Digamos que fui eu.

Ela olhou para mim e sorriu.

— Com certeza foi você.

Ela foi até o banheiro escovar os dentes, levando a vela, mas deixou a

porta aberta, assim eu poderia ver o caminho. Quando ela saiu, fiquei novamente e me enfie embaixo do cobertor.

Colocando a vela na mesa de cabeceira, ela deslizou ao meu lado e depois soprou para apagá-la. Ficamos assim por um momento, a chuva mais suave agora, o cheiro de fumaça da vela pairando no ar. Estávamos virados de costas um para o outro, nossos corpos não se tocavam.

— É estranho? — Ela perguntou.

Eu olhei para ela.

— O que é estranho?

— Estar na cama com outra pessoa.

Voltando os olhos para o teto, coloquei as mãos atrás da minha cabeça.

— Sim. É.

Ela se virou de lado para me encarar, enfiando as mãos sob o rosto.

— Estou feliz que você não mentiu e disse que não era.

Eu me concentrei nela novamente.

— Não vou mentir para você, Margot. Eu prometo.

— Está bem. — Sua voz estava suave. — Eu estava escovando os dentes e pensando que não deveria ter pressionado você a ficar. Eu me sinto mal por não ter pensado que isso poderia ser estranho para você.

— Ei. Venha aqui. — Estendi a mão e ela se aproximou, aconchegando-se contra meu corpo. Sua pele estava morna, macia e cheirava a baunilha. Meu pau se agitou sob os lençóis. — Eu fiquei porque eu quero estar aqui com você esta noite. Sim, é a primeira vez que passo a noite com alguém depois de Steph em muitos anos, e sim, é um pouco estranho, mas não é desconfortável.

— Tudo bem. — Ela beijou meu peito, passando um braço sobre meu torso. — Já que estamos sendo sinceros, tenho que dizer a você o quanto eu amo seu peito.

Eu sorri.

— Ah, é?

— Sim. — Ela esfregou os lábios de um lado para o outro na minha pele, deslizou a mão pelo meu peito. — Desde o momento em que te encontrei.

Pensei por um segundo.

— Na cozinha?

— Sim. Você estava tão mal-humorado e sério, mas tinha um corpo incrível. Eu senti como se você fosse me agarrar e parecia que queria. — As pontas de seus dedos roçaram meu mamilo e meu pau pulou tão alto que fez os lençóis se moverem.

— Eu acho que queria. — Ah, droga, agora ela estava circulando meu outro mamilo com a língua, mexendo suavemente. O calor correu pelo meu corpo, esquentando minha pele.

— Talvez você ainda vá. — Ela beliscou o mamilo e respirei profundamente. Era tão bom e era uma daquelas coisas que eu nunca pediria, mas amava. Sua mão se movimentou lentamente para baixo, para minha barriga. — Eu nunca vi um corpo como o seu antes. Tão forte e musculoso. Todas essas definições e linhas. — Ela deixou os dedos passando pela barriga, fazendo-a se contrair. — É incrível como você é forte. Isto me faz pensar em todas as coisas que você poderia fazer comigo. — *Continue*, pensei, *e continue falando*. Ela segurou meu pau, agora totalmente duro e dolorido. — E isso — ela disse, a voz baixa e fluida. — Quando eu vi você na doca, pingando, molhado e completamente nu, meus olhos vieram direto para cá. — Subindo e descendo a mão, ela segurou a cabeça para falar suavemente em meu ouvido. — Pensei coisas que nunca pensei antes.

— Como o quê?

— Eu queria ver você ficar duro. Queria tocar você. Queria provar você.

— Droga — disse rouco, uma mão procurando seu peito, a outra serpenteando por sua região lombar.

— Eu estava com tanto tesão — ela sussurrou. — Queria que você se tocasse, e queria que você me pegasse observando você. Queria que me punisse por isso.

— Sim? E como eu faria isso? — Apertei seu mamilo com força suficiente para fazê-la ofegar e deslizei o dedo do meio ao longo da sua bunda.

Ela ficou quieta.

— Na verdade, eu não sei. Não cheguei tão longe.

— Deixa para lá. Você nem imagina o que eu poderia fazer.

— Diga — ela implorou. — Eu quero ouvir.

— Não. Vou te fazer uma surpresa.

Um sorriso lento e safado surgiu.

— É justo.

Eu me movi rápido, deitando-me de costas na cama, prendendo seus pulsos no colchão e ancorando o corpo com meus quadris.

— Eu nem sempre jogo justo.

O sorriso desapareceu.

Mas seus olhos brilhavam.



Quando finalmente deitamos – não foi tarefa fácil, Margot tinha um apetite sexual quase parecido com o meu – caímos sobre os lençóis torcidos, a cabeça dela no meu peito, um braço e uma perna sobre mim. Passei um braço ao redor de seu ombro e beijei o topo de sua cabeça.

— Está tudo bem? — perguntou ela. — Eu não sei se você gosta de dormir de conchinha ou não.

— Está tudo bem.

— Boa noite — ela murmurou sonolenta.

— Boa noite.

Ela adormeceu em minutos, a respiração profunda e rítmica, o corpo relaxado. Fiquei acordado por um tempo, ouvindo a chuva, admirado por ela, por esta noite e por mim mesmo. Não tinha sido uma decisão fácil voltar. Não tinha sido fácil pedir-lhe para não partir amanhã. Não tinha sido fácil ir para a cama com alguém que não era a mulher com quem me casei.

Mas todo o resto... todo o resto tinha sido tão fácil. Falar com ela. Tocá-la. Ouvi-la. Estar dentro dela. Por que era assim? Como era possível me sentir tão confortável com alguém que só conheci dias antes, alguém tão completamente diferente de mim? Não parecia real.

Então faça com que deixe de ser um sonho. Não analise. Não examine. Não procure coisas que não existem.

Fechei os olhos, satisfeito por estar com ela em um mundo de sonhos temporário onde eu não seria julgado – onde nenhum de nós seria julgado – pelo que queríamos.

Pela primeira vez em anos, adormeci no escuro.

E dormi durante a noite toda.



## MARGOT

O colchão se mexeu e relutantemente abri os olhos. Pisquei sob a luz cinza pálida da manhã e vi Jack sentado na cama, vestido. Seu cabelo estava um desastre. Sorri.

— Ei.

— Ei. Eu tenho que ir.

— Seus animais estão sentindo sua falta?

Ele bagunçou meu cabelo.

— Sim. E eu ainda tenho que pegar minha caminhonete.

— Ah, certo. Que horas são?

— Seis e pouco.

A conversa que tivemos na noite passada voltou à minha mente desperta.

— Eu preciso dizer a eles que não sairei hoje.

— Eu esperava que você ainda quisesse ficar. Quanto tempo você tem?

Tive que pensar por um segundo.

— Que dia é hoje?

— Quarta-feira. Dia 20.

— Ficarei aqui até o dia 28. Então, mais oito dias.

Quando me vi confrontada com a perspectiva de oito dias aqui tendo que ficar longe dele, parecia um tempo infinito. Agora parecia curto.

— Bom. — Ele se inclinou e beijou meu rosto. — Não se levante. Eu vou embora e falo com você mais tarde, tá?

— Está bem.

Depois que ouvi a porta da frente fechar, tentei voltar a dormir, mas não consegui. Era possível que as coisas tivessem mudado tanto em apenas 24 horas? Se Jack não estivesse aqui quando acordei, eu poderia ter pensado que tinha sonhado.

Rolando de costas, estiquei os braços e as pernas, apontei e flexionei os pés. Estava dolorida em lugares que não esperava estar – minhas costas, braços e pescoço. Eu também estava dolorida nos lugares esperados. Deus, esse homem sabia transar com uma mulher! E sua língua, meu deus, ele era



bom com a língua. Gozei quatro vezes ontem à noite – quatro! Foi mais do que gozei nos últimos seis meses na minha relação com Tripp!

Eu tinha que contar para alguém. Precisava.

Meu telefone ainda estava na bolsa desde a noite passada, o que significava que provavelmente estava sem bateria. A luz voltou? Saltei da cama, fui nua para a sala da frente, peguei meu telefone e o carregador e o liguei ao lado da cama. Demorou um minuto, mas por fim ele zumbiu e ligou. Assim que pude, liguei para Jaime no menu de minhas chamadas recentes.

— Alô? — Ela parecia nervosa.

— Sou eu.

— Você está bem?

— Sim, estou. Por quê?

— Porque não são nem sete horas.

— Oh! Desculpe. Eu me esqueci.

— Por que você está acordada? Não deveria estar de miniférias?

— Sim. E estou acordada porque não consigo dormir. E não consigo dormir por causa do que aconteceu ontem à noite.

— O que aconteceu ontem à noite?

— Eu gozei quatro vezes! — Falei rápido. — Um, dois, três, quatro!

Ela arfou.

— Espere, deixe-me ir para o outro quarto.

— Mas eu quero saber sobre os quatro orgasmos — ouvi Quinn dizer.

— Eles não são assunto seu, agora silêncio. — Fez-se uma pausa e ouvi uma respiração abafada antes de ela falar novamente. — Está bem. Vá. Conte-me tudo.

— Eu vou, mas primeiro... — Engoli o nó na garganta. — Prometa que você não vai ficar brava.

Ela suspirou.

— Vou fingir que o orgasmo foi com alguém que não é um cliente. O que acha?

— Boa ideia. — Eu contei a ela sobre o que tinha acontecido desde que tínhamos nos falado pela última vez: tudo, desde o encontro desastroso: ela gemeu, até o sexo na árvore, ela arfou e para os quatro orgasmos, ela suspirou.

— Isso é incrível, Gogo. Estou feliz por você. Também estou em choque.

— Acredite em mim, eu também estou. — E não podia nem contar a ela sobre algumas das coisas mais chocantes: os hematomas em meu corpo, as marcas de mordida na pele dele, os arranhões em suas costas. O jeito que implorei para ele ser rude. O modo como ele usou seu tamanho e força para me subjugar. A necessidade que senti de explorar esse meu lado. A necessidade dele de perder o controle sem medo.

Isso precisava de confiança – e de alguma forma nós a estabelecemos. No curto espaço de tempo desde que havíamos nos conhecido.

Talvez essa tenha sido a maior surpresa de todas.

— Então e agora? — Jaime perguntou. — Você vai vê-lo novamente?

— Deus, espero que sim. Quando ele saiu, ele disse algo sobre me pegar mais tarde.

— Por que ele partiu tão cedo? — Ela riu. — Ele é avesso a relacionamentos como eu era?

— Haha. Não, ele tinha que ir alimentar os animais, acho.

— Eu me esqueço que ele é um fazendeiro. Você está fodendo um *fazendeiro*.

— Eu sei e ele é tão sexy — eu disse com seriedade. — Sei lá, não sei se existem outros como ele, mas as mulheres precisam começar a prestar atenção às feiras de agricultores perto delas, só por garantia.

— Hum. Talvez devêssemos contar a Claire.

— Sim! Faça isso! O que ela vai fazer esta semana?

— Procurar uma casa, na verdade. Eu devo ir ver uma com ela hoje mais tarde.

— Mais encontros com o jogador de hóquei?

— Não que eu saiba. Vou pegar detalhes hoje à noite.

— Isso é certo, é a noite das meninas. — Eu me senti um pouco triste por ter perdido o nosso encontro de sempre. — Desculpe, não poderei ir.

Ela soltou uma gargalhada.

— Poupe-me, você não está triste por isso. E eu também não estaria.

Sorri.

— OK, não estou.

— Apenas nos dê todos os detalhes picantes quando você voltar. Nós vamos perdoar você.

— Palavra de escoteiro.

Ela suspirou.

— É melhor eu ir tomar banho. Mantenha-me informada sobre o fim dos trabalhos, por favor. Vou continuar fingindo que você não está dormindo com um cliente.

A culpa fez com que eu me retraísse um pouco.

— Você precisa que eu faça mais alguma coisa enquanto estiver aqui?

— Não, não se preocupe com isso. Tenho tudo sob controle. Tire alguns dias de folga.

— Você é a melhor. — Mande-i-lhe um beijo ruidoso. — Tchau.

— Tchau.

Desliguei e fiquei sentada por um momento, tentando decidir se estava cansada o suficiente para voltar a dormir. Mas estava desperta – era como se já tivesse bebido seis xícaras de café e comido uma tigela de Froot Loops com uma pitada de cocaína no topo. De onde vinha essa energia? Eu não tinha conseguido dormir mais de seis horas e, geralmente, gostava de oito

horas de sono. Gostaria de saber se Jack estava cansado ou se ele sentia a mesma vibração que eu. Será que ele dormiu bem? Lembrei-me de quando ele disse que geralmente não dormia muito bem. Dormir comigo foi melhor ou pior para ele? Ele parecia feliz o suficiente hoje cedo, não parecia?

Finalmente decidi que estava muito agitada para ficar deitada pensando nele. Levantei-me, vesti jeans e uma camiseta e imaginei que poderia ir à fazenda ajudá-lo ou, pelo menos, fazer a oferta.

Ri quando calcei as botas, ainda sujas de lama. Se alguém tivesse me dito, um ano antes, que eu passaria um dia de férias fazendo tarefas de fazenda – até um mês atrás – eu não teria acreditado.

Mas tudo em mim estava diferente.

Bem... quase tudo.

Eu ainda usava o colar de pérolas, é claro.



Já que estava claro e não muito quente, decidi caminhar até a fazenda. Tinha parado de chover, mas o céu estava nublado e o clima abafado. No meu trajeto até a rua íngreme, do chalé em direção à estrada, liguei para Ann e fiquei surpresa quando ela atendeu, já que ainda era cedo.

— Ah, oi, Ann. Eu estava indo te deixar uma mensagem e dizer que decidi não ir para casa mais cedo.

— Ah, que bom! — Ela disse. — Fico muito feliz. Você sobreviveu ao pequeno apagão de ontem à noite?

— Claro. Acendi uma vela e tive uma noite perfeitamente agradável.  
— *Quer ouvir sobre os meus quatro orgasmos?*

— Que bom saber disso. Aproveite o resto da sua estadia e me avise se precisar de alguma coisa.

— Vou aproveitar. Obrigada.

Atravessei a rua em frente à casa de Valentini e vi Georgia sair pela porta da frente, segurando um copo de café.

— Bom dia! — Ela chamou da varanda, acenando.

— Bom dia! — Eu acenei de volta e me dirigi para o caminho de cascalho em direção a ela.

— Eu vi você atravessando a estrada. O que a traz aqui tão cedo? — Ela sorriu para mim por cima da caneca.

Porra, o que devo dizer? Meu rosto ardeu antes que eu pudesse formular uma resposta.

— Uh, eu pensei em oferecer ajuda a Jack de novo. — Gesticulei por cima do meu ombro na direção do lago. — Não é um bom dia para ir à praia.

— Não. — Ela parecia estar se divertindo. — Jack sabe que você vinha?

— Não. — Enfiei as mãos nos bolsos da calça. — Sinceramente, ele diria para eu não me incomodar. Não tenho certeza se fui muito útil aquele dia.

Ela riu.

— Qualquer ajuda é ajuda. Mas por que você não entra para uma xícara de café primeiro? Ele não sabe que você viria, então não sentirá sua falta, certo?

— Certo — sorri, apesar de estar meio ansiosa para vê-lo. — OK, obrigada. O café parece bom. — Segui com ela para dentro da casa e no fim do corredor que levava até a cozinha, Cooper estava sentado no chão brincando com recipientes de plástico e tampas.

Eu acariciei seus cachos.

— Olá, gracinha.

— Creme e açúcar? — perguntou Georgia, entregando uma caneca para mim.

— Sim, por favor.

Sentei-me no balcão e ela colocou uma xícara fumegante de café preto, um jarro de creme e açúcar na minha frente.

— Aí está. Prontinho.

Adicionei os acompanhamentos ao meu café até deixá-lo como queria, e tomei um gole.

— Perfeito. Obrigada.

Segurando o copo com as duas mãos, ela se inclinou sobre os cotovelos à minha frente e sorriu como o gato que ainda não comeu o canário, mas sabe onde ele mora.

*Ela suspeita de algo.*

Novamente meu rosto se aqueceu e eu tentei esconder o rubor atrás da xícara de café.

— Eu não sou boa em guardar segredos — disse ela.

— Oi?

— Não, não quando estou tão curiosa. — Ela pousou a xícara e endireitou-se. — Ontem à noite, quando vim para casa do trabalho, notei que o carro de Jack não estava lá. Então, hoje cedo eu o vi dirigindo para casa. E estou tentando imaginar onde ele poderia ter passado a noite. — O brilho em seus olhos me disse que ela tinha um bom palpite.

Eu me remexi no assento, olhando para a bancada de fórmica cor de marfim.

— Ah... eu não estou muito, hum, à vontade aqui para... — Merda! Não conversamos sobre isso. Será que Jack quer manter o nosso pequeno caso em segredo?

— Tudo bem. — Ela ergueu uma mão. — Você não precisa me dizer nada específico. Deixe-me apenas dizer que ontem, quando ele veio se desculpar, Pete e eu sentimos algo diferente nele. Ele estava mais relaxado, mais disposto a ouvir, menos teimoso e carrancudo.

— Interessante. — Bebi um grande gole de café.

— Foi mesmo. Muito. — Ela sorriu enquanto brincava com seu copo.  
— Pete perguntou se ele tinha transado.

Engoli o café muito rápido e acabei tossindo.

— E o que ele disse? — perguntei quando pude falar novamente.

— Ele não confirmou nem negou. — Levantando o copo em direção aos meus lábios novamente, me esforçando para manter a expressão neutra. Seu sorriso era enorme. — OK, então. Prosseguindo.

— Prosseguindo.

— Jack te contou a notícia emocionante? Nós estamos indo adiante com os planos para o buffet e o restaurante. Quero dizer, pelo menos, explorando as opções.

— Isso é maravilhoso — disse.

— Estou muito animada. E estava pensando, quando o novo site estiver no ar, que eu poderia começar a escrever sobre o projeto.

— Perfeito! Esse é exatamente o tipo de história a ser compartilhada.

— Brad deve nos ligar hoje para nos dizer se poderemos ver a casa esta tarde — Ela fez uma careta. — Mas nós costumamos ir à feira de Frankenmuth às quartas-feiras das 15:00h às 19:00h, assim, não sei bem como isso vai funcionar. Talvez tenhamos que esperar.

— Ninguém pode fazer a feira?

Ela deu de ombros.

— Não é realmente a cara de Jack, pelo menos não tem sido desde...

A porta da cozinha se abriu e ele apareceu. Meu coração se acelerou. Meus braços e pernas formigaram. Senti um forte frio na barriga. Eu não consegui não sorrir, principalmente quando vi seu cabelo. Ele não tinha colocado o boné, provavelmente porque hoje não estava ensolarado, e ainda estava despenteado por causa da noite passada. *Por causa das minhas mãos.*

Cruzei as pernas.

— Ei — disse ele, abrindo um sorrisinho, mas ainda assim era um

sorriso. — O que você está fazendo aqui?

Eu retribuí.

— Pensei em ver se você queria alguma ajuda hoje.

— Ah. Eu vim tomar um café. — Ele gesticulou para a cafeteira, mas não se moveu. Apenas ficou ali olhando para mim com aquele sorrisinho nos lábios.

Georgia olhou para nós dois.

— Posso lhe trazer uma xícara, Jack?

— Ah, eu pego. — Ele começou a ir em direção ao armário, mas avistou Cooper e se inclinou para pegá-lo. — Ei amigo!

— Pahk! — Cooper disse enquanto Jack o pegava no colo.

— Você quer ir ao parque outra vez? — Brincou Jack. — Você não está cansado do parque?

— Nunca — disse Georgia. — Mas não dê mais sorvete quando você o levar. Ele se recusou a jantar ontem.

Jack colocou Cooper no chão e torceu o nariz.

— Não se preocupe, amigo. Podemos esconder o sorvete. É para isso que servem os tios.

Georgia deu-lhe um tapa no ombro enquanto passava por ele em direção à jarra de café.

— Estava dizendo a Margot agora mesmo que Brad quer nos levar para ver o sítio de Oliver mais tarde.

Ele murmurou algo ininteligível enquanto enchi a xícara de café e Georgia e eu reviramos os olhos.

— Mas há um contratempo porque eles precisam ir a uma feira de algum lugar — eu disse.

— Frankenmuth. — Georgia virou-se para Jack. — Das 15:00h às 19:00h.



— Estava pensando, por que não fazemos isso? — Eu disse com animação. — Nunca fui a uma feira de agricultores e gostaria de saber mais sobre eles.

Jack virou-se e recostou-se no balcão.

— Não. Eu não gosto dessas coisas.

— Por que não? — Eu quis saber.

— Há *pessoas* lá — ele disse com a voz mal-humorada.

— Ah, pelo amor de Deus. É claro que há: elas são chamadas de *clientes* — disse Georgia. — Eu acho que é uma boa ideia! Você deveria fazer isso, Jack.

Ele levou a caneca de café à boca e murmurou antes de tomar um gole.

— Por favor? — Abaixando a caneca, juntei as mãos e abri para ele meu melhor sorriso. — Serei boazinha.

Ele suspirou, estreitando os olhos para mim, mas vi um sorriso ameaçador.

— Suponho que tenha que comprar um sorvete para você também.

Eu aplaudi duas vezes.

— Sim! Sorvete!

— Isso é ótimo. Obrigada — disse Georgia. — Te aviso quando eu conversar com Brad.

— Vamos organizar isso! — Eu disse, animada. — Não importa o que seja, Jack e fazemos.

— Sério mesmo? — Georgia piscou e olhou para seu cunhado. — Tudo bem para você?

— Tudo bem — Jack bebeu o resto do café e colocou a caneca na pia. — É melhor eu voltar para o serviço se só vou contar com meio dia de trabalho. Está tudo pronto para irmos hoje à tarde?

— Não, mas vou separar, lavar e embalar tudo de manhã e talvez Margot me dê uma mão. Assim, eu posso mostrar a ela como faço as coisas. Você só precisa carregar a caminhonete.

— Claro — eu disse. — Qualquer coisa que você precisar.

— OK. — Jack olhou para mim. — Quer me dar uma mão com a coleta de ovos antes de fazer isso?

Torci o nariz.

— Eu tenho que querer?

— Sim.

— Divirtam-se, vocês dois — Georgia disse, fazendo um sinal com o polegar para cima enquanto Jack estava abrindo a porta para mim.

Enquanto caminhávamos em direção ao galinheiro, minhas botas afundaram na lama, minhas narinas foram tomadas pelo cheiro de estrume e meu receio de enfiar a mão embaixo de uma galinha irritada retornou. Mas meu coração estava acelerado pela emoção do dia que nos aguardava.



## JACK

Tão logo chegamos ao lado do celeiro, fora da vista da casa, agarrei a mão de Margot, e a girei para beijá-la. Nós nos abraçamos, nossos corpos esforçando para se aproximar, como se tivesse passado muito mais do que apenas algumas horas desde que estivemos juntos. Ela estava com o mesmo cheiro da noite anterior – baunilha e sexo.

*Porra, ela é sexy.*

Não pensei em mais nada desde que a tinha deixado na cama. Estava distraído também, movimentando-me lentamente ou parado imóvel olhando fixamente para o nada quando deveria estar trabalhando muito.

— O que você tem? — Pete tinha me perguntado uma hora atrás, quando ele me encontrou parado como uma estátua no celeiro, segurando um rolo de corda.

*Ah, nada, só estou pensando em amarrar a linda moça que está trabalhando para nós, talvez vendá-la também. Foder sua boca. Nada demais.*

Então, quando a vi na cozinha, meu coração bateu rápido e forte contra minhas costelas – um sentimento que eu não esperava. Há quanto tempo não me sentia tão feliz ao ver alguém? Ela estava tão bonita sentada ali, com o cabelo preso e sem maquiagem, com uma simples camiseta branca. Estaria imunda ao final do dia, mas não acho que ela se importaria.

— Uau — disse ela, arfando. — Isso é porque eu disse que iria ajudá-lo com os ovos?

— Não. É porque estou feliz em te ver. E também por ter dormido bem ontem à noite.

Seu rosto se iluminou.

— Eu ia perguntar a você. Outro dia, você me disse que não dormia bem.

— Eu não durmo, normalmente, não. Mas ontem à noite dormi. — Estava tentando não pensar muito sobre isso e simplesmente desfrutar da sensação de estar bem descansado. Se deixasse que minha mente pensasse no motivo que estava por trás daquilo, teria que me perguntar algumas coisas que não estava pronto para responder.

— Isso me deixa feliz. — Ela se animou.

Eu a beijei novamente, lenta e docemente desta vez, querendo prolongar o momento, o máximo que pudesse. Mas quando minhas mãos começaram a descer por seu corpo e meu pênis endureceu, pensei que seria

melhor parar.

— Eu preferiria fazer isso do que trabalhar hoje, mas provavelmente deveria fazer algumas coisas antes de partirmos.

Ela sorriu.

— Sou toda sua. Ponha-me para trabalhar.



Margot ainda não conseguia colher ovos – *eu não consigo pegá-los embaixo da galinha... é pessoal, como se ela realmente quisesse mantê-lo lá* –, mas ela se lembrou das lições do outro dia e definitivamente trabalhou mais rápido. Depois disso, Pete e eu saímos para verificar as cercas e Margot ficou com Georgia para deixar as coisas prontas para a feira. Eu não fazia uma feira há anos e quando fazia, Steph sempre estava junto para fazer com que tudo parecesse bom. Espero que Margot se lembre de tudo o que Georgia lhe disse.

Pouco antes do meio-dia, colocamos tudo na caminhonete – incluindo uma cesta de piquenique que Georgia havia embalado para o nosso almoço – e partimos para Frankenmuth.

— Que tipo de música você gosta? — Perguntei a ela enquanto íamos na direção oeste. O sol estava começando a brilhar entre as nuvens e parecia que teríamos bom tempo, o que sempre significava um melhor público.

— Ah, eu gosto de qualquer coisa.

— Qualquer coisa, hein? — Liguei o rádio para ouvir o que estava tocando. — Verei o que podemos encontrar, mas esta caminhonete é velha e completamente desprovida de frescuras, como, podemos dizer, uma Mercedes.

Ela me cutucou nas costelas.

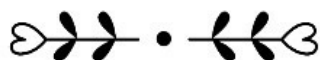
— Minha Mercedes é 1972. Frescuras, como nós sabemos, não eram uma opção naquela época.

— Verdade. E quem precisa delas, afinal? — Sintonizei o rádio e abri as janelas, já que o ar-condicionado não funcionava. — A voz áspera de Hank Williams em uma caminhonete Chevy antiga, indo por uma estrada do interior, vento batendo nos cabelos... — Eu dei um tapa na perna dela e disse — Não tem nada mais rural do que isso, querida.

Ela riu e jogou a cabeça para trás.

— Woowoooh!

Ri também. Eu não me sentia tão bem há muito, muito tempo.



Chegamos ao pavilhão depois de cerca de uma hora e meia, localizamos nosso ponto de venda e descarregamos a caminhonete. Margot trabalhou muito, limpava o suor de sua testa nos antebraços e começou a arrumação da barraca, uma vez que tínhamos tudo pronto.

— Eu faço isso — disse a ela enquanto ela lutava para conseguir desdobrar uma perna da mesa.

Ela endireitou-se e soprou alguns fios de cabelo para longe do rosto e me olhou feio.

— Eu não sou totalmente inútil, Jack. Sei segurar uma mesa dobrável.

— OK, OK. — Eu me afastei dela para esconder um sorriso enquanto desembalava a balança.

Quando as toalhas já estavam nas mesas e os mostruários montados exatamente como Georgia tinha determinado, Margot se afastou um pouco e analisou tudo criticamente.

— Eu gostaria que tivéssemos feito alguns níveis diferentes na mesa. E mais profundidade.

Fiz uma careta.

— Profundidade?

— Sim. Eu amo as cestas de diferentes tamanhos no chão e os barris velhos. Mas nas mesas, acho que poderíamos ter usado algo mais. — Ela bateu um dedo no queixo. — O banner precisa ser refeito, já que vocês têm um novo logotipo, e devemos também colocá-lo na frente da toalha de mesa. Gostaria de ver um pouco de modernidade e antiguidade ao mesmo tempo. Nova tendência, mas autêntico.

— Que diferença faz? A qualidade do produto não deveria ser o que atrai as pessoas?

Ela sorriu para mim.

— Isso as trará de *volta*. Mas olhe quantas pessoas estão montando aqui agora. Como você vai se destacar? As pessoas tomam decisões sobre as primeiras impressões dentro de segundos, Jack. Você precisa chamar a atenção delas com algo visualmente deslumbrante. Atrai-las.

Eu balancei a cabeça. Não tinha ideia de como fazer isso, mas se alguém sabia sobre visual deslumbrante, era Margot.

Ela deu a volta ao redor das mesas e pegou a bolsa.

— Eu volto já.

— Aonde você vai? Você não quer almoçar antes de abrir?

— Dê-me dez minutos — ela falou olhando para trás enquanto se apressava.

Ela voltou em cinco minutos com plantas em vasos e flores em alturas variadas, que colocou sobre a mesa, reorganizando as coisas para criar espaço. De pé, mais atrás, ela observou de novo e assentiu com a cabeça.

— Melhor. E esse manjerição está com um cheiro delicioso. Assim que vendermos algumas coisas, vou usar as caixas vazias para expor as pequenas caixas ao longo da parte de trás da mesa, mas por enquanto, isto basta.

Ergui uma sobrancelha para ela.

— Você é a chefe. Pronta para comer?

— Sim. Na verdade, estou com muita fome.

Nós almoçamos na barraca, devorando todos os sanduíches, pickles e cookies que Georgia tinha embalado.

— Eu espero que consigam ver a casa hoje — disse Margot, com a boca cheia de biscoito. Destampeí minha garrafa de água e tomei um gole. Ela chutou meu pé. — Ei. Não acha?

— Eu acho.

Ela estalou a língua.

— Você é um chato. Bem, estou animada por eles. É o sonho deles!

— Eu sei — disse de má-vontade. — Por enquanto não posso dizer que gosto da ideia deles comprarem aquela pilha de sucata velha e descascada, porém gosto de saber que isso está fazendo Pete e Georgia felizes.

— Isso é porque atrás dessa fachada rabugenta bate um coração — ela lançou a mim um olhar de superioridade. — Admita... você é mesmo um fofo.

Eu fiz uma careta.

— Um fofo? Não sei bem se gosto disso.

— Não se preocupe, fazendeiro rude e mal-humorado, seu segredo está seguro comigo. — Ela bateu na minha perna. — Eu não vou contar a ninguém que você é um doce.

Inclinei-me para sussurrar em seu ouvido.

— E eu não vou dizer a ninguém que você é pervertida.

Ela arfou e riu.

— É melhor não.

— Jack?

Olhei para a mulher que tinha falado e por um segundo pensei que estivesse vendo um fantasma. *Putá merda.*

— Suzanne. — Imediatamente voltei a me sentar na cadeira e afastei



Margot discretamente.

— Achei que era você. Eu vi o banner e esperava encontrar Pete e Georgia. — A irmã mais nova de Steph olhou para Margot e depois para mim. — Faz tempo que não te vejo.

— Sim, eu não costumo vir. — Porra, quanto mais velha ela ficava, mais Suzanne se parecia com Steph: mesma cor de cabelo, mesma altura e corpo, até mesmo a voz. Elas tinham três anos de diferença, então Suzanne devia estar com trinta agora, a idade que Steph tinha quando morreu.

— Bem, venha aqui, seu tonto. — Ela abriu os braços e me levantei, indo ao seu encontro para dar-lhe um abraço sem jeito. Ela ficou na ponta dos pés do jeito que Steph costumava fazer para conseguir me abraçar, e meu estômago se revirou. — É bom te ver.

— Bom te ver também — menti, soltando-a e indo para trás da barraca o mais rápido que pude. Pelo menos ela não tinha o mesmo perfume de Steph. Suzanne estava usando um perfume floral e Steph nunca tinha usado algo assim.

— Oi. Sou Margot Lewiston. — Margot levantou-se e ofereceu a mão e um sorriso a Suzanne.

Será que Suzanne hesitou antes de apertá-la? Talvez tenha sido coisa da minha cabeça. Eu fiquei meio tonto e comecei a suar.

— Suzanne Reischling. — Ela apertou a mão de Margot e embora usasse óculos de sol e não pudéssemos ver seus olhos, eu a senti medindo Margot dos pés à cabeça.

— Prazer em conhecê-la — disse Margot.

— O prazer é meu. — Suzanne afastou a mão. — Você é a nova funcionária da fazenda?

Margot riu.

— Algo assim. Estou fazendo um trabalho de marketing para eles. Ajudando-os com a marca e a divulgação, esse tipo de coisa.

— Interessante. — Suzanne cruzou os braços. — Você é daqui?

— Não, eu sou de Grosse Pointe, que fica ao norte de Detroit.

— Eu sei onde é.

A recepção de Suzanne a Margot foi tão fria, que recobrei os sentidos.

— Margot está nos visitando essa semana e conhecendo melhor o negócio — eu disse, sentindo uma estranha necessidade de defendê-la.

— Sim, e apenas vim junto hoje para ver como era. Eu nunca tinha ido a uma feira. — O sorriso de Margot permaneceu genuíno, seu tom amigável. Levando as mãos aos bolsos traseiros, ela balançou o corpo para a frente e para trás. — Estou animada.

— Que bom — Suzanne disse sem rodeios.

— E você? Está aqui com sua mãe? — Eu me virei para Margot. — A sra. Reichling vende geleias caseiras e produtos assados nessas feiras, às vezes. — Mais uma razão de ter evitado vir e encontrá-los. Ela nunca disse, mas como poderia não me culpar por tudo o que tinha acontecido? Devia ter muita vontade de gritar comigo. Eu sabia exatamente o que ela diria: *se não fosse por você, ela seria uma médica agora, provavelmente casada com outro médico, morando em uma casa grande com um bebê a caminho.*

Ela estaria certa sobre tudo isso.

— *Estou* aqui com mamãe e sei que ela adoraria te ver. Quer falar com ela? — Suzanne falou.

Olhei para Margot. Ela percebeu quem era? Se percebeu, seu rosto não deixou transparecer. Ela era boa em manter a calma, em se controlar. *Eu precisava aprender isso com ela.*

— Talvez mais tarde. Precisamos terminar de arrumar tudo aqui.

— Está bem. Mas não se esqueça. Ainda somos sua família, não é? — Parecia quase uma acusação.

— Claro. — Enfiei as mãos nos bolsos, torcendo para que ela não tentasse me abraçar novamente.

Ela sorriu como Steph fazia e isso me deixou tenso.

— Vejo você mais tarde, então. — Sem olhar para Margot, ela saiu.

Quando ela já estava longe, suspirei e me sentei na cadeira. Peguei minha garrafa de água. Tomei um gole.

Margot se abaixou lentamente até a beira do assento.

— A irmã de Steph? — perguntou gentilmente.

— Sim.

Ela assentiu com a cabeça.

— Pensei isso. Elas se parecem, hein?

— Sim.

— Isso deve ser difícil.

Dei de ombros.

— Steph era realmente diferente de sua irmã.

— Como assim?

— Diferentes personalidades. Interesses diferentes. — Olhei para ela.  
— E Steph nunca teria tratado você assim.

Margot esboçou um sorriso triste.

— Eu tenho a sensação de que ela não gostou de me ver com você.

— Provavelmente porque isso é algo que eu costumava fazer com Steph.

Margot inclinou a cabeça para um lado e para o outro .

— Então a reação dela é compreensível.

— Talvez. Mas isso não melhora as coisas. — Suspirei, fechando os olhos por um segundo. — Sabe, quando Steph estava viva, sua família nunca gostou tanto assim de mim.

Margot pareceu chocada.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Eles achavam que ela poderia ter feito muito mais do que ficar por aqui e se casar comigo. Porra, ela poderia ter feito mais. Eu disse isso a ela um milhão de vezes. — Com raiva, bebi minha água novamente, desejando que fosse uísque.

— Acho difícil acreditar nisso.

— Eu não sei por que — disse com amargura. — Você viu bem como eu sei ser idiota.

— Porque você é um bom homem, Jack. Sim, você fica com raiva e ataca. Você fica encurralado e reage como pode. E caramba, eu vi você ser um idiota. — Sua voz se suavizou. — Mas também ouvi você se desculpar. Eu tenho visto você tratar pessoas e animais com amor e bondade. Eu vi você tratar a *terra* com amor e bondade. — Eu quase sorri, ela me pegou. — Além disso... — ela disse, inclinando-se para sussurrar em meu ouvido. — Você tem mãos habilidosas, uma língua *incrível* e um pau grande. O que mais uma garota poderia querer?

Relutantemente, esbocei um sorriso e sacudi a cabeça. Será que ela realmente acreditava que um pau grande compensava tudo o que não poderia oferecer? Justo a Margot?

— Uh, estabilidade? Segurança financeira? Um carro legal? Uma casa grande? Joias caras?

— Você me disse que não se importava com essas coisas.

— Mas você se importa. — Saiu do nada. Por que diabos eu compararia Steph com Margot? — Porra. Esqueça que eu disse isso.

— Não, escute. — Ela pôs uma mão em minha perna. — Você não está errado. Eu me importo com essas coisas. Nunca senti falta disso ou de qualquer outra coisa que o dinheiro pode comprar. Mas quer saber?

*Cristo, somos tão diferentes.*

— O quê?

— Falta alguma coisa na minha vida.

Eu olhei para ela.

— Como o quê? O que poderia estar faltando em sua vida se você tem tudo o que sempre quis e se você não tem, pode sair e conseguir?

Ela revirou os olhos.

— Eu odeio desapontá-lo, mas não vendem felicidade nas lojas, Jack. Muitas pessoas ricas são tristes e muitas pessoas pobres estão satisfeitas.

— Concordo.

— Você e Steph eram ricos?

Eu bufei.

— Não.

— Mas eram felizes.

— Sim, nós éramos. Felizes demais.

Ela inclinou a cabeça.

— Como assim?

Jesus, por que eu disse isso? Tratar de assuntos além da tensão sexual com ela era uma coisa, mas não queria revelar muito de mim mesmo.

— Nada.

— Você quis dizer alguma coisa, Jack. Conte-me.

Eu suspirei, sentindo o peso retornar aos meus ombros, um peso que não tinha sentido durante o dia todo.

— Eu apenas quis dizer que o tipo de felicidade que tivemos não durou.

— Por que não?

— Porque era bom demais para ser verdade. Eu não merecia aquilo.  
— *Cala a boca, Valentini! O que você está fazendo?*

Ela me observou por um momento.

— Por que não?

— Meu Deus, Margot. Podemos deixar isto pra lá, por favor? Eu não quero falar sobre isso. Você não vai entender e não tem nada a ver com você.  
— *E eu não posso começar a te contar as coisas. Simplesmente não posso.*

— Mas eu...

— Chega, já disse! Steph e eu não somos da porra da sua conta! — E porque minha raiva estava ameaçando me tirar do sério e eu tinha o hábito de falar demais quando isso acontecia, dei um pulo da minha cadeira e me afastei.

Eu não tinha ideia para onde estava indo, só queria uma certa distância entre nós. Passando por outros vendedores furioso, atravessei um estacionamento público e saí pela rua.

Porra, por que ela teve que começar? Eu estava de bom humor hoje. Feliz, até. Por que ela teve que arruinar tudo insistindo na minha dor com um monte de perguntas? Só porque estava fodendo com ela não significava que ela tivesse o direito de me perguntar sobre meus sentimentos. Entre ela e eu não existiriam sentimentos — era sexo por sexo e nada além! Não precisávamos complicar as coisas falando sobre nossos passados, nossa dor ou sobre o que faltava em nossas vidas. No momento em que começássemos a falar, seria sinal de que aquilo estava se transformando em algo mais, algo que eu não queria e de que ela não precisava.

Respirando fundo algumas vezes, parei de andar e levei as mãos à nuca. Esperei minha frequência cardíaca diminuir. Minha agitação aliviar. Minha raiva, que transbordava, suavizar.

Depois de alguns minutos, eu estava calmo.

E envergonhado de mim mesmo.

Eu tinha falado demais. O que nela me fazia me abrir daquele jeito? Eu não podia fazer isso, porra. E mais uma vez, fiquei bravo comigo mesmo e descontei nela. Quando aprenderia que atacar as pessoas que estavam tentando ajudar só fazia com que eu me sentisse pior? Margot não fazia ideia de como eu me sentia culpado pela morte de Steph ou por que me sentia responsável por ela. E eu não contaria isso a ela — não só era desnecessário, como também lançaria uma sombra sobre o que era para ser um momento

bom, e também seria uma traição muito grande. Sexo era uma coisa, mas nossa conexão permaneceria puramente física.

Amigável era bom, mas romântico e intimista estavam fora de questão. *Quanto menos ela souber sobre mim, melhor.*

Eu tinha que ser mais cuidadoso. Por nós dois.

No caminho de volta, parei para comprar algumas flores para Margot. Sem saber quais flores eram suas favoritas, escolhi um pequeno arranjo de hortênsias azuis porque a cor me lembrou de seus olhos. Elas foram bem embrulhadas em papel pardo e amarradas com barbantes, mas quando a vi sentada sozinha na nossa mesa, parecendo um pouco nervosa e muito triste, pensei que deveria ter comprado um buquê maior.

Dei a volta ao redor da barraca e me abaixei ao lado de sua cadeira, equilibrando-me nas solas de meus pés.

— Oi.

— Oi. — Ela continuou olhando para as mãos, que descansavam em seu colo.

— São para você. — Entreguei as flores para ela. — Eu sinto muito.

Ela olhou para o buquê e depois para mim. Respirou fundo.

— Eu também.

— Você não tem nada do que se desculpar.

— Eu tenho sim... — ela balançou a cabeça. — Não deveria ter incomodado você com o que disse. Nunca perdi alguém como você perdeu e não sei como é. Nunca ameí ninguém como você amou. — Os olhos dela encontraram os meus. — Não tenho nenhuma experiência para lhe dar conselhos. Não o culpo por ficar irado.

— Não era com você que eu estava zangado. Eu sei que parecia que sim — disse rapidamente quando vi a dúvida em seu rosto. — Mas eu juro que não era. Estava com raiva de mim mesmo e isso faz com que a raiva me tire do sério. Peço desculpas.

— Desculpas aceitas. — Ela sorriu e então enterrou o nariz nas flores

que segurava. — Eu amo hortênsias. Obrigada.

— Estou impressionado por você reconhecer as flores.

— Boa.

— A cor combina com seus olhos. Foi por isso que as escolhi.

Ela abaixou o buquê e olhou para mim com surpresa, o rosto ficando corado. Abriu um pouco a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas depois a fechou de novo.

Olhando para ela, meu coração começou a bater um pouco depressa demais para o meu gosto, então olhei em meu relógio e vi que já eram quase três horas.

— A feira está prestes a abrir. Está pronta?

— Sim. — Sorrindo, ela colocou o buquê delicadamente embaixo da mesa e ficou de pé. — O que devo fazer?

— Não os deixe irem embora sem comprar alguma coisa. — Eu me endireitei, minhas juntas estalando.

Ela sorriu.

— Mole, mole. Eu poderia vender água a um homem afogado, lembra?

— Eu me lembro — disse. — E estou contando com isso.

Ela fez sinal de positivo quando algumas pessoas se aproximaram da barraca. Eu a observei encantá-los, sorrir e cumprimentá-los quando ela se apresentou e dei-lhe parabéns depois que saíram com uma bolsa cheia de ovos e legumes.

Aconteceu várias vezes.

Margot era tão natural. As pessoas eram atraídas para ela. Elas a escutavam. Falavam com ela. Não me admira que ela fosse tão boa em seu trabalho — ela era linda, doce e sincera. As pessoas queriam agradá-la. E poderia dizer que ela tinha feito sua pesquisa sobre agricultura sustentável e os benefícios da alimentação orgânica. Ela até *me surpreendeu* com seu



conhecimento, especialmente porque sabia que ela o havia adquirido em pouco tempo. Ela era inteligente. E estava realmente fazendo tudo isso de graça?

— Isso é incrível — disse a ela. — Eu só tenho que ficar aqui e pegar o dinheiro enquanto você faz o trabalho.

— Não seja bobo, isso não é nada. Você faz o trabalho difícil, cultivando tudo! Sinceramente, não consigo acreditar que nunca parei para pensar de onde minha comida vinha antes ou do que tinha nela. — Ela piscou os olhos azuis para mim. — Estou admirada com o que você faz. Além do mais, acho que isso é divertido!

Ela voltou a atenção para os próximos clientes e eu não pude resistir e a abracei por trás.

— Cuidado, garota da cidade. Eu vou querer te manter aqui.

Ela riu quando a soltei.

Mas o assustador foi o fato de eu não estar brincando tanto assim.



## MARGOT

Quando a feira acabou e nós carregamos a caminhonete, Jack quis me levar para jantar para me agradecer pelo trabalho de hoje e eu disse a ele que não era necessário, que realmente gostei de ter ido, mas ele insistiu. Eu acho que ele ainda se sentia mal por causa da pequena explosão, também, embora não tivéssemos tocado no assunto novamente.

Eu ainda me sentia mal por isso. Só estava tentando tranquilizá-lo de que ele era bom o suficiente para Steph e merecia ser feliz, mas não deveria tê-lo pressionado assim. Ele me pediu para parar de tocar no assunto. Foi tão triste, mas... por que ele achava que não merecia ser feliz? Nunca ouvi alguém falar sobre si mesmo desse jeito. Meu coração ficou apertado.

Depois que ele me deixou na mesa, senti vontade de chorar. Praticamente o forcei a ir à feira, algo que ele costumava fazer com sua esposa, e ele encontrou a irmã dela, o que despertou dolorosas lembranças e, em seguida, piorei a situação insistindo em algo que não podia.

E que idiota fui, dizendo banalidades como *dinheiro não compra felicidade!*

Como poderia comparar minha situação, aqual provavelmente era apenas tédio, à sua trágica perda? Que menina mimada eu fui, reclamando de *algo que faltava* em minha vida. Eu nunca quis nada. Deus, que raiva de mim! Fiquei imaginando como meu comentário tinha sido recebido por alguém como Jack, que sabia o que era lutar, lutar e sofrer. O que eu sabia sobre qualquer uma dessas coisas?

E seu pedido de desculpas foi muito doce. Eu já tinha recebido rosas de Tripp antes, mas ele sempre mandava entregar. E apesar de eu gostar da formalidade do gesto, como qualquer mulher, havia algo tão cativante e pessoal no jeito com que Jack me entregou o buquê naquele dia. O modo com que ele quis assumir a culpa. O modo com que ele se abaixou ao meu lado e ofereceu as flores. O motivo da escolha ter sido feita por elas combinarem com meus olhos. Significou muito para mim.

*Ele significava muito para mim. Só não tinha certeza do que era.*

Ele não foi dizer olá para a mãe de Steph e fiquei contente. Eu apreciava as boas maneiras, mas depois de ver como Suzanne se comportou comigo, não achei que lhe devia algum favor. Ela tornou as coisas desconfortáveis para ele quando poderia ter sido agradável. Afinal, eu não era uma ameaça à memória da irmã. Só queria fazê-lo sorrir e me sentir bem, mesmo que fosse só por um tempinho.

— Conheço um lugar de que você vai gostar na cidade — ele disse

quando saímos do estacionamento.

— E como você sabe que eu vou gostar?

— Porque tem coisas no menu, como charcutaria, coberturas de queijo e coquetéis finos. — Ele ergueu o dedo mindinho. — Muito chique.

Dei um tapinha nele.

— Ah, não, pare. Gosto de qualquer coisa. E certamente não frequento lugares chiques. — Eu puxei a caminha para longe de meu corpo. — Estou pegajosa, suada e nojenta.

— Mesmo no seu pior dia, você não consegue ser nojenta.

Eu sorri.

— Obrigada. Mas você tem certeza de que estamos vestidos adequadamente?

— Tenho certeza. Não há muitos lugares com código de vestimenta por aqui.

Optamos por comer no pátio do restaurante e estávamos sentados a uma mesa sob uma série de luzes de festa e um guarda-sol listrado de branco e preto. Era uma mesa para quatro e fiquei feliz quando Jack sentou ao meu lado e não na minha frente. Nós pedimos bebidas – um martini para mim e um uísque com gelo para ele – e enquanto esperávamos, consultamos o menu e escolhemos alguns itens de charcutaria, queijo e outras pequenas porções para comer.

Nossos drinques chegaram e o logotipo no guardanapo lembrou-me de algo que eu queria perguntar a ele.

— Ei, como é uma beterraba quando é colhida?

Ele arqueou uma sobrancelha para mim por cima do copo de uísque.

— Por quê?

— Porque eu preciso desenhar uma. — Eu virei o guardanapo e peguei uma caneta da bolsa. — Mostre-me. Desenhe três.

Ele me lançou um olhar engraçado, mas esboçou um trio de beterraba

no guardanapo.

— Assim?

— Perfeito. — Mordendo o lábio, adicionei uma pequena faixa em todas elas e escrevi as palavras *Can't Beet Valentini Brothers Farm* <sup>4</sup> sobre elas. Um pouco tímida, virei-o para ele.

Ele resmungou um pouco, mas também sorriu.

— O que é isso?

— Só uma ideia para uma logotipo. Não ficaria bonito nas toalhas de mesa e na faixa? Em camisas? Sacolas de compras? — Eu estava ficando animada.

— Essas beterrabas seriam eu, Pete e Brad?

Eu balancei a cabeça afirmando, alegremente.

— Poderíamos até dar carinhas às beterrabas!

— Você está acabando comigo.

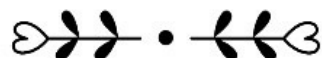
— Estou criando uma marca para você. — Peguei o guardanapo de volta e o guardei com a caneta na bolsa. — E tive muitas ideias hoje.

— Eu também. Mas nenhuma delas envolveu beterraba.

Nossos olhos se encontraram, uma pequena corrente elétrica passando entre nós.

*Ele ainda me quer!* Meu coração bateu mais rápido. Fiquei nervosa ao ver Suzanne hoje e a discussão depois poderia ter apagado o fogo entre nós, mas ainda se mantinha forte.

Nós comemos rapidamente.



No caminho de casa, perguntei a Jack qual era sua refeição favorita. Tive a ideia louca de tentar cozinhá-la para ele – o que provavelmente o faria

rir.

— Hum. Talvez churrasco. Batatas duplamente assadas. Algum dos vegetais do nosso jardim. — Droga. Era um pedido difícil. Eu tenho que aprender a grelhar. E batatas duplamente assadas? O que diabos era isso? Por que você assa uma batata duas vezes? Uma já não era o suficiente? Ele olhou para mim. — Por que pergunta? Você vai cozinhar para mim?

— Não ria de mim. — Eu franzi o cenho ligeiramente. — Acho que eu poderia fazer isso, mas não sei usar a churrasqueira no chalé.

— Por quê? É complicado?

— Não sei. Perguntei à gerente da propriedade como fazia, mas ela começou a falar sobre carvão e fluido acendedor. — Eu balancei a cabeça. — Isso me pareceu perigoso.

Ele soltou uma gargalhada. Eu nunca me cansaria desse som, mesmo que fosse uma risada da minha cara.

— Jesus. Você foi muito mimada na vida, mesmo.

— Não fui, não — eu disse na defensiva.

— Ah, não? Vamos fazer uma brincadeira. — Ele me olhou de soslaio. — Eu vou citar algo, e se você nunca fez o que eu citar, tem que tirar uma peça de roupa.

— O quê? — disse indignada. — Tudo bem, mas se eu tiver feito, você tem que tirar também.

— Por mim, tudo bem — ele disse.

— OK, então. Comece.

— Trocar um pneu.

— Ah, qual é! — Eu zombei. — Comece com uma mais fácil. Quem faz isso sozinha?

— Muita gente. Você deveria aprender. Você tem aquele carro velho, o que vai fazer se você perceber um pneu furado?

— Ligarei para o reboque.

— E se você estiver sem telefone?

Suspirei.

— Uma peça de roupa. — Ele disse como um aviso.

— Está bem. — Eu tirei uma bota. — Próxima.

— Abastecer o próprio carro.

— Ah! Já fiz isso. — Eu apontei para ele. — Tire.

Ele sorriu.

— Assuma a direção.

Eu peguei o volante e ele tirou a camiseta. Fiquei com água na boca. Mesmo na sombra escura da caminhonete, eu podia ver as protuberâncias em seus braços, as linhas em sua barriga.

Ele agarrou o volante novamente.

— Servir mesas.

— Ah, Jesus. — Eu tirei a outra bota. — Eu não tive empregos de verão. Nós viajavamos para o exterior.

Jack achou aquilo hilário.

— OK, OK. Uma mais fácil. Desentupir uma privada? — Lá se foi uma meia. — Cortar grama? — Lá se foi a outra. — Fumar um baseado? — Lá se foi minha camiseta. — Dormir em uma tenda? — Eu tirei a calça jeans. Ele estava sorrindo. — Esse jogo é muito divertido.

— Espero que não sejamos parados pela polícia — disse, cruzando os braços.

— Eu poderia parar de qualquer maneira. — Meus dedos descalços formigaram. — Estar numa briga.

Pensei por um segundo.

— Que tipo de briga?

— Uma luta. Com troca de socos.

— Socos, hein? Não serve bolinhos?

— O quê? — Ele olhou para mim. — De que diabos você está falando?

Comecei a rir.

— Meu ex há duas semanas atrás, às duas da manhã, me pediu em casamento. Não posso acreditar nisso agora, mas eu meio que disse que pensaria sobre o assunto. Na noite seguinte, ele e sua namorada estúpida apareceram em um evento para arrecadar dinheiro para a campanha do meu pai e ela estava usando a aliança com que ele tinha me pedido em casamento. Ele foi da minha casa para a dela aquela noite.

— Que ridículo.

— Sim. Descobri que seu pai havia dito que ele tinha que parar de brincar na vida e amadurecer e ele achou que o casamento mostraria que ele estava tomando jeito na vida. Se não fizesse isso, ele não herdaria seu fundo, do qual ele precisa para pagar as dívidas de jogo.

Jack balançou a cabeça.

— Acho que ter dinheiro não resolve seus problemas.

— Não. Enfim, eu estava tão louca naquela noite que comecei a gritar com ele e jogar bolinhos nele.

Ele olhou para mim.

— Bolinhos? Foi o melhor que conseguiu fazer? Não tinha um vaso ou algo assim? Nos filmes, pessoas ricas jogam vasos para todos os lados.

Bati em seu braço nu.

— Derrubei um vaso. Isso conta? Ah! Eu também pus fogo numa toalha de mesa sem querer.

Jack sacudiu a cabeça novamente, mas estava sorrindo.

— Você atingiu o alvo?

— Uma ou duas vezes.



— Quantos bolinhos você jogou?

Dei de ombros.

— Talvez uma dúzia ou algo assim.

O sorriso se alargou.

— Você não tem jeito. E não conta como uma briga.

Suspirando, levei as mãos às costas e abri meu sutiã. As alças deslizaram por meus braços por um momento enquanto eu olhava ao redor. Estávamos em uma estrada rural que não era bem iluminada e eu não tinha visto muitos outros carros, mas ainda assim. Consequia ouvir minha mãe dizendo que as *mulheres Thurber não se despiam em veículos em movimento*.

— Bem, vamos, garota da cidade. Mostre-me o que você tem.

Tirei o sutiã. Fiz uma pose de gatinha sexy.

— Feliz?

Um rápido olhar à minha frente e ele franziu o cenho.

— Ah, porra. Eu não pensei nisso direito. Não sei se consigo dirigir com você nua ao meu lado.

— Rá! Deveria ter pensado nisso antes de começar essa brincadeira.

A próxima coisa que vi foi Jack diminuir a velocidade da caminhonete e fazer uma curva à direita para baixo, parando em uma estrada de terra estreita entre dois campos. Ele desligou o carro e tudo ficou escuro e silencioso.

— Venha aqui.

Mas antes que pudesse me mover, ele deslizou para o meu assento e me sentou em seu colo, com as pernas envolvendo suas coxas. Nossas bocas se encontraram enquanto suas mãos serpenteavam pelas minhas costas. Ele agarrou minha bunda e puxou-me contra a protuberância em sua calça jeans. Movimentei meu quadril sobre ele, sentindo minha calcinha ficar úmida.

Minhas mãos se moveram sobre seu peito, braços e abdômen, minha cabeça foi tomada pelo cheiro dele. Era inebriante pensar em nós dois

fazendo essa loucura, espontânea, provavelmente ilegal, definitivamente desaconselhável na propriedade de outra pessoa. Poderíamos ser vistos. Poderíamos ser presos. Poderíamos ter problemas.

Eu nunca estive realmente em apuros.

— Meu pau está duro pra caralho. — Ele movimentou o quadril, levantando-o do assento.

— Eu adoro isso. — Palavras que nunca tinha pronunciado antes saíram facilmente, sem fôlego. — Quero que você me foda com ele. Bem aqui. — Puxei seu cinto.

Dentro de um minuto eu tinha tirado minha calcinha e ele descido os jeans apenas o suficiente para seu pau sair livre. Me abaixei nele, observando seus olhos se fecharem, sentindo os dedos segurando meu quadril.

Senti-me poderosa e forte fisicamente. Eu nunca tinha estado tão consciente do meu corpo ou me sentido tão impulsionada por um desejo. Nunca tinha sentido fome, sede ou exaustão até o ponto em que meu corpo desejasse comida, água ou sono do jeito que desejava ser preenchida por aquele homem. Conectada a ele. Ancorada por ele.

Quando ele estava dentro de mim, bem fundo, fiquei imóvel por um momento, querendo guardar o sentimento em minha memória.

Ele abriu os olhos.

— Sexo no carro?

Eu sorri quando comecei a me mexer.

— Nunca.

— Bom. Sou um baita pioneiro sortudo.

Ele moveu as mãos e a boca para meus seios enquanto eu movimentava meu quadril em cima dele, fazendo-me arquear e arfar.

Eu não era muito experiente em estar por cima, mas de alguma forma meu corpo sabia exatamente o que fazer, como rebolar e me contorcer em cima dele, esfregando meu clitóris ao longo da base de seu pênis, inclinandome de modo que ele alcançasse aquele ponto perfeito dentro de mim. E

quando gozei, foi diferente de qualquer coisa que eu já havia sentido – contrações profundas, duras, crescentes como se meu núcleo inteiro estivesse se apertando ao redor dele e o mundo virasse ouro atrás dos meus olhos.

— Estou sentindo você. — Palavras sussurradas contra meu peito. — Posso sentir você gozar e isso me deixa louco pra caralho.

— Quero sentir você. — Eu mal podia falar.

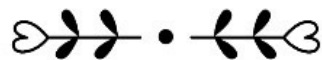
Ele assumiu, agarrando meu quadril para me fazer subir e descer enquanto seu pau entrava em mim. Depois ele mudou, segurando-me contra seu corpo e movimentando-se para a frente e para trás, fazendo com que meu clitóris começasse a tremer mais uma vez.

— Goza de novo para mim. Agora.

Porra, eu adorei quando ele me deu ordens, sua voz tão dura quanto seu pênis.

— Sim — respirei, deixando-o mover meu corpo como se ele o possuísse, entregando-me completamente. — Eu vou gozar.

Era como mágica, a maneira como ele sabia mexer comigo, a maneira como meu corpo pedia e o dele oferecia. O jeito como seu corpo comandava e o meu obedecia. Nós compartilhamos tudo – a subida em espiral, o vertiginoso pico, o giro em queda livre... e enquanto nos agarrávamos, amaldiçoávamos, beijávamos e suspirávamos, comecei a desvendar algo em mim.



O leve sentimento de desconforto me acompanhou enquanto eu me vestia e voltávamos para a rodovia. Mas o que era? O sexo foi incrível – cada vez melhor. A cada vez eu me sentia mais confortável deixando meu instinto assumir. A cada vez eu sentia mais prazer em me entregar a ele e tomar o que queria. O que precisava? Temia que ele não se sentisse da mesma maneira?

Não, não podia ser. Ele estava se divertindo tanto quanto eu – podia ouvir isso no jeito como ele falava, no jeito como olhava para mim. Sentir na

maneira como ele se movia. Nós nos sentíamos livres um com o outro. Era como se a natureza temporária de nosso arranjo nos desse permissão para sermos tão selvagens como queríamos. Nós não tínhamos nada com que nos preocupar, nenhum drama de relacionamento e nem complicações.

Mas nós tínhamos um prazo. Uma data de validade. Em uma semana, essa coisa entre nós terminaria.

E se eu não quisesse que terminasse?



## JACK

Enquanto acelerava a caminhonete pela escuridão da estrada mantive meus olhos na rodovia, mas minha mente estava confusa. Perguntas que evitei me perguntar hoje de manhã se recusavam a ser ignoradas.

Por que era tão fácil com ela? Por que o sexo era tão gostoso? Por que

estar com ela me fazia tão bem? O que Margot Lewiston, uma garota rica da cidade que nem sabia como acender uma churrasqueira e muito menos usar uma, tinha que me atraiu tanto? Quando olhava para ela, por que sentia que *precisava* tê-la?

O sexo com Steph tinha sido incrível, mas não era assim. Odiava até mesmo comparar os dois porque as duas mulheres eram tão diferentes e não é que eu considerava o sexo *melhor* com Margot, mas satisfazia uma necessidade diferente em mim. O sexo com Steph era apaixonado porque nos amávamos, nos entendíamos, cuidávamos um do outro. Era uma expressão física da nossa conexão emocional e da nossa história. Tínhamos passado por tantas coisas que eu queria protegê-la e amá-la, mesmo durante o sexo. Eu nunca teria sequer pensado em ser áspero com ela, puxar seu cabelo, deixar hematomas em seu corpo. Manter o controle nunca foi um problema, porque eu sempre senti que o tinha.

O sexo com Margot era apaixonado também, mas de uma maneira completamente diferente – se estar com Steph era como mergulhar em um belo mar azul, estar com Margot era como passar pelas Cataratas do Niágara em um barril. Era áspero e turbulento, cheio de pânico e desespero. A qualquer momento, poderia haver prazer ou dor, medo ou alívio, quietude ou caos. Eu tinha que lutar pelo controle, afirmar-me sobre ela, combater a sensação. Felizmente, essa dinâmica também funcionava para ela. Ela gostava que eu não a tratasse como se ela fosse delicada, frágil e quando eu emitia comandos, ela obedecia.

Amava a contradição entre a Margot que todos os outros viam e a pessoa que ela era comigo. Eu amei cada palavra suja que ela sussurrou, cada arranhão e marca de mordida que ela deixou, cada gemido animalesco e choro.

Talvez fosse isso – talvez fosse tão bom entre nós, porque podíamos ser um com o outro aquilo que não podíamos ser com mais ninguém. Ou talvez fosse a natureza de curta duração daquilo, mais ou menos como se *sexo de férias* fosse melhor do que o sexo da rotina de todo dia. E talvez eu tivesse sido capaz de dormir ao lado dela porque, pela primeira vez em anos, fui capaz de esquecer por um tempo, deixar ir algumas das dores. Foi tudo bem, não é? Porque era apenas temporário? Eu tomaria tudo de volta assim

que ela fosse embora. Por agora, ficarei focado no presente. Nela.

Olhei para ela e a vi roendo uma unha.

— Tão séria. Você está preocupada com o que faremos da próxima vez?

Ela sorriu, olhando-me de soslaio.

— Deveria estar?

— Definitivamente.

— Chicotes e correntes?

— Hahaha. Até parece. Vou levá-la para acampar. — O sorriso desapareceu de seu rosto.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Como... acampar onde você dorme no chão do bosque? — Ela perguntou, como se não entendesse inteiramente o conceito.

— Sim. Assustada? — Eu me aproximei e a puxei para o meu lado.

— Sim! Há coisas assustadoras no chão! E não há banheiros! Nem serviço de quarto! Nem camas de hotel!

Eu ri.

— Não.

— E há animais no bosque. — Ela sussurrou, como se não quisesse alertá-los que ela estava chegando.

— Querida, o único animal no bosque com o qual você tem que se preocupar está bem ao seu lado. — Eu olhei para ela. Seus olhos estavam arregalados, sua expressão meio satisfeita, meio apavorada.

— Não poderíamos apenas ir para uma boa, pitoresca e pequena pousada por aqui mesmo?

— Que diversão há nisso? — Eu virei para entrar na garagem de Pete e Georgia. — Não, eu quero levá-la para acampar e viver a experiência real

de uma noite. Você pode viver uma noite sem luxo, não pode? — Estacionei a caminhonete e olhei para ela.

— Uma noite? — perguntou trêmula.

— Uma noite.

Ela pensou por um segundo, então endireitou as costas.

— Está bem. Sim. Posso lidar com o acampamento por uma noite. E você — ela continuou de modo imperioso —, pode lidar com traje *black tie* para o evento Gatsby da Sociedade Histórica?

— *Black tie*? — Fingi pensar. — Não tenho traje para isso.

— Você tem que ir de smoking.

— Bem, eu tenho certeza de que não tenho um smoking.

Ela bateu no meu braço.

— Vou cuidar de tudo.

— De jeito nenhum. Eu não vou a nenhuma festa beneficente.

— Teme que eu jogue um bolinho em você? — Levando o braço para trás, ela fingiu mirar.

Eu ri e abri a porta do lado do motorista.

— Na verdade, eu gostaria de ver você fazendo isso.

Ela pulou para fora e me encontrou na parte de trás da caminhonete e começamos a descarregá-la.

— Vamos, por favor? Será divertido.

— Você só pode estar brincando.

Sua vez de rir.

— Na verdade, não. Mas eu não acho que acampar será divertido também. — Começamos a andar na escuridão para o galpão, braços carregados com caixotes vazios e caixas. — Na verdade, quer saber? Acho que poderíamos nos divertir no evento de arrecadação de fundos.



— Ah é, por que isso?

— Acho que poderíamos nos divertir em qualquer lugar.

Eu sorri, perguntando-me quem se sentiria mais fora de lugar – Margot em um saco de dormir ou eu em um smoking? Era um acordo, mas acho que eu ganharia. Além disso, só seria confortável para mim passar esse tempo com ela porque o que havia entre nós terminaria quando ela fosse embora. Não queria fazer nenhuma promessa que se estendesse além disso.

— Sinto muito, Margot. Mas não.

Ela suspirou.

— Você é tão injusto. Eu tenho que deixar a minha zona de conforto por você, mas você não vai deixar a sua por mim?

— Você vai deixar sua zona de conforto por você. Eu vou te ensinar valiosas habilidades de sobrevivência. Por exemplo, como acender um fósforo.

— E quando isso acontecerá?

— Vejamos. Hoje é quarta-feira, amanhã à noite estou de babá do Cooper, então sexta-feira à noite?

— Combinado. Preciso de um certo tipo de roupa para acampar?

Chegamos ao galpão e eu ri enquanto abria a porta, imaginando-a enfeitada da cabeça aos pés com algum tipo de equipamento para acampamento, todo branquinho.

— Não. Você pode usar qualquer coisa. Ou nada está bem também.

— Ei, vocês dois.

Pulei, quase largando o braço que segurei, com meu sistema nervoso sobressaltado. Era Georgia caminhando em nossa direção, e ela não teve a intenção de me assustar, mas precisei de um momento para respirar normalmente de novo.

— Ei, Georgia. — Margot cumprimentou minha cunhada, mas seus olhos estavam em mim.

— E aí, como foi hoje? — perguntou Georgia, com as mãos nos bolsos traseiros.

Meu coração ainda batia muito rápido enquanto eu me movia para dentro do galpão e empilhava caixas contra a parede.

— Ótimo — disse Margot. — Vendemos tudo.

Um segundo depois, senti a mão dela nas minhas costas – um toque breve e reconfortante. Ela não disse nada, nem mesmo fez contato visual, mas eu sabia o que ela estava fazendo... e gostei.

— Tudo? — Georgia riu quando saímos.

— Sim. E tenho um monte de ideias para você.

Começamos a caminhar de volta para a caminhonete e Georgia nos seguiu.

Margot foi espontânea.

— Nós vendemos tudo o que levamos.

— Mesmo? Uau!

— Você conseguiu ver a casa? — perguntou Margot.

Georgia sacudiu a cabeça.

— Amanhã às dez. Quer ir?

— Eu adoraria! — Margot olhou para mim. — A menos que Jack precise de mim para alguma coisa.

Porra, ela era bonita. Eu sorri para ela.

— Não, você pode folgar amanhã.

Chegamos à caminhonete e Georgia virou o rosto para me olhar.

— Você realmente vendeu bem hoje, hein?

— Foi a Margot — disse. — Estou dizendo a você. Ela tem um pouco de magia no sorriso. Ninguém consegue dizer não a ela.

Margot sorriu.

— Isso é muito lisonjeiro, mas tudo o que eu fiz foi vender o que você cultivou. Essa é a verdadeira magia.

Georgia olhou para nós e meu rosto ficou quente. Por que eu disse aquilo sobre o sorriso dela? Agora Georgia provavelmente suspeitava de algo.

— Vamos, vamos fazer isso. — Tentei parecer profissional, mas sabia o que estava passando na mente da minha cunhada. Ela ficou quieta o resto do tempo que levamos para descarregar a caminhonete, e ela nunca fica quieta.

— Bem, boa noite para vocês dois — disse ela delicadamente quando terminamos. — Obrigada novamente por trabalhar na feira hoje. Até amanhã. Ah, Jack, você ainda vai ficar de babá amanhã à noite?

Eu balancei a cabeça, afirmando.

— Sim.

— Ótimo, obrigada. Boa noite!

— Boa noite, Georgia — respondeu Margot. Assim que ficamos sozinhos, ela olhou para mim. — Ela sabe.

— Parece que sim.

— Você está bem com isso?

Esfregando a nuca, pensei por um segundo. Eu não me importava que Georgia soubesse, mas não queria que ela contasse para meus irmãos. Georgia queria ter um dia especial e meus irmãos estragariam tudo. Mas esse não era o problema.

— Sim, estou bem. Georgia é tranquila.

Ela assentiu com a cabeça.

— Parece que sim.

Nós ficamos lá por um momento, enquanto os grilos emitiam seus sons e o vento soprava entre as árvores. Solidão, sons noturnos. *Mas não quero ficar sozinho essa noite. Mais do que isso – não quero que ela se vá.*

— Então... — Dei um passo mais para perto dela.

Ela sorriu.

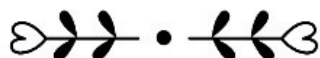
— Então.

— O que você gostaria de fazer?

— Sinceramente? Eu realmente preciso de um banho.

Ergui uma sobrancelha.

— Que coincidência, eu também.



Eu olhei para a banheira.

— É mesmo? Um banho de espuma? Não acho que tenha tomado um nos últimos trinta anos. — Nós tínhamos parado na cabana, Margot esperou na varanda e entrei para pegar roupas limpas, então fomos de volta para seu chalé, onde ela encheu a banheira com água quente e espuma.

Margot riu.

— Então você precisa de um. Quantos anos você tem?

— Trinta e três. E você?

— Vou fazer trinta no próximo mês.

— E você ainda toma banhos de espuma?

— Sempre que possível. E eu nunca viajo sem minha espuma de banho. — Ela respirou, fechando os olhos. — Esse cheiro não é ótimo?

Eu inalei o cheiro de lavanda.

— Tenho de admitir que sim.

— Viu? Um pouco de luxo às vezes é legal. — Ela parecia satisfeita consigo mesma.

Pegamos nossas roupas e Margot entrou, deixando-me ali de pé,

olhando para a banheira.

— Não existe maneira de eu me encaixar aí com você.

— Sim, existe. — Indo para a parte de trás da banheira, ela olhou para mim e soprou a espuma. — Venha e experimente.

De alguma forma consegui entrar sem cair e passamos os cinco minutos seguintes nos esfregando e lavando com algum tipo de gel de banho chique que ela também trouxe de casa. Tinha um cheiro delicioso, como sua pele, mas eu não deixei de provocá-la.

— Eu vou ficar com cheiro de menina amanhã. O que há de errado com o bom e velho sabonete em barra?

Ela franziu o cenho.

— Não é bom para a pele.

— Ah. — Comecei a lavar meu cabelo com o gel e ela pareceu horrorizada.

— Jack, para! Isso não é xampu!

— Que diferença isso faz? Ele fez espuma também. Tenho certeza de que meu cabelo está ficando limpo.

Ela pegou uma garrafa na borda da banheira.

— Enxague o cabelo. Eu faço isso. — Revirei os olhos, mas deixei que ela lavasse meu cabelo com seu xampu de luxo, que francamente nem sequer espumava bem como qualquer merda barata que eu tinha no meu chuveiro. Falei isso para ela. Suspirando com paciência exagerada, ela começou a massagear meu couro cabeludo. — Isso é porque seu xampu barato tem produtos químicos nele chamados sulfatos que fazem espumar demais. Francamente, estou surpresa com você, Jack. Você sabe evitar produtos químicos em seu alimento, mas não presta nenhuma atenção a eles em sua pele e cabelo com os produtos de higiene? — Eu mal conseguia falar, seus dedos na minha cabeça me faziam sentir algo muito gostoso. Cada terminação nervosa em meu corpo se arrepiou e meu pau começou a inchar. Poderia ter gemido. — OK, vire-se e incline a cabeça para trás.

Eu tive que me levantar para virar e ela começou a rir.

— O que foi?

— Seu... — Ela apontou para o meu pau, que apontava diretamente para ela e estava coberto de bolhas de espuma branca. — Está tão engraçado.

Eu coloquei as mãos em meu quadril.

— Puta merda, Margot. Você pode dizer pau. Só não diga que ele é engraçado.

— Sinto muito — disse ela, rindo sem controle. — Mas nunca imaginei você assim: de pé na minha banheira coberto de bolhas de lavanda com uma ereção, meu Deus. — Ela balançou a cabeça e tentou se recompor enquanto eu a encarava.

— Vou lembrar disso quando estivermos no bosque. — Virando-me, sentei novamente e inclinei a cabeça para trás.

— Não! Eu sinto muito. Não me torture no bosque. — Ela usou um copo para derramar água sobre minha cabeça, enxaguando o xampu. — Venha. Agora, levante-se de novo.

— Para quê? Para você rir de mim mais um pouco? — Mas fiquei de pé e olhei para ela, olhando para ver se não havia espuma no meu pau.

— Não. — De joelhos, ela deslizou as mãos pelas minhas pernas. — Eu sinto muito. — Ela beijou minha coxa direita. — Seu pau não é engraçado. — Ela beijou minha coxa esquerda. — É muito sério. — Ela beijou a ponta do meu pau, deixando-o pronto como se quisesse beijá-la de volta. — Ele é perfeito.

Minha respiração parou quando senti a língua dela em mim – suave, doces lambidas que fizeram minhas entranhas derreterem e os músculos das pernas se contraírem. Eu estava totalmente duro em segundos e ela correu a língua de baixo até a ponta. Puta merda, fazia tanto tempo...

Olhei para baixo para vê-la olhar para mim e sorrir, aquele sorrisinho travesso que sempre foi minha ruína.

— Minha vez.

— Sua vez de quê? — Consegui ver quando ela me pegou nas mãos, inclinando meu pau para a boca.

— De saborear você. — Ela girou a língua em torno da cabeça. — Para deixar você louco. — Ela manteve a cabeça entre os lábios, sugando suavemente. — Para fazer você gozar com minha boca.

Eu gemia enquanto seus lábios se moviam, metade do meu pau desaparecendo dentro de sua boca, depois reaparecendo. Então ela fez várias vezes, sem sugar muito forte, sem se mover muito rápido, sem emitir qualquer som.

Sua língua estava incrível em mim, a boca estava quente e molhada e eu amei a maneira como manteve suas mãos na parte que não cabia em sua boca, mas Margot estava me dando o boquete mais cuidadoso da vida.

Em contraste com a maneira como ela se movia durante o sexo, parecia quase que ela estava com medo de me machucar. Ou talvez ela estivesse com medo de ser machucada. Uma moça como Margot provavelmente não tinha feito isso muitas vezes. Talvez ela nem sequer tivesse experiência e estava apenas se oferecendo para me agradar.

*Bem, foda-se – e agora o que eu deveria fazer?*

Minhas mãos deslizaram por seus cabelos e forcei-me a manter o controle, a segurar, mas meus instintos queriam tomar conta.

*Não, idiota! Deixe-a no comando! Só porque ela gosta de sexo rude não significa que ela queira engasgar com seu pau.*

*Ai, merda, agora eu estou pensando nisso. Preciso me acalmar.*

Soltei a cabeça, olhei para o teto, contei até dez. Ela sabia o que eu estava fazendo.

— Jack — ela disse. — Você está me segurando?

Eu olhei para ela e vi aqueles olhos azuis olhando para cima acusadoramente enquanto ela esfregava a ponta do meu pau contra os lábios. Sua pele estava molhada e os mamilos estavam duros. Porra, ela era linda. E doce. Que porra era o meu problema de querer sufocá-la com meu pau? Eu era um animal?

— Eu não quero te machucar.

— Você não vai me machucar.

— Você não sabe o que eu quero fazer com você agora.

— Conte-me. — Eu gemi, sabendo que era incapaz de dizer não a ela.  
— Ensine-me, Jack. — Suas bochechas ficaram rosadas quando ela colocou as mãos em minhas coxas. — Eu não tenho muita experiência com isso. Mas eu quero aprender. Quero fazer você se sentir bem. Diga-me o que fazer. Diga o que você quer.

Engoli em seco. Apertei meus punhos em seu cabelo.

— Abra a boca. — Ela abriu os lábios e eu empurrei para dentro, tão fundo quanto poderia ir. — Eu quero sua boca tão cheia com o meu pau a ponto de você não conseguir respirar.

Ela se sobressaltou quando eu bati na parte de trás de sua garganta e pensei que ela tentaria se afastar.

Mas ela não fez isso.

Ela envolveu os dedos na base novamente e olhou para mim com expectativa.

— Boa garota. Agora me escute. Eu quero que você pare de ser tão educada. Use as mãos. Faça barulho. Esqueça que é a rainha do baile e me chupe como uma vadia gulosa. Consegue?

Ela conseguiu. Ai, meu Deus, ela entendeu. Ela agiu comigo como uma estrela pornô.

Cinco minutos depois, eu gozei tão forte que vi galáxias nascidas no teto do banheiro e pensei que meu corpo poderia voar como um foguete no espaço e ela engoliu avidamente cada gota.

— Então — ela disse, respirando com dificuldade. — Foi bom para você?

Passei a mão por baixo de seus braços e a puxei para que se sentasse na borda da banheira, então me pus de joelhos e afastei as pernas.



— Porra, foi. — Abaixando a cabeça entre suas coxas, eu acariciei seu clitóris com minha língua. — Mas estou prestes a ficar mais faminto.



## JACK

— Diga-me sobre estas. — As mãos de Margot passaram sobre a tatuagem na lateral do meu corpo, e senti um arrepio na espinha. Provavelmente porque estávamos há uma hora na banheira, as bolhas haviam desvanecido e a água já não estava nem mesmo quente. Mas eu relutava em sair. *Não está chovendo hoje. Não tenho motivo para ficar.*

— Elas são andorinhas — eu disse.

— Posso vê-las?

Eu me virei e sentei para ficar de costas para ela.

— Você tem duas delas. — Ela as traçou com os dedos.

— Dois turnos de serviço.

— Ah! Elas te trouxeram boa sorte?

Fechei os olhos. Ouvi tiros disparados. Corpos decapitados no assento dianteiro. Cheiro de sangue.

Engolindo em seco, contrái o corpo e forcei a lembrança feia para fora da minha cabeça. *Aqui e agora. Aqui e agora. Aqui e agora.*

— Só as fiz quando voltei.

— Então elas são mais um símbolo de uma viagem concluída do que um amuleto de boa sorte?

— Algo parecido.

— Você se sente bem com isso? Por ter entrado para o exército?

— Eu me fiz muito essa pergunta. E acho que a resposta é sim. Quero dizer, se tivesse que fazer novamente, sei que faria de novo.

— Sabe, você é a primeira pessoa da minha idade que eu já conheci nas forças armadas.

Eu olhei para ela.

— Sério?

— Sim. Acho que alguém na minha turma de graduação foi para a Academia Naval, mas eu nunca conheci pessoalmente um soldado, a menos que você conte veteranos da Segunda Guerra Mundial ou algo assim.

— Uau. — Sua vida tinha sido tão diferente da minha. Muito diferente.

Ela beijou meu ombro.

— Nunca conheci ninguém tão corajoso como você.

Eu bufei, mas gostei do elogio.

— Obrigado.

— Ou alguém que trabalha tão duro ou sabe tanto sobre coisas que eu não sei.

— Ou alguém cujas mãos ficam tão sujas quanto as minhas, todos os dias. Aposto que a maioria das pessoas que você conhece usa ternos para trabalhar. Seus sapatos brilham. Cortam o cabelo com regularidade. — *Barcos próprios, tacos de golfe e ações. Difícil não me comparar com esses caras.*

— Ei. — Ela me cutucou nas costas. — Eu gosto que você suje as mãos todos os dias.

Não acreditei muito nela.

— Mesmo?

— Sim. Faz você diferente dos outros caras que conheço. Mesma coisa com suas tatuagens. — Suspirando, ela passou os braços pelo meu pescoço e recostou-se contra a banheira, levando-me com ela. — Eu não tenho tatuagens.

Minhas costas descansaram contra seu peito, minha cabeça em seu pescoço. A tensão havia sido drenada de meus músculos. *Queria nunca ter que deixar esta banheira.*

— Não achei que você teria.

— Por que não?

— Você só não me pareceu ser o tipo de garota que teria tatuagens.

— Eu não tenho — ela disse depois de um momento. — Você está certo. A verdade é: acho que elas podem ser bonitas, mas parecem muito exóticas e proibidas para mim. Algo para pessoas que são mais corajosas do que eu.

— Por quê? Você tem medo de dor?

— Não, não exatamente. Mais como se estivesse com medo do que as pessoas pensariam sobre mim.

— Elas que se fodam.

Ela suspirou novamente.

— Muffy morreria.

— Não, Margot. Ela não morreria.

— Talvez não. Mas ela pensaria que eu fiquei louca.

— Então deixe. Não gaste sua vida preocupada com o que as pessoas pensam de você, Margot. Esse tipo de medo é como uma gaiola, ele vai prendê-la para sempre se você não tiver cuidado.

Ela não falou imediatamente. E então perguntou.

— Do que você tem medo?

Não respondi, porque sabia que diria muita coisa. Ela estava muito macia, doce demais, muito quente. Seria muito fácil dizer-lhe coisas que ela não precisava ouvir, é muito egoísmo de minha parte revelar coisas só para compartilhar o peso das minhas verdades. Ela só tentava me mostrar que eu não era o monstro que pensava que era, assim como Steph teria feito.

*Mas seria tão bom.*

— Provavelmente nada, certo? — Ela me apertou. — Você é um grande soldado. Não tem medo de nada.

Falei sem pensar.

— Tenho medo de me tornar irreconhecível. — Uma pausa.

— O que você quer dizer?

— Nada — disse rapidamente. Que merda estava fazendo? Eu até tentei levantar, mas ela me segurou no lugar, envolvendo meu corpo com as pernas.

— O que o tornaria irreconhecível, Jack?

Exalando, me permiti me render, só um pouco. Só desta vez.

— Soltar.

— O quê?

— Meu passado.

— Você não precisa abandonar seu passado: sempre será parte de quem você é. Mas você não precisa deixá-lo gritar ou impedir que você se mova. — *Mas eu quero.* Ela não sabia, não entendia. — Ei. — Ela me apertou novamente. — Fale comigo.

Deus me ajude, eu queria falar. Meus segredos estavam pressionados tão fundo no meu coração que eu pensei que meu peito poderia explodir com eles. Eu queria admitir minha culpa.

Abrir minhas feridas. Sangrar por elas.

A tentação me dominou.

— O acidente. Foi minha culpa.

— Eu não entendo.

Tentei engolir, mas não consegui.

— O acidente de Steph.

— Do que você está falando? Você não estava dirigindo o veículo que a atingiu.

— Não. Mas... havia um carro diferente. — Minha voz estava fraca, e meu corpo começou a tremer. — Anos atrás. No Iraque.

A mão de Margot começou a fazer carinho no meu peito em arcos lentos e calmantes.

— Estou ouvindo. Conte-me.

Minha garganta estava seca e apertada, mas a história se forçava a sair.

— Meu comboio estava passando pelo país e nós tínhamos parado para descansar. Três de nós estabelecemos um posto de controle. Os carros estavam sendo usados como carros-bomba, assim, nós tínhamos que parar

todo veículo antes que eles entrassem na zona onde os soldados estavam descansando. — Ela estremeceu, como se soubesse o que estava por vir. Pressionou os lábios contra minha cabeça. — Tínhamos placas em persa instruindo os motoristas a pararem e se um veículo não parasse, nós dispararíamos tiros de advertência a 600 metros. Era raro que os carros tentassem atravessar, a menos que carregassem uma bomba caseira. Mas uma noite... — Parei. Dentro da minha cabeça estava uma voz gritando para que eu parasse de falar, mas não podia. Cada palavra de minha boca aliviava algum tipo de pressão dentro de mim. Eu tinha que tirar tudo.

— Uma noite, alguém não parou? — Perguntou ela. — Havia uma bomba no carro?

Eu balancei a cabeça, negando, engolindo o soluço que ameaçava me sufocar.

— Não, mas é possível que o motorista tenha pensado que os tiros de advertência viessem de trás, porque o carro acelerou assim que foram disparados. Então eu atirei diretamente no veículo. Eu nem pensei duas vezes.

— Claro que você não pensaria. — A voz dela era forte. — Jack, ninguém jamais o culparia. Você fez o seu trabalho. Você protegia as pessoas.

— Só vi quem estava no carro ao amanhecer e chegou a hora de sair daquela posição. — Meus olhos se encheram de expectativa.

Ela ficou completamente imóvel.

— E?

— O motorista era uma mulher. E havia crianças com ela.

— Meu Deus.

— Três crianças. — Minha voz falhou e lágrimas escorreram de meus olhos fechados.

— Ah, Jack. — A voz de Margot estava embargada também. Ela me abraçou forte. — Isso deve ter sido horrível para você.

Inspirei, recuperando o controle.

— Quer saber? Não foi. Mal me abalou. Na época, eu me lembro de sentir orgulho por fazer o que tinha que fazer. — As palavras estavam amargas na minha boca. — Mais tarde, depois que cheguei em casa, caiu a ficha do que tinha feito. Eu estava um caco. Eu não podia falar com ninguém, não me sentia seguro, não conseguia me sentir normal. A cada minuto estava esperando a punição, sabe? Era certo que o que eu fiz não poderia ficar impune. Eu queria a retribuição. Quase a trouxe para mim.

Ela me abraçou ainda mais e senti o tremor em seu corpo enquanto ela chorava. Beijou meus ombros, minha cabeça, meu pescoço. Passei as mãos sobre o peito e o estômago, como se tivesse de me assegurar de que ela ainda estava aqui.

— Eu sinto muito. E estou muito feliz por você estar aqui. Você não fez nada de errado.

Eu não merecia sua simpatia ou suas lágrimas.

— Você sabe quantos pesadelos de merda eu tive com aquela mulher? — Pressionei meu polegar e dedo indicador sobre meus olhos. — Ela está na minha frente e estou implorando e implorando para ela parar e ela não obedece. Eu acordava tremendo e gritando.

— Você ainda tem pesadelos?

— Às vezes. Por um tempo, melhorou, depois que fui ao médico. Comecei a tomar medicamentos que me faziam esquecer o que eu sonhava. Eu não temia tanto dormir. Mas parei de tomá-los depois do acidente de Steph.

— Por quê?

— Porque foi minha culpa. — Eu recuei na verdade que me torturava, repeti as palavras que me assombravam. — Assim como fez, assim lhe será feito.

— Não, Jack. Você está errado. — Ela fungou e se sentou mais ereta. — O que você fez salvou vidas e não teve nada a ver com o acidente de Steph. Você *não* foi o responsável.



Fechei os olhos.

— É a única maneira com que eu consigo entender. — Ninguém jamais conseguiria entender uma tragédia como aquela. — Às vezes eu sonho com o posto de controle e é Steph quem está dirigindo o carro — sussurrei. — No meu subconsciente, eles vão estar conectados para sempre.

Suavemente ela se remexeu, as palavras atadas com soluços silenciosos.

— Não era Steph, Jack. Ela era o amor de sua vida e você nunca a teria prejudicado. Você a fez feliz.

— Eu queria. Deus, eu queria fazer.

— Você fez. E se ela estivesse aqui agora, sei que ela estaria dizendo para você a mesma coisa que estou: Não foi sua culpa. — Eu sabia que ela estava certa, Steph diria isso e ela tinha dito mil vezes em minha mente. Mas apenas não podia acreditar. — E ela provavelmente ficaria brava por você se culpar — Margot continuou. — Ela desejaria que você perdoasse a si mesmo para que possa ser feliz novamente. Não acha?

*Claro que sim. Ela ficaria bem aqui e discutiria comigo exatamente como costumava fazer.* Mas perdoar a mim mesmo significaria dar-me permissão para seguir em frente, para ser feliz, e eu não merecia. Eu nunca cometeria esse erro novamente.

— Eu não posso.

Ela se remexeu novamente, seus braços me abraçando, seus lábios pressionados na minha pele. Quando ela falou, a voz dela estava baixa.

— Você já contou a alguém sobre isso?

Hesitei.

— Steph e meu terapeuta sabiam sobre o Iraque. Mas nunca conversei com ninguém sobre me sentir responsável por sua morte, só com você.

Ela pensou a respeito – nós dois pensamos. Eu tinha compartilhado uma parte de mim com ela que não tinha compartilhado com mais ninguém. Eu nem sabia por que confiava tanto nela, mas confiei. Novamente, achei que

tinha a ver com sua presença temporária na minha vida. Isso me libertou para ser meu verdadeiro eu com ela.

— Eu gostaria que houvesse algo que pudesse fazer por você — disse ela.

Suspirei. A verdade estava dita. E apesar de não me sentir melhor nem esperançoso, eu me sentia menos sozinho. Pousei minhas mãos sobre as dela em meu peito.

— Você está aqui. Você está ouvindo. Isso já é algo.

— Estou aqui. E estou feliz que você tenha me contado.

— Também estou. — Era surpreendente perceber que eu estava falando sério. Não tinha a intenção de revelar tanto de mim mesmo, mas há tanto tempo não tinha aquele tipo de proximidade com alguém, do tipo que obriga você a compartilhar seus segredos.

Ela suspirou quando se inclinou para trás novamente.

— Quer ouvir algo ridículo?

— Claro.

— O motivo pelo qual eu aceitei o trabalho aqui foi porque minha mãe me fez sair da cidade após a briga com os bolinhos.

Eu estiquei o pescoço para que pudesse ver seu rosto.

— O quê?

— É verdade. Eu tive que deixar a cidade para que os rumores parassem.

— Jesus. E eles pararam?

— Sim. Ela ligou ontem e disse que poderia voltar.

— É por isso que você ia embora ontem?

— Sim.

Deus, estava feliz por ela não ter ido.

— Mas você ainda está aqui.

— Eu ainda estou aqui — ela sussurrou.

Eu a beijei, sentindo seus dedos acariciando minha mandíbula. Seus lábios eram quentes e macios e tinham cheiro de lavanda e eu não queria nada além de viver nesse beijo com ela para sempre. Prendê-la dentro de um vidro e ficar em segurança dentro da redoma, livre das memórias que me assombravam e de um futuro que nunca poderia acontecer.

Eu queria tanto que eu não fiquei para passar a noite.



## MARGOT

Na manhã seguinte, caminhei para a casa de Pete e Georgia pouco antes das 10h. Eu não dormi bem, então me sentia um pouco grogue enquanto percorria o trajeto, mas me sentia bem com o sol batendo em meu corpo. Respirando profundamente, esperava que o ar fresco conseguisse me empolgar, já que três xícaras de café tinham falhado. Mas senti o cheiro de

adubo na brisa e enruguei o nariz. Era fertilizante? Ugh, como as pessoas que viviam perto de fazendas se acostumavam com esse cheiro?

*Isso é uma coisa de que não vou sentir falta quando voltar para casa.*

Mas havia algo de que sentiria falta... de estar com Jack. As últimas 24 horas tinham sido incríveis. Algo havia mudado entre nós. O que compartilhamos já não parecia um caso pequeno e sem sentido. Eu me sentia próxima dele. Protetora dele. Orgulhosa dele. Fascinada por ele e em como ele fazia com que eu me sentisse.

Estava me apaixonando por ele tão rápido, que tudo ao meu redor era um borrão.

Era alucinante. Nós não estávamos nem mesmo namorando! No passado, quando desenvolvi sentimentos por alguém, levou um tempo. E esses sentimentos provinham de momentos passados juntos, desfrutando de interesses comuns e não de atração física intensa. Pelo amor de Deus, levei seis meses para dormir com Tripp! E nunca tive sequer um caso de uma noite, muito menos uma noite de sexo com alguém que não fosse meu namorado. Eu nunca tive um caso, ponto final!

E ontem à noite tinha sido *louco*. Ainda podia ouvi-lo me dizendo para agir como uma vadia gulosa – era terrível que tivesse me excitado tanto? Como ele sabia que era o que eu precisava – a permissão para a ação *com as luzes acesas, enquanto ele assistia*? Foi isso o que me deixou nervosa. Antes disso, eu só tinha permanecido no escuro e deixar que esse outro lado de mim assumisse o controle não tinha parecido tão assustador. Eu senti medo, já que não era muito experiente com sexo oral. Mas queria fazer por ele. Queria fazê-lo sentir-se bem de todas as maneiras possíveis.

*E as coisas que ele fez comigo...* Parei de andar por um momento. Levei uma mão à barriga. Parei de respirar.

Tudo estava diferente com Jack. Agora eu sabia do que Jaime falava quando dizia coisas como *a maravilhosa química física*. E depois de provar o gosto dele, não queria deixá-lo.

Não era apenas físico. Não mais. Quando pensei sobre a maneira como ele se abriu para mim na última noite, compartilhando algo comigo que

nunca tinha contado a ninguém, chorado na minha frente, mostrando-se vulnerável...

Deus, só queria abraçá-lo, beijá-lo e chorar por ele, fazer tudo de melhor para ele. Fazê-lo feliz. Mas como?

Eu queria que ele pudesse ficar mais, especialmente porque ele tinha dito que havia dormido bem na minha cama na noite anterior, mas eu não queria pressioná-lo. Perguntei, ele disse não, deixei assim. Ele revelou muito de si mesmo para mim e provavelmente precisava de tempo sozinho para ficar bem com isso. Entendi que ele era assim e aprendi a não fazer pressão – ele se retraiu quando tentei chegar muito perto, quase como um cavalo selvagem.

Então, depois do beijo de despedida, eu disse boa noite e fui para a cama, abraçando o travesseiro que ele havia usado na noite anterior. Não consegui dormir por horas, as quais eu passei revivendo cada momento, do dia e da noite em minha mente, lutando para manter meus sentimentos sob controle e chorando novamente enquanto pensava sobre o que ele me disse.

Pela manhã tive que enfrentar a verdade.

Eu tinha sentimentos por ele e não queria que isso terminasse. Queria que houvesse um caminho para nós.

Isso estava fora de questão? As pessoas namoravam à distância o tempo todo, não era? Duas horas eram praticamente nada! Na maioria das vezes, eu poderia trabalhar em qualquer lugar e tinha gostado daquela cidade pequena. Não tinha lojas de grife, restaurantes requintados nem salões glamourosos, mas a avenida principal era encantadora, a praia sem aglomeração e as fazendas eram lindas. Eu poderia até começar a andar a cavalo de novo! Estar com os cavalos no outro dia me fez lembrar como eu sentia falta disso.

Enquanto esperava o tráfego da estrada diminuir para que pudesse atravessar, pensei em um problema ainda maior do que a distância: Jack não queria se casar novamente. Ele não acreditava que poderia amar alguém de novo. Não queria deixar seu passado para trás. Parte de mim pensou que eu era louca até mesmo por pensar em me casar, já que o conhecia há menos de

uma semana, mas outra parte de mim insistiu.

Veja como as coisas estavam intensas entre nós depois de apenas cinco dias. E se começássemos a namorar e as coisas continuassem a correr bem? Eu realmente desejaria investir tempo, energia e sentimentos em alguém que, no final, não quisesse o que eu queria? Tinha quase 30 anos – e não queria esperar mais tempo para ter uma família. Se não havia nenhuma chance disso, qual era o propósito?

Enquanto percorria a rua de mão dupla e comecei a caminhar para a casa de Pete e Georgia, lembrei da aliança de casamento no dedo de Jack e ouvi sua voz em minha cabeça.

*Eu sei o que eu tive. E não acontece duas vezes.*

Meu coração se entristeceu. Que argumentos eu usaria para isso?



Jack estava certo sobre a casa de Oliver; em muitos aspectos, ela precisava de muitas reformas, incluindo um novo telhado, mas Brad estava certo, também. Como todas as belezas envelhecidas, havia uma grande estrutura embaixo de camadas de poeira, mofo, papel de parede descascado, pintura manchada, carpete malcheiroso e consertar tudo exigiria tempo, dinheiro e carinho, mas poderia ser restaurado. Georgia estava enlouquecida enquanto caminhávamos de volta.

— Eu sabia. Sabia que adoraria. — Brad e Pete estavam na frente, Cooper nos braços de seu pai.

Eu sorri para ela.

— Vai ficar ótimo. Será muito fácil quebrar a parede traseira, aumentar a cozinha.

— Pete e eu estamos falando sobre montar uma pequena pousada além de um restaurante — disse ela.

— Uma pousada, eu adorei! E faz todo sentido se você realizar

casamentos na propriedade.

— Exatamente. E se nós tirássemos fora a parede traseira para aumentar a cozinha, poderíamos ter um espaço para vivermos em cima. Isso deixaria os cinco quartos na parte velha da casa para os hóspedes.

Seu entusiasmo era contagioso e eu me vi com a energia renovada.

— Sim! Ah, Georgia, isso é perfeito. Imagine a decoração desse lugar... ficará tão bonito.

— Eu sei! — Seus olhos se iluminaram. — Camas antigas, uma grande mesa antiga na sala de jantar, pratos vintage e peças de prata... — Ela suspirou. — Mas isso custa dinheiro. E nós não temos.

— E se vender sua casa atual? — perguntei.

Georgia sacudiu a cabeça.

— Nós não poderíamos. Está na família há muito tempo. Além disso, é hipotecada com a fazenda, que é de propriedade de Pete, Brad e Jack. Qualquer dinheiro que tivéssemos para investimento, tecnicamente teria que ser dividido entre os três.

— Será que Jack se mudaria para a casa de vocês se vocês se mudassem? — Queria saber onde ele estava trabalhando naquela manhã e se estava pensando na noite passada tanto quanto eu. — Talvez ele a comprasse de vocês.

— Acho que não. Ele não tem dinheiro e ama aquela maldita cabana.

— Você acha que ele pode querer sair, no entanto, se tiver a chance? As lembranças não seriam dolorosas? — Assim que disse, percebi que não importava, ficar naquela cabana era uma das maneiras que o impedia de abandonar seu passado.

— Sim. — Ela suspirou quando chegamos ao caminho que levava à varanda da frente. Os outros já haviam entrado. — Ele me confunde às vezes, sabe? A maneira como ele se recusa a seguir em frente. Ele escolhe ser infeliz e não sei por quê. — Olhei para o chão. Eu sabia o porquê, mas Jack confiou em mim ao contar sobre seus sentimentos. Eu não poderia traí-lo. — Quero dizer, as roupas de Steph ainda estão no armário.



Eu arfei e encontrei seus olhos novamente. Era um detalhe que ele não mencionara.

— Uau.

Ela balançou a cabeça.

— Eu me ofereci para me livrar delas muitas vezes, mas ele não deixa ninguém tocar nelas.

— Deus, isso é tão triste. — Levei a mão ao coração. — Como ele pode viver assim?

— Ele diz que é assim que quer. E sempre que qualquer um de nós tenta ajudar, ele ataca.

— Ele faz isso — concordei, lembrando-me de como ele tinha reagido na feira. — Mas é difícil não tentar, porque uma vez que você começa a conhecê-lo, vê como ele está triste. E você quer ajudar.

Georgia olhou para mim por um momento.

— Tenho que confessar. Ele está diferente desde que você chegou aqui. Para melhor.

— Por minha causa?

Ela revirou os olhos.

— Sim. Vocês estavam como dois adolescentes, mal conseguindo ficar longe um do outro quando voltaram na noite passada. Não vamos fingir que não tem nada acontecendo aqui.

— O que poderia estar acontecendo? — Tentei me fazer de inocente, mas pareci mais tímida do que qualquer coisa.

Georgia riu.

— Eu não sei exatamente o que você está fazendo, mas ele nunca chamou meu sorriso de mágico. Há anos que não o vejo assim. É uma pena você viver tão longe.

— Sim. — Franzindo o cenho, brincava com a trança pendurada sobre um ombro. — Mas eu não sei se faço tanta diferença. Ele costuma namorar?

— Nunca — ela admitiu.

— E ele me disse que nunca vai se casar novamente. Não quer uma família.

— Sim, é o que ele diz para nós também, toda vez que sugerimos que ele tente sair novamente. É triste, porque ele seria um pai maravilhoso. E ainda é jovem.

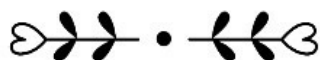
Suspirando, abaixei os braços. Tentei disfarçar meu desapontamento com uma mentira.

— Ah, bem. Não acho que sou seu tipo, de qualquer maneira, e ele não é realmente o meu.

— Ah, não sei — ela disse alegremente. — Acho que vocês dois podem ser bons juntos. E às vezes, os opostos se atraem, certo? Talvez você possa mudar de ideia.

Sorri. Opostos atraídos, com certeza, mas atração não era o nosso problema. Nós tínhamos atração até demais. Nosso problema era que a atração estava ficando mais forte. Estava nos aproximando. Estava me fazendo sentir coisas com o coração e não apenas com o corpo.

Mas ele não estava interessado em meu coração.



Georgia e eu conversamos um pouco mais sobre a marca e as estratégias de mídia social que havia descrito para eles e fiquei feliz em saber que eles contataram um web designer e preencheram seu questionário de projeto. Mais uma vez ela me pediu para, por favor, enviar a ela uma nota pelo tempo que eu havia dedicado, mas educadamente recusei.

— Você vai precisar de cada dólar extra para comprar essa casa — disse a ela. — Considere o que fiz como um presente.

Ela me abraçou e entrou para discutir coisas com Pete e Brad. Teoricamente Jack estaria na discussão, mas ele não tinha vindo para ver a

casa. Eu esperava que ele fosse razoável sobre o assunto de comprá-la.

Também esperava vê-lo hoje. Nós não tínhamos feito nenhum plano, mas ele tinha colocado meu número em seu celular antes de sair ontem à noite. Talvez ele ligasse.

Enquanto isso, eu não queria ficar sentada sem fazer nada, já que isso significaria mais tempo gasto preocupada com ele. Em vez disso, pesquisei algumas das minhas ideias para a sua barraca na feira e fui à loja de artesanato mais próxima procurar materiais. Fui ao supermercado também, comprar itens frescos para os próximos dias. Quando vi as batatas, fiquei pensando novamente como seria assá-las duas vezes e pensei que deveria olhar isso depois. Talvez pudesse ter uma aula de culinária ou algo assim – que seria sair da minha zona de conforto para fazer dar certo.

*Aprenda a cozinhar. Comece a fazer caminhadas de novo.*

Comecei uma lista mental de coisas que poderia fazer para mudar minha vida, ser mais feliz e mais realizada.

*Parar de ficar obcecada com meu trigésimo aniversário. Envolver-me com o movimento pela justiça alimentar.*

Após um almoço de sanduíche de amendoim e geleia, passei a primeira parte da tarde trabalhando na apresentação dos projetos e refletindo sobre possíveis soluções para o problema do fluxo de caixa de Pete e Georgia. Um pequeno empréstimo, talvez? Mas não sabia quase nada sobre o processo de empréstimo, já que nunca precisei contratar um.

Estava escrevendo uma lista de preços em uma lousa quando meu telefone celular vibrou indicando a chegada de uma mensagem um texto.

**Ei. É Jack. Quer se encontrar comigo e com Cooper no parque?**

Eu peguei o telefone, sorrindo para ele como uma tonta apaixonada.

**Certo. Que horas?**

**Em vinte minutos?**

Era perfeito – eu teria tempo para terminar o que estava fazendo primeiro.

**Até daqui a pouco, então!**

Eu deixei o telefone de lado e cantarolei uma melodia enquanto completava a lista, então a segurei para ver se a escrita era uniforme e legível. Quando estava satisfeita, rapidamente guardei tudo, usei o banheiro, escovei meus dentes e passei maquiagem. No último minuto, decidi tirar o batom que havia aplicado e passei gloss no lugar, pois parecia mais natural e o sabor era mais gostoso.

Enquanto caminhava para o parque, meus pés se sentiam cem vezes mais leves do que estavam pela manhã. Nada mudou desde então, mas apenas a perspectiva de vê-lo foi suficiente para me excitar. E quando eu o vi de pé atrás de Cooper, empurrando-o em um balanço, o frio na minha barriga aumentou.

*Esse sentimento*, pensei enquanto cruzava o playground em sua direção. *Eu não quero perdê-lo.*

Ele olhou para cima enquanto eu me aproximava e o sorriso que ele me deu transformou minhas pernas em geleia.

— Oi.

— Oi.

Ele olhou para trás

— Você não veio de casa?

Eu me retraí.

— Sim, mas andei por um quarteirão maior, então vim pelo outro lado. Eu não estava prestando atenção.

Ele riu, sacudindo a cabeça.

— É algo em torno de três quarteirões de distância. Só você poderia se confundir assim.

— Eu sei, eu sei. — Eu o deixaria me provocar tanto quanto ele quisesse desde que eu pudesse ficar ali, observando, enquanto ele empurrava o sobrinho no balanço. Sua camiseta preta e justa destacava os braços e o peito, a calça justa de brim o marcava em todos os lugares certos e seus óculos de sol do tipo aviador desgastados sem o boné de sempre faziam com que ele parecesse um pouco mais polido, um pouco mais militar. Mexeu comigo. Me excitou. — Você soube sobre a casa? — perguntei. Ele arfou e resmungou. — Acho que isso é um sim.

— Ouvi sobre o assunto. Eles têm a ideia maluca de construir um hotel ali?

Eu revirei os olhos.

— Ai, Jesus. Não é um hotel, Jack, é uma pequena pousada.

— Tanto faz. Eu não vou atrapalhar, mas não há como eles conseguirem o dinheiro de que precisam.

— Foi o que disse a Georgia. Eles poderiam obter um empréstimo para pequenas empresas ou algo assim?

— Eu acho que eles podem tentar. — Ele não parecia muito esperançoso.

— Gostaria que houvesse uma maneira com que eu pudesse ajudar — disse melancolicamente. É muito ruim ter um sonho e não ter recursos para realizá-lo. Eu tinha sido muito mimada toda a minha vida. Não que tivesse sido criada frívola ou irresponsavelmente, não tinha sido, mas também não sabia o que era ficar sem algo que realmente quisesse porque não podia pagar.

— Isso é o bom de você, mas eles descobrirão. Vamos descobrir.

— Então você fica com o Cooper hoje à noite? — Eu acariciava os cabelos do menino quando ele se aproximou de mim.

— Sim. Pete e Georgia estão trabalhando.

— O que você vai fazer com ele?

— Alimentá-lo com sorvete no jantar, comprar um monte de doces, deixá-lo assistir a um monte de TV até que ele apague no sofá. — Ele sorriu para mim. — O que sempre fazemos.

— Parece divertido.

— Quer ficar com a gente?

Meu coração se acelerou.

— Claro. Eu adoraria.

Passamos mais de uma hora no parque e fiquei espantada ao ver como Jack se dava bem com Cooper. Ele foi no escorregador com ele, girou-o no carrossel, ajudou-o a subir na cabana de madeira. Quando Cooper caiu e ralou o joelho, Jack o ajudou, soprou, secou suas lágrimas e o abraçou. Quando chegou a hora de ir embora e Cooper insistiu para ir mais uma vez no escorregador, Jack permitiu. Quando caminhamos até a sorveteria, Jack colocou o menininho em seus ombros e segurou suas mãozinhas por todo o caminho.

Mais tarde, eu o observei fazer o jantar para Cooper. Eu o vi dar banho no menino – nós trocamos um olhar divertido quando ele começou a encher a banheira – cuidadoso para não deixar cair água em seus olhinhos quando enxaguou o xampu de seus cabelos. Eu o vi colocar uma fralda e um pijama limpo no bebê cansado, escovar seu cabelo ondulado para trás, imitando seu próprio penteado.

— Agora sim — ele disse. — Como seu tio Jack.

Tudo o que eu conseguia pensar era: *este homem deveria ser pai*.

Quando era hora de desligar a luz e colocá-lo na cama, eu disse que esperaria lá embaixo, disse boa noite para Cooper e fui até a cozinha.

Assim que entrei na sala, ouvi Cooper alvoroçado chamando a mamãe

e então a voz de Jack no monitor.

— Tudo bem, amigo, hora de se acalmar. Vamos pegar o Bunny. — Sorrindo, fiquei na frente da pequena tela e vi Jack pegar algo do berço e abraçar Cooper, que chorava, contra seu peito. — Você quer balançar um pouco? Está bem. — Ele desapareceu de vista. Alguns segundos depois, voltou. E começou a cantar.

Foi suave no início e me inclinei para o monitor para ouvir melhor. No início, não reconheci a canção – algo sobre um fazendeiro – mas depois de um verso ou dois, levei a mão à boca, meu coração batendo forte. Era a canção de Hank Williams que tínhamos ouvido na caminhonete ontem no caminho para a feira. Ele também cantava. E tinha uma voz agradável – profunda e melódica com um toque perfeito de rouquidão.

Arrepios cobriram meus braços. Levei uma mão ao coração, surpresa e me sentindo derreter. Eu nunca tinha ouvido nada tão doce.

Um nó se formou na minha garganta.

*Me dê uma chance de te fazer feliz, Jack.*

*Me deixe tentar.*



## JACK

Eu me levantei, com cuidado para não acordar meu sobrinho adormecido. Amaldiçoei o chão de madeira que rangeu sob meus pés e tentei evitar os pontos que eu sabia que faziam ruído enquanto caminhava até o berço. Após colocá-lo deitado de barriga para cima, beijei seus dedos, toquei sua testa e silenciosamente saí do cômodo.



Encontrei Margot sentada em uma cadeira de cozinha, com uma mão sobre o coração. Quando me viu, ela bateu palmas para mim. Parecia que estava prestes a explodir em lágrimas.

— Porra. Esqueci de desligar o monitor, não é?

— Eu não posso falar, estou me derretendo.

Resmungando, fui até a geladeira e peguei uma cerveja. Só queria tocá-la – em várias partes do seu corpo –, mas não me sentia bem para fazer isso na casa de Pete e Georgia, então precisava encontrar algo com o que me ocupar.

— Não se preocupe, não se preocupe. Sua doçura secreta ainda está segura comigo.

Olhei para ela enquanto tirava a garrafa e tomava um gole da bebida.

— É bom mesmo. Quer uma cerveja?

— Não, obrigada.

— Taça de vinho?

Ela hesitou.

— Eu odiaria beber o vinho de Pete e Georgia.

— Por quê? Eles conseguiram babás hoje à noite. — Eu puxei uma garrafa do rack que ficava acima da geladeira e mostrei para ela. — Essa?

— Parece ótima. Obrigada.

Tirei a rolha da garrafa e despejei o vinho no copo.

— Você está com fome? Pensei em pedir uma pizza.

— Pizza parece perfeito. — Ela sorriu e *isso* era perfeito. Seu cabelo naquela longa trança loira era perfeito. A maneira como ela segurava a taça de vinho era perfeita. A maneira como ela beijou meu ombro na noite passada e me disse que eu era a pessoa mais corajosa que ela conhecia foi perfeita. A pizza era somente massa, molho e queijo. Não tinha um gosto tão bom quanto o dela.

Eu fiquei acordado a noite inteira pensando nela. Sobre nós. Pensei que me sentiria bem, pois não tive vontade de ficar com ela novamente, que tinha sido forte o suficiente para resistir a essa tentação, mas em vez disso apenas me senti péssimo. Inquieto. Solitário. No passado, encontrava uma espécie de consolo nesses sentimentos, mas não ontem à noite.

Ontem à noite, eu senti falta dela.

Pensei nos dias em que passamos juntos, na forma como ela me fazia rir, na forma como ela me ouvia. Fiquei me perguntando quando a veria novamente, o que ela usaria, o que faríamos. Havia lugares aonde queria levá-la, coisas que queria lhe mostrar, músicas que queria que ela ouvisse, comidas que queria que ela provasse.

Havia curvas em seu corpo que eu queria beijar, palavras sujas que queria sussurrar em seu ouvido, coisas que queria fazer com ela. Mas também queria ouvi-la. Queria saber sobre seus sonhos, suas esperanças, suas memórias. E não tinha muito tempo – menos de uma semana e só.

Decidi não desperdiçar mais nada.

Porque quando ela fosse embora estaria tudo acabado. Eu dormiria sozinho novamente todas as noites para o resto da minha vida. Sofreria pelos meus pecados. A solidão seria ainda pior por ter tido estes dias e noites com ela. De certo modo, ela se tornaria parte do meu castigo.

Um amigo no Exército me emprestou uma cópia de *O Profeta*, de Khalil Gibran e me identifiquei tanto com ele que comprei um exemplar para mim quando voltei para casa. Pensei muito sobre esse trecho: “*Quanto mais profunda a tristeza estiver em seu ser, mais alegria você pode conter.*” Naquele tempo, trouxe-me esperança.”

Mais tarde, percebi que o contrário também era verdade: quanto maior a sua alegria em algo, mais profunda a sua tristeza será quando esse algo se for.

E a perda, eu aprendi, era inevitável.



Após comermos, tirei da estante um baralho e ensinei Margot a jogar gin rummy. Diferentemente de como tinha sido com os ovos, ela aprendeu depressa e evoluiu rápido. Em alguns momentos minha mente entrou em águas mais profundas, imaginando como seria agradável tê-la por perto durante o inverno, quando as noites eram longas e frias e não havia muito a fazer, a não ser acender um fogo e jogar cartas ou ficar aconchegados no sofá assistindo a um filme. Tive que me repreender.

*Não. Ela vai embora na semana que vem e assim será melhor.*

Se Pete e Georgia ficaram surpresos ao encontrá-la lá comigo quando chegaram em casa, eles não disseram nada. Conversamos com eles por alguns minutos, então dissemos boa noite e saímos pela porta dos fundos.

— Venha aqui. — Eu a puxei para as sombras atrás da casa, longe de qualquer janela e a beijei. Ela me abraçou e eu a levantei. Seus lábios nos meus eram como chuva depois de um tempo de seca.

— Uau, você estava guardando esse beijo? — Ela perguntou, assim que a deixei recuperar o fôlego.

— Sim. Eu estava com medo de que se eu começasse lá, não seria capaz de parar.

— Hum. Não pare, então — ela sussurrou, ficando na ponta dos pés e beijando meu pescoço. Sua língua na minha pele mandou a luxúria diretamente para o meu pau, que se contraiu sem controle. Era como se meu corpo soubesse que o relógio já estava contando as horas que tínhamos juntos. Ela moveu uma mão para a minha virilha, esfregando a protuberância através da minha calça jeans enquanto chupava o lóbulo da minha orelha, traçava um caminho por meu pescoço com a língua, afundava seus dentes em meu ombro.

— Ah, porra — agarrei seu braço e saí pelo jardim iluminado pela lua. Não sabia para onde estava indo, só sabia que tinha que levá-la para algum lugar isolado antes que tirasse sua roupa.

Atravessamos as árvores até à cabana, subimos os degraus da varanda. Nada aconteceu até que abri a porta da frente e a puxei para a sala

escura que me golpeou. Eu a levei para um lugar cheio de memórias. E congelei, meus dedos ainda apertados ao redor de seu pulso. Eu podia fazer isso?

— Ei. — Ela disse suavemente. — Está tudo bem.

Eu me virei para ela, meu peito um campo de batalha.

— Porra — sussurrei.

Ela tocou meu rosto.

— Está tudo bem. Eu compreendo.

— Margot, me desculpe.

— Não peça desculpas. Sei que isso é difícil.

Suspirando, segurei seus pulsos e encostei minha testa na dela.

— Não deveria ser tão difícil. Eu te quero tanto.

— Eu quero você também. — Sua voz estava tensa. O lugar estava tão escuro que eu não podia ver nada no cômodo, mas ouvia sua respiração, senti seu peito subir e descer. Senti sua pele, quente sob minhas palmas. Cheirei seu cabelo, o perfume evocando memórias de ontem à noite. E então beijei seu pescoço, porque eu tinha que prová-la. — Jack — ela sussurrou. — Não precisamos...

— Eu não quero ficar sozinho esta noite — ouvi-me dizer. — Estou tão cansado de ficar sozinho.

— Você não tem que ficar. — Ela deslizou os dedos pelo meu cabelo, cobriu meu rosto com beijos. — Eu não vou deixar você.

Suas palavras ficaram comigo enquanto rapidamente tiramos as roupas e caímos de joelhos.

*Eu não vou deixar você.*

Eu a deitei delicadamente sobre o tapete e me estiquei por cima dela.

*Eu não vou deixar você.*

E movi minhas mãos, lábios e língua sobre seus seios, suas costelas,

seu estômago.

*Eu não vou deixar você.*

E eu a penetrei, rítmica e profundamente, seus braços ao redor do meu pescoço, seus lábios a um sussurro de distância.

*Eu não vou deixar você.*

Deus, como seria isso? O que sentiria ao deixar a culpa, deixar a dor, deixar o medo? Ao olhar para a frente, e não para o passado? O que sentiria ao ser feliz novamente? Acreditar que eu merecia isso, pensar que poderia durar?

Lutei contra a semente louca da esperança, enraizada dentro de mim, mas ela já era assustadoramente profunda e forte.

Algo que havia sido fechado dentro de mim estava se abrindo e eu senti uma emoção quando estava em sua presença, sua confiança, sua compreensão. A ideia de que ela podia sentir algo por mim. A esperança de que tudo seria perdoado. A promessa de uma nova vida. Um novo começo. Um novo amor.

*Não. Não se trata de amor. Não é perdão, nem mesmo absolvição. É uma estadia temporária, um curativo em um ferimento. Logo ele vai ser retirado e você vai sangrar novamente. Ah, Deus...*

Senti como se duas metades de mim estivessem se separando – uma queria muito receber essa segunda chance de amar alguém e permitir-me ser amado, enquanto a outra exigia que eu continuasse a vida sozinho na prisão que eu mesmo tinha construído.

Desesperado para recuperar o controle, eu me concentrei no calor e na fricção entre nós, no som de sua voz dizendo meu nome, em suas unhas raspando minhas costas. Concentrei-me em fazê-la gozar, esfregando meu corpo contra o dela do jeito que ela gostava, sussurrando palavras sujas em seu ouvido. Eu fui rude com ela, como eu tinha sido antes.

Mas era diferente desta vez – como não poderia ser? Eu lhe contei tudo. Eu estava vulnerável a ela de um jeito que nunca estive com ninguém. Tudo estava escancarado: todos os meus segredos, todo o meu sofrimento,

todas as minhas cicatrizes.

E ela ainda me queria.

Senti-me cair.

Freneticamente, eu lutei para não gozar, entristecendo-me que se chégássemos ao orgasmo juntos, isso só fortaleceria nossa química sexual e nos aproximaria. Mas ela me abraçou tão forte, como se nunca fosse me deixar sair, me envolveu tanto, seus gritos eram tão impotentes e meu pau estava tão duro que eu não podia segurar, não conseguia mais, não conseguia me impedir de passar pelos portões e chegar ao limite com ela, minha força de vontade não correspondia aos meus sentimentos.

*Não me deixe*, pensei com cada impulso e pulsação dentro de seu corpo trêmulo, cada batida do meu coração. *Não me deixe ir. Eu preciso de você para me sentir vivo.*

Enquanto nossos corpos se calavam e nossa respiração abrandava, abri os olhos – e percebi o que tinha feito.

Eu a havia deixado entrar. Eu a havia deixado chegar perto. Eu me deixei sentir novamente.

Pior, levei outra mulher para o espaço sagrado. Quebrei uma promessa. Desonrei um voto.

Eu não tinha direito. Nenhum direito.

A esperança que senti momentos atrás foi esmagada pelo peso da vergonha.

Eu me forcei a parar de justificar meu comportamento e admitir a verdade.

Isso tinha que acabar. Esta noite.



Eu não disse nada enquanto nos recobrávamos. Dentro de meu peito

parecia haver um tiro de canhão e minha garganta estava apertada.

— Posso usar seu banheiro? — perguntou ela, timidamente.

— É claro. — Minha voz saiu áspera.

Enquanto ela estava no banheiro, me sentei no sofá na escuridão, odiando a mim mesmo por ter deixado isso acontecer.

*Eu nunca deveria tê-la beijado. Nunca deveria tê-la tocado. Nunca deveria ter pedido para ela ficar.*

Agora eu tinha que levá-la para fora e só sabia uma maneira de fazê-lo e ter certeza de que ela me deixaria de vez – colocar paredes em torno do meu coração e ser um completo e absoluto idiota.

Dispense-a. Magoe-a. Faça com que ela te odeie. *Como eu me odeio.*

Ela saiu do banheiro, deixando a luz acesa e se sentou ao meu lado no sofá, mas sem tocar em mim.

— Você está bem?

*Porra, Margot. Não seja doce comigo agora.*

— Sim.

— Isso foi meio... intenso.

Dei de ombros. Meu estômago se revirava.

— Você não achou? — Ela olhou para mim, provavelmente tentando ler minha expressão.

— Na verdade, não.

Ela se retraiu.

— Oh. Bem... talvez tenha sido só eu, então.

— Talvez. — Não podia suportar olhá-la nos olhos, então olhei para seus joelhos, que estavam pressionados com força, as mãos entrelaçadas. Algum dia, algum rico bastardo com um fundo fiduciário e um Porsche colocaria um grande diamante em seu dedo. Teria o casamento enorme e elegante de seus sonhos, seguido de uma luxuosa lua de mel. Depois disso,

ele compraria uma mansão, que encheriam de lindas crianças que iriam para escolas particulares e a chamariam de mamãe.

Ela teria tudo o que ela queria. *Ela estará onde deve estar e será feliz.*

Olhei para minha aliança de casamento. *E eu estarei aqui.*

— Jack, o que há de errado? Algo não está certo, eu sei.

— Nada. — Eu me levantei. — Vou levá-la para casa.

Peguei as chaves da prateleira e saí pela porta da frente, então ela não teve muita escolha a não ser me seguir. Fechei a porta e comecei a descer os degraus da varanda, mas ela agarrou meu braço.

— Ei. Espere um minuto.

Eu me ajeitei e olhei para ela.

— O quê?

— Você está com raiva de mim?

— Não. — *Estou com raiva de mim.*

— Você está louco por nós... termos feito o que fizemos lá? — Ela me soltou. — Porque nós não tínhamos que ter feito. Eu disse que compreendia.

— Não é isso.

— Bem, tem alguma coisa. — Ela levou as mãos à cintura. — Eu sei que você está mal-humorado, mas isso é como ir de oito a oitenta. Uma hora atrás você não conseguia parar de me tocar e agora você está me jogando para longe. Diga-me o que eu fiz.

— Você não fez nada — disse.

— Então me diga o que você está pensando. Diga-me o que deu errado. Diga-me alguma coisa, Jack! — Sua voz falhou. — Você não pode simplesmente se afastar de mim assim.

— Sim, eu posso! — Gritei, furioso comigo mesmo por ter deixado minha guarda baixa e ela ter adentrado minhas defesas. — Este sou eu,



Margot. Esse é quem sou. E é por isso que nunca deveríamos ter nos envolvido, pra começo de conversa.

Seu corpo pareceu diminuir. Se pudesse ver seus olhos, sabia que eles estariam brilhantes, marejado.

— Este não é você. Conheço você.

Ergui outro muro.

— Você pensa que me conhece só porque nós fodemos algumas vezes? Não conhece. Isso foi apenas sexo.

Ela balançou a cabeça novamente, como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque é a hora, certo? — Minhas mãos tremiam. — Nós dois sabíamos que essa coisa não poderia continuar, então nós podemos acabar com isso agora.

— Por que não poderia continuar? Eu não vivo tão longe, e... — Ela respirou fundo. Tive a sensação que não gostaria de ouvir o que ela diria em seguida e eu estava certo. — Sinto algo por você, Jack. Não quero que isso termine.

Eu tinha que ser implacável. Rasgue o curativo.

— Bem, mas eu sim.

Ela começou a chorar.

— Você não sente nada por mim? Os últimos dias não significaram nada para você?

Dei de ombros e ela levou as mãos à barriga como se eu tivesse batido nela. Ela acreditava nas mentiras prontamente. *Porra*. Inferno, isso era uma tortura.

— Deus — ela chorou, passando por mim escada abaixo. — Eu me enganei muito em relação a você.

Amaldiçoando-me, segui Margot entre as árvores, passando pelo

ponto onde ficamos juntos pela primeira vez no jardim de Pete e Georgia. Eu vi seu olhar para o local onde eu a tinha beijado tão apaixonadamente apenas duas horas atrás e quis socar uma parede.

*Minha nossa, você não se enganou em relação a mim. Mas eu não posso lidar com meus sentimentos por você. Eu não tenho lugar para colocá-los, eles não se encaixam dentro de mim, não se encaixam dentro da vida que eu tenho que viver. Não tenho escolha, Margot! Você não consegue ver?*

Ela nem sequer tentou caminhar para casa – ela me conhecia muito bem, outro soco no estômago – mas marchou para a direita, rumo à garagem e entrou na minha caminhonete, batendo a porta com tanta força que eu pensei que poderia cair.

Movendo-me lentamente, como se o ar ao meu redor fosse lama, sentei no banco do motorista e liguei o motor. Ela sentou bem longe de mim, braços cruzados, pernas juntas, mandíbula trancada. Que loucura pensar que há uma hora eu estava dentro dela e ela me recebia. Nunca sentiria isso de novo. As minhas paredes começaram a desmoronar.

— Margot, olha. Eu...

— Não. Não diga meu nome, não fale comigo, nem sequer olhe para mim novamente.

Suspirando, engatei a marcha à ré e saí da garagem. Eu deveria ter ficado aliviado por ela não estar chorando mais, porque ela não ia dificultar as coisas para mim e porque ela voltaria ao seu lindo mundo e esqueceria que eu existi.

Era exatamente o que eu queria, *não era?*



## MARGOT

A viagem de volta para o chalé foi pura agonia. Eu não podia acreditar no jeito com que ele tinha me tratado. Minha cabeça estava fritando!

*Era só sexo. Era?*

Mas ele esperou três anos. Ele veio atrás de mim. Ele me pediu para

ficar. Ele confiava em mim. Ele compartilhou sentimentos profundamente íntimos. Não era só sexo! Então o que diabos foi aquela retirada repentina? Eu atormentei meu cérebro, tentando juntar os pedaços.

Teria fingido ser um bom rapaz? Esse idiota que estava ao meu lado era o verdadeiro Jack Valentini? Tinha feito tudo aquilo durante uma semana apenas para me levar para a cama? Achei difícil de acreditar, mas eu estava cambaleando. Uma, duas horas atrás, nós estávamos rindo, nos beijando e conversando.

O que havia acontecido de errado? Todos os homens eram idiotas manipuladores? Eu não podia aceitar que Jack era como Tripp.

Talvez ter relações sexuais na cabana tenha sido demais para ele. Talvez ele se sentisse infiel. Talvez ele se sentisse culpado por ter gostado tanto. Apesar do que ele havia dito, houve algo diferente no sexo desta noite. Algo intenso, real e grande. Algo bom. Eu senti e ele deve ter sentido também.

Olhei para ele de novo e notei a habitual linguagem corporal e expressão teimosa pelo canto do olho. Mas havia algo mais... ele batia a mão direita com nervosismo na coxa. Eu nunca tinha visto isso antes. Algo o feriu. Algo o estava deixando nervoso, até mesmo assustado.

*É isso aí.*

Isso me atingiu de uma só vez. Seu maior medo – soltar seu passado.

*Talvez ele tenha começado a soltá-lo. E isso o aterrorizava.*

Um pouco de tristeza moderou minha raiva. Por que ele se tortura assim? Por que não se perdoa e segue em frente? Por que não me deixa ajudar? Por que era tão leal à sua dor? E depois de tudo que ele me disse, achava que eu não podia perceber o que ele estava fazendo?

Queria sacudi-lo. Abraçá-lo. Gritar com ele. Suplicar para ele. Acusá-lo até que ele admitisse a verdade – ele sentia algo por mim.

Mas de que adiantaria? Ele nunca admitiria isso. De fato, pressioná-lo assim só faria com que ele recuasse ainda mais. Era impossível. Até que ele tomasse a decisão consciente de seguir em frente, não havia nada que eu

pudesse fazer. E se os últimos dias não tinham sido suficientes para convencê-lo, tinha de enfrentar o fato de que talvez não fosse acontecer. Controlando as lágrimas quando ele parou na casa, levei a mão à maçaneta da porta antes que a caminhonete parasse de se mover.

— Margot. — Congelei. Recusei-me a olhar para ele. — Só quero que você saiba. Eu... — ele lutou por palavras. — Eu me diverti muito com você.

— Ah, meu Deus. — Agora eu olhei para ele. Suas palavras pareciam uma bofetada no meu rosto. — Mesmo? Isso é o que você tem para me dizer agora?

Ele ficou me observando.

— O que você quer que eu diga?

— Quero que você admita a verdade, Jack! — Gritei, amaldiçoando as lágrimas que não iriam parar. Quando eu tinha me tornado tão sentimental? — Você sente algo por mim e está com medo disso.

— Não me diga o que eu sinto — disse ele com raiva, inquieto em seu assento. — Você não tem ideia de como eu sou.

— Você está certo, eu não sei. Mas sei que você está escolhendo ser assim. Fechado. Triste. Sozinho. — Passei as costas da mão no nariz e suavizei minha voz. — Não tem que ser assim, Jack. Nós poderíamos ficar bem se você se deixasse seguir em frente.

Ele começou a dizer alguma coisa, depois parou. Cerrou a mão direita em punho.

— A noite em que eu pedi para você ficar, você disse que não precisava de promessas.

— Eu não preciso! E eu não... não estou pedindo uma promessa, Jack. Estou pedindo uma chance. Somente isso. Uma chance. — Meu coração bateu acelerado no peito enquanto pesava minhas palavras contra suas convicções equivocadas.

Seus lábios tremeram e fecharam-se. Sua testa enrugou. Seus dedos curvados e flexionados. Eu podia ver a luta dele contra si mesmo, a tentação de ceder a mim contra a força de sua consciência culpada. Qual iria

prevalecer? Nossos olhos se encontraram e, por um segundo, eu pensei que ele me escolheria.

Mas ele não fez isso. Ele desviou o olhar.

— Eu não tenho nenhuma chance para te dar.

Arrasada, saí da caminhonete e corri para a casa, sufocando as lágrimas. Quando fechei a porta, tranquei-a e corri para o quarto, jogando-me na cama. Recolhendo seu travesseiro em meus braços, soluzei nele pelo que me pareceram horas.

Chorei por Jack, pela vida que ele vivia e pela vida que estava desperdiçando. Chorei por mim mesma, porque não fui suficiente para lhe fazer mudar de ideia. Chorei ao pensar em ir para casa e tentar esquecer que havíamos nos conhecido, beijado ou tocado.

E chorei pelo que nunca seria, uma chance que nunca seria aproveitada.



## MARGOT

Fiquei acordada a noite inteira. Mesmo depois que as lágrimas secaram, as perguntas me incomodavam. *Foi minha culpa?* Eu tinha pressionado demais? Eu tinha apressado as coisas? Eu tinha imaginado algo entre nós que não existia? Estava louca por estar chateada com alguém que conhecia há uma semana? Será que o sexo incrível atrapalhou meu

discernimento?

Depois, foi o momento dos “talvez”.

*Talvez* eu tivesse romantizado toda a coisa do fazendeiro sensual. *Talvez* estivesse apenas atraída por ele, porque era como um anti-Tripp. *Talvez* o caso fosse apenas uma grande rebelião contra as regras das mulheres Thurber. *Talvez* eu chegasse em casa e percebesse que ele nunca teria se encaixado em minha vida, que eu nunca teria me encaixado na dele e deveria agradecer a Deus por ele ter terminado as coisas quando pôde.

Mas os “se” também apareceram.

E *se* eu vim aqui por uma razão? E *se* ele fosse o que faltava em minha vida? E *se* eu não devesse desistir dele? E *se* ele precisasse de mim para ajudá-lo a se curar? E *se* eu nunca conhecesse alguém que me fizesse sentir como ele fez? E *se* o destino queria que ficássemos juntos?

A angústia mental e emocional era demais. Eu desejei a familiaridade de casa, o sentimento de que pertencia a algum lugar. Às seis da manhã seguinte, fiz as malas, deixei uma mensagem para a gerente da propriedade e a chave no balcão e dirigi para casa.

Depois de duas horas, engoli o café no posto de gasolina e repassei em minha mente a rejeição dele. Foi como reviver a separação de Tripp tudo de novo! Qual era o meu problema? Por que ninguém me queria? Eu era basicamente insuportável? A perspectiva de um futuro comigo era tão terrível? Eu cheirava mal? Cheirei minhas axilas.

Como parecia que meu desodorante estava funcionando, tinha que ser outra coisa, e quando cheguei em casa, estava convencida da minha inutilidade geral e repugnância.

Deixando as malas na porta, fui direto para o meu quarto, troquei o short e a blusa por pijamas e caí na cama. Mas tinha tomado muito café, de modo que dormir era impossível. Fiquei ali, cada vez mais desanimada, até que finalmente desisti e telefonei para Jaime.

— Olá — disse ela quando atendeu. — Como está a vida na fazenda? Você já teve seus quatro orgasmos hoje?



— Nem perto disso. Eu não estou mais na fazenda. — Imaginei o sol sobre o lago, brilhando sobre os cavalos no pasto, criando sombras atrás do celeiro perfeito para um beijo. Jack estaria acordado? Ele tinha dormido? Ele estava fazendo tarefas e lembrando de quando o ajudei?

— O que aconteceu? Você parece péssimo.

— Eu estou. — Fechei os olhos. — Talvez não devesse estar, mas estou.

— Quer falar sobre isso?

— Sim. Onde está a Claire? Vocês podem almoçar comigo?

— Merda, não posso. E Claire está olhando casas hoje à tarde. Que tal umas bebidas logo após o trabalho?

— Por volta das seis? Onde?

— Bar no Marais? Você provavelmente sentiu falta de seus martinis elegantes.

— Na verdade, não — disse tristemente.

— Droga, você *está* deprimida. Vou enviar uma mensagem para Claire.

— Está bem. Ei, você pode me fazer um favor?

— Claro!

— Você pode ligar para Georgia Valentini e dizer que eu tive que voltar para casa de repente, mas que entrarei em contato amanhã? Vou encaminhar seu número. — Não suportaria falar com ela.

— Considere isso feito. Agora vá fazer uma massagem ou algo assim. Manicure-pedicure. Ou fazer luzes! Isso sempre anima você.

— Vou ficar bem. Talvez esteja apenas cansada. — Não era exatamente uma mentira. — Vou tirar um cochilo e vê-la depois do trabalho.

Nós desligamos e mandei o número de Georgia antes de jogar O celular para o lado. Eu não queria uma massagem nem fazer as unhas nem ir ao salão. Nenhuma dessas coisas faria com que eu me sentisse melhor e, na

verdade, meio que me fizeram me sentir superficial e vaidosa, já que era o tipo de pessoa que regularmente apreciava esses luxos. Por que não usei meus recursos para coisas mais significativas? O que estava fazendo com a minha vida? Como estava contribuindo para o bem maior? Milhões de pessoas viviam na pobreza e eu não fazia nada para ajudá-las! Não me admirava que ninguém me amasse!

Enrolada na cama, joelhos dobrados contra peito, bunda para cima.

— Eu sou uma pessoa terrível, inútil — gemi contra meu travesseiro.  
— Minha vida não tem nenhum propósito.

Posteriormente, senti fome, então desci para pegar algo para comer, mas até mesmo o conteúdo da minha geladeira me deprimiu – queijo vencido, leite expirado, um vidro de pickles, limões podres e no congelador havia apenas cubos de gelo, uma garrafa de gin e algumas refeições congeladas que indicavam meu triste status de solteira e incapaz de cozinhar.

— Esta é a minha vida — disse enquanto nuvens de ar frio escapavam para fora. — Gin, solidão e comida congelada. — Meio que são os elementos de uma música country.

Na despensa, consegui encontrar uma caixa de biscoitos que provavelmente tinha sido deixada de um coquetel no ano passado e os comi enquanto estava sentada no chão da cozinha. Eles estavam velhos e sem gosto. Eu cheirei o queijo e decidi que eu não estava tão desesperada, então comi o vidro inteiro de pickles em vez daquilo. Depois disso, voltei para a cama e me escondi sob as cobertas, onde finalmente adormeci.

Eu acordei com o tocar do meu telefone por volta das cinco horas. *Georgia Valentini ligando*. Mordendo meu lábio inferior, fiquei tentando decidir se deveria atender. Eu poderia fingir bem o suficiente para enganá-la? A velha Margot não teria pensado duas vezes. Ela ainda estava dentro de mim em algum lugar?

Eu fiz o meu melhor para chamá-la.

— Alô?

— Oh, Margot, oi. Pensei que cairia na caixa postal. Sua sócia ligou há pouco e disse que você teve uma emergência familiar. Espero que tudo

esteja bem. — Georgia parecia preocupada e eu me senti culpada pela mentira.

— Sim, está tudo bem. Não foi grande coisa. — *Apenas minha própria crise existencial.*

— Fico feliz em ouvir isso. Eu só queria dizer que estamos muito gratos por você ter doado seu tempo para vir aqui e dar o início à nossa mudança para entrar no mercado de forma mais eficaz. Você fez a pesquisa, veio preparada, nos conheceu e realmente fez diferença.

— Obrigada.

— E você nos inspirou a realizar o nosso sonho do restaurante, também. Mesmo se o sítio do Oliver não puder ser nosso, estamos motivados para continuar tentando algo.

— Estou feliz em ouvir isso. Alguma novidade na casa?

— Nada muito encorajador — disse ela. — Mas estamos recebendo algumas estimativas sobre a reforma do lugar e Brad está nos ajudando a montar um plano para solicitar um empréstimo.

— Estou torcendo por vocês.

— Agradeço muito. — Ela parou por um minuto. — Margot, espero que não esteja ultrapassando os limites ao perguntar se você está bem. Você parece diferente.

Suspirei.

— Estou bem. Quer dizer, eu vou ficar bem. Eu acho.

Ela riu com simpatia.

— Isso não parece bem.

— Eu só... criei esperanças sobre algo que não deveria ter criado.

— Compreendo. — Alguns segundos se passaram. — Margot, ele também está triste.

— Eu duvido disso.

— Por quê? — Georgia parecia genuinamente surpresa.

— Porque foi ele quem terminou as coisas. Ele não me quer. Não o suficiente, pelo menos.

Ela suspirou, alterada.

— Mas ele está triste. Dá para perceber. Ele é muito teimoso.

— De qualquer maneira, está feito. E era o que ele queria — falei.

— Sinto muito, Margot. Eu realmente gostaria que as coisas fossem diferentes.

— Eu também. — Precisava desligar antes de começar a chorar novamente. — Tchau.

Ela disse adeus e nós desligamos. Cobrindo os olhos com um braço, eu me perguntava como ela sabia que Jack estava triste. Estaria choramingando no café hoje cedo? Teria sido ríspido com ela? Grosso? Pensar isso me deixou com raiva.

*Como ele ousa descontar em outras pessoas? Ele próprio causou isso!*

Mal-humorada e deprimida, entrei no banheiro e me olhei no espelho. Oba! Meu cabelo estava emaranhado e sujo, meu rosto estava inchado e meus olhos estavam vermelhos, com olheiras.

— Você quer saber? — Disse para meu reflexo. — Este é o meu verdadeiro eu e se as pessoas não gostam, elas podem se foder. — Fiz um rabo de cavalo, vesti um jeans antigo com minha camiseta *Vassar*, vesti meias e calcei um tênis. Eu não me sentia como antes, então por que deveria tentar parecer o que não era?

O Mercedes seria um pequeno problema em relação a minha nova imagem, mas pensaria sobre ele amanhã.

— Uau. — Jaime piscou para mim. — Está com visual diferente.

Cheguei ao bar primeiro e estava sentada em um dos sofás de veludo encostados na parede, e logo minhas amigas vieram até mim.

— Eu me sinto diferente — disse. — Por que não deveria parecer diferente?

— Nenhuma razão — ela disse olhando para Claire. — Quer nos dizer o que está acontecendo?

— O que está acontecendo é que cheguei à conclusão de que minha vida não tem sentido.

— Margot, o que é isso? — perguntou Claire, as sobrancelhas franzidas. — Sua vida não é sem sentido. Por que diz uma coisa dessas?

— Porque é verdade — disse, levantando meu gin martini caro até os lábios. Depois de passar alguns minutos sem saber o que escolher, decidi que uma vida sem propósito não era desculpa para beber bebida barata. — Eu não contribuo para a sociedade de nenhuma maneira significativa. O mundo está cheio de coisas terríveis como pobreza, fome, doenças e abusos e eu não faço nada sobre isso. Viverei e morrerei e a humanidade não ficará melhor.

— Ah. — Jaime disse novamente quando a garçonete se aproximou. — Espere, vou precisar de uma bebida. — Ela e Claire fizeram seus pedidos e voltaram a se sentar. — Está bem. O que aconteceu?

Nem eu sabia por onde começar.

— Tem a ver com o fazendeiro? — A expressão de Claire era questionadora. — Jaime me contou sobre ele, mas na última vez as coisas estavam indo bem.

— Estavam. — Eu tomei outra bebida. — Mas então ele deve ter percebido que eu sou uma moça podre e mimada que não se importa com ninguém além de si mesma.

— Jesus. — Jaime revirou os olhos e sentou-se mais para a frente em seu assento. — Eu preciso lembrá-la do trabalho que você faz de graça enquanto estou tentando manter nosso escritório de pé? Você é a pessoa mais generosa que eu conheço, Margot!

Claire concordou com a cabeça.

— Você está constantemente participando de almoços de caridade e de causas de voluntariado. Eu não sei como você encontra tempo!

— OK, sua família tem montes de dinheiro — disse Jaime. — Mas há uma razão pela qual o hospital tem uma ala Lewiston e o museu de arte tem uma galeria Thurber. É porque eles doam muito.

— E você se lembra, no ano passado, quando eu mencionei o evento para arrecadar dinheiro na minha escola para aquela família que perdeu tudo em um incêndio? — Claire disse. — Você foi a primeira na fila a preencher um cheque e depois soube que foi o de maior valor.

— Mas isso é tudo tão impessoal — reclamei. — Eu não sinto que estou realmente fazendo algo que valha a pena, apenas preenchendo cheques. E vivi uma vida completamente protegida. Eu não sei cortar grama, trocar pneu nem grelhar um hambúrguer!

— Que diferença isso faz e o que tem a ver com alguma coisa? Você é uma boa pessoa, Margot. — Jaime inclinou-se na direção da mesa e tocou meu pulso. — Você é amorosa, inteligente, engraçada, bem-sucedida e bonita. — Eu arqueei uma sobrancelha para ela. — Bem, sim, você está um pouco desgrehada agora — ela admitiu. — Mas em qualquer outro dia, você é o que toda mulher aspira ser.

— Então por que ele não me quer? — Fechei os olhos e senti as lágrimas vindo. — Por que ninguém me quer?

— Espero que não esteja falando de Tripp — disse Jaime. — Você perdeu tempo suficiente com ele. E quanto a Jack, eu não sei, querida. — Sua voz ficou mais suave. — Talvez ele simplesmente não estivesse pronto para te querer. Talvez ele não tenha superado a esposa ainda.

— Eu acho que poderia ser isso. Mas não tenho essa sensação. — Mordi meu lábio por um momento. — Ele falou sobre amá-la e não tenho dúvidas de que perdê-la acabou com ele. Mas ele nunca disse nada como “eu nunca vou superá-la” — continuei, os cantos da se curvando para baixo... — Ele disse que nunca se casaria novamente.

— Por que não? — Claire perguntou.

Suspirei.

— Ele disse que sabia o que teve e que não acontece duas vezes.

— Talvez ele seja louco. — Claire estendeu a mão e bateu no meu braço. — Porque não consigo imaginar por que um homem não agarraria com unhas e dentes a chance de estar com você.

— Bem, ele não agarrou. — Suspirando, levei o copo para meus lábios novamente. — E isso me confundiu. Eu realmente sentia algo por ele.

— Tão rápido assim? — perguntou Jaime enquanto o garçom deixava as bebidas na mesa entre nós.

— Sim. No começo pensei que fosse apenas uma coisa física muito intensa, mas... — estremeci, lembrando da noite em que ele descobriu sua alma conturbada. — Foi emocional, também. E foi bom, pelo menos para mim.

— Então por que ele terminou? — Claire perguntou.

— Sinceramente, ele não me deu uma razão. Nós tivemos um grande dia ontem, e então... — falei mais baixo. — Ontem à noite fizemos sexo no chão da sala de sua casa, onde ele vivia com sua esposa, e foi bem intenso. Logo depois disso, ele, de repente, terminou as coisas. Disse que, para começo de conversa, nunca deveríamos ter nos envolvido.

— Ah. Você o assustou. — Jaime parecia confiante enquanto se sentava mais para trás. — Isso era o que eu costumava fazer, antes de Quinn. Contanto que fosse só sexo com um cara, eu estava bem, mas se houvesse alguma chance de apego emocional, caía fora.

— Você até tentou fazer isso com Quinn — Claire nos lembrou.

Jaime assentiu.

— Totalmente. E eu não tinha a bagagem que Jack tem. Talvez ele só precise de algum tempo e distância. Pensar um pouco. Eu precisei disso.

— Talvez — disse. — Mas trocamos algumas palavras muito duras ontem à noite. Eu me humilhei completamente e pedi uma chance e ele disse: não.

— Bem, não desista. Ele pode surpreendê-la. — Jaime tomou um gole da bebida. — E se ele não fizer isso, quem perde é só ele, porque você é incrível.

— E forte. — Claire bateu em meu braço novamente. — Você é uma das mulheres mais fortes que conheço.

— Eu não sou — disse, sentindo-me como uma fraude. — Passei a vida inteira apenas fazendo o que me disseram para fazer, desempenhando o papel de filha obediente e debutante na sociedade. Não consigo pensar em uma decisão que tenha tomado da qual me orgulhe, ou um risco que eu tenha corrido.

— Pois eu, sim — disse Jaime com lealdade. — Você deixou o seu emprego e veio trabalhar comigo. Isso foi um risco.

— Não exatamente. — Não ia deixar que elas me convencessem a gostar de mim mesma. — Nunca ficaria pobre se desse errado.

— Quando Tripp disse que não queria se casar no ano passado, você terminou tudo. E você disse não quando ele te pediu em casamento, apesar de uma parte de você querer dizer sim — acrescentou Claire. — Isso não foi fácil.

— Não queria me casar com aquele idiota — disse. — Eu só gostei da aliança, o que me faz superficial.

— Bem, você deveria estar orgulhosa demais por ter atirado aqueles bolinhos. Eu tenho orgulho de você. — Jaime sacudiu a cabeça. — Deus, eu gostaria de ter visto.

Esbocei um sorriso.

— Acho que tenho orgulho disso.

— Viu? E você ainda pode fazer mudanças em sua vida. Você não tem que desempenhar nenhum papel que não queira. — Ela continuou. — Se você não quer mais trabalhar na Shine, é só dizer. Nós entendemos.

— Não, eu quero. Gosto do trabalho. Gosto de ajudar as pessoas a realizarem seus sonhos. — Suspirei, girando o resto de gin no copo. — Não é que não goste da minha vida. Eu amo minha família, meus amigos, meu trabalho. E estaria mentindo se dissesse que ser Margot Thurber Lewiston é realmente difícil. Não é. Sei lá, o que eu não tenho? É egoísta querer mais do que tenho, não é?



— Margot, está tudo bem em querer compartilhar sua vida com alguém — disse Claire. — Ninguém pensa que você é egoísta só por querer alguém para amar e por querer ser amada.

Senti de novo o nó na garganta.

— Eu quero isso. E a loucura disso é que tive a sensação de que Jack poderia ter sido esse alguém. Estou tão frustrada e triste por ele não perceber isso.

Minhas amigas me olhavam com simpatia.

— Gostaria de dar mais conselhos — disse Jaime. — Porém o amor é estranho. Quando você está procurando, ele sabe exatamente onde se esconder. Quando você não está, ele salta e mexe com sua cabeça.

— Eu não sei — disse Claire, sorvendo sua bebida. — Talvez seja isso que estejamos fazendo de errado, Gogo. Estamos procurando.

Eu balancei a cabeça.

— Peço desculpas a vocês. Estou sendo uma boba completa e estou monopolizando a conversa. Tive uma decepção amorosa, mas vou sobreviver. — Um sorriso trêmulo abriu caminho em meus lábios. — Na verdade, comecei a fazer uma lista de coisas que quero fazer enquanto estava na fazenda.

— Como uma lista de desejos a cumprir? — Jaime comeu uma das azeitonas do palito em seu martini.

— Não, algo mais como a lista de afazeres de Margot Thurber Lewiston para uma vida mais divertida e gratificante.

Claire sorriu.

— O que tem nessa lista?

— Parar de temer os 30. Passear a cavalo. Aprender a cozinhar. Envolver-me com o movimento de justiça alimentar. Fazer uma tatuagem. — Essa última veio do nada, mas assim que disse, percebi que era verdade.

— Uau — disse Jaime pela terceira vez naquele dia. — É uma nova Margot. O que aconteceu com você?

— Não foi só por ter ido à fazenda — disse. — Quero dizer, foi mesmo uma semana intensa, mas olhando para trás, no ano passado ou talvez até mais, eu acho que este despertar vem de muito tempo atrás.

Jaime assentiu e levantou a bebida.

— Por uma vida mais divertida e gratificante.

Claire e eu erguemos nossas taças até a dela e brindamos. Eu me senti melhor e grata pelas minhas amigas, mas um pedaço do meu coração ainda doía por Jack.

E talvez fosse doer para sempre.



## JACK

A manhã depois que terminei as coisas com Margot amanheceu ensolarada e quente. Isso me irritou, já que eu queria que o tempo combinasse com meu humor deprimente. Fiz minhas tarefas matutinas lentamente, com meus ossos cansados e músculos fracos. Nenhum orgulho em meu trabalho. Nenhum sentimento de contentamento ou realização. Nenhuma esperança de

que pudesse encontrar algo para desfrutar naquele dia.

Apenas vazio.

Passei a noite inteira me odiando pelo que fiz. Mas não tinha escolha – sabia o tempo todo que não podia tê-la. Não importava que ela estivesse disposta a me dar uma chance... não poderia aguentar. E ela merecia alguém completo, alguém perfeito, alguém como ela. Ela não deveria desperdiçar essa chance em mim. Eu estava muito destruído, muito imperfeito.

*Mas Deus, eu poderia tê-la amado. Facilmente. Profundamente.*

Se eu fosse outra pessoa, se minha vida tivesse sido diferente, se a tivesse conhecido antes. Como essa vida alternativa seria? Seríamos casados? Teríamos filhos? Por um momento deixei-me imaginá-los: um menino com cachos como os de Cooper e uma menina com cabelo loiro e olhos azuis.

Engoli em seco, imaginando envolvê-los à noite, lendo uma história, cedendo aos seus pedidos para mais uma canção, mais um beijo, mais um abraço. Então compartilharia o resto da noite com Margot, dividindo meus pensamentos, compartilhando meu corpo, compartilhando minha alma.

Eu poderia ter tomado conta dela em todos os sentidos que ela precisava. Nós éramos diferentes, mas talvez nossas diferenças teriam se complementado. Poderíamos ter nos encaixado como duas peças de um quebra-cabeças. Ela tinha inteligência acadêmica e sabedoria para fazer negócios; eu tinha força física e bom senso. Ela tinha um dom com pessoas; eu tinha um dom com a natureza. Eu sabia cultivar; ela sabia vender. Ela era macia onde eu era áspero; articulada onde eu era calado; social onde eu era distante.

*Eu poderia tê-la amado.*

Abrigando-a. Acariciando-a. Eu poderia ter feito as coisas para ela, que ela não sabia fazer, ensinar outras que ela não sabia, mostrar coisas que ela nunca tinha visto. E ela poderia ter sido minha ligação com o mundo novamente, oferecendo-me refúgio quando eu precisasse. Ela poderia me ensinar coisas também – ela sabia sobre arte, literatura e história. Coisas nas quais nunca prestei atenção, mas não queria morrer sem aprender.

*Eu poderia tê-la amado.*

*Eu poderia ter deixado ela me amar.*

*Eu poderia ter sido pai.*

*Eu poderia ter sido feliz.*

*Em vez disso, eu estava sozinho. Mas, pelo menos, tinha sido minha escolha.*

Não queria ir até Pete e Georgia naquela manhã, já que eles provavelmente perguntariam sobre Margot, mas como não queria ficar sem café, pois precisava da cafeína, isso foi o suficiente para arriscar. Desde o momento em que entrei, deixei claro que não estava com vontade de conversar.

— Bom dia, Jack — disse Georgia quando entrei na cozinha. Ela estava alimentando Cooper na mesa. Com apenas um murmúrio em saudação, cruzei o cômodo até a jarra de café e derramei o líquido em uma xícara. Até mesmo a maldita cozinha me fez lembrar de Margot. Eu ainda podia vê-la sentada ao balcão ontem à noite com seu vinho, comendo na mesa, rindo sobre as cartas. *Talvez esta pudesse ter sido a nossa casa.* — O que vai fazer hoje?

— Nada. — *Ela estaria alimentando nosso bebê na mesa da cozinha.*

— Você e Margot já foram andar a cavalo?

— Não. — *Nós cavalgaríamos juntos o tempo todo.*

— Pode ser um bom dia para isso.

— Eu não tenho tempo — respondi. Mas ela estava certa: teria sido um bom dia para isso.

*Eu a levaria para acampar hoje à noite.*

Ela olhou para mim, arqueando as sobrancelhas.

— Está bem. Foi apenas uma sugestão. — Tomei grandes goles de café, deixando-o esquentar minha garganta, sentindo a dor. Eu me perguntava se Margot ainda estaria dormindo, se ela iria para casa hoje ou ficaria por perto. Espero que ela vá... não acho que eu poderia ficar longe se soubesse que ela estava aqui. E tinha que ficar. — Você e Margot querem fazer a feira

amanhã? Ela pareceu realmente gostar no outro dia.

— Não.

Georgia olhou para mim novamente, um pouco mais desta vez.

— Está tudo bem?

— Tudo bem — disse. Mas eu não estava bem.

Não conseguia parar de pensar nela. Aonde fosse na fazenda, algo me lembrava dela – o galinheiro, o celeiro, o pasto, o bosque, o lago, a cabana. Eu fui até a loja de ferragens, e juro por Deus, a cabine da minha caminhonete estava com o cheiro dela. Por capricho, passei de carro pelo chalé. Eu não bateria na porta dela, apenas veria se seu carro estava lá.

Não estava, mas uma minivan estava e enquanto eu passava devagar, uma mulher saiu pela porta da frente carregando o que parecia ser um balde com materiais de limpeza. *Ela se foi.*

Eu senti raiva de mim mesmo por estar desapontado. Irritado pelo jeito como meu peito se apertou. Alarmado com a dor em meu coração.

*Que diabos!* Foi melhor assim, não foi? Eu não queria que ela andasse por aí, me tentando a cada oportunidade. Eu a queria fora da cidade, fora do alcance, fora da minha vida.

Mais tarde levei Cooper para o parque, esperando que isso melhorasse meu humor, mas até mesmo isso me lembrou de Margot. Meu Deus, ela nunca sairia da minha cabeça? Eu fiz a coisa certa! Quando seria recompensado com um pouco de paz de espírito?

Naquela noite estava tão exausto que adormeci cedo, mas acordei às duas da manhã com um pesadelo, gritando e tremendo, os lençóis encharcados de suor. Me sentei com o coração batendo apressado e o peito apertado. Freneticamente, olhei ao redor do quarto à procura do perigo, mas ele não estava lá.

Quando minha frequência cardíaca desacelerou, apoiei os pés no chão, sentei na cama e fiquei imóvel por um momento para recuperar o fôlego, amaldiçoando meu subconsciente fodido por aquele susto.

Minutos depois, tirei a roupa de cama e coloquei lençóis novos sobre o colchão. Pensei nas mãos de Margot agarrando o tecido. Deixando-o retorcido e jogado de lado. Em mim, segurando-a debaixo deles. Voltei e deitei na cama, piscando para o teto. Fiquei me perguntando se a veria novamente. Eu me perguntava se poderia ser capaz de esquecê-la. Eu me perguntava se ela sentia falta de mim tanto quanto eu sentia a dela.

*Eu me perguntava se iria parar de me perguntar “e se”?*

Poucos e miseráveis dias mais tarde, cedi e liguei para ela.

Passava da meia-noite, o que me fez ser um idiota ainda maior, mas não poderia passar nem mais um minuto sem, pelo menos, ouvir sua voz. Eu tinha adquirido o hábito de pegar a foto dela no site da empresa Shine PR e a foto estava me deixando louco – queria aqueles olhos azuis olhando para mim. Queria aquele sorriso brilhando em minha direção. Queria aquele longo cabelo loiro escorregando pelos meus dedos. Queria sua luz, seu riso, seus lábios nos meus.

Mais do que isso, eu queria a sensação que ela me deu – aquele coração batendo, apertando-me, um sentimento correndo pelo sangue que me fez sentir vivo, vital e viril. *Eu queria me sentir amado novamente.* Ansiava por isso.

Mas isso seria impossível, não seria? Ela nunca concordaria em me ver. Não a menos que me desculpasse e admitisse que tinha cometido um erro e não havia nenhuma maneira de poder fazer isso. Por mais que eu desejasse que as coisas fossem diferentes, elas não eram. Aquilo não era um conto de fadas. A besta não iria se transformar em um príncipe e ela merecia um príncipe.

Mas estava faminto por ela. Precisava de uma pequena prova.

Passei ao lado da minha cama enquanto ouvia o telefone chamando. *Por favor, atenda, Margot,* implorei em silêncio. Até mesmo o correio de voz seria bom, porque pelo menos eu ainda conseguiria ouvi-la, mas uma conversa seria melhor. Eu queria sentir-me próximo dela novamente.

Ela não atendeu imediatamente e minhas esperanças começaram a diminuir.

*Por que ela deveria atender sua ligação, idiota?*

Mas então parou de tocar e eu a ouvi respirar. Arrepios cobriram meus braços e pernas.

— Oi — ela disse em voz baixa.

— Olá.

— Eu não tinha certeza se você atenderia.

— Eu quase não atendi. — Sua voz estava abafada e me perguntei se ela estaria dormindo. Meu sangue ficou mais quente quando pensei nela sob as cobertas.

— Eu acordei você?

— Não.

— Bom. Estou... — Merda. Agora que ela estava na linha, eu não conseguia pensar em nada para dizer. — Desculpe por ligar tão tarde.

— Está bem.

— Então... como você está? — *Porra. Você é tão idiota.*

— Estou bem. E você?

Ela não estava bem. Dava para perceber. E nem eu estava.

— Tudo bem.

Seguiu-se um silêncio desconfortável, durante o qual não pensei em nada que pudesse dizer e em dez coisas que não poderia falar, começando com: *Eu sinto sua falta. Sinto tanto sua falta que não consigo respirar.*

— Você está bem mesmo? — perguntou ela.

— Não — admiti.

— Nem eu.

— Quero tanto te ver — disse. — Eu sinto sua falta.

— Eu também sinto sua falta. — Ela fez uma pausa. — Isso... isso significa que você mudou de ideia?



Eu queria tanto dizer sim que me senti sufocado.

— Não — respondi.

— Então eu não posso te ver, Jack. Não nos faria bem.

— Por favor — sussurrei sem conseguir me conter. — Eu preciso de você.

— Não. Eu vou desligar. Isso dói demais.

— Não, espere! — Em pânico, estendi uma mão como se ela pudesse me ver. — Por favor, não desligue, Margot. Eu sinto sua falta pra caralho. Só consigo pensar em você.

Ela não disse nada no início e então ouvi soluços baixos.

— Por que você está fazendo isto comigo? Estou tentando esquecer.

Meu coração se quebrou por nós dois.

— Sinto muito, Margot. Eu sei que não deveria ter ligado. Estou apenas... — fechei um punho agarrando meu cabelo. — Tão puto com isso. Não sei o que fazer.

— O que você quer fazer?

Eu suspirei, descendo até a cama. O que eu queria era tão simples.

— Quero me sentir vivo novamente. — Minha garganta se apertou. — Do jeito que eu me senti com você.

Ela estava chorando abertamente agora e foi uma tortura saber que eu poderia fazê-la parar. Mas as palavras não saíram – algo dentro de mim as mantinha cativas. Medo? Culpa? Vergonha? Tudo junto?

— Jack — chorou Margot. — Não posso fazer isso. Eu quero estar com você, mas não a menos que você esteja pronto para seguir em frente. Não sei o que seria preciso para isso acontecer. É algo que *você* tem que descobrir.

Ela estava certa, é claro. Era minha responsabilidade encontrar a saída da solitária e fria escuridão e chegar até à luz dela. Mas me sentia imóvel, acorrentado ao passado e incapaz de me libertar, mesmo por ela.

Um momento depois, ela sussurrou um adeus.

Xingando, joguei meu celular para o lado e caí para a frente, com os cotovelos em meus joelhos, e a cabeça nas mãos. Em vez de me sentir melhor, eu me sentia pior. Triste e com raiva.

O que eu queria era uma coisa; o que era capaz de ser, era outra.

Por que diabos ela não podia ver isso?



## MARGOT

Se eu tinha feito algum progresso no que dizia respeito a Jack nos últimos dias, o telefonema trouxe tudo de volta.

O que ele estava tentando fazer comigo? Consigo mesmo?

O tom de sua voz: terno e triste, dizendo que estava arrasado. As

coisas que ele tinha dito me rasgaram em pedaços – *Sinto sua falta, quero te ver, quero me sentir vivo novamente.* Era uma agonia saber que ambos queríamos ficar juntos e apenas sua teimosia atrapalhava tudo. Nunca na minha vida eu quis abraçar alguém e atirar um bolinho nesse alguém ao mesmo tempo. Será que ele só precisava de mais tempo?

Mas quanto? Quanto tempo eu estaria disposta a esperar? Em algum momento, seria patético e idiota me manter à espera de alguém que nunca iria me querer da mesma maneira.

Eu precisava superar isso. Recompôr-me, sacudir a poeira e tentar novamente com alguém que não estivesse tão decidido a ficar sozinho para sempre. Alguém que quisesse tudo o que eu tinha a oferecer. Alguém que reconhecesse que o tipo de química que tínhamos não acontecia com tanta frequência na vida.

Eu comecei a ficar com raiva.

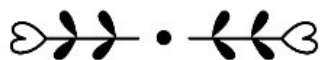
*Maldito seja por não ver o que poderíamos ser.* Sentada na cama, procurei um lenço da caixa na minha mesa de cabeceira. *Maldito seja por ser um covarde quando preciso que ele seja corajoso. Maldito seja por ser teimoso quando tudo o que ele quer é ceder.* Eu assoei meu nariz, joguei o lenço no chão e peguei outro.

*Espero que você esteja ainda mais arrasado do que eu, Jack Valentini. Porque isso é culpa sua. Eu nunca te apressei. Eu nunca pressionei. A única coisa que fiz foi cuidar de você e foda-se por estar com muito medo de cuidar de mim. Eu mereço algo melhor.*

No momento em que adormeci naquela noite, meu nariz estava vermelho e irritado, meus olhos estavam inchados e minha cabeça doía, mas decidi não perder mais tempo chorando por Jack. Sim, foi triste ele achar que não merecia ser amado por causa de seu passado, mas era uma escolha dele.

*Muitas pessoas não conseguem sequer fazer essa escolha, Jack. Elas nunca terão o que temos.*

*Maldito seja por desistir tão facilmente.*



Minha raiva ferveu durante todo o domingo. Senti que era preciso me manter agitada para não pensar em Jack e passei o dia fazendo várias coisas: lavei minhas roupas, limpei a geladeira, reorganizei a cozinha e os armários do banheiro e abasteci os armários. Mantive-me ocupada, mas isso não tirou Jack da minha cabeça. As roupas que usei na fazenda me faziam lembrar dele. Alimentos e bebidas me faziam lembrar dele.

Minha banheira e xampu me fizeram recordar também. A maldita seção de produtos da Kroger me lembrou dele.

Depois, na parte da tarde, fui à livraria e comprei alguns livros de receitas para principiantes e para o jantar naquela noite, fiz frango com molho de limão. Ficou muito bom e me deu uma dose de confiança, mesmo que eu me sentisse um tanto solitária por comemorar sozinha meu primeiro triunfo culinário.

No final da noite, estava na cama lendo um romance novo que eu tinha comprado na livraria – que tinha escolhido pela história e não porque o cara na capa se parecia com Jack, eu juro – quando meu telefone tocou.

*Jack Valentini ligando.*

Eu me recusei a atender. Ele se recusou a parar de ligar.

— Porra — disse. Mas meu coração pulsava. Eu queria muito ouvir sua voz.

E se ele tivesse mudado de ideia? E se ele estivesse ligando para se desculpar? E se tivesse percebido que merecia uma chance? Peguei o telefone.

*Uau. Fique calma.* Invocando a velha Margot, respirei fundo e atendi a ligação.

— Alô.

— Ei. — Sua voz falhou, assim como uma parte de minha serenidade.  
— Como você está?

*Seja forte. Sem lágrimas hoje.*

— Tudo bem — disse friamente.

— Isso é bom.

Silêncio. Minha paciência se esgotava.

— O que você quer, Jack?

— Só ouvir você.

Fechei os olhos e engoli em seco. Portanto, esta não era uma chamada de desculpas e arrependimento. *Maldito!*

— Por quê? Para torturar a si mesmo?

— Eu acho que sim.

— Isso não é um jogo, Jack. — Minha voz vacilou. — Se você quer chafurdar em sua própria dor, vá em frente, mas eu não vou contribuir para isso. Isso me machuca demais.

— Sinto muito, Margot. Eu nunca quis te machucar. Eu queria tanto ser outra pessoa agora.

Eu mordi meu lábio tão forte que pensei que sentiria o gosto de sangue.

— Eu não quero mais ninguém! Como você não pode ver isso?

— Você diz isso agora, mas você não sabe como é estar comigo. — Sua voz estava mais forte. Brava, até.

— Porque você não quer me mostrar! Você é um covarde! Eu nem sei do que é que você tem tanto medo! Sei que você está jogando fora a chance de ser feliz e está tirando isso de mim.

— Estou poupando você! — Ele disse.

— Você está se poupando! Vai ter trabalho para seguir em frente, Jack. Eu sei disso. E sei que não será fácil. — Falei com mais calma. — Mas eu estaria do seu lado. Você não quer tentar?

Silêncio.

— Você nunca seria feliz comigo.

Respirei fundo e expus meus sentimentos mais uma vez, rezando para ele não esmagar meu coração.

— Me dê a chance de provar que você está errado, Jack. Não voltarei a pedir.

— Não posso — ele sussurrou. — Eu quero, mas não posso.

Perdi a batalha para não chorar e lágrimas quentes rolaram por minhas bochechas.

— Então diga adeus, porque não haverá nada entre nós.

— Margot, por favor...

— Desligue! — Eu gritei. — Que fique muito claro que é você quem está indo embora, Jack. É você quem pensa que não poderia me amar.

— Eu sei que poderia te amar — disse ele sem hesitação, sua voz cheia de angústia. — Eu simplesmente não mereço.

Eu me estabilizei. Desejei manter a calma.

— Então diga adeus e desligue.

Segurei a respiração, agarrando-me a um minúsculo fio de esperança de que ele diria algo – qualquer coisa – além de tchau.

Mas ele não fez isso.



**JACK**

As palavras de Margot me cortaram profundamente. A verdade sempre dói.

*Você é um covarde.*

*Você está poupando a si mesmo.*



*Você está jogando fora a chance de ser feliz.*

Eu era um covarde. E um idiota. E um medroso. Eu sabia que telefonar pela segunda vez era a coisa errada a fazer, mas estava tão solitário e deprimido que não conseguia pensar direito. Eu me machuquei e queria me sentir melhor – ela era a única que podia fazer com que eu me sentisse melhor, então liguei para ela.

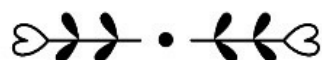
Era a lógica de uma criança.

Eu não a culpei por ficar com raiva ou me xingar de alguns nomes. Uma parte da minha mente provavelmente esperava que ela fizesse isso, eu estava muito fodido da cabeça. E estava com raiva de mim mesmo. Que direito eu tinha de telefonar para ela, dizer aquelas coisas, machucá-la novamente? Só tinha pensado na minha dor. Mas a dela também era real. Eu podia ouvi-la em sua voz. Tinha dito a mim mesmo mil vezes nos últimos dias que minha agonia era o preço que precisava pagar por ter deixado que ela chegasse perto, mas e sobre o preço que ela estava pagando? Ficava arrasado pensando que ela estava tão arrasada quanto eu. Ela realmente pensou que terminei tudo porque não conseguia amá-la? Era exatamente o oposto!

Deitei-me na cama e cobri o rosto com as mãos. O que diabos ia fazer? Não podia viver assim, dividido entre o passado e o futuro, entre duas vidas, entre dois Jacks.

Era como estar em uma bifurcação na estrada – um caminho não chegava a lugar nenhum e simplesmente voltava numa espiral sem fim de solidão e mesmice. O outro que avançava, e mesmo sem ver o que havia no final dessa estrada, me oferecia a possibilidade de ser feliz novamente.

Mas o que seria necessário para eu sentir que merecia uma segunda chance?



Poucas noites depois, Georgia me convidou para jantar na casa deles. Eu aceitei, grato por escapar do silêncio solitário da cabana. Brad e Olivia

também estavam lá e depois do jantar fomos para o jardim da frente, onde meus irmãos ficaram no pula-pula com seus filhos.

Georgia e eu nos sentamos nos balancins da varanda, bebendo uísque com gelo e observando Pete tentar dar uma cambalhota.

— Ele vai quebrar o pescoço — eu disse, rindo um pouco.

— Ai, meu Deus, nem me fale isso. — Ela olhou para mim. — É bom ouvir você rir. Esteve um pouco para baixo esta semana.

Bebi um pouco de uísque.

— Sim.

— Provavelmente não tenho direito de perguntar, mas vou perguntar mesmo assim. Gostaria de falar sobre isso?

No pula-pula, meus irmãos saltavam, riam e tiravam fotos de seus garotos sorrindo no ar.

*Eu quero isso, eu quero tanto isso.*

— Eu invejo vocês — disse.

Pelo canto do olho eu a vi gesticular lentamente.

— Entendi.

— Eu pensei que iria morar nesta casa, um dia, que teria uma família, tudo isso.

— Não é tarde demais, você sabe?

— Você acha que não?

— De maneira nenhuma.

Pensei por um momento, desejei ser corajoso.

— Georgia, posso lhe dizer uma coisa?

— Claro.

— Eu tenho pensado ultimamente, servi com indivíduos que não voltaram. Rapazes mais fortes do que eu. Mais corajosos, mais espertos. Às

vezes me pergunto por que eu sobrevivi e eles não. Qual a razão? — Ela olhou para mim, mas não disse nada. — Eu costumava pensar que era por causa de Steph. Pela família que tínhamos. Mas quando ela se foi, perdeu o sentido novamente.

— Você não acha que poderia se apaixonar de novo? Ter uma família?

Hesitei.

— Eu achava que não.

— E agora?

— Agora... — Inspirei e exalei lentamente, encontrando seus olhos.  
— Agora existe a Margot.

Ela sorriu, e seus olhos se iluminando.

— Então, o que está te impedindo?

— Muitas coisas. — Olhei para os cubos de gelo no copo. — Eu fodi as coisas muito feio, Georgia.

— Eu sei.

Algo ficou preso em meu peito.

— Você falou com ela?

Georgia parou e senti que não queria trair a confiança de Margot.

— Sim.

— Falo sério quando digo que fodi com tudo. Eu a machuquei.

— Peça perdão.

Ela fazia parecer tão fácil.

— E se ela disser não?

— E se ela disser sim? — respondeu Georgia.

— Ela poderia ter alguém muito melhor. Alguém com dinheiro e carros e...

— Ela quer você. Confie em mim.

Olhei-a nos olhos e falei a verdade.

— Estou assustado.

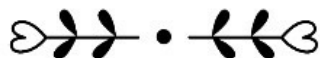
— Eu sei que você está. E vai ter um trabalho árduo, mas aposto que valerá a pena. Sei que valerá a pena, Jack. Mesmo se Margot não for a mulher certa, você tem que fazer isso por você. Está na hora.

Balançando a cabeça, eu assimilei suas palavras.

— Faz três anos amanhã.

— Eu sei — disse ela suavemente, seus olhos úmidos. — Mas Jack, Steph seria a primeira a dizer que você não a está honrando, recusando-se a seguir em frente. — Ela estendeu a mão e tocou meu braço. — Você a usou para se punir. É hora de deixá-la ir. Eu sei que dói, mas está na hora.

Minha garganta se apertou e desviei os olhos das lágrimas da Georgia antes que as minhas começassem a cair.



No dia seguinte, fui ao cemitério. Sentado na frente da lápide do jeito que sempre fiz, imaginei Steph ao meu lado e concentrei-me na memória de sua voz.

— Ei. Eu preciso falar com você.

*O que houve?*

Minha garganta apertou.

— Isto é difícil.

*Fale comigo.*

Engoli em seco.

— Eu conheci alguém.

Isso é bom.

— É?

*Por que não seria?*

— Porque ela está me fazendo duvidar de mim mesmo. Ela está me fazendo reconsiderar coisas que eu já tinha decidido.

*Como o quê?*

— Como me envolver com alguém novamente. Apaixonar-me outra vez. Passar minha vida com alguém em vez de ficar sozinho.

*Parece sério. Como ela é?*

— Ela é impossível. Mimada. Uma garota da cidade.

Ouvi a risada.

*Alguém para colocá-lo em seu lugar, hein?*

— Ela adora me tentar. — Eu respirei. — Ela também é gentil, inteligente e bonita. Ela me faz rir.

*Você tem sentimentos por ela?*

— Eu tenho, mas... não sei se quero ter.

*Por que não?*

— Por uma coisa: fico louco por ela não ser como você. Sinto-me culpado, como se eu estivesse traindo sua memória me apaixonando por alguém que é o oposto de tudo o que você era.

*Você não está me traindo, Jack. Quero que você siga em frente e seja feliz.*

Lágrimas brotaram em meus olhos e toquei as pálpebras com o polegar e o indicador.

— Eu quero ser feliz também, mas simplesmente não consigo descobrir como chegar lá e ficar bem com isso.

*Bem, primeiro, você precisa voltar para a terapia. É hora de admitir que parou de ir porque estava te ajudando e você não queria ficar melhor.*

Eu pisquei. Nunca tinha pensado nisso dessa maneira. Na minha

mente, eu tinha parado de ir porque era muito doloroso falar sobre meus sentimentos. Steph estava certa? Eu tinha me abandonado? Parar a terapia foi apenas uma das maneiras que usei para sabotar minha recuperação?

*Você sabe que eu estou certa. Em seguida, você precisa limpar a cabana. Doe as minhas roupas. Jogue fora o meu lixo. Tire minhas fotos da maldita parede. Melhor ainda, saia de lá. Isso é tudo parte da prisão que você criou para si mesmo, e você sabe de uma coisa? Também está me aprisionando.*

Foi como um soco no estômago.

— O quê?

*Você me ouviu. Você tem que me deixar ir, Jack.*

Arrepios subiram pelos meus braços. Senti um frio na espinha.

— Mas eu...

*Sem mas Jack. Se você me amasse...*

— Você sabe que eu amei. Mais do que qualquer pessoa. Você era o amor da minha vida, Steph.

*Eu era o amor da vida que você tinha, Jack. Eu fui seu primeiro amor... mas eu não sou o último.*

A brisa passou por algumas árvores próximas, enquanto eu deixei suas palavras penetrarem e dissolverem a dúvida dentro de mim. Ela estava me libertando e eu tinha que fazer o mesmo por ela. Um peso foi retirado.

— Você está certa.

*Claro que estou. Agora, tenho mais um pedido: ligue para essa mulher e leve-a para jantar. A coitada deve estar sofrendo, perguntando o que diabos está acontecendo na sua cabeça dura. Diga a ela que eu a entendo. Você me deixou louca também.*

— Sinto muito, Steph. Por tudo.

*Eu sei que sente, Jack. Eu perdoo você. Está pronto para fazer isso?*

Eu balancei a cabeça.

— Acho que sim. Não posso dizer que não estou com medo, mas acho que sei o que tenho que fazer.

*Muito bem. Vá viver a vida que você estava destinado a viver. Você tem muito amor para dar, Jack Valentini. Não se esqueça disso.*

— OK — sussurrei, um arrepio percorreu meu corpo. — E Steph... obrigado. Você é um anjo.

Eu esperei uma resposta, mas ela tinha ido embora. Senti sua ausência tão fortemente quanto senti sua presença momentos antes. De alguma forma eu sabia que ela não voltaria.

Beijei meus dedos, toquei o topo da pedra e disse adeus.



Mais tarde naquela noite, estava em meu quarto e olhei em volta. Ele parecia o mesmo de todas as noites, mas eu o sentia diferente. Pela primeira vez, reconheci-o como aquilo que Steph dissera: uma prisão. Steph estava tão presente aqui – suas roupas no armário, seus livros nas prateleiras, seu xampu no chuveiro, nossas fotos na parede. Mas não era somente em memória dela; era um castigo. A sentença de uma vida inteira confinada à solidão.

No entanto, eu havia levado Margot ali. Beijei-a. Toquei-a. E quando ela se ofereceu para parar, eu tinha sido a pessoa que insistiu para continuarmos. Eu a desejava mais do que desejava preservar a santidade deste espaço.

Ela me perdoaria? Será que ela ainda queria a chance que tinha pedido? Eu a imaginei e senti um frio na barriga. Queria ser feliz novamente. Pela primeira vez em anos, senti que seria possível.

Olhei para minha mão esquerda, onde minha aliança de casamento ainda circulava meu dedo. Lentamente, tirei-a, olhei para ela por um momento e em seguida, coloquei-a na minha gaveta do criado-mudo. Senti dor de estômago por uns segundos, mas depois de algumas respirações profundas, estava bem novamente.

Já estava na hora.



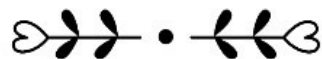
Na semana seguinte, fiz quatro telefonemas importantes. Um para o meu terapeuta, que ficou feliz por me atender, e agendei uma consulta para dali alguns dias. O segundo telefonema foi dirigido à Georgia, que disse que ficaria feliz em me ajudar a separar e retirar as coisas de Steph da cabana. A terceira chamada foi para o correio de voz de Suzanne Reischling. Eu deixei uma mensagem dizendo que estava finalmente limpando a cabana e pedi para ela me ligar se quisesse passar numa noite durante semana e ver se havia algo de Steph que ela gostaria de pegar. E a quarta chamada foi para Brad – queria sentar com ele e ver se havia alguma coisa que poderia fazer para ajudar Pete e Georgia a comprar aquela casa.

Fazia mais sentido comprar a casa dele e viver lá, principalmente porque eu estava pensando em me mudar de casa – havia muitas lembranças ali e eu estava falando sério sobre seguir em frente – e queria ter um lugar onde me sentisse à vontade para levar Margot.

Brad disse que ficaria feliz em me encontrar e disse que ficaria emocionado se eu pudesse comprar a casa.

— Deixe-me falar com o meu banco — disse ele. — Vou explicar a situação, estimar alguns números e podemos sentar para conversar algum dia desta semana.

— Parece bom — concordei. — Mas não diga nada para Pete e Georgia ainda. Eu não quero que criem esperanças.



Minha primeira sessão de terapia foi dolorosa, mas eu tinha prometido a mim mesmo que seria honesto. Pela primeira vez, disse a ele como realmente me sentia sobre a morte de Steph, a forma como ela estava ligada



ao incidente no Iraque em minha mente e como essa culpa tinha me impedido de seguir em frente. Enquanto não acontecia o alívio completo da minha consciência, meu terapeuta me deu algumas estratégias para lidar com meus sentimentos e com a culpa e pediu-me para usar os medicamentos para dormir mais e melhor.

Ele também me contou sobre um grupo de terapia semanal para veteranos que ele vinha organizando no último ano e comecei a ir nas reuniões. Ouvir os outros falarem sobre seus sentimentos, contar suas histórias, admitir que estavam lutando contra a culpa e ansiedade, como eu estava, fez com que eu me sentisse menos sozinho. Às vezes eu nem falava nessas sessões e era bom também.

Limpar a cabana foi mais difícil. Eu passei por isso com a ajuda de Pete e Georgia, lembrando o desejo de Steph de ser libertada e vendo Cooper brincar com Bridget Jones enquanto trabalhávamos. Mas não foi fácil nem rápido. Nós trabalhamos quarta-feira à noite e durante todo o dia quinta-feira. Houve momentos em que engasguei, momentos em que chorei, momentos em que tive que sair e respirar fundo. Mesmo assim, não havia incerteza. Eu sabia em meu coração que estava fazendo a coisa certa.



Na noite de quinta-feira, Suzanne veio e seus olhos se encheram de alegria quando viu os sacos e caixas no quarto da frente.

— Você conseguiu — disse ela, levando uma mão ao coração.

— Eu tinha que fazer — disse baixinho, mas com firmeza. Seus olhos examinaram a sala.

— Você tirou as fotos. Por quê?

— Porque estavam tornando muito difícil seguir em frente com minha vida, Suzanne. — Eu encontrei seus olhos diretamente e notei que, de perto, ela não se parecia tanto assim com Steph. Foi um alívio.

— Ah. — Ela passou os dedos de uma das mãos ao longo de uma

caixa. — Você está seguindo em frente com aquela loira?

— Isso não é da sua conta.

— Desculpe — ela disse humildemente. — É que esta semana está sendo difícil.

A delicadeza dela suavizou meu tom.

— Eu sei. Mas ela não queria que nos sentássemos e chorássemos por ela de novo. Ela queria que nós comemorássemos sua vida seguindo em frente com a nossa.

Ela assentiu tristemente.

— Minha mãe quer tudo, mas ela estava muito chateada para vir.

— Eu vou ajudá-la a carregar. Tenho um quadriciclo aqui e poderemos levar tudo para o seu carro.

— Está bem. — Fechando os olhos, ela suspirou. — Eu realmente sinto muito pelo que disse. Você está certo. Steph iria querer que seguíssemos em frente. Eu só sinto falta dela e isso me ajuda a pensar que você sente falta dela como eu.

— Desculpas aceitas. E está tudo bem em sentir falta dela, Suzanne. Também sinto. Mas demorei muito tempo para chegar onde estou agora e gosto de pensar que ela ficaria orgulhosa de mim por isso.

— Ela ficaria. Tenho certeza. — Suzanne fungou e depois riu um pouco em meio às lágrimas. — Ela era uma pessoa muito mais agradável do que eu.



Três semanas depois de ter ido para a minha nova casa, eu estava pronto para pedir desculpas a Margot e pedir outra chance, mas não tinha certeza de como faria isso. Um pedido de desculpas por telefone não seria o mesmo que estar cara a cara com alguém e pedir perdão. Admitir o erro. Expor-me. Se eu fosse pedir uma segunda chance, precisava fazê-lo

pessoalmente.

Mas como? O que poderia dizer que a convencesse a me ver novamente sem rancor? Durante a sexta-feira inteira eu pensei sobre isso, tentando formular algo romântico e inteligente – mas algo romântico e inteligente nunca tinha sido o meu forte. Eu precisava de ajuda.

Engolindo meu orgulho, procurei Georgia.

Ela sorriu.

— Eu não sei o que você deve fazer, mas conheço alguém que pode nos ajudar. — Pegou seu telefone do balcão, digitou alguma coisa e meu próprio telefone zumbiu no meu bolso e eu o peguei para ver.

Ela tinha compartilhado um contato comigo.

— Jaime Owen? — Eu perguntei. — Quem é?

— É amiga íntima de Margot e parceira de negócios. Ligue para ela.

Eu fiz uma careta. Envolver outra mulher nisto?

— Não tenho certeza.

— Ligue para ela. — Georgia apertou meu braço. — Tenho certeza de que ela saberá exatamente o que você deve fazer.

Eu disse a ela que pensaria no assunto, fiquei para brincar com Cooper um pouco, então fui para casa para pensar sobre como fazer a ligação. Georgia provavelmente estava certa, mas isso era muito constrangedor... uma coisa era ligar para Margot e me explicar. Ela me conhecia. Ligar para essa mulher – Jaime – era outra coisa completamente diferente. Só Deus sabe que tipo de histórias Margot tinha lhe dito, o que ela pensaria sobre mim.

*A culpa é sua. Faça a ligação, idiota.*

Resmunguei, digitando o número.

— Alô?

— Alô, eu falo com Jaime Owen?

— Sim. Posso ajudar?

— Meu nome é Jack Valentini. Eu sou...

— Oh.

*Oh? O que isso significa?*

— Sou um amigo de...

— Eu sei quem você é. — Seu tom não era rude, apenas um pouco distante, mas eu esperava isso. Ela provavelmente tinha em sua cabeça um monte de coisas que gostaria de gritar para mim, mas eu ainda era, tecnicamente, um cliente.

Não tinha certeza de como proceder.

— Georgia me deu seu número.

— Você tem uma pergunta sobre sua conta?

— Não é isso, não. É... — Respirei. — Preciso ver Margot.

— Para quê?

— Desculpar-me.

— Por que não liga para ela?

— Porque preciso fazer mais do que pedir desculpas, preciso compensá-la pelo jeito como a tratei, pelas coisas que disse.

— Você a magoou, sabia?

Fechei os olhos.

— Eu sei. Tenho certeza de que ela disse que fui um idiota com ela. Mas foi a única maneira de fazer com que ela fosse embora.

— E você precisava que ela fosse embora porque você não se importava mais com ela?

— Não, porque eu me importava demais — disse, pensando em como poderia explicar isso. Mas ela me surpreendeu.

— Eu sabia!

— O quê?

— Sabia que era isso. — Ela pareceu feliz de repente. — Você começou a se apaixonar por ela, então você teve que recuar, ou no seu caso, teve que assustar Margot para que ela não ficasse muito perto. Mas você não quis dizer realmente as coisas que você disse.

— Sim — disse, perplexo. Segurei o telefone longe de meu rosto e olhei para ele por um segundo. Essa mulher era vidente?

— Você estava com medo — ela continuou. — Porque deixá-la entrar significaria que você teria que soltar o passado de alguma maneira. E você não se considerava capaz.

— Jesus — disse. — Quem é você?

Ela riu.

— Alguém que te entende. E agora?

— Eu preciso vê-la. Gostaria de surpreendê-la de alguma forma, mas não sei como fazer isso.

— Surpreendê-la, hein? Hum.

— Sim. E acho que devo ir até ela. Provar para ela que...

— Ah, meu Deus! — Ela disse de repente. — O que você vai fazer amanhã à noite?

Além do trabalho, não tinha nada planejado.

— Nada — admiti, sentindo-me um pouco patético.

— Bom. Margot vai participar de um coquetel no DIA. É um evento para a abertura de uma exposição na galeria Lewiston.

— DIA? — Não tinha certeza do que era isso.

— Instituto de Artes de Detroit. Sua família doa muito dinheiro para ele todos os anos.

— Ah. — Claro que sim. Eu me preparei para onde isso estava indo.  
— E?

— E que melhor maneira de mostrar a ela que você quer fazer parte

de sua vida do que ir até ela? Eu tenho um convite, mas vou dar a você. Não vou contar nada para ela.

— Não há uma maneira menos... social de vê-la? Eu não sou bom com multidões e não tenho a roupa certa para a ocasião, essas coisas.

— Você tem um terno?

Eu me retraí.

— Não. Acho que poderia comprar um amanhã, mas... serviria em mim? E se eu tiver que consertar alguma coisa? — A última coisa que eu queria fazer era aparecer em um coquetel chique em um terno que não me caísse bem. Eu já estaria desconfortável o suficiente em um que estivesse servindo perfeitamente.

— Escute, conheço algumas pessoas — disse ela. — Deixe comigo. Você pode me encontrar no centro amanhã?

Certamente isso levaria um dia inteiro, ou até mesmo dois e definitivamente precisaria da ajuda de Pete e Georgia com as coisas por aqui. Mas tinha certeza de que eles iriam me dar folga por essa boa causa.

— Eu acho que sim.

— Bom. Vou te mandar o local e horário por mensagem. Você precisa cortar o cabelo ou algo assim? Eu poderia marcar uma hora na barbearia.

Eu passei a mão pelo meu cabelo e franzi a testa.

— Provavelmente. Obrigado.

— Sem problemas. Estou muito feliz por você ter ligado, Jack. Você está fazendo a coisa certa.

Agradei novamente e disse que a encontraria no dia seguinte. Depois de desligar, liguei para Pete e Georgia e perguntei se eles poderiam cobrir o trabalho agrícola por dois dias. Georgia estava programada para trabalhar no fim de semana, mas Pete disse para não me preocupar, já que Brad sempre poderia ajudar.

— Você está fazendo a coisa certa — disse ele, repetindo as palavras

de Jaime. — Boa sorte.

— Obrigado — disse. — Vou precisar.



## MARGOT

Levar uma vida mais divertida, era mais fácil na teoria do que na prática, especialmente depois de uma desilusão amorosa.

Depois que Jack me rejeitou pela segunda vez, prometi fazer exatamente o que eu queria que ele fizesse – seguir em frente. Ele tinha



sentimentos por mim, mas claramente não estava disposto a deixar de lado seu passado e eu não tinha certeza se ele conseguiria deixar. Sempre que pensava nisso, sentia vontade de chorar, mas não conseguiria salvá-lo de si mesmo. Eu só podia fazer a minha parte.

Concentrei-me na minha lista.

Assim, me inscrevi em aulas de culinária. Assisti tutoriais online. Li meus livros de receitas. Fiz listas de coisas de que eu necessitava na cozinha e enchi meus armários e gavetas com panelas e engenhocas. Fiz compras com um olhar crítico, escolhendo produtos locais orgânicos sempre que pude. Diminuí as vezes em que comi fora. Convidei meus amigos para experimentar o meu *pesto*, *piccata* e batatas gratinadas. Algumas vezes, me controlei para não tirar fotos de meus triunfos culinários e enviá-las para Jack para que ele pudesse ver meu progresso e ficar orgulhoso de mim.

Eu andei a cavalo três vezes e me convenci a comprar meu próprio cavalo. Havia algo nesse relacionamento de que eu realmente sentia falta. Outra vez, lutei contra o desejo de telefonar para Jack e compartilhar minha euforia – não havia nenhuma outra pessoa na minha vida que entendia o vínculo entre um cavalo e humano como ele.

Através de um amigo, envolvi-me com a *Fair Food Network*, uma organização sem fins lucrativos, dedicada ao fortalecimento das economias locais e aumento do acesso a alimentos saudáveis. Um de seus objetivos era aumentar o financiamento para *Double Up Food Bucks*, que ajuda famílias de baixa renda a fazer escolhas alimentares saudáveis e a comprar de agricultores da região. Usei as conexões de minha família para conseguir fundos e apoio e também me ofereci para criar materiais de marketing e assim, ajudar a espalhar informações sobre o programa; ensinar as pessoas sobre os benefícios econômicos e para saúde do consumo e compra de produtores locais; e para anunciar os dias, locais e horas de feiras locais que aceitam as trocas como moeda. Eu estava sozinha abolindo a pobreza? Não, mas o trabalho era gratificante e eu tinha a sensação de estar contribuindo para o bem maior.

E... fiz minha tatuagem. Foi inspirada principalmente em uma de minhas histórias favoritas, *The Awakening* – O despertar –, de Kate Chopin.

No começo, eu só estava querendo fazer um pequeno pássaro em algum lugar nas costas – um pequeno símbolo do meu próprio despertar. Mas então, percebi que nunca seria capaz de vê-la. Decidi fazer no meu antebraço e também escolhi palavras em vez de um símbolo. Ficou maior e mais visível do que pensei, mas não era esse o objetivo? Agora, quando olhava para baixo, via estas palavras cobertas na minha pele clara:

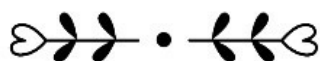
***O pássaro que voa acima do plano da tradição e preconceito deve ter asas fortes.***

Linhas feitas com uma letra elegante que me lembravam que eu não devia deixar que o medo me enjaulasse, medo do que as pessoas pensam ou esperam. Eu era minha própria dona e poderia fazer minhas próprias escolhas. A força era uma coisa bela.

Naturalmente, foi inspirada por Jack também e queria muito que ele a visse. Noite após noite, examinei tudo em minha mente, tentando encontrar o lugar onde erramos, mas nunca encontrei. Éramos diferentes, mas era aí que estava a nossa química. Eu ainda sentia aquela dor no peito sempre que pensava nele. Ainda ansiava por sua pele na minha. Ainda sentia falta da maneira como ele falava, ria e brincava comigo. Ainda chorava às vezes quando eu pensava em seu passado.

Uma vez, quando estava falando com Georgia sobre fotos novas da família para o website, ela fez uma vaga referência a Jack estar “trabalhando em si mesmo”. Embora não tenha dado detalhes, minhas esperanças ganharam força.

Mas como os dias se transformaram em semanas e eu ainda não tinha ouvido falar dele, elas começaram a enfraquecer.



Muffy, como esperado, quase desmaiou quando viu minha tatuagem.

— O que diabos você fez consigo mesma? Isso vai sair?

— Eu não quero que saia, mãe. Eu gosto dela. — Estávamos no

coquetel do Rivera Court no DIA e ela olhou ao redor freneticamente, tentando me proteger, como se eu estivesse nua. A sala cavernosa estava cheia de pessoas ricas e bem-vestidas, bebendo e ouvindo um quarteto de cordas, mas apenas um deles pareceu escandalizado com a minha tatuagem.

— Eu não tenho entendido você, Margot. Primeiro joga bolinhos, depois se inscreve como voluntária em uma ONG e agora uma tatuagem? — Ela balançou a cabeça. — Que tipo de filha é você?

— Acalme-se, mãe. — Eu acariciei seu ombro coberto de tafetá. — Você deveria estar feliz com a tatuagem. Queria que eu me formasse em letras, não é? *O despertar* é um clássico.

— Margot Thurber Lewiston, esse não é o problema. Seu comportamento errático é.

— Eu já expliquei e pedi desculpas pela briga com bolinhos cem vezes. E comecei a trabalhar como voluntária porque gosto de ajudar as pessoas. E só custa o meu tempo.

Muffy olhou para mim como se eu estivesse louca.

— Doamos dinheiro para esses lugares para que não tenhamos que passar um tempo lá.

Suspirei. Não adiantava explicar.

— Bem, não me importo com o tempo. O que mais eu tenho para fazer?

— Eu preferia que você começasse a namorar novamente.

Eu tomei outro gole.

— Não é tão fácil.

— É, sim. Você é, simplesmente, muito exigente.

— O que há de errado com ser exigente?

— Nada, quando se trata de contratar um cozinheiro, jardineiro ou empregada doméstica. Mas encontrar o marido certo não deve ser tão difícil.

Rangi os dentes.

— Não vou me contentar com qualquer pessoa, mãe. Quero me apaixonar.

— Não seja ridícula. Todo mundo se casa assim, Margot — disse ela, revirando os olhos como se eu tivesse dito algo infantil.

— Até as mulheres Thurber?

— Especialmente as mulheres Thurber. — Mais uma vez ela olhou para mim como se eu fosse louca. — Todas as mulheres Thurber que conheci se resolveram. O casamento não tem a ver com paixão. Trata-se de fundir duas famílias para criar algo melhor. Trata-se de preservação e linhagem. Tem a ver com tradição. — Ela fungou. — O amor é para as crianças e pessoas pobres.

Se eu não tivesse crescido ouvindo esses conselhos "sábios" ridículos de Muffy, poderia ter ficado horrorizada, mas ela não sabia ser de outro jeito. Em sua mente, apaixonar-se provavelmente era o mesmo que causar uma cena. Uma cena escandalosa, chamativa e indiscreta. Mas eu não tinha que perpetuar suas noções estranhas e ensinaria a minha filha de um jeito bem diferente.

— Lamento que você se sinta assim, mãe. Mas esta mulher Thurber aqui não está se contentando. — Talvez fosse uma coisa pequena, conversar com Muffy assim, mas para mim era enorme. Levou anos até encontrar a voz para fazer isto. — Estou esperando aquilo que eu quero.

— E o que você quer? — Muffy parecia irritada. — O Príncipe de Gales?

— Nada disso. Não preciso de um príncipe, mãe. Só de um bom homem. Alguém que... — Sobre o ombro de Muffy, notei alguém se movendo em minha direção. Alguém alto, moreno e bonito. Alguém vestido com um terno preto. Alguém que tirou minha capacidade de falar, pensar ou respirar.

Minha pele começou a esquentar. Minha boca se abriu. Eu pisquei. Não podia ser. Podia? O que ele estava fazendo aqui?

Senti tontura e minha mãe agarrou meu braço.

— Margot, você está bem?

— Eu não tenho certeza — respondi, ainda observando incrédula enquanto Jack se aproximava. Nossos olhos se encontraram. — Eu me sinto um pouco tonta.

— Tonta? Você nunca se sentiu tonta antes de fazer essa tatuagem — ela disse, observando-me com desconfiança. — Talvez tenham envenenado você.

— Não é a tatuagem — eu disse. — Com licença, por um momento.

Comecei a andar em direção a ele e meu coração batia mais rápido a cada passo. *Jesus Cristo, ele estava lindo.* O corte do terno enfatizava seu torso e peito largo. Seus ombros pareciam ainda maiores. Ele tinha cortado o cabelo e estilizado com algum tipo de produto. Seu topete tinha sido aparado. Ele parecia polido e sofisticado.

E nervoso demais.

Senti vontade de protegê-lo.

*Ele odeia multidões. Ele odeia vestir-se formalmente. Ele está fazendo isso por mim.*

Mas também senti uma certa raiva e dúvida. Era apenas mais uma coisa do tipo "eu preciso te ver"? Ele estava aqui apenas para consertar as coisas? Ou para se autopunir? Eu não ia entrar nessa.

Nós nos encontramos no meio do salão e ficamos quase frente a frente. Minhas emoções estavam descontroladas, minha respiração rápida. Alguém atrás de mim deixou cair um copo e com o barulho, ele olhou em volta assustado. Meu coração se apertou ao ver sua expressão ansiosa, a tensão em seu pescoço, o brilho em sua testa.

— Ei. — A compaixão me moveu para pegar sua mão, entrelaçar nossos dedos. Eu estava com raiva dele, mas também reconheci como isso era difícil. — Olhe para mim.

Seus músculos faciais relaxaram um pouco quando ele se concentrou em mim.

— Desculpe.

— O que você está fazendo aqui, Jack?

— Vim pedir desculpas.

— Pelo quê? — Prendi minha respiração.

— Por mentir para você. Por terminar as coisas. Por ser um covarde.  
— Ele fez uma careta. — Você estava certa. Eu estava com medo do que estava começando a sentir. Do que isso significava.

A esperança estava explodindo como fogos de artifício dentro de mim.

— O que isso significa?

— Isso significa deixar as coisas: meu passado, minha culpa, minha dor e dar-me permissão para seguir em frente. Não estava pronto para sentir isso por mim mesmo. E provavelmente ainda não o teria feito se não tivesse te conhecido. — Seus olhos esquivaram-se de novo pela sala e ele engoliu em seco. — Margot, tem tantas coisas que eu quero te dizer, mas não sou muito bom falando em público.

— Então vamos sair daqui.

Ele franziu a testa.

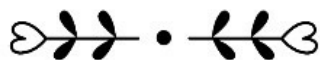
— Eu prometi a mim mesmo que não faria isso, se isso for importante para você, então é importante para mim.

— Jack, não há nada mais importante para mim agora do que ouvir o que você tem a dizer.

O alívio tomou seu rosto.

— Está bem.

— Eu tenho algumas coisas a dizer também. — Ele pareceu tenso novamente. — Venha. Vamos encontrar um lugar tranquilo para conversar.  
— Meu coração batia loucamente enquanto eu o conduzia para fora da sala.



Mantivemos as mãos dadas enquanto caminhávamos pelo salão e pelas galerias, procurando o lugar certo. Finalmente, encontramos uma sala vazia com um banco no centro e deixei Jack me levar até ele. Estava pouco iluminado para proteger as obras de arte e as paredes vermelhas profundas faziam parecer quente e romântico. O frio na minha barriga estava fora de controle e eu tive que me lembrar de ficar calma. Ele estava dizendo as coisas certas, mas estava realmente pronto para estar comigo?

Jack manteve minha mão na dele quando nos sentamos e olhou para os nossos dedos entrelaçados em seu colo.

— Você fez uma tatuagem? — Ele segurou meu braço e o virou para poder ler as palavras. — É linda. Eu amei.

— Obrigada. Eu também.

— Por que decidiu fazer?

— Eu concluí que você estava certo. Era hora de parar de me preocupar com o que as outras pessoas pensam. Estava cansada de estar com medo do que as pessoas diriam se eu fizesse algo diferente.

Ele balançou a cabeça lentamente, abaixou o braço e pegou minha mão novamente.

— O que Muffy disse?

— Ela acha que estou louca.

Ele encontrou meus olhos e nós dois sorrimos. Um pouco da minha dúvida se dissipou.

*Isso é tão bom. Por favor, permita que seja real.*

— Sabe, é engraçado você ter decidido que eu estava certo sobre alguma coisa — disse ele. — Eu estive errado sobre a maioria das coisas... — Ele olhou para as nossas mãos por um momento, acariciou a minha com o polegar. — Você estava certa. Aquela noite na cabana... — Seus olhos encontraram os meus. — Eu sentia algo por você. — Eu não podia respirar.

— Comecei a gostar tanto de você que me assustei. Senti como se estivesse perdendo o controle, como se estivesse me perdendo de mim. Entrei em pânico. Recuei. Tentei erguer muros. Mas... — Ele ergueu os ombros. — Era tarde demais.

— Verdade?

— Sim. O que eu sentia não desapareceu só porque tentei te calar. Não me senti mais forte nem tive mais controle depois que você foi embora. Ferir-me era uma coisa, mas ferir você fez com que eu me sentisse cruel e fraco. Senti como se estivesse esmagando algo frágil, jovem e bonito contra o qual não poderia lutar.

— Isso é exatamente o que você fez. — Ele precisava saber como eu me sentia também. — E tudo que podia fazer era observar. Eu sentia algo por você. Sentia algo entre nós. Mas o que poderia fazer? Pedi para você arriscar e você disse não. Duas vezes! — Meu nariz formigava e lutava contra as lágrimas.

Jack sacudiu a cabeça, os olhos cheios de dor.

— Sinto muito, Margot. Eu me odiava por dizer não. Queria tanto dizer sim. Senti sua falta constantemente. Continuei pensando no jeito como me sentia quando estava com você. Eu imaginei como seria minha vida com você e agonizei pela escolha que fiz ficando sozinho. — Ele fechou os olhos brevemente. — Finalmente, percebi como estava sendo idiota. Como estava errado por ficar longe de você. O quanto queria te dar essa chance que você pediu. — Ele pegou minhas duas mãos e as apertou forte. — Vim aqui esperando que você ainda estivesse disposta a me dar uma chance.

Meus medos estavam se desfazendo, mas eu tinha que perguntar.

— Como sei que você está falando sério agora? Como sei que você não vai entrar em pânico e erguer os muros de novo?

Ele apertou minha mão.

— Você não vai saber. Esse é um desafio que você terá que enfrentar. Mas estou implorando para que você aceite.

Engoli em seco para fazer descer o nó na minha garganta.



— Você está pronto? Para seguir em frente, quero dizer?

Ele acenou com a cabeça e me olhou bem nos olhos.

— Sim. Nas últimas semanas, fiz alguns progressos muito bons.

— Como o quê?

— Voltei para a terapia, limpei a cabana e disse adeus. — Ele respondeu calmamente. Sabia o que isso queria dizer e sorri em meio às lágrimas. Ele sorriu também. — Quero um novo começo, Margot. E quero você lá comigo. Diga que você vai me dar uma chance.

— Ah, Jack — disse suavemente. — Isso é tudo que eu sempre quis. Sei que não posso ser o primeiro amor, mas...

— Shh. — Ele colocou um dedo sobre meus lábios. — Estou procurando o último.

Ele se inclinou e grudou os lábios nos meus. Era um beijo doce, suave – mas era mais do que isso. Era um pedido de desculpas, uma promessa, um novo começo. Prometia deixar ir, seguir em frente, se apaixonar. Eu tremi e Jack me abraçou.

— Você está com frio?

— De jeito nenhum — eu disse, sentindo o calor fluir em todo o meu corpo. — Agora eu quero saber como você me encontrou.

Jack sorriu timidamente.

— Sua amiga Jaime.

— Jaime! — Eu gritei. — Ela disse que estava muito mal para vir hoje!

— Ela me deu seu convite.

Balancei a cabeça, tentando juntar as peças.

— Então você ligou para ela?

— Sim. Ontem à noite. Eu estava tentando pensar em uma maneira de vir ver você, e Georgia me deu o número dela.

Eu ri, meu corpo inteiro formigando.

— Ai, meu Deus, isso aconteceu em uma noite? Funcionou. Estou surpresa.

Ele apenas sorriu para mim por um momento, quase triste.

— Eu estava com medo de nunca te ouvir de novo.

— Agora você pode ouvir tanto quanto quiser.

— Queria te contar. — Ele pigarreou. — Vou me mudar. Decidi comprar a casa de Pete e Georgia para que eles paguem pelo sítio de Oliver.

Dei um grito e o abracei. Ele tinha um cheiro delicioso e respirei profundamente.

— Ai, meu Deus, isso é incrível! Estou tão orgulhosa de você.

Ele retribuiu meu abraço.

— Obrigado. Eu não teria feito nada disso se não tivesse sido você.

Sem querer soltá-lo, apertei meu peito contra o dele.

— Eu sinto que tenho tanto para recuperar.

— Essa é uma boa ideia.

— Pete e Georgia devem estar tão felizes.

— Eles estão. E isso só foi possível por causa de Brad. Ele disse que esperaria um pouco mais para eu comprar a sua parte da sociedade, de modo que pude ter recursos para fazer isto acontecer.

Relutantemente, parei de apertá-lo e me recostei nele.

— Estou tão feliz por você. Maravilhosa a notícia sobre Brad também.

Jack assentiu com a cabeça.

— Pela primeira vez em anos, sinto que posso respirar. Que posso olhar para a frente.

Eu não conseguia parar de sorrir.

— Você não sabe como fico feliz por isso.

Ele me puxou para o colo dele e o abracei.

— Você não sabe como fica linda quando está feliz e eu quero colocar esse sorriso em seu rosto todos os dias. — Sua testa franziu. — Mas espero que não tenha que usar este terno para conseguir isso.

Dei risada.

— Você pode fazer isso sem nada, pode acreditar, e vai fazer.

— Sim, eu vou. — Ele disse. — Quanto antes, melhor.

— Não tão rápido, caubói. Você está maravilhoso nesse terno e preciso começar a desfilar com sua beleza antes que o tire de você, uma peça de cada vez. — Eu me inclinei para trás e o admirei, sentindo um frio na barriga. — Nem pensei que você tivesse um terno.

— Eu não tinha.

Ergui as sobrancelhas.

— Jaime?

— E Quinn. Um cara legal. Sabe muito sobre roupas. — Ele balançou a cabeça. — Na maior parte do tempo, fiquei quieto e deixei que os dois me vestissem.

— Eles fizeram um ótimo trabalho. Quando vi você atravessando o salão, quase caí.

— Eu teria segurado você. — Ele me abraçou mais forte. — Sempre segurarei você.

*Eu também sempre vou segurar você, pensei quando nossos lábios se encontraram de novo.*

*Agora permita-me entrar.*



## MARGOT

Eu não queria ficar no evento muito tempo, mas queria apresentar Jack para a minha família. Encontramos meu pai conversando com alguns eleitores no Grande Salão e ele apertou a mão de Jack com entusiasmo quando soube que ele era dono de uma fazenda. Papai provavelmente pensou que eu o estava ajudando a "sustentar a base" com as apresentações, mas

estava tudo bem. Depois eu explicaria a ele que Jack não era um grande investidor e provavelmente não tinha os mesmos pontos de vista sobre política agrícola que ele tinha, mas por enquanto, era o suficiente para se conhecerem.

Meu irmão Buck levantou uma sobrancelha para mim quando eu apresentei Jack como meu par, talvez porque eu não levasse ninguém a uma ocasião como aquela desde Tripp. Mas encantador como ele era, apertou a mão de Jack e deu um tapinha em sua bunda como se fosse um velho amigo de escola. Quando meu irmão ficou sabendo que Jack vivia perto do Lago Huron, eles conversaram por alguns minutos sobre pesca nos Grandes Lagos, algo de que ambos gostavam. Era um pequeno detalhe que Jack tivesse trabalhado nos barcos enquanto Buck os fretava – era algo que eles tinham em comum e eu estava feliz por isso. Piscando para Buck com um sorriso agradecido, passamos para a minha mãe.

Muffy ainda estava no Rivera Court. Perto do bar, é claro.

— Mãe, este é meu amigo Jack Valentini. Jack, esta é a minha mãe, Muffy Lewiston.

— Prazer em conhecê-lo. — Muffy estendeu uma mão e Jack a tomou enquanto ela o examinava. — Valentini, você disse? Meu Deus, que sílabas!

Eu revirei os olhos. Muffy tinha uma coisa sobre sílabas em um sobrenome. Uma ou duas era o ideal, três era bom, desde que não terminasse em uma vogal, mas quatro – mais a vogal no final – era demais.

— Ah, sim. — Jack olhou para mim pedindo ajuda.

— Jack é dono e administrador da Fazenda Valentini Brothers em Lexington. Era onde eu estava no início deste mês.

Muffy reagiu como se eu tivesse dito algo absurdo.

— Você estava numa fazenda?

— Sim. Fazendo um trabalho para a Shine. Já te disse isso, mãe.

Ela o estudou novamente.

— Ele não parece um fazendeiro.

— Eu pensei a mesma coisa quando o conheci. — Lancei a ele um sorriso rápido. — Pode nos dar licença? Acho que nós vamos sair.

— Claro. — Muffy se despediu com um aceno de cabeça.

— Prazer em conhecê-la — disse Jack. — Uau — ele disse quando nós saímos. — Para uma mulher pequena, ela parece que tem ossos de aço.

Eu ri enquanto nos dirigíamos para o estacionamento do museu.

— Ela tem.

— Como eu me saí?

— Fantástico. Você estava nervoso?

— Estou suando em bicas. Parecia que todo mundo estava olhando para mim.

— Aww. — Enganchando meu braço ao dele, eu o abracei. — Você não tem nada com o que se preocupar. Eles ficaram deslumbrados com sua aparência e por verem um rosto novo aqui. Nestes eventos, comparecem sempre as mesmas pessoas.

— É mesmo?

— Sim. — Depois que nós entregamos nossos bilhetes ao manobrista, saímos para esperá-lo trazer nossos carros. Eu me virei para Jack e alisei as suas lapelas. — Obrigada por ter vindo hoje. Eu sei que não foi fácil para você.

— É um mundo diferente para mim, com certeza.

— Como eu no galinheiro.

Ele riu e me deu um beijo rápido nos lábios.

— Certo. E você sabe o que isso significa, não é?

— O quê?

— Acampamento.

Enruguei o nariz.

— Ah, sim. Mas não hoje, certo?

Ele riu novamente e eu soube que nunca me cansaria daquele som enquanto eu vivesse.

— Não hoje. Para hoje, eu reservei uma suíte king de luxo no MGM Grand — disse ele, sorrindo. — Gostaria de ficar comigo?

— Você disse luxo? Essa é a minha palavra favorita. — Suspirei e sussurrei. — Estou muito excitada.

— Isso é bom. — Ele me puxou para perto. — Porque tenho planos para você.

Eu estremeci.

— Que tipo de planos?

— Do tipo que eu faço você gozar a noite toda, gritar meu nome e implorar por mais.

Despenquei. Desta vez ele me pegou.



O elevador no MGM estava lotado e Jack me puxou contra seu corpo.

— Tanta gente — ele disse baixo no meu ouvido. Pensei que ele queria dizer que havia pessoas demais para ele se sentir confortável, mas então completou: — Você acha que eles sabem o que vou fazer com você? — Congelei, com meu rosto ficando quente. — Eles sabem que eu vou enfiar a língua entre as suas pernas? — Minha boca se abriu. — Eles sabem que vou te fazer gritar? — Eu não conseguia respirar. — Eles sabem que vou meter bem fundo? — Minhas pernas começaram a amolecer. — Eles sabem que estou ficando duro agora, pensando em todas as maneiras com que eu quero foder você hoje?

*Meu Deus.* Cheguei para o lado e sussurrei em seu ouvido.

— Se estivesse usando calcinha, ela estaria molhada.

Ele arfou bruscamente.

Dez segundos depois, as portas se abriram e ele agarrou meu braço, áspero, me puxando para fora do elevador. Percorreu o corredor tão rápido que mal consegui acompanhá-lo e no momento em que a porta do quarto do hotel se fechou, ele me empurrou contra ela. Minha bolsa caiu no chão.

Sua boca cobriu minha, sua língua deslizou entre meus lábios enquanto seus dedos engancharam em meu vestido levando-o até meu quadril. Ele gemeu quando percebeu que eu tinha dito a verdade, correndo as palmas por minha bunda nua, para cima e para a lateral das minhas coxas. Empurrei seu paletó, esquecendo-me de despi-lo devagar e pensando apenas no que estava por baixo das camadas de roupas. Eu precisava sentir sua pele nua sobre a minha, precisava daqueles músculos duros flexionados sobre mim, precisava de seu poder, força e tamanho para me dominar.

Ele deixou o paletó cair no chão e meus dedos subiram ao nó em sua gravata. Mas era difícil me concentrar porque ele movia uma mão entre minhas pernas e seu toque me paralisou – ele deslizava os dedos subindo e descendo ao longo da minha boceta e circundava suavemente o meu clitóris. Eu finalmente consegui que o maldito nó se soltasse, no momento em que ele deslizou dois dedos dentro de mim, apertei seus ombros, derretendo-me contra ele.

— Quero entrar aqui. — Sua voz era baixa, crua e intensa. Ele enterrou os dedos profundamente.

— Sim — gemi, montando sua mão. — Quero você aí. — Eu corri a palma sobre o volume em suas calças, desejando que pudesse rasgar aquele lindíssimo terno com os dentes, como um lobo. Deus, eu senti falta dessa sensação, desse meu lado. Deixá-lo assumir foi um alívio, um prazer e uma onda melhor do que qualquer droga que jamais poderia imaginar.

Jack desceu e enterrou o rosto entre minhas coxas, a língua girando em meu clitóris. Minhas pernas tremeram e ele lançou uma delas e, em seguida, a outra sobre seus ombros largos. Então ele se levantou, minhas costas deslizando para cima, pela porta, minhas mãos alcançando o teto. Porra, ele era forte! Segurando-me lá em seus ombros. Com as mãos agarrando minha cintura, ele chupou meu clitóris, mexendo com a língua até me fazer me contorcer, ofegando e fazendo tanto barulho que, com certeza, as



peessoas no elevador poderiam ouvir, independentemente do andar em que estivessem. Provavelmente as pessoas no lobby também e talvez até mesmo as pessoas que ainda estivessem no DIA.

— Isso — gritei seu nome e pedi mais. Ele me colocou no chão e fui até ele como um ciclone, arrancando sua gravata e camisa e empurrando para baixo suas calças. Depois de tirar seus sapatos e meu vestido, eu o empurrei pelo cômodo até a cama, onde tirei o resto de suas roupas. Escalando seu corpo, montei em seu quadril, tomei seu pau na minha mão e esfreguei a ponta entre as minhas pernas. — Você não sabe o quanto eu senti falta disso.

— Você estaria louca se não sentisse — ele disse, gemendo enquanto eu deslizava nele. Suas mãos se moveram para meus seios, seus polegares mexendo em meus mamilos.

Eu mordi o lábio quando o levei para dentro e movimentei o quadril sobre o dele. Ele se sentou, tomando um dos mamilos na boca, forte, seus dedos beliscando o outro. Ele chupou, mordeu e provocou, levantando o quadril para combinar com meu ritmo, ambos nos movendo mais rápido e mais rápido. Quando ele disse meu nome, eu soube que ele estava perto.

— Jack — sussurrei. — Eu quero você por cima.

Em dois segundos, ele me jogou de costas na cama e cobriu meu corpo com o dele. *Sim, sim, sim*, pensei em como o seu peso fixava meu quadril na cama, como o seu pau mexia fundo e duro, como os músculos de seus braços, peito, costas e bunda trabalhavam sob minhas mãos errantes. Eu amava a seriedade dele, o poder que ele exercia, o impulso punitivo de seu quadril. Eu amava o rosnado que ele dava, o suor em sua pele, a aspereza de suas mãos no meu cabelo. Eu amava que ele estivesse ali por mim, que ele me quisesse na vida dele, que estivesse disposto a fazer tais mudanças drásticas para me ter.

E quando toda a tensão contida em nossos corpos se liberou em poderosas e ondulantes contrações que pararam nossa respiração, roubaram nossa visão e estilhaçaram cada parede entre nós, eu soube, em meu coração e na minha alma, que amaria esse homem para sempre.

Eu iria curá-lo, amá-lo, adorá-lo. Eu acreditaria nele, o apoiaria,

trabalharia com ele. Ele seria amante, marido, pai. E ficaria com ele pelo resto da minha vida.

Mas por ora, iria aproveitar a queda.

# Epílogo

## JACK

Acordei até mesmo mais cedo do que o habitual, mas não estava surpreso.

Hoje era um grande dia.

Depois de verificar para me certificar de que Margot ainda estava dormindo, eu escorreguei da nossa cama sem sequer beijar seu rosto como queria. Não poderia me arriscar a acordá-la.

De forma rápida e silenciosamente, sai para o corredor. Quando passei pelo quarto que foi de Cooper, sorri porque estava vazio agora e Cooper estava dormindo em seu novo quarto de “menino grande” do outro lado da rua, mas esperava que ele fosse ter um berço e cadeira de balanço novamente em breve. Talvez até dentro de um ano.

Meu coração bateu com animação enquanto eu descia as escadas, lentamente, com cuidado para não bater em nenhum dos degraus que

rangiam. Eu conhecia essa casa tão bem – sua familiaridade era um conforto para mim. Quando estive pela primeira vez fora da cabana, fiquei preocupado pensando que a casa era muito grande para mim. Eu pensei que viver lá sozinho poderia me deixar triste, lembrando-me que não tinha minha própria família para preenchê-la.

Mas não fiquei sozinho por muito tempo.

Por alguns meses, Margot e eu tínhamos namorado à distância, mas perto do feriado de Ação de Graças, pedi a ela que se mudasse definitivamente para cá. Ela já passava vários dias da semana aqui, tinha roupas no armário, escova de dentes no banheiro e uma mesa que ela usava como escritório em um quarto sobressalente.

Caramba, ela tinha até um cavalo no meu celeiro.

Eu adorava quando ela estava aqui e odiava quando ela ia embora. Meus dias eram sempre melhores quando dava nela um beijo de bom dia e minhas noites eram sempre melhores quando a abraçava. Eu ainda lutava contra a ansiedade e pesadelos às vezes, mas Margot lidava com tudo com calma. Ela era minha calma, minha rocha, meu paraíso. Ela pressionava quando precisava e me deixava respirar também. Ela me entendia. Ela me amava.

E eu a amava também.

Fechando silenciosamente a porta da cozinha ao sair, eu me lembrei quando dissemos as palavras, não muito tempo depois que começamos a namorar seriamente. Ela veio me ajudar com a mudança e depois de um longo dia de limpeza, transporte, de desembalar objetos e organizá-los, ela disse que tinha uma surpresa para mim.

Era um banho de espuma.

Eu dei risada enquanto ela me despiu e me disse para entrar na banheira. Mas o cheiro dessas bolhas e a sensação de sua pele molhada sob minhas palmas levou-me de volta a uma noite meses antes, quando tinha me sentido perto o suficiente para contar tudo a ela.

Algo em mim deve ter sabido desde então.

E enquanto ela descansava seu corpo sobre o meu, com a cabeça no meu peito, eu a abracei e senti uma esmagadora sensação de paz, calor e gratidão porque eu estava vivo, bem e aqui com ela.

— Eu te amo — disse do nada.

Ela ficou completamente imóvel e depois levantou a cabeça. Seus olhos procuraram os meus e viram que eu estava sério.

— Jack — ela sussurrou.

— Essas são palavras que nunca foram fáceis para mim e provavelmente não vou dizê-las tão frequentemente quanto deveria, mas quero que você saiba que te amo.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu sei. E também te amo.

Margot não parecia se importar que eu não dissesse muito as palavras, apesar de pensar nelas – senti-las – o tempo todo. Na verdade, ela me disse que gostava que não fosse algo que eu falasse casualmente. Significava mais quando ela ouvia, disse ela, sabendo que não eram fáceis de serem ditas.

Talvez as palavras não saíssem fácil, mas o sentimento era real. Eu só amei uma outra mulher e a conhecia há tanto tempo que não conseguia me lembrar de ter me apaixonado por ela dessa maneira – rápido e forte, virando-me de cabeça para baixo. Amei Steph profundamente, mas amava Margot com uma espécie de intensidade que me chocava. Eu não sabia que era capaz disso.

Isso me fez querer coisas – uma aliança em seu dedo, meu sobrenome em sua carteira de motorista, uma casa cheia de crianças.

Eu nunca seria rico, nunca seria capaz de dar-lhe todas as coisas com as quais ela tinha crescido, nunca teríamos uma casa de férias em *L'Arbre Croche* ou uma Mercedes Benz. Mas eu já conhecia Margot o suficiente para saber que ela não se importava com essas coisas tanto quanto ela se preocupava comigo. Conosco.

Ah, ela ainda era uma garota da cidade, mesmo quando usava seus jeans e botas, mas porra, ela era minha garota da cidade e eu a amava além

das palavras.

Sorri enquanto entrava no galinheiro e enfiava a mão no bolso.

Eu não gostava de surpresas, mas Margot, sim.

E queria lhe dar a surpresa de sua vida.

## MARGOT

Eu levantei e procurei por Jack. Ele me prometeu que ficaria na cama um pouco mais de manhã, já que era um dia especial – o aniversário do dia em que nos conhecemos.

Às vezes lembramos daquele dia e rimos do jeito com que tínhamos ficado ali, um olhando para o outro na cozinha, ele medroso e tímido, eu tentando ser encantadora.

— Foi amor à primeira vista? — Às vezes nos perguntavam.

— Inferno, não — Jack provocava. — Eu não queria nenhuma garota da cidade rica andando por aqui.

— E eu não conseguia tolerá-lo — eu dizia. — Ele estava sujo, suado e era rude.

Mas nós pertencíamos um ao outro e não levou tanto tempo para descobrirmos isso. Eu fiquei indo e vindo por um tempo, mas fiquei emocionada quando ele pediu para que eu fosse morar com ele. No início, precisei me habituar à vida na fazenda – os cheiros, o despertar com as galinhas, a lista interminável de tarefas a serem feitas – mas aprendi a apreciar a vida rural. Amava a tranquilidade da manhã, não ter que enfrentar trânsito, o charme da pequena cidade, o sol nascendo sobre o lago e as árvores, o céu cheio de estrelas à noite. Quando sentia falta das lojas, bares, salões de beleza ou restaurantes, saía e encontrava minhas amigas para uma tarde de compras ou um encontro à noite. Mas eu achava que não sentia muita falta da vida da cidade e amava estar perto dos cavalos novamente.

A coisa mais difícil tinha sido deixar Jaime e Claire e nosso encontro semanal, mas as via pelo menos uma vez por mês e elas estavam felizes por mim. No começo, mantive meu emprego na Shine PR, mas reduzi minhas horas, e gastei mais meu tempo ajudando a Georgia com a nova casa, preparamos a inauguração da pousada Valentini Farms Bed & Breakfast e cuidei para que o novo plano de marketing saísse como o planejado. Passada a inauguração, em maio, deixei a Shine e passei a me dedicar exclusivamente às tarefas de marketing da fazenda e da pousada. Eu também me ofereci para o *Fair Food Network*, abordando os agricultores e as famílias da região e continuei a ajudar na divulgação.

Eu nunca fui tão feliz, o que perturbou meus pais um pouco, mas eles pareciam satisfeitos em se concentrar na carreira política de meu pai – ele venceu a eleição – e me deram um tempo.

Jack parecia feliz também e nós tínhamos nos aproximado muito mais desde a minha mudança. Seu humor e silêncio ficaram mais fáceis de entender, sua ansiedade mais fácil de gerenciar. Seus pesadelos eram raros, mas aterrorizantes, e eu sempre desejava poder fazer mais por ele, mas ele jurou que me ter por perto era suficiente. Ele me amava – e eu sentia, mesmo que ele não dissesse isso com tanta frequência.

Sentei-me na cama e olhei em volta. Ele deixou as cortinas fechadas, então ainda estava muito escuro no quarto, mas o sol entrava ao redor delas. Olhei para o relógio, e vi que passava um pouco das oito.

— Jack? — Eu chamei.

Nada.

Não havia como ele ter esquecido, porque nós tínhamos falado sobre isso antes de ir dormir. Não era do feitio de Jack quebrar uma promessa. Deitei-me de novo e dei-lhe cerca de dez minutos, então suspirei e saí da cama. Talvez tivesse havido uma emergência do outro lado da rua.

Vesti jeans e uma camiseta e desci. A porta da frente estava aberta, então eu olhei para fora da varanda. Não tinha ninguém ali, embora tenha notado que sua caminhonete não estava por lá.

*O que houve? É como se ele tivesse me esquecido.*

Irritada porque uma manhã na cama não estava mais nos planos, fui para a cozinha. Ele não tinha sequer feito café!

Com raiva, despejei a água e peguei o pó, depois cruzei os braços e fiz café naquela coisa velha e idiota que demorava uma eternidade, mas Jack relutava em me deixar substituir as coisas por aqui.

Não porque estivesse apegado a elas, mas porque ele tinha dificuldade em me deixar comprar coisas para sua casa.

— Eu moro aqui — continuava dizendo a ele. — Não é a minha casa também?

Ele sempre dizia que sim, claro que era, e me abraçava como forma de se desculpar. Recentemente tivemos uma longa conversa sobre reformar a cozinha, e quando ele se recusou a me deixar pagar pelo balcão de pedra e pisos de azulejo, fui firme.

— Ouça. Eu não estou tentando comprar seu amor. Estou tentando adicionar um pouco de luxo às nossas vidas porque eu gosto, podemos pagar e sou mimada, está bem? Se você não vai me deixar comprar a parte de Brad, então pelo menos deixe-me comprar o maldito balcão.

Ele tinha resmungado por isso, mas finalmente cedeu e um homem estava vindo para fazer as medições essa semana. Eu estava animada com isso – adorava viver aqui com Jack, mas sentia falta de algumas coisas da minha vida antiga. E alguns acabamentos chiques nesta bela fazenda antiga só poderia torná-la melhor. Eu gostaria de conversar com ele sobre essas coisas. Eu era boa nisso.

O cheiro de café fresco me animou e me virei para pegar uma caneca. Foi quando reparei no bilhete no balcão.

### **Tive que sair. Volto mais tarde. Você pode coletar os ovos?**

Eu gemi. Não só tinha se esquecido de sua promessa, como tinha me pedido para fazer a tarefa na fazenda de que eu menos gostava. Por alguma razão, não ficava confortável fazendo aquilo. As galinhas me odiavam, tinha



certeza.

Mas, obedientemente, calcei minhas botas, peguei uma cesta e caminhei até o galinheiro.

As galinhas cacarejaram para mim quando entrei.

— Sim, eu sei. Bom dia para vocês também.

Verifiquei a primeira caixa e só havia um ovo lá dentro. Eu o peguei e coloquei na cesta. Na segunda caixa só tinha um também e quando fui colocá-lo ao lado do primeiro, notei que tinha algo escrito nele.

**Você é linda.**

Isso me fez sorrir. Eu virei o primeiro ovo e o sorriso se alargou.

**Bom dia.**

A letra era inegavelmente de Jack e olhei ao redor, esperando vê-lo ali parado. Ele não estava.

Fui até a terceira caixa e puxei o ovo.

**Você acha que eu me esqueci?**

Comecei a rir, minha pulsação se acelerando. Ele se lembrou! E olha só: ele estava sendo criativo e romântico!

Sorrindo, estendi a mão para a próxima caixa e tirei o ovo.

**Eu te amo.**

E o próximo...

## **Vou sempre te amar.**

Minhas mãos estavam tremendo quando eu alcancei a última caixa na fila.

## **Vire-se.**

Vacilando, eu virei.

E lá estava ele – abaixado e apoiado em um dos joelhos.

Meu coração parou.

Ele abriu uma caixa e a mostrou para mim, com uma expressão surpreendentemente calma, os olhos escuros brilhando.

— Eu não estou dizendo que mereço você, Margot Thurber Lewiston, só que vou continuar tentando, enquanto você me deixar. Nunca amei alguém ou nada da maneira que te amo. Você trouxe tudo de bom de volta à minha vida, você me trouxe de volta à vida e quero vivê-la com você. Você quer se casar comigo?

Fiquei lá, literalmente tremendo com minhas botas, enquanto tentava encontrar os meios para me mover, falar, respirar, qualquer coisa. Algumas lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Sim — suspirei, ainda segurando a cesta de ovos.

— Quer colocar os ovos no chão, linda? — Ele perguntou, sorrindo.

Assentindo com a cabeça, coloquei cuidadosamente o último ovo na cesta e a coloquei no chão. Então me aproximei de Jack e estendi a mão, soluços fluindo livremente em meu peito. O anel piscou para mim de uma almofada preta de veludo da *Tiffany*, um lindo solitário em um anel de platina. Minha mão tremeu quando ele escorregou no meu dedo.

Eu achei que a aliança que Tripp tinha escolhido era perfeita, mas

essa – essa – era minha aliança. Simples, mas ainda assim requintado. Moderno, mas clássico. Perfeito.

— Eu amei — soluzei, incapaz de me deter.

Ele se levantou, rindo um pouco.

— Estou feliz. Pela maneira como você está chorando, poderia ter imaginado.

Eu o abracei e ele me abraçou forte, tirando meus pés do chão.

— Eu te amo — ele disse em minha orelha. — Quero isso para sempre.

— Eu também — respondi, encostando o rosto em sua nuca. Meu coração estava tão cheio que transbordava. — Para sempre.

Agradecimientos

Sou muito grata às seguintes pessoas: Jaime e Charles Collins, por falarem tão aberta e honestamente sobre estresse pós-traumático e assuntos militares; Amanda Williams Brown, por responder às minhas perguntas sobre a "cidadezinha", sobre a vida em uma pequena fazenda; Lindsay Way, pela abundância de informações sobre a Fair Food Network; Cheryl Guernsey, por ser a maior campeã de Jack no dia a dia; Melissa Gaston, por tudo que ela faz para me manter organizada, saudável e produtiva; Kayti, Laurelin e Sierra, por ser o melhor esquadrão de cobras de todos os tempos; Jenn Watson, por ser a super-humana publicitária, leitora e amiga; Candi, Nina, Hilary e toda a equipe do Social Butterfly PR por tudo o que vocês fazem; Rebecca Friedman, agente e amiga, por conselhos honestos e encorajamento; Tamara Mataya, por edições fantásticas que sempre me fazem sorrir; Laura Foster Franks, Amanda Maria da AM a PM Book Services e Angie Owens pela revisão com olhos de águia; Letitia Hasser, por essa capa linda; Joseph Cannata, pela excelente inspiração visual; Laurelin Paige, Lauren Blakely e Corinne Michaels, pelos sábios conselhos; Staci Hart, pelo feedback incrível e longas conversas; Helena Hunting, por bons momentos e dinheiro de jogo colorido; a Peen Queens pelo feedback, risadas e inspiração; os Harlot, por todo seu amor e apoio; aos blogueiros que compartilham meu trabalho e me convidam para assinar e revisar meus livros simplesmente pelo amor à leitura – OBRIGADA; todos os meus leitores, por seu apoio e entusiasmo – isso só é possível por causa de vocês.

Finalmente, obrigada ao meu marido e filhos, pelo amor, paciência e compreensão.

# Sobre a Autora

A autora de *bestsellers* do *USA Today*, Melanie Harlow, gosta de dry martinis, salto alto e de histórias com toques de ousadia. Seus livros são a respeito de casais modernos se apaixonando à moda antiga, e apesar de o romance ser uma fantasia, seus protagonistas são pessoas do dia a dia com problemas reais que tiveram dificuldades para terem um final feliz. Ela faz um brinde aos leitores e escritores de perto de sua casa próxima a Detroit, MI, onde vive com o marido e duas filhas.

## Notas

[[←1](#)]

Cassata siciliana é um bolo tradicional da Sicília. É preparado com queijo ricota açucarado, pão de ló, pasta reale e fruta cristalizada.

[↩2]

Cape Cod é um cabo geográfico que se estende para o Oceano Atlântico a partir do lado sudeste de Massachusetts Continental, no nordeste dos Estados Unidos.



[←3]

Clássico da literatura do século XX que retrata a alta sociedade de Nova York na década de 1920, com sua riqueza sem precedentes, festas e o encanto das melindrosas ao som do jazz.

[[←4](#)]

Não se pode competir com a fazenda dos irmãos Valentini – usando a palavra beterraba (beet) como trocadilho.

## **Table of Contents**

[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)  
[Capítulo 7](#)  
[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)  
[Capítulo 25](#)  
[Capítulo 26](#)  
[Capítulo 27](#)  
[Capítulo 28](#)  
[Capítulo 29](#)  
[Capítulo 30](#)  
[Capítulo 31](#)  
[Capítulo 32](#)  
[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre a Autora](#)